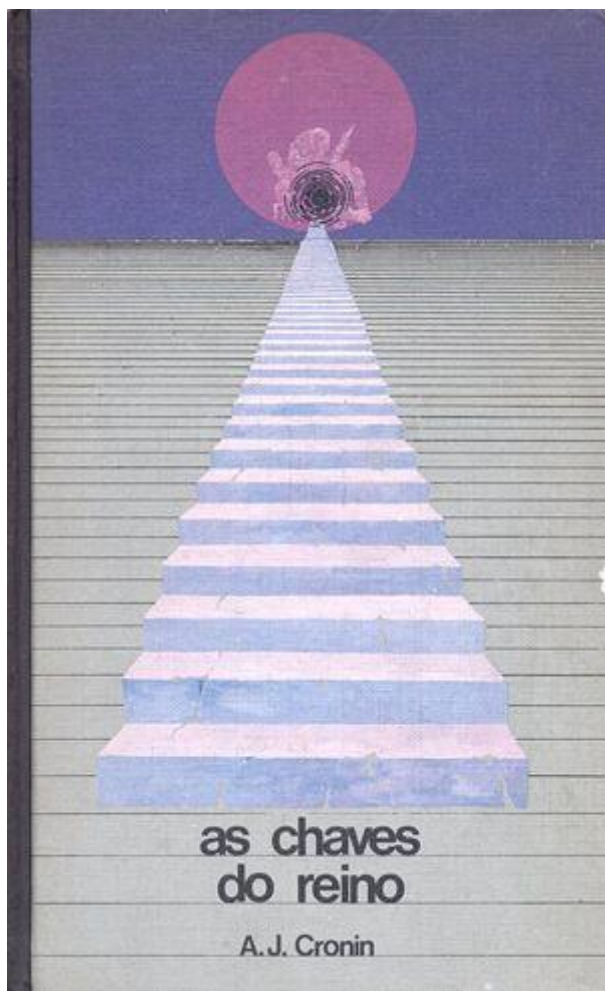




A. J. Cronin

As Chaves do Reino



E eu te darei as chaves do Reino dos Céus
S. Mateus, XVI, 19.

PRIMEIRA PARTE

Começo do Fim

No fim de uma tarde do mês de Setembro de 1938 o velho padre Francis Chisholm vencia o íngreme caminho que ia da igreja de Santa Colomba à sua casa, no alto da colina. Apesar dos seus males, preferia esse caminho à subida mais suave de Mercat Wynd; ao alcançar o estreito portão do seu jardim rodeado de muros estacou por um minuto, com uma espécie de ingênuo triunfo, para recobrar a respiração e contemplar do alto a vista que sempre o encantara.

Lá em baixo o rio Tweed desenhava através do vale uma vasta curva de prata líquida, tranqüila e silente, que o crepúsculo outonal tingia intensamente de açafrão. Na margem do rio, ao norte, para lá do grande banco de areia da parte setentrional da costa escocesa, divisava-se a cidade de Tweedside, com os seus telhados lembrando um arlequim cor-de-rosa e amarelo, disfarçando o labirinto das ruas tortuosas e calcetadas com calhaus. Altas fortificações de pedra ainda rodeavam os limites da cidade, com os seus canhões, capturados na campanha da Criméia, que

serviam de poleiro às gaivotas que vinham ali pousar trazendo no bico caranguejos arrancados ao mar. Na embocadura do rio uma névoa envolvia a língua da areia mal se distinguindo as redes de pesca estendidas a secar ao sol e, mais adiante, as embarcações surtas no porto com os seus mastros elevando-se para o céu, frágeis e imóveis. A escuridão começava agora a adensar-se sobre a floresta cerrada de Derham, acima da qual naquele momento uma garça solitária se alçava num vôo pesado. O ar estava diáfano e ligeiro, impregnado do cheiro acre do fumo de madeira e de frutos caídos, que os vestígios de uma queimada recente ainda mais avivavam pela sugestão natural que associa as impressões da vista às do olfato.

Com um suspiro de satisfação, o padre Chisholm entrou no seu jardim; minúsculo se comparado com o que rodeava a sua missão na colina do Brilhante Verde Jade, mas, no entanto, encantador como todos os jardins escoceses, com as suas árvores de fruto de fina qualidade plantadas junto dos muros.

O renque de pereiras do ângulo sul estava carregado de frutos que eram um encanto. Como Dugal, o jardineiro, não estava à vista, depois de dirigir um olhar cauteloso na direção da janela da cozinha, roubou a mais linda pêra do seu

próprio pomar e escondeu-a, sorrateiramente, sob a sotaina. As suas faces pálidas e enrugadas aqueciam-se ao calor do seu triunfo enquanto ele prosseguia, através do caminho pedregoso, apoiado no seu único luxo: um guarda-chuva escocês, com as suas cores favoritas, que substituíra agora o outro que oferecera em Pai Tan. Em frente do portão estava um carro estacionado.

O seu rosto crispou-se lentamente ao vê-lo. Embora a sua memória fosse má e as suas abstrações um motivo de constantes embaraços lembrou-se subitamente da vexatória carta do bispo anunciando-lhe, ou, melhor, impondo-lhe a visita do seu secretário, Mons. Sleeth, protonotário apostólico. Apressou-se, por isso, a ir dar as boas-vindas ao seu hóspede.

Mons. Sleeth esperava-o, de pé, magro, moreno, muito digno, porém não muito à vontade, com as costas voltadas para a chaminé apagada e vazia, com uma evidente impaciência juvenil e a sua imponência clerical um pouco chocada pelo mobiliário mais que modesto da sala em que se encontrava.

Teria querido encontrar uma nota de distinção, qualquer coisa que definisse uma personalidade, uma peça de porcelana ou mesmo de laca, um souvenir do Oriente distante. Mas o aposento era nu, despido,

indescritível, forrado com um pobre oleado, cadeiras com o tecido gasto e um fogão com a cimalha rachada, na qual, a um canto, havia uma pilha de moedas de penny. Apesar de tudo, Mons. Sleeth estava decidido a ser amável. Amenizando a fisionomia, aceitou as desculpas do padre Chisholm com um gesto amável de condescendência.

A sua governanta já me mostrou o meu quarto. Espero não o incomodar conservando-me aqui alguns dias. Que soberba tarde a que tivemos hoje! Que intensidade de colorido!

Enquanto percorria o caminho de Tynecastle até aqui cheguei mesmo a supor, num capricho de imaginação, que estava ainda na querida San Morales.

Olhou para o exterior, através da semiobscuridade da janela, com ar afetado. O velho sacerdote sorriu tanto a imitação do padre Tarrant e a influência do seminário eram flagrantes em Sleeth. A sua elegância, o seu olhar agudo, até mesmo a forma das narinas, indicativa de rudeza, faziam dele uma réplica perfeita do outro.

- Espero que não se sinta mal instalado aqui - murmurou.

- Agora vamos para a mesa. Lamento não poder oferecer-lhe um verdadeiro jantar. É que nós, por

aqui, adotamos o hábito de substituir o jantar por um chá à escocesa.

Sleeth, com a cabeça meio inclinada, fez um sinal de vago assentimento. Precisamente nesse momento Miss Moffat entrou e começou a pôr a mesa. Ele não podia deixar de notar ironicamente que essa criatura apagada e inexpressiva, que de quando em quando lhe dardejava olhares assustados, era extremamente semelhante ao aposento, desataviada e rude. Por isso mesmo achou estranho ver que ela estava a pôr na mesa talheres para três pessoas. Contudo, a presença dela, naquele momento, dava-lhe oportunidade de conduzir a conversa de modo natural para generalidades.

Quando os dois sacerdotes se sentaram à mesa estava ele a elogiar o mármore que o bispo adquirira em Carrara para o altar-mor da nova catedral de Tynecastle. Serviu-se copiosamente do presunto, ovos e rins da travessa na sua frente e aceitou uma xícara de chá do grande bule de metal que Miss Moffat trouxera. Depois, enquanto passava manteiga na torrada, ouviu o seu hospedeiro observar docemente:

- Dá licença que André venha tomar qualquer coisa na nossa companhia? André, este é Mons. Sleeth!

Sleeth levantou a cabeça abruptamente. Um pequeno de cerca de nove anos havia entrado sem ruído no aposento. Com a sua face pálida e comprida revelando timidez ficou de pé a torcer o seu sweater azul. Depois de um momento de indecisão tomou o seu lugar à mesa e agarrou, num gesto mecânico, o jarro do leite. Quando se curvou sobre o prato caiu-lhe sobre a testa ossuda e sem graça uma mecha de cabelos castanhos.

Sentia-se de tal maneira acanhado que não ousava erguer os olhos, de um azul maravilhoso, onde perpassava como que um receio infantil de ser repreendido.

O secretário do bispo retomou a sua calma e voltou tranquilamente ao repasto. De resto, o momento não era azado.

No entanto, uma vez por outra, os seus olhos observavam furtivamente o rapaz.

- Então, chamas-te André! - A cortesia impunha que dissesse qualquer coisa que parecesse amabilidade. - E freqüentas a escola do lugar?

- Sim...

- Bem. Nesse caso tenho interesse em saber qual é o teu grau de adiantamento... - E, com uma bonomia afetada, fez algumas perguntas elementares.

O pequeno, corado e extremamente confuso para poder raciocinar, acabou por demonstrar uma ignorância humilhante.

Mons. Sleeth franziu os sobrolhos. «Horrível», pensou.

«Um autêntico burro!» Serviu-se de mais rim e de repente apercebeu-se de que era a única pessoa que comia das viandas que havia na mesa;

Os outros dois limitavam-se sobriamente à sopa. Corou. Aquela afetação de ascetismo por parte do velho não passava de insuportável exibição.

Talvez o padre Chisholm tivesse adivinhado esse pensamento, porque abanou a cabeça e disse:

- Estive tantos anos privado desta deliciosa aveia escocesa que não me canso agora de me regalar com ela.

Sleeth ouviu a observação sem comentários. Quase a seguir, saindo do seu mutismo, André pediu licença para se retirar.

Ao levantar-se para dar graças, tocou com o cotovelo numa colher, que caiu ruidosamente. Os seus grossos sapatos soaram com estrépito ao dirigir-se para a porta.

Estabeleceu-se silêncio. Após a refeição terminada Mons.

Sleeth ergueu-se e dirigiu-se maquinalmente para o fogão.

Com os pés afastados e as mãos junto das costas, observava disfarçadamente o colega idoso, encanecido, que, ainda sentado à mesa, tinha um ar curioso de quem está na expectativa.

«Oh, meu Deus», pensava Sleeth. «Que lamentável impressão dará à paróquia aquele padre velho, de sotaina manchada, colarinho sujo e pele enrugada!» Numa das faces tinha uma marca horrível, uma espécie de cicatriz que não longe de uma das pálpebras parecia repuxar o rosto para baixo e para um dos lados. Dava a impressão de sofrer de um torcicolo permanente;

Além disso havia aquela perna mais curta, que o obrigava a coxear. O seu olhar, habitualmente baixo, tomava assim nas raras ocasiões em que o erguia - uma obliquidade estranha, desconcertante.

Sleeth pigarreou. Achou ser tempo de se explicar e com uma cordialidade forçada perguntou:

- Há quanto tempo está aqui, padre Chisholm?

- Há um ano.

- Ah, é verdade. Foi de fato uma atitude generosa de Sua Reverendíssima colocá-lo logo depois da sua vinda na sua paróquia na tal...

- É a dele também!

Sleeth inclinou a cabeça com suavidade.

- Sim, não ignoro que o nosso bispo partilha consigo a honra de haver nascido aqui. Vejamos... Que idade tem, padre?

Quase setenta, é isso?

O padre Chisholm aquiesceu com um movimento de cabeça, acrescentando com uma espécie de ingênuo orgulho:

- Não sou mais velho que Anselmo Mealey!

Ao franzir do sobrolho de Sleeth ao ouvir tal familiaridade sucedeu um ligeiro sorriso de piedade.

- Não resta a menor dúvida. Mas a vida tratou-os de maneira desigual. Para resumir - e reuniu toda a sua firmeza procurando não ser rude, ao exclamar -, tanto o bispo como eu achamos que os seus longos e fiéis anos de serviço devem ser recompensados e que deve aposentar-se.

Estabeleceu-se um silêncio opressivo.

- Mas eu não quero aposentar-me - retorquiui o padre Chisholm.

- É realmente doloroso para mim este encargo - e Sleeth pousou os olhos obstinadamente no teto - de examinar a questão... E esclarecer Sua Reverendíssima. Mas passam-se aqui coisas que não são de admitir.

- Que coisas?

Sleeth teve um gesto de impaciência.

- Seis, dez, dezenas! E é a mim que compete enumerar as suas... As suas excentricidades orientais?

- Sinto muito... - Nos olhos do velho brilhou uma centelha.

- Não se esqueça de que passei trinta e cinco anos na China!

- Os negócios da paróquia encontram-se num estado caótico.

- Contraí dívidas?

- Como poderemos saber? Não faz coletas há seis meses!

A voz de Sleeth subiu de tom e passou a falar mais rapidamente.

- É tudo tão... Tão irregular! Por exemplo: quando o cobrador da Casa Bland lhe apresentou a fatura de três libras de velas, ou coisa assim, o senhor pagou-lhe em moedas de cobre!

- Foi o dinheiro que recebi.

O padre Chisholm fitava vagamente o seu hóspede, enquanto este o olhava diretamente, e prosseguiu:

- Tive sempre muito pouco expediente em questões de dinheiro. Nunca tive coisa alguma, como sabe... Mas, afinal de contas, parece-lhe que o dinheiro seja assim uma coisa tão importante?

Muito aborrecido, Mons. Sleeth sentiu a cor subir-lhe ao rosto.

- Isso dá que falar, senhor cura... E há ainda outra coisa:

Os seus sermões por exemplo. Os conselhos que dá sobre certos pontos de doutrina...

Examinou um caderninho de notas e continuou:

- São perigosamente originais.

- Impossível.

- No seu sermão de domingo disse à congregação: «Não pensem que o reino dos Céus está lá em cima... Ele está ao alcance das vossas mãos... Está em toda a parte e não importa onde».

E Sleeth franziu o sobrolho reprovadoramente folheando o seu livro de notas.

- Mais ainda: aqui está uma observação inqualificável que fez durante a Semana Santa: «Nem todos os ateus vão para o Inferno. Conheço um que não foi. O Inferno é somente para aqueles que escarram na face de Deus!» E, Deus seja louvado! Mais esta abominação: «Cristo era um homem perfeito, mas Confúcio tinha mais senso de humor!» Voltou mais uma página com ar indignado.

E este incidente chocante: quando Mrs. Glendenning, uma das nossas melhores congregadas, que não tem culpa de ser obesa, o procurou para que

lhe desse orientação espiritual, como compete a um orientador de consciências, que lhe disse? «Coma menos! As portas do Paraíso são "estreitas"! »

Mas, na realidade, há necessidade de continuar?

Com um gesto decidido, Mons. Sleeth, fechando o livrinho de folhas douradas, exclamou:

- O mínimo que pode dizer-se é que perdeu toda a autoridade na orientação das almas!

- Mas... - o padre Chisholm esforçava-se por aparentar calma - eu não desejo orientar almas!

O rosto de Sleeth cobriu-se de um vermelho que nada pressagiava de bom; não queria de forma alguma admitir a idéia de discutir teologia com aquele velho caduco.

- Há ainda o caso desse rapaz que em tão má hora resolveu adotar.

- Se eu não olhasse por ele, quem o faria?

- As nossas boas irmãs de Ralstone. Possuem o melhor orfanato da diocese.

Novamente o olhar penetrante do cura fixou o seu interlocutor:

- Gostaria de ter passado a sua infância num orfanato?

- Haverá necessidade de apreciar as coisas de um ângulo tão pessoal? Conforme lhe disse a situação é extremamente irregular e precisamos de lhe pôr

termo. Além disso - e ergueu as mãos ameaçadoramente - Se se for embora teremos de colocar o rapaz em qualquer parte.

- Parece decidido a livrar-se de nós a todo o custo. E eu serei também confiado aos bons cuidados das irmãs?

- Decerto que não. Poderá ir para o recolhimento de Clinton.

Goará aí de paz e tranqüilidade perfeitas.

O velho emitiu uma risada seca e curta.

- Terei paz e tranqüilidade suficientes quando morrer.

Enquanto viver não tenho o menor desejo de aumentar a coleção de asilados. Pode parecer-lhe estranho, mas a verdade é que não posso suportar o clero em conjunto! Mesmo tratando-se de padres aposentados por velhice!

O sorriso de Sleeth foi sarcástico:

- Nada do que faça ou pense me surpreende, senhor cura.

Queira desculpar-me, mas a verdade é que, mesmo antes de partir para a China, a sua vida era já bastante original!

Depois de uma curta pausa, o padre Chisholm exclamou serenamente:

- Darei conta de todos os meus atos a Deus.

O outro baixou os olhos, com o sentimento humilhante da sua falta de tacto. Fora longe de mais. Frio de natureza, esforçava-se, no entanto, por ser sempre justo e respeitoso.

Teve a grandeza de alma de mostrar-se constrangido:

- Naturalmente não me arrego o direito de ser o seu juiz e ainda menos o de seu inquisidor. Nada está decidido ainda.

É essa a razão da minha presença aqui. Veremos o que sucederá nos próximos dias.

Dirigiu-se para a porta.

- Vou à igreja agora. Não, por favor, não se incomode!

Conheço o caminho.

Os seus lábios crisparam-se num sorriso forçado e saiu.

O padre Chisholm conservou-se sentado, imóvel, com as mãos sobre os olhos, como se estivesse mergulhado em pensamentos profundos. Sentia-se esmagado pela ameaça que viera perturbar o seu tranqüilo retiro. Embora acostumado desde longo tempo a rudes provas recusava-se a aceitar esta.

Sentia-se vazio e inútil, ao mesmo tempo abandonado por Deus e pelos homens. Uma desolação imensa invadia o seu coração. Os seus

pecados insignificantes seria motivo para uma punição tão cruel?

Gostaria de poder gritar: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonas"?

Ergueu-se pesadamente e subiu as escadas.

Na mansarda, por cima do quarto de hóspedes, André dormia.

Estava deitado de lado, com um dos braços estirado sobre o travesseiro, numa atitude de defesa. Contemplando-o, o padre tirou do bolso a pêra e colocou-a sobre o fato do rapaz, que estava em monte em cima da cadeira, ao lado da cama. Parecia-lhe que nada mais tinha a fazer ali. Uma brisa ligeira agitava as cortinas. Foi à janela e afastou-as. As estrelas brilhavam no céu gelado. Sob aquelas estrelas decorrera toda a sua vida, feita de lutas mesquinhas sem fim e sem nobreza. Teve a impressão de que ainda estava próximo o tempo em que ele era ainda criança, que corria e gritava naquela mesma cidade de Tweedside. Os seus pensamentos reportaram-se ao passado. Se na sua vida houvesse qualquer coisa digna de menção ocorrera sessenta anos atrás, num sábado de Abril, num tempo em que fora tão feliz que ignorava a própria felicidade.

SEGUNDA PARTE

Uma Estranha Vocação

Naquela manhã de Primavera, ao esperar pela primeira refeição na cozinha escura e íntima, sentindo os pés aquecidos pelo calor do fogo e o olfato excitado pelo cheiro da lenha resinosa e dos bolos de aveia que lhe aguçavam o apetite, Francis experimentava uma sensação de plena felicidade, apesar da chuva, porque era sábado e a maré estava ótima para a pesca do salmão. A sua mãe acabava de avivar o fogo, atirando-lhe mais algumas achas e revolvendo as brasas com um ferro.

Em seguida dirigiu-se à mesa e colocou, entre ele e o pai, uma tigela azul. Ele mergulhou a sua colher de chifre na farinha de ervilha contida na tigela e depois na taça de soro de leite que se achava na sua frente. Levou a mistura à boca e estalou a língua, satisfeito com o seu sabor, achando-a perfeita, macia, sem asperezas nem caroços.

O seu pai, com uma camisola de malha azul e meias de pescador, estava sentado em frente, com o corpo curvado sobre a mesa; comia em silêncio, colherada após colherada, em movimentos lentos e

tranqüilos. A sua mãe fez escorregar da chapa quente os últimos bolos de aveia, colocou-os na mesa e só então se sentou para tomar a sua xícara de chá. A manteiga amarela escorria suavemente do bolo que ela tirara para si.

Reinava um silêncio afetuoso na pequena cozinha com as chamas a dançar alegremente na chaminé. Ele tinha nove anos e ia sair com o pai para o mar. Os camaradas do pai conheciam-no bem. Era o pequeno de Alex Chisholm, que todos os pescadores, de maneiras rústicas, trajos de lã e grandes botas de borracha, acolhiam com um aceno de cabeça ou com um silêncio indulgente e amistoso. Uma chama de ingênuo orgulho o possuía quando saía com eles no grande e raso barco de pesca que pulava como um cabrito sobre as ondas e que seu pai manobrava a ré com perícia incomparável. De volta ao porto, com os bordos roçando as pontas das rochas donde a água escorria, os homens agachavam-se no fundo do barco fustigados pelo vento cortante ou por vezes protegiam-se com pedaços de velas amarelados e gastos sobre os ombros puxando quentes fumaças dos enegrecidos cachimbos de barro de um palmo de comprimento.

Ele ficava ao lado de seu pai, um pouco à parte. Alex Chisholm era o chefe, o encarregado do posto

no. 3 das pescarias de Tweed. Lado a lado, sem trocar palavra sob a mordedura do vento, olhavam a dança do vasto círculo das bóias de cortiça que assinalava a rede lançada no local em que as águas do rio se encontram com as do mar. Por vezes o reflexo da luz do sol sobre as águas agitadas encandeava-o, causando-lhe vertigens.

Mas ele não queria, não devia pestanejar. Um simples segundo de falta de atenção representaria talvez a perda de uma dúzia de peixes que fugiriam da rede - tão difíceis de capturar que no mercado de Billingsgate rendiam às sociedades de pesca meia coroa por cada libra de peso.

O pai, com a sua alta figura, a cabeça um pouco metida nos ombros, o velho boné de marujo enfiado até às orelhas realçando-lhe o perfil caracteristicamente escocês, as maçãs do rosto salientes, mantinha a mesma atitude de concentração tranqüila, a mesma atenção absorvente. Por vezes, ao confundirem-se no seu subconsciente as impressões mais diversas, o cheiro dos sargaços, as horas no carrilhão longínquo de Burgess, o ruído da água chicoteando os rochedos de Derham, o sentimento de indescritível camaradagem daqueles homens rudes, os seus olhos vivos e sagazes enchiam-se de lágrimas sem que ele soubesse por quê.

Subitamente um grito escapava-se dos lábios de Alex. Por mais esforços que fizesse, nunca podia Francis acompanhar o seu pai nos movimentos ágeis, rápidos, instantâneos ao ver as cortiças que se submergiam, não naquela ondulação que, ocasionada pelo movimento da água, causa falsos alertas, mas na lenta sucção para o fundo que aos pescadores experientes denuncia a presença de peixe. Ao grito repentino respondia imediatamente a ação da tripulação empenhando-se açodadamente em recolher a rede. O hábito não diminuía a emoção do momento. Embora recebessem uma percentagem do valor do peixe capturado, o pensamento do ganho nunca os dominava.

Era um instinto profundo vindo das camadas primevas do ser. Eram filhos de pescadores cujos pais e avós haviam sido até onde podiam lembrar-se - pescadores também. Quando surgia a rede, lentamente, engrinaldada de pedaços de algas, as respirações quase que ficavam suspensas. E era uma festa quando no fundo da rede aparecia finalmente o lombo luzidio dos salmões soltando visíveis reflexos de metal em fusão.

Num memorável dia haviam conseguido capturar quarenta magníficos num só lanço. Os grandes peixes brilhantes saltavam entre as malhas

da rede, tentando fugir e alcançar as plácidas águas do rio. Francis atirara-se como os outros, tentando desesperadamente impedir a fuga das preciosas presas.

Participava, assim, ativamente das pescarias sempre tão movimentadas e empolgantes. Voltava para casa ao anoitecer, pela mão do pai, o eco dos seus passos ecoando no crepúsculo nevoento, parando, sem uma palavra, na loja de Burley, na Hight Street, para comprar uns centavos de pastilhas de hortelã-pimenta, as que preferia.

A sua mútua camaradagem ia mais longe. Aos domingos, depois da missa, agarravam nas suas canas de pesca e escapuliam-se furtivamente através das ruas escusas, para não chocar os sentimentos religiosos das outras pessoas, a caminho do verdejante vale do Whitadder. Levavam uma lata cheia de serradura com minhocas para pescar à linha. E todo o dia se embriagava com o ruído das águas do rio e o perfume dos verdes prados, e o pai indicava-lhe os redemoinhos propícios.

Depois acendiam uma fogueira de troncos secos apanhados aqui e além, e regalavam-se com a carne deliciosa e rija do peixe grelhado...

Noutras épocas iam colher morangos e amoras, ou framboesas silvestres de cor amarela, de que se

fazia saborosa geléia. Era um dia de gala quando a sua mãe os acompanhava.

O pai conhecia os melhores sítios e levava-os por ínvios caminhos até as profundezas dos bosques, junto das árvores e dos arbustos carregados de frutos sumarentos.

Quando a neve caía e cobria os caminhos endurecidos pelo Inverno rigoroso iam fazer incursões venatórias entre as árvores sem folhas de Derham. O ar gelava ao sair das narinas quando escutavam, atentos, o apito do guarda-florestal. Ouvia o bater do seu próprio coração quando percorria as armadilhas, colocadas quase sob as janelas do castelo, depois deslizavam rapidamente para casa, com o saco cheio, os olhos sorridentes, a boca cheia de água só de pensar no guisado de coelho que teriam ao jantar. A sua mãe era uma grande cozinheira, uma mulher que merecidamente granjeara, pelos seus dotes de administração doméstica e as suas habilidades de perita culinária, o máximo elogio de toda uma comunidade escocesa, traduzido por estas palavras: «Elizabeth Chisholm é uma mulher competente!» Agora, acabada de comer a sua sopa de ervilhas, ouvia a mãe falando com o pai:

- Não te esqueças de vir cedo para casa esta noite, Alex.

Por causa do concerto dos burgueses.

Após um silêncio compreendeu que o pai, preocupado talvez pela grande cheia do rio ou pela temporada do salmão, que não corria favorável, fora apanhado de surpresa ao lembrarem-lhe a cerimônia anual do concerto dos burgueses que devia realizar-se nessa noite.

- Tens realmente interesse no concerto? - perguntou com um sorriso contrafeito.

Ela ruborizou-se levemente. Francis perguntava a si mesmo qual a razão daquele capricho da parte dela:

- É uma das poucas coisas que me dão prazer. Afinal de contas, és um dos representantes do burgo... E tens o direito e o dever de ocupar o teu lugar na galeria, com a tua família, entre os teus amigos!

O sorriso do seu marido acentuou-se, formando pequenas rugas ao redor dos olhos, um sorriso que indicava generosidade.

Francis arriscaria a vida por um desses sorrisos.

- Então, sem dúvida deveremos ir, Lisbeth.

Sempre detestara estas reuniões dos burgueses, da mesma forma que detestava xícaras de chá, colarinhos duros e calçado domingueiro, que tanto

rangia. Mas em compensação gostava da sua mulher e desejava ser-lhe agradável.

Então conto contigo, Alex - procurava dar à voz um tom indiferente, mas notava-se nitidamente um tom de alívio.

Convidei Polly e Nora para virem a Tynecastle. Infelizmente creio que Ned não poderá vir.

Hesitou:

- Terás de mandar qualquer pessoa a Ettal para a verificação das contas.

Ele fixou-a com os seus olhos perscrutadores que pareciam atravessá-la e descobrir ternamente a sua astúcia. Entregue à sua alegria, Francis nada tinha percebido. A irmã de seu pai, já falecida, havia casado com Ned Bannon, proprietário da Union Tavern, de Tynecastle, uma pequena cidade populosa a cerca de cem quilômetros ao sul. Polly, a irmã de Ned, e Nora, uma pequenina órfã de dez anos de idade, não chegavam a ser parentes próximos. Mas mesmo assim as suas visitas eram recebidas com grandes demonstrações de alegria.

Ouviu subitamente o pai dizer com voz tranqüila:

- Irei eu mesmo a Ettal.

Estabeleceu-se um silêncio pesado. Francis notou que sua mãe empalidecera.

- Não tens necessidade disso... Sam Mirlees ou qualquer outra pessoa poderia substituir-te.

Ele não respondeu imediatamente. Continuava a fitá-la, tranqüilo, profundamente ferido no seu amor-próprio. A emoção da sua mulher aumentava. Desistiu da idéia de disfarçar.

Curvou-se e segurou nervosamente o marido pelas mangas do casaco.

- Por favor, Alex. Sabes perfeitamente o que aconteceu da última vez... As coisas vão mal novamente. Horivelmente mal, segundo ouvi dizer.

Alex colocou a sua grande mão sobre a dela, procurando confortá-la:

- Não gostarias de me ver fugir, não é verdade? Sorriu e ergueu-se de súbito.

- Irei cedo e voltarei depressa, muito a tempo de encontrar os nossos amigos e assistir a esse precioso concerto...

Vencida mas preocupada, ficou a vê-lo calçar as botas de borracha. Francis, imóvel e aflito, sentia como que uma presciência de que qualquer coisa má iria acontecer. Talvez por isso, quando o pai se levantou, agarrou-se a ele angustiadamente.

- É melhor que fiques em casa hoje, meu rapaz. Tua mãe poderá precisar de ti. Tem muito que fazer ainda até que cheguem os convidados.

Francis, decepcionado, não protestou. Sentia os braços de sua mãe convulsivamente apertados sobre os seus ombros.

O seu pai deteve-se por um momento no limiar da porta.

Contemplou-os com profunda afeição e, em silêncio, afastou-se.

Embora a chuva tivesse parado ao meio-dia, para Francis as horas pareciam arrastar-se tristemente. Fingindo não prestar atenção ao ar preocupado de sua mãe, sentia-se torturado pela mesma inquietação. Ali, naquela aldeia tranqüila, todos os conheciam e sabiam que eram pacatos, honestos. Mas em Ettal, onde ficava a Repartição do Pescado, na qual seu pai tinha por obrigação comparecer todos os meses para manifestar o produto da pesca, pensava-se de outra maneira. Cem anos antes as charnecas de Ettal haviam-se empapado com o sangue dos presbiterianos. Agora o sentido da opressão incidia na direção oposta. Sob a ação de um novo superintendente havia-se desencadeado recentemente uma furiosa perseguição religiosa.

Realizavam-se conciliábulos, organizavam-se reuniões na praça pública para levar o ânimo popular a atingir o frenesi.

Na sua violência a população chegara ao extremo de ir à casa de alguns católicos buscá-los enquanto outros residentes fora da vila recebiam avisos solenes de não aparecerem na povoação.

O tranqüilo desdém de seu pai acerca de tais avisos havia-o tornado alvo de um ódio particular da multidão. No mês anterior, no decurso de uma escaramuça, o pescador havia-se valentemente defendido e levara a melhor. Agora, apesar das contínuas ameaças e do plano astuciosamente elaborado pela mulher a fim de o reter em casa, ele voltava a Ettal... Francis tremia ao visionar cenas de violência enquanto os seus pequenos punhos se contraíam violentamente. Porque não podiam viver em paz? Os seus pais não pertenciam à mesma religião e, no entanto viviam juntos respeitando-se e entendendo-se em perfeita harmonia. O seu pai era um homem bom, o melhor do mundo... Por que razão haviam de querer fazer-lhe mal?

Como uma lâmina que penetrasse no fundo do seu corpo, invadiu-o o pensamento doloroso de que à simples palavra «religião» surgiam tantos ódios simplesmente porque cada um adorava Deus com expressões diversas.

Ao voltar da estação, às quatro horas, ouvindo sem entusiasmo as expressões de júbilo que a prima

Nora lhe dirigia alegremente, enquanto mais atrás sua mãe caminhava ao lado da tia Polly, muito senhora de si, no seu belo vestido, sentia como que uma opressiva impressão de tragédia. Eram nulos os esforços de Nora para distraí-lo, como inútil era também a garridice do seu vestido novo e a ruidosa alegria que manifestava em vê-lo.

Aproximavam-se de sua casa, aquela asseada casinha de pedras acinzentadas sobre o Cannelgate, com um pequeno jardim à frente onde seu pai nos meses de Verão cultivava margaridas e begônias. Notava-se o cuidado com que sua mãe cuidava da casa, o seu amor à limpeza, pela simples maneira como trazia sempre brilhante o martelo de cobre da porta e o impecável aspecto da entrada. Atrás das cortinas alvíssimas das janelas, três pequenos vasos de gerânios davam à casa uma nota festiva e de cor.

Nora estava corada, os seus olhos brilhavam de alegria, meio sufocada, provocante. Haviam rodeado a casa para se dirigirem para o pátio, atrás da casa, onde, como sua mãe lhes dissera, poderiam brincar um pouco com Anselmo Mealey até à hora do chá.

Nora aproximara-se de Francis, cochichando-lhe qualquer coisa ao ouvido, os cabelos caídos para a testa, enquanto se lhe podia ler no rosto uma alegria

esfuziante. A princípio, Francis não lhe prestou atenção - coisa estranha, porque a presença de Nora despertava-lhe a imaginação para as mais caprichosas travessuras. Voltou a cara indeciso, procurando não se deixar contagiar por aquele entusiasmo.

Mas Nora não se conformou.

- Estou convencida de que dará resultado - insistiu. - Ele só quer brincar de padre. Vamos, Francis, vamos! Vamos fazer-lhe esta partida, sim?

Um sorriso triste surgiu-lhe nos lábios. Quase contra a sua vontade foi buscar a pá, um regador e um velho jornal à barraca do fundo do jardim onde se guardavam os utensílios de jardinagem. Incitado por Nora, fez uma cova debaixo do loureiro e encheu-a de água. Nora em seguida colocou por cima o jornal e disfarçou o conjunto habilidosamente espalhando sobre ele uma camada de terra seca.

Tinham terminado a operação e guardado as ferramentas quando Anselmo Mealey chegou vestido de branco, à marinheira.

Nora não pôde deixar de dirigir a Francis uma piscadela de olhos de um delirante contentamento.

- Bom dia, Anselmo! - disse-lhe, com uma cordialidade muito suspeita. - Que lindo fato! Estávamos à tua espera.

De que vamos brincar?

Anselmo refletiu com um ar de superior condescendência.

Era um rapagão de onze anos, corado e nutrido. Tinha cabelos claros, ondulados, e olhos expressivos. Filho único de pais ricos, que o adoravam - seu pai era proprietário de uma fábrica de adubos, do outro lado do rio -, estava já destinado, por desejo da sua piedosa mãe e de acordo com as suas tendências, a seguir a carreira eclesiástica; matriculara-se no Holywell, o famoso colégio católico do norte da Escócia; juntamente com Francis, costumava servir de acólito nos serviços religiosos da igreja de Santa Colomba. Não era raro verem-no ajoelhado, na igreja, com os olhos cheios de lágrimas. As freiras quando passavam acariciavam-lhe a face. Tinha fama, aliás justificada, de ser um menino muito piedoso.

- Vamos organizar uma procissão - propôs - em honra de Santa Júlia. Hoje é o seu dia.

Nora concordou.

- Então pomos o altar debaixo do loureiro! Precisaremos de fato especial para a cerimônia?

Anselmo abanou a cabeça:

- Não. Será mais uma oração do que uma brincadeira.

Façam de conta que estou paramentado. Tu és uma carmelita e Francis será o meu acólito. Estamos prontos?

Um súbito escrúpulo apoderou-se de Francis. Não estava ainda em idade de analisar as suas relações com o próximo.

Sabia apenas que, embora Anselmo protestasse calorosamente ser ele o seu melhor amigo, aquela exibição de fé religiosa despertava-lhe um inesperado e doloroso constrangimento.

Sentia diante de Deus uma profunda reserva. Era um sentimento que escondia no íntimo, sem que pudesse explicar como nem porquê, como um nervo sensível mergulhado profundamente na sua carne. Quando Anselmo murmurou fervorosamente na aula de Doutrina: «Eu amo e adoro Nosso Senhor do fundo do meu coração», Francis, apertando um berlinde entre os dedos no bolso do seu casaco, corou como uma papoula, e ao chegar a casa, raivoso, partiu um vidro.

No dia seguinte Anselmo, que visitava com freqüência os doentes, foi para a escola; levava uma galinha assada, que destinava à tia Paxton - doente a quem tencionava visitar.

Meg era a velha mulher de um pescador que jazia no leito, sofrendo de cirrose do fígado e

hidropisia, e cujas bebedeiras tornavam num inferno toda a Cannelgate. Francis, tentado pelo Diabo, pediu licença para sair da aula, foi ao vestiário, abriu o embrulho, substituiu a ave por uma cabeça de bacalhau podre e dividiu a galinha assada por si e pelos seus companheiros de classe. Mais tarde as lágrimas de Anselmo e as maldições de Meg deram-lhe uma deliciosa sensação de satisfação íntima.

Agora, no entanto hesitava sem saber se deveria dar ao amigo uma oportunidade de escapar ao desastre que o esperava.

Perguntou suavemente:

- Quem irá à frente?

- Eu, naturalmente! - exclamou Anselmo, tomando a sua posição de chefe.

E, voltando-se para a rapariga, ordenou:

- Canta o Tantum Ergo, Nora.

A procissão começou a mover-se enquanto Nora cantava.

Ao aproximarem-se do loureiro, Anselmo ergueu as mãos para o Céu. Quase imediatamente pousou os pés sobre o jornal camuflado de terra e afundou-se literalmente na cova.

Durante alguns momentos ninguém fez um movimento. Foi o esforço de Anselmo para se safar que despertou Nora. Enquanto Anselmo gritava, todo

enlameado, que aquilo era um pecado, um grande pecado, Nora explodiu convulsivamente em gargalhadas sonoras, incitando-o a atirar-se ao amigo:

- Vinga-te, Anselmo! Porque não te atiras a Francis? Vamos, desanca-o!

- Não, não quero - murmurou Anselmo. - Como bom cristão, devo apresentar-lhe a outra face!

Desatou a correr para casa. Nora, encantada, abraçou-se delirantemente a Francis, enquanto as lágrimas brotavam dos seus olhos de tanto rir. Mas Francis não ria. Ficou muito sério e calado. Pensava na estupidez do que fizera, enquanto o seu pai percorria as ruas hostis de Ettal. Conservava-se ainda silencioso quando entrou em casa.

Na confortável casa da frente a mesa estava já preparada, segundo o rito da hospitalidade escocesa, com a sua louça mais fina e tudo o que de melhor a dona da casa podia apresentar.

A mãe de Francis sentara-se ao lado da tia Polly, cujo rosto estava ligeiramente corado por causa da proximidade do fogo, e de vez em quando lançava um olhar perscrutador ao relógio.

Agora, depois de um dia inquieto, em que se entregara sucessivamente à esperança e ao desespero procurando sempre tranquilizar-se a si mesma e afastar os temores, os seus ouvidos estavam à escuta

do ruído, reconfortante dos passos do marido. Nunca sentira tanto a necessidade da sua presença.

Filha de Daniel Glennie, proprietário de uma pastelaria pouco afreguesada, que preferia à sua vida profissional a pregação ao ar livre e fundara a sua própria seita em Darrow, uma pequena cidade onde a indústria da construção naval era florescente e que distava apenas alguns quilômetros de Tynecastle, aos dezoito anos apaixonara-se perdidamente por Alexandre Chisholm, o pescador, e casara-se com ele.

Era opinião de toda a gente que aquela união desigual não poderia ter bom fim, mas a verdade é que haviam sido sempre perfeitamente felizes. Chisholm estava longe de ser um fanático.

Era um homem tranqüilo, equilibrado, que nunca pretendia interferir na opinião religiosa de sua esposa. Ela, por sua vez, integrada por seu pai na doutrina da tolerância universal, sentia-se pouco inclinada a discussões religiosas.

Mesmo depois de passados os primeiros transportes amorosos persistira neles uma felicidade constante. A presença do marido em casa - dizia ela - era-lhe muito agradável.

Ele ajudava-a nos trabalhos caseiros, cuidando das colméias, de onde colhiam tão delicioso mel. As flores do seu jardim eram as mais belas da cidade, as

galinhas que criava eram premiadas em todas as exposições, e o pombal, que recentemente havia construído e com o qual presenteara Francis, era uma verdadeira obra-prima, uma maravilha de paciência e habilidade manual. Durante o Inverno sentava-se com o seu tricot depois de haver deixado Francis confortavelmente deitado na sua cama. O vento fazia estremecer as janelas, girando em torno da pequena casa, gelado e sibilante. A chaleira fervia sobre as brasas da lareira e o seu ossudo Alex movia-se sem ruído, ativo, pela cozinha, ocupado em algum trabalho manual.

Quando nesses momentos de quietude os seus olhos se encontravam, ela murmurava docemente, com um sorriso terno:

- Gosto muito de ti, meu querido!

Agora, sobressaltada, lançou um olhar ao relógio. Era tarde.

Ele devia já estar em casa. Lá fora nuvens pesadas acumulavam-se no céu e grandes gotas de chuva começavam a salpicar as janelas. Nora e Francis entraram.

Com surpresa apercebeu-se de que evitava o olhar inquieto do filho.

- Olá, meus filhos! - exclamou a tia Polly, indicando-lhes as cadeiras. - Então, divertiram-se muito? Muito bem.

Lavaste as mãos, Nora? Deves gostar de ir ao concerto hoje, Francis. Também eu aprecio a boa música... Por amor de Deus, Nora, está quieta um momento. E não deixes de proceder como uma menina educada enquanto tomarmos chá.

Impossível ignorar esta alusão. Com uma estranha sensação de intranquilidade, Elizabeth levantou-se.

- Não esperamos mais por Alex. Vamos já começar - exclamou, com um sorriso forçado. - Ele não deve tardar.

O chá estava delicioso, assim como os biscoitos, os bolos de aveia e os doces preparados pela própria Elizabeth, mas permanecia no ambiente um estranho constrangimento. A tia Polly não fez qualquer das suas observações cômicas que tanto divertiam Francis. Pelo contrário sentava-se com ar solene, os cotovelos junto do corpo, com a xícara de chá entre os dedos. Solteirona de cerca de quarenta anos, tinha um ar abstrato, um rosto agradável, ainda que comprido; ataviava-se bizarramente e as suas maneiras discretas eram a própria imagem da boa educação. O seu lenço de renda estava colocado sobre os joelhos, o seu nariz

avermelhava-se com o efeito do chá quente e o pássaro que enfeitava o chapéu dominava o conjunto com benevolência.

- Mas, Elizabeth... - e fez uma pausa, diplomaticamente - devias ter mandado entrar o pequeno Mealey. Ned conhece o pai dele. Anselmo é uma vocação extraordinária para a carreira eclesiástica. - E sem mover a cabeça dirigiu o olhar para Francis. - Devias ir também para Holywell, meu rapaz.

Gostarias de ver o teu filho pregar num púlpito, Elizabeth?

- Não o meu filho único!

- Porque não? O Todo-Poderoso gosta dos filhos únicos...

A tia Polly falara com solenidade e Elizabeth continuara séria. Tinha planos grandiosos para o seu filho único. Seria advogado ou talvez cirurgião. Não suportaria a idéia da vida obscura, humilde e sacrificada de um padre. Por fim, empolgada pela sua preocupação máxima, acabou por exclamar:

- Oh, como eu gostaria que Alex estivesse já em casa!

Esta demora, afinal de contas, é... É bem pouco amável. Acabará por nos fazer atrasar se se demora!

- Talvez ele ainda não tenha acabado de liquidar as suas contas - observou a tia Polly.

Elizabeth corou intensamente, sem poder dominar-se.

- Ele já cá devia estar. Vem sempre tarde quando vai a Ettal. Deve ter-se esquecido de nós... É a criatura mais distraída que jamais vi!

Fez uma pequena pausa e em seguida acrescentou:

- Dar-lhe-ei mais cinco minutos de tolerância. Bebe mais uma xícara de chá, tia Polly?

Afinal o chá terminou. Um silêncio constrangedor ficou pairando no ambiente. Que lhe teria acontecido? Não voltaria mais, nunca mais, para casa? Elizabeth sentia-se abater pela ansiedade e já não dissimulava a sua angústia. Por fim levantou-se.

- Desculpe-me, tia Polly, mas vou ao encontro dele, a fim de ver se descubro o que o retém. Não me demorarei.

Francis estivera num suplício durante todo aquele tempo imaginando seu pai encerrado numa cela fria, agredido por multidões enfurecidas ou recebendo golpes mortais. Sentiu subitamente que tremia.

- Deixe-me ir também, minha mãe! - não resistiu.

- Não, meu filho - retorquiu ela, sorrindo docemente.

- Deves ficar para fazer companhia às visitas.

Com surpresa de todos a tia Polly discordou. Até ali nenhum sinal havia manifestado de ter notado a preocupação de Elizabeth. Mesmo agora parecia ignorá-la. Mas, com uma firmeza inabalável, aconselhou - Leva o pequeno contigo, Elizabeth. Eu e Nora arranjar-nos-emos perfeitamente.

Um curto silêncio se estabeleceu durante o qual os olhos de Francis suplicavam.

- Está bem, vem, então...

Sua mãe vestiu-lhe um pesado capote. Depois, agasalhando-se na sua capa escocesa, tomou-lhe a mão e saiu.

A noite estava chuvosa e escuríssima. A água corria pelas valetas e formava ribeiros nas ruas desertas. Quando atingiam a Rua do Mercado, donde se avistava ao longe as luzes embaciadas da sala do concerto, uma sensação de estranho medo, provocada pela escuridão, apoderou-se de Francis. Procurou dominar aquela estranha impressão de desconforto. Cerrou os dentes e tratou de acompanhar energeticamente os passos rápidos de sua mãe.

Dez minutos depois atravessaram o rio pela ponte da Fronteira e seguiam pelo cais mergulhando

os pés em poças de água até o armazém no. 3 das pescarias. Ali sua mãe deteve-se consternada. O posto estava fechado à chave. Voltou-se, indecisa, sem saber que rumo tomar, mas logo em seguida divisou, através da escuridão reinante, uma luz mortíça a distância:

Era o posto de pesca no. 5, onde vivia Sam Mirlees, o ajudante de seu marido. Embora Mirlees fosse um bêbado, um indivíduo inteiramente inútil, era possível que lhe pudesse dar qualquer informação. Recomeçou a caminhada, decidida, patinhando na lama, tropeçando em tufo de erva, rasgando-se em vedações, tombando em valas. Francis, a seu lado, sentia a sua apreensão aumentar a todo o momento.

Atingiram por fim o outro posto, uma barraca de pranchas alcatroadas, solidamente construída à beira de água ao abrigo de um grande rochedo e engrinaldada de redes suspensas.

Francis não pôde conter-se. Deu uma corrida e, arquejante, abriu a porta e entrou na cabana. Em seguida soltou um grito que era como que uma expansão de todo o seu sofrimento, de toda a angústia que suportara o dia inteiro. Os seus olhos dilataram-se de espanto. Ali estava o pai na companhia de Sam Mirlees, estirado sobre um banco, pálido e

ensangüentado, no braço uma ligadura grosseira improvisada à pressa e uma grande contusão violácea na frente. Ambos vestiam as suas grossas camisolas e calçavam ainda as suas botas altas.

Havia sobre a mesa alguns copos, uma tigela com álcool, e uma esponja avermelhada mergulhava numa vasilha suja sob a incidência da luz amarela proveniente de uma lanterna de bordo.

Elizabeth precipitou-se, e caindo de joelhos ao lado do marido exclamou:

- Alex, Alex... Estás muito ferido?

Embora com os olhos embaciados e os lábios descorados e tumefactos, ele mostrou um pálido sorriso:

- Não estou pior do que os que se meteram comigo.

Os olhos de Elizabeth encheram-se de lágrimas, lágrimas de ódio e de rancor contra aqueles que haviam tentado pôr em risco a vida do homem que ela amava e que o haviam posto naquele estado.

- Quando ele entrou aqui estava quase morto - exclamou Mirlees com um gesto vago -, mas eu fi-lo beber até que ele ficou meio tocado...

Ela lançou um olhar fulminante ao homem que falava:

Estava bêbado, como sempre nas noites de sábado. Sentiu-se furiosa contra aquele idiota que havia procurado embriagar Alex apesar do estado de extrema fraqueza em que se encontrava.

Havia perdido grande quantidade de sangue e ali não havia qualquer recurso, nada de que pudesse servir-se para tratar dele. Precisava sair dali o mais depressa possível.

Murmurou nervosamente:

- Achas que tens forças bastantes para vires comigo para casa, Alex?

- Creio que sim, querida, se formos devagar.

Os seus pensamentos entrechocavam-se numa confusão febril.

O seu instinto aconselhava-a a levá-lo para um lugar confortável, para o calor, para a luz, para a segurança. Examinou o seu ferimento mais grave - um grande corte na têmpora, que não sangrava agora. Voltou-se para o filho:

- Corre, Francis, diz à tia Polly que prepare tudo para nos receber. Em seguida vai chamar o médico e acompanha-o a casa.

Francis, a tremer de febre, fez um gesto trêmulo e convulsivo de que compreendera. Lançou um último olhar ao pai e afastou-se a correr ao longo do cais.

- Vamos experimentar, Alex... Vais pela minha mão.

Recusando com um gesto pouco amável o auxílio de Mirlees, mais embaraçante que útil, ajudou o marido a erguer-se.

Ele pôs-se de pé vagarosamente, com grande esforço. Estava tremendamente enfraquecido, vacilava e mal se dava conta do que se passava.

- Vou indo, Sam... - murmurou, cheio de vertigens. - Boa noite...

Elizabeth mordida os lábios, torturada entre o receio de vê-lo piorar ali, naquele lugar horrível, e o perigo de expô-lo, naquelas condições, à chuva inclemente que não deixava de cair. Quando a porta se fechou atrás deles ela era presa ainda de uma tremenda luta íntima, lembrando-se das horríveis perspectivas daquela volta, tendo que conduzir um homem quase impossibilitado de dar um passo por aqueles caminhos alagados.

Mas subitamente uma idéia lhe ocorreu: porque não lhe viera ao espírito mais cedo? Se tomasse pela ponte Tilworks reduziria o caminho em mais de um quilômetro e seu marido estaria instalado no seu leito aquecido dentro de meia hora.

Tomou-lhe o braço com decisão e, procurando ampará-lo da melhor forma possível, voltou-se rio acima e seguiu na direção da ponte.

A princípio Alex não percebeu a intenção da mulher. Mas subitamente, ao ouvir o ruído das águas, parou.

- Porque vamos por este caminho, Elizabeth? Não poderemos atravessar a ponte de Tilworks com a cheia que o rio leva.

- Cala-te, Alex. Não desperdices as tuas forças a falar - respondeu ela, puxando-o docemente para frente.

Aproximaram-se da ponte, um tosco e perigoso passadiço de madeira, com dois cabos de aço à guisa de guardas, que atravessava o Tweed no ponto mais estreito mas que quase nunca era utilizada. Ao colocar o pé sobre o estreito caminho de tábuas, na escuridão e na proximidade do ruído tumultuoso das águas, Elizabeth sentiu como que um temor invadi-la, uma nítida antevisão do perigo que arrostava. Deteve-se por um instante. Como a ponte era estreita para dar passagem a duas pessoas não havia possibilidades de continuarem lado a lado, como tinham vindo até então. Colocou-se atrás dele, amparando-o com um braço maternalmente:

- Tens o cabo seguro, Alex?

- Sim, estou seguro.

Ao certificar-se de que efetivamente o marido tinha o cabo de aço bem agarrado, não pensou mais.

Começaram a atravessar a ponte. A meio, o pé de Alex escorregou na madeira molhada. Isso não teria importância noutra ocasião qualquer. Mas naquela noite o ligeiro incidente era perigoso, porque o rio Tweed havia engrossado com as chuvas e a água subira até ao nível da ponte. A corrente impetuosa penetrou nas botas, que lhe subiam até à coxa. Procurou lutar contra aquele enorme peso extra que o arrastava. Mas todas as suas forças se haviam esgotado na luta em Ettal. O seu outro pé escorregou e ambas as botas ficaram cheias de água, pesadas como chumbo.

Ao grito que ele lançou Elizabeth agarrou-se a ele imediatamente, largando a corda que ajudava a manter o equilíbrio.

Lutou desesperadamente para o amparar, mas o tumulto e a escuridão das águas revoltas submergiram-nos.

Durante toda a noite Francis esperou. Mas eles não vieram.

Na manhã seguinte, na maré baixa, os dois, marido e esposa, foram encontrados abraçados junto de um banco de areia.

Quatro anos depois - na noite de uma quinta-feira de Setembro, ao terminar a sua caminhada quotidiana dos estaleiros de Barrow para a pastelaria de Glennie - Francis Chisholm tinha tomado uma importante decisão. Atravessando o corredor enfarinhado que separava a loja da casa do forno - o seu corpo parecia agora mais exíguo dentro de um fato que não fora feito para ele, o rosto sujo aparecia sob um boné de homem colocado com a pala para trás - dirigiu-se à porta dos fundos, por onde entrou, colocando a sua marmita vazia do almoço sobre o lava-louça da cozinha; os seus olhos escuros brilhavam com um fogo sombrio.

Na cozinha, Malcolm Glennie sentava-se a uma mesa cuja toalha, suja como sempre, estava naquele momento coberta de louça. Com os cotovelos fincados sobre um livro de estudo de Direito de Locke, Malcolm, um jovem de dezessete anos, com uma das mãos esfregava a cabeça, provocando uma chuva de caspa, e com a outra segurava um bocado de torta feita especialmente para ele por sua mãe, para comemorar a sua volta do Colégio Armstrong. Francis foi buscar a sua ceia, que estava sobre o fogão - uma torta de dois pence e batatas, que secavam ali desde o meio-dia, e procurou um lugar para sentar-se, enquanto observava, através da porta de

comunicação, a senhora Glennie, que atendia um freguês ao balcão.

O rapaz, filho dos donos da casa, atirou-lhe um olhar de franca hostilidade.

- Não podes fazer menos barulho quando estou a estudar?

E, meu Deus, que mãos! Não costumas lavar as mãos antes de te sentares à mesa?

Calmo e silencioso - a sua melhor defesa - Francis tomou o garfo e a faca nas suas mãos calosas e ásperas de rebitador.

A porta de comunicação abriu-se subitamente e a senhora Glennie apareceu com um ar mimalho:

--Ainda não acabaste, querido? Tenho aqui um delicioso pudim, feito só com gemas de ovo e leite, que não poderá fazer-te mal algum ao estômago.

Ele grunhiu:

- Passei mal o dia inteiro.

E, enchendo o estômago de ar e expelindo-o ruidosamente, perguntou com ar triunfante:

- Estás a ver?

- É de tanto estudar, meu filho. Estudar de mais provoca isso. Este pudim dar-te-á forças. Experimenta. Prova só para me dares prazer!

Tirou da frente do filho o prato vazio e substituiu-o por outro completamente cheio de pudim

de leite. Enquanto ele devorava o doce, ela fitava-o com os olhos inundados de ternura, saboreando todas as colheradas que ele engolia, com o corpo pesado inclinado na direção do filho e o rosto comprido, de nariz afilado e os lábios delgados fremindo de amor maternal.

Depois murmurou:

- Estou muito contente por teres vindo para casa mais cedo esta noite. O teu pai tem uma reunião.

- Oh, não... - murmurou Malcolm, com aborrecimento.

- Na sala das missões?

Ela abanou a cabeça.

- Não. Ao ar livre, no jardim...

- E nós temos de ir?

Ela respondeu com uma vaidade amarga:

- É a única satisfação social que teu pai nos concede, meu filho. E, antes que ele se arrependa, devemos aproveitar.

Malcolm protestou com veemência:

- Pode ser que a mãe goste disso, mas é horrivelmente desagradável para mim ficar de pé enquanto o pai profere grandes frases em calão bíblico e as crianças gritam: «Hum, hum, S. Daniel». Quando eu era miúdo não me aborrecia tanto, mas agora, que estudo para advogado, começo a detestar assistir...

Interrompeu-se subitamente ao ver a porta abrir-se e seu pai entrar.

Dan, o S. Daniel, como lhe chamavam, entrou mansamente e, dirigindo-se à mesa com ar distraído, serviu-se de um pedaço de queijo e de um copo de leite, que constituíam o seu repasto frugal. Tinha trocado o seu fato de trabalho por um casaco fora de moda, muito apertado e muito curto para ele, e umas calças pretas, um colarinho de celulóide e gravata preta.

Os seus punhos eram também de celulóide, para poupar na lavagem, e os seus sapatos estavam a pedir substituição. Deteve-se, lançando em torno de si o seu olhar ausente, embora patenteasse agora, através dos vidros dos óculos, que alguma coisa lhe preocupava o pensamento. Observou Francis enquanto mastigava.

- Pareces fatigado meu filho. Já jantaste?

Francis fez com a cabeça um gesto afirmativo. A cozinha parecia-lhe menos triste desde que o pasteleiro entrara, e os seus olhos, que nele pousavam, faziam lembrar os olhos de sua mãe.

- Há um tabuleiro de bolos de cereja feitos agora mesmo.

Podes comer um, se quiseres. Estão no forno.

Ao ouvir esta demonstração de insensata prodigalidade, a senhora Glennie teve um movimento de protesto: era por desperdiçar daquela maneira os seus bens que por duas vezes abrira falência. Inclinou a cabeça com resignação.

. Quando queres sair? Se vamos agora, terei de fechar a Loja.

Ele consultou o seu grande relógio de prata:

Oh, podes fechá-la agora. O serviço do Senhor está em primeiro lugar. Além disso - acrescentou tristemente - não teremos mais fregueses esta noite...

Enquanto ela fechava as portas da pastelaria ele permaneceu de pé, pensando no seu sermão daquela noite. Em seguida despertou.

.- Vamos, Malcolm!

E, dirigindo-se a Francis, concluiu:

.- Descansa, meu neto, não te deites muito tarde!

Malcolm, a resmungar, fechou o livro e agarrou no chapéu, saindo atrás do pai. A senhora Glennie, ao mesmo tempo que calçava as luvas de pele, muito apertadas, procurava estampar no rosto o seu velho ar de martírio com que comparecia às reuniões. Depois dirigiu a Francis um sorriso desagradável:

- Não te esqueças de lavar a louça. É uma pena que não possas vir conosco!

Depois da saída deles Francis resistiu ao desejo de deixar cair a cabeça sobre a mesa. Naquele momento a heróica resolução que tomara inflamava-o todo e a lembrança de Willie Tulloch galvanizava os seus membros lassos. Juntou a louça suja dentro do lava-louça e começou a lavá-la meditando na sua situação com uma ruga a vincar-lhe a testa e um ar irritado.

Pouco antes do funeral, Dan, o S. Daniel, declarara piedosamente a Polly Bannon que ficaria com o filho de Elizabeth por ser o seu parente mais próximo. Em atenção a isso, tomaria conta da criança. Mas esse gesto de benemerência ocultava outras intenções. Desenrolou-se mais tarde uma cena odiosa: a senhora Glennie, depois de se apoderar da pequena casa, do produto do seguro de vida de Alex e do que rendera a venda da mobília, recusou-se terminantemente a aceitar o oferecimento da tia Polly para cuidar do pequeno, chegando a intimidá-la com ameaças de entregar o caso à justiça.

Com essa disputa final a senhora Glennie cortara todas as ligações com os Bannons. Considerando o pequeno o motivo, ainda que involuntário, da ruptura, a tia Polly retirou-se dignamente, ainda que ofendida, mas com ar de quem havia feito todo o possível para vencer, e

procurou varrê-lo completamente do seu pensamento.

Quando da sua chegada a casa do pasteleiro, no entusiasmo do primeiro momento, foi imediatamente enviado, com uma sacola debaixo do braço, na companhia e sob a proteção de Malcolm, escovado e arranjado pela senhora Glennie, à escola de Darrow. No momento em que os dois pequenos partiram, ao saírem pela porta da frente, a senhora Glennie ficou a contemplá-los inchada de orgulho.

Mas aquela onda de filantropia em breve se dissipou. Daniel Glennie era um santo, uma alma sensível e nobre, de quem se troçava um pouco porque se ocupava dos seus pastéis e tortas durante a semana e aos sábados desfilava pela cidade, montado no seu cavalo, com um cartaz impresso em letras graúdas, onde se lia o seguinte: «Ama o teu próximo como a ti mesmo». Vivia num sonho celestial, de onde emergia periodicamente, preocupado, molhado de suor, para enfrentar os credores. Trabalhando simultaneamente com as mãos e com o cérebro, com o pensamento mergulhado no seio de Abraão enquanto as suas mãos batiam a massa dos seus pastéis, era natural esquecer-se por completo da presença do seu neto. Quando se lembrava dele tomava o pequeno pela mão e,

transportando um cestinho com migalhas, levava-o a dar de comer aos pardais.

Mesquinha, sem nenhum senso de comércio, embora profundamente agarrada ao dinheiro, a mulher assistia à ruína progressiva do marido com uma grande consideração pelo seu próprio destino. Aquele declínio ininterrupto - o desprendimento do empregado, a venda do cavalo, o encerramento de um forno e logo em seguida de mais outro -, que acabaria por levá-los a fabricar apenas bolos baratos e sem cotação, na opinião da senhora Glennie era, em parte, devido à penosa manutenção de Francis. As setenta libras que lhe tinham vindo parar às mãos quando o adotara haviam-se dissipado rapidamente. E agora, que tanto precisavam fazer economias, o fato de terem de o vestir, de o calçar, de o alimentar tornava-se um verdadeiro martírio. Cada garfada que o pequeno levava à boca custava-lhe um suspiro de resignação.

Quando as calças do garoto se desfizeram completamente ela aproveitou um fato verde-escuro que pertencera a Dan, o S. Daniel, uma verdadeira relíquia, pois acompanhara grande parte da mocidade de seu marido. A fazenda era, porém, de uma cor tão extraordinária e o feitio tão extravagante que todas as vezes que Francis punha os pés na rua sentia-se

absolutamente infeliz, tais eram as chacotas que choviam de todos os lados. As mensalidades de Malcolm no Colégio eram pagas religiosamente sem um só dia de atraso, ao passo que as de Francis eram sempre esquecidas. Só depois de ser humilhado diante de toda a classe para efetuar o pagamento em atraso é que, tremendo, pálido, sofrendo ainda o vexame daquela cena, se animava a aproximar-se dela a falar-lhe no assunto.

Nesses momentos fingia um ataque do coração, pondo a mão sobre o peito, antes de extrair da gaveta os magros xelins como se lhe arrancassem a vida.

Embora suportasse todas aquelas cenas constrangedoras com um verdadeiro estoicismo, pois sabia que era um órfão abandonado, o sentimento da sua solidão pesava horrorosamente no espírito da criança... Quando se sentia mais angustiado fazia longas caminhadas solitárias procurando febrilmente uma solução para o seu caso. Olhava tristemente os navios que partiam e mordida a sua boina para abafar o desespero mortal de que estava possuído. Muitas vezes estalavam conflitos quando tinha algum grupo turbulento junto de si, mas continuava alheio a tudo, o rosto sombrio, o pensamento distante.

As únicas ocasiões em que se sentia feliz era quando a senhora Glennie e Malcolm saíam. Sentava-

se então defronte de Daniel, junto do fogo, e ficava vendo-o virar vagarosamente as folhas de Bíblia em silêncio, inefavelmente feliz.

Daniel estava firmemente decidido a não interferir na religião do pequeno - mesmo porque seria um contra-senso da sua parte, ele, que pregava a tolerância universal! Entretanto a senhora Glennie não suportava a simples idéia de que o pequeno não comungasse nas suas crenças religiosas.

Para ela, uma verdadeira cristã, com a sua salvação assegurada, era um anátema a lembrança viva da aberração da sua filha, além de que dava pasto à maledicência dos vizinhos.

O cúmulo foi atingido quando Francis, dezoito meses depois da sua chegada, se mostrou o maior dos ingratos suplantando deselegantemente Malcolm num ponto na escola. Era decididamente mais do que podia suportar-se. Nessa ocasião a pastelaria estava outra vez num dos seus transes. A família enfrentava a ameaça de uma nova falência. Foi então resolvido que a educação de Francis estava já completa. Com um sorriso pérfido, a senhora Glennie assegurou-lhe que ele era já um homenzinho, capaz de contribuir para as despesas com o produto do seu trabalho. Com doze anos empregaram-no nos estaleiros navais de

Darrow, como aprendiz de rebitador, com a remuneração de três xelins e meio por semana.

Um pouco antes das sete horas tinha já terminado a sua tarefa na cozinha. A louça estava lavada. Um pouco mais animado, deu uma penteada em frente de um espelhinho e saiu.

Estava mais claro, mas o ar frio da noite próxima fê-lo tossir.

Ergueu a gola do casaco enquanto se dirigia com passos apressados para a High Street.

Passou pelas lojas de bebidas espirituosas e de diversos artigos e chegou à esquina onde ficava a farmácia do médico, com os seus dois clássicos boiões, um vermelho e outro verde, e a placa quadrada onde se lia: «Dr. Sutherland Tulloch, médico-cirurgião.» A farmácia estava sombria e flutuava no ar um aroma de raízes medicinais, assafétidas, essências aloéticas. Num grande armário estavam alinhados os frascos verdes de medicamentos;

Depois de descer três degraus de madeira, chegava-se à pequena sala escura onde o doutor Tulloch dava as suas consultas.

Atrás do comprido balcão, embrulhando remédios, sobre o mármore pingado de cera vermelha estava o filho mais velho do médico. Era um rapaz

sardento, de dezesseis anos, enormes mãos e um sorriso parado e taciturno.

Sorriu cordialmente para Francis ao cumprimentá-lo. Em seguida os dois rapazes ali ficaram, constrangidos, procurando evitar-se um ao outro, escondendo mutuamente a simpatia que os ligava.

- Estou atrasado, Willie - exclamou Francis, com os olhos obstinadamente fixos no balcão.

- Eu também... E ainda tenho de ir entregar estes remédios do meu pai.

Porque Willie havia iniciado o seu curso de Medicina no Colégio Armstrong, e seu pai, o doutor Tulloch, havia-o convidado, com uma solenidade um tanto bem humorada, para seu assistente na clínica.

Fez-se um curto silêncio. Logo em seguida o rapaz mais velho lançou um olhar interrogativo ao amigo.

- Resolveste afinal?

Francis continuava calado, olhando baixo. Fez com a cabeça um sinal afirmativo.

- Fazes muito bem, Francis.

E Willie lançou-lhe um olhar cheio de aprovação:

- Creio que não suportaria aquilo por tanto tempo!

- Eu também não... - murmurou Francis. - A não ser por causa do meu avô... E por ti.

O seu rosto magro cobriu-se de um vivo rubor ao pronunciar essas palavras.

A emoção refletiu-se também no rosto de Willie, que murmurou:

- Há um comboio que te serve. Um direto, que sai de Alstead todos os sábados às seis e trinta e cinco. Chut. Vem aí o meu pai.

Calou-se, com um olhar de cumplicidade, no momento em que o doutor Tulloch abria a porta do gabinete, despedindo-se do seu último doente. Reparou então nos rapazes. De aparência rude, vestido de tweed sal e pimenta, pele queimada, os cabelos em desalinho e suíças fartas, todo ele parecia irradiar vitalidade. Apesar da sua reputação de «livre pensador» era realmente surpreendente possuir tão impressionante encanto pessoal, tanto mais que era acusado de comungar nas idéias de Robert Igersoll e do professor Darwin.

E - o que era mais admirável - dava a impressão da mais profunda competência na sua profissão. Ao notar a expressão grave expressa no rosto de Francis, gracejou:

- Mais um, rapazes, para eu mandar para a cova! Não está morto ainda, mas não tardará. É pena, porque possui uma numerosa família...

O sorriso dos dois pequenos era por de mais forçado perante tão trágica pilhéria. Ao aperceber-se de que qualquer coisa perturbava os rapazes, olhou-os com ar paternal:

- Vamos, pequenos, deixem-se de casmurrices! Não pensarão nisso daqui a cem anos!

Sem dar a Francis tempo para replicar o doutor Tulloch soltou uma risada clara e rápida, atirou o chapéu para a nuca e começou a calçar as grossas luvas. Ao mesmo tempo que saía voltou-se para dizer: - Não te esqueças de o convidar para cear conosco, Willie. O ácido prússico quente será servido às nove horas!

Uma hora depois, com os remédios entregues aos seus destinatários, os dois rapazes seguiam para casa de Willie conversando amigavelmente. Era uma grande casa meio arruinada, que ficava defronte do jardim público. Enquanto conversavam em voz baixa sobre o próximo acontecimento que aconteceria dali a dois dias, Francis sentia renascer a esperança.

Nunca se considerava infeliz na companhia de Willie. Curiosamente, aquela amizade havia começado por uma disputa. Certo dia, ao sair da

escola, Willie seguia pela Castle Street na companhia de uma dezena de colegas, quando passou pela igreja católica, feia e humilde. - Vamos entrar - exclamou. - Tenho seis pence comigo. Vamos entrar e pagar para que nossos pecados sejam perdoados. Somente então reparou na presença de Francis, que fazia parte do grupo. Corou, profundamente envergonhado. Não!

Dissera aquilo senão por um estúpido desejo de gracejar. E o

Caso teria ficado sem conseqüências se Malcolm Glennie não

Tivesse aproveitado o ensejo para provocar uma questão. In- citados pelos restantes, Francis e Willie tiveram uma luta violenta no jardim público. Foi uma cena de pugilato espetacular, cheia de bravura de parte a parte, e anoiteceu sem que tivesse ficado decidido qual dos dois era o vencedor. Mas os

Espectadores, com a crueldade da infância, não podiam permitir que a vitória permanecesse indecisa. Na tarde seguinte, depois da saída da escola, os dois contendores foram postos frente a frente e provocados à luta pelas insinuações de covardia. Desta vez ainda, encarniçados, sangrando, esgotados,, nenhum dos dois saiu vencedor. Assim foi que, durante uma semana inteira, os dois se prestaram

estupidamente, como galos de combate, à diversão dos indignos colegas. Aquele,

Conflito que nunca terminava, que começara sem razão, acabou por se tornar para ambos um verdadeiro pesadelo. Só no sábado por obra do acaso, os dois se encontraram, frente a frente, a sós. Foi um momento penoso, em que a terra parecia ter-se aberto, o céu ter-se desfeito e ambos caíram nos braços um do outro. Willie murmurou:

-- Não quero mais bater-me contigo. Gosto de ti porque és valente.

E Francis, que esfregava um olho contundido para disfarçar as lágrimas, confessou:

- Eu acho-te melhor que toda essa gente aqui de Darrow!

Atravessavam agora o jardim público, um logradouro recoberto de relva, no centro do qual se levantava um quiosque com um mictório de ferro enferrujado e alguns bancos, na maioria já sem encosto. Ali costumavam brincar algumas crianças pálidas e vagabundos fumavam, discutindo ruidosamente.

Subitamente Francis compreendeu com um estremecimento que teria de passar perto da reunião de propaganda religiosa do avô. Do lado oposto do mictório estava ereta uma bandeira vermelha,

pequena, onde se lia o seguinte dístico, em letras douradas: «Paz na terra aos homens de boa vontade».

Defronte da bandeira estava um harmônio portátil, onde, num banquinho, se instalara a senhora Glennie, com o seu ar de vítima, enquanto que Malcolm, segurando um livro de cânticos, se mantinha ao lado dela. Entre a bandeira e o harmônio, trepado sobre um pequeno estrado de madeira, estava o senhor Glennie, rodeado de umas trinta pessoas.

Quando os rapazes se aproximaram do agrupamento, Daniel havia terminado a sua oração e, de cabeça descoberta, dava começo à prédica. Era uma oração bela e comovente. Traduzia a convicção ardente de Daniel, revelava a sua alma cândida.

A sua doutrina baseava-se na fraternidade, no amor ao próximo e no amor de Deus. Todos deviam ajudar-se uns aos outros, procurar manter a paz e a felicidade na terra. Como se lhe fosse possível convencer disso a Humanidade!

Não censurava as igrejas, mas todas costumava criticar suavemente, afirmando que não era a forma que interessava, mas sim os sentimentos, a humildade e a caridade. E tolerância, sim, principalmente tolerância! Era inútil apregoar esses sentimentos se os fiéis não os praticavam.

Francis assistira já a prédicas do seu avô e inundava-o agora uma onda de consideração e de simpatia por aquela doutrina que tornava o seu pregador uma das criaturas mais ridícula - risadas da cidade. Neste momento, em que estava disposto :

A deixar-se levar por um impulso pessoal de rebeldia, o seu coração como que recebia melhor aquelas exortações, enquanto imaginava um mundo inteiramente livre de ódios e de crueldade. Enquanto se detinha para ouvir, percebeu que Joe Moir, o chefe do seu grupo de rebitadores, nos estaleiros, se aproximava sorrateiramente do meeting. O seu bando, na companhia do qual freqüentava os cabarés de Darrow, seguia com um verdadeiro carregamento de tijolos, fruta podre e restos de desperdícios cheios de óleo, lixo da casa das máquinas.

Moir era uma espécie de gigante desbocado, e quando se embriagava dava-lhe para provocar tumultos em reuniões religiosas. Com as mãos cheias de desperdícios cheios de óleo, gritava:

- Vamos lá a ver, Dan. Preferimos música e dança!

Os olhos de Francis dilataram-se e empalideceu. Não restava a menor dúvida de que tinham o propósito de dissolver a reunião. Visionou imediatamente a senhora Glennie procurando tirar

um tomate do postigo do cabelo e Malcolm todo sujo de óleo. Isso deu-lhe uma repentina alegria. Mas depois lembrou-se de Daniel. O pobre homem, inteiramente alheio ao perigo, continuava a sua prédica, cheia de sinceridade, vinda do mais fundo recesso da sua alma.

Deu um passo para a frente. Sem saber como, encontrou-se subitamente diante de Moir a suplicar:

-Por favor, Joe, não faças isso! Nós somos companheiros, não é verdade?

Todo o furor de bêbado refletido no rosto de Moir se transformou numa expressão amigável:

- Está bem, Francis, não me lembrava de que era teu avô!

Fez uma pausa e em seguida exclamou para a sua comitiva:

- Vamos embora, «pás». Toca a ir até à praça estampar todo este material no focinho dos «aleluias».

No momento de se retirarem o harmônio começou a tocar.

Ninguém, exceto Willie, se deu conta de que a tempestade estivera prestes a rebentar.

Pouco depois, ao entrar em casa, ele perguntou-lhe, desconcertado, impressionado com o que vira:

- Por que razão procedeste assim, Francis?

Com palavras entrecortadas, Francis respondeu:

- Não sei... Há qualquer coisa que me toca naquilo que ele diz. Tenho visto muito ódio nestes últimos quatro anos.

Meus pais não teriam perecido afogados se não fosse o ódio que outros lhes votavam.

E calou-se, intimidado. Willie conduziu-o em silêncio para a sala de jantar, que contrastava agradavelmente com a escuridão do exterior, bem iluminada, com um conforto bem patente.

Era uma grande casa, forrada de papel castanho, guarneçada de uma mobília estofada de vermelho, com jarras estropiadas mostrando sinais evidentes de restauração; o cordão da campainha caía, rebentado, e o fogão ostentava uma confusão de frascos, vidros, rótulos, caixas de pílulas, brinquedos e livros. Crianças brincavam sobre um velho tapete manchado de tinta. Embora fossem quase nove horas, nem uma só criança fora ainda para a cama. Os sete irmãos mais novos de Willie, Jeanne, Tom, Richard... - uma lista tão extensa que o próprio pai costumava dizer que muitas vezes se esquecia dos nomes - ocupavam-se em ler, escrever, desenhar, mastigar, bater ou soprar a ceia, composta de leite quente e pão, enquanto sua mãe, Agnes Tulloch, uma mulher nutrida, com o penteado meio desfeito e o corpo do vestido entreaberto, havia tirado o menor

deles do berço e o alimentava com o seu leite rico e farto, depois de lhe tirar as fraldas manchadas. Agora amamentava a criança, cujo pequeno traseiro, refletia o brilho das chamas do fogão.

Sem nenhum acanhamento, sorriu cordialmente a Francis:

- Afinal chegaram! - exclamou. - Jeanne, põe mais um prato! Richard, deixa Sofia em paz. Jeanne, minha filha, traz uma fralda limpa para Sutherland. E vê também se a água está a ferver! Que tempo magnífico, não acha? O doutor disse que há muitas doenças na cidade, apesar de tudo. Sente-se, Francis. Thomas, quantas vezes te tem dito o teu pai que deves conservar-te afastado dos outros?

O médico estava constantemente a trazer doenças para casa. Uma vez era sarampo, outras varicela, agora Thomas, de seis anos de idade, era a presente vítima. Com a cabeça rapada, com uma cara muito satisfeita, a cheirar a ácido fênico, contaminava serenamente a restante família.

Francis sentou-se no sofá, já bastante sobrecarregado com gente, ao lado de Jeanne, uma pequena de catorze anos, o retrato da mãe, com a mesma pele leitosa, o mesmo sorriso, e ali ficou a mastigar como podia o seu pão e tomando leite perfumado com canela. Estava ainda um pouco

perturbado pelo que fizera momentos antes; a emoção estrangulava-o, o seu espírito estava confuso. Um outro problema ocupava-lhe o espírito. Como podia aquela gente viver ali, tão contente, tão feliz, e ser tão amável? O chefe da família, no entanto, era um ímpio, que não só negava a existência de Deus como parecia ignorá-lo por completo. As chamas do Inferno não o perturbavam. Às nove e um quarto, o cabriolé do médico foi ouvido distintamente rodando pela rua. Momentos depois o doutor entrava, apressado, tornando-se imediatamente alvo de um verdadeiro ataque em massa das crianças. Quando o tumulto serenou, o médico beijou ternamente a esposa e depois instalou-se na sua cadeira, com o copo de leite na mão, chinelos nos pés e o pequeno Sutherland brincando sobre os seus joelhos. Ao encontrar o olhar de Francis, que o fitava, exclamou alegremente, levantando o seu copo:

- Não lhe disse que lhe serviríamos veneno? Que me diz, Francis ?

Compreendendo que seu pai estava de excelente humor, Willie animou-se a narrar o incidente que presenciara no jardim público. O médico bateu com as mãos na coxa, sorrindo para Francis.

- Bravo, meu pequeno Voltaire católico! Defenderei até à morte o seu direito de ter uma opinião contrária à minha.

Jeanne, deixa-te de fazer olhos doces para este simpático rapazinho!

Pensava que querias ser enfermeira, mas, pelo que vejo, queres fazer de mim avô antes que eu complete quarenta anos! Pois muito bem...

E suspirou bruscamente enquanto erguia o copo de leite, brindando à esposa.

- Nós nunca entraremos no Céu, querida, mas por enquanto saboreamos o que comemos e bebemos - concluiu.

Mais tarde, ao despedir-se de Francis, à porta, Willie apertou-lhe calorosamente as mãos, dizendo:

- Escreve-me quando chegares... E boa sorte!

Na manhã seguinte, às cinco horas, ainda escuro, a sereia do estaleiro soou estridentemente sobre Darrow. Ainda meio adormecido, Francis pulou da cama, vestiu-se e desceu. A manhã, sombria, recebeu-o com uma estocada de gelo, enquanto se juntava ao grupo silencioso de fantasmas que também seguiam para o trabalho, tremendo de frio, andando depressa, com as costas curvadas, dirigindo-se em direção do estaleiro.

Silhuetas de navios pareciam diluir-se na bruma. Ao lado do esqueleto de ferro de um barco de guerra estava Joe Moir, com o seu grupo, o aprendiz de laminador, ajudantes e outros rebitadores. Acendera um pequeno monte de carvão e acionava a manivela da forja. Em silêncio, a custo, como se estivesse ainda a dormir, todo o grupo começou a trabalhar. Moir ergueu o malho, o som dos martelos foi aos poucos aumentando e repercutindo-se por todo o estaleiro.

Segurando os rebites em brasa, Francis subia rapidamente pela escada e introduzia-os nos furos, onde deveriam ser batidos com firmeza, fixando as grandes chapas de aço que formavam o casco do navio. O trabalho era extraordinariamente penoso, sufocante quando se estava junto da forja, enregelante ao aproximar-se da escada. Os homens eram pagos à tarefa, de modo que os rebitadores desejavam apresentar muito trabalho, cada vez mais depressa, com um ritmo que ultrapassava as forças dos aprendizes que os ajudavam. Reclamavam os rebites incandescentes com insistência, e quando não eram levados em condições os homens atiravam-nos aos ajudantes.

Subindo e descendo a escada, afadigando-se à volta do fogo, suando, os olhos inflamados pela chama e pelo fumo, Francis trabalhou o dia inteiro.

À tarde o ritmo da labuta era ainda mais acelerado. Os rebitadores atiravam-se ao trabalho com todas as forças, nada nem ninguém poupavam, desejando tornar mais rendoso o esforço do dia. O momento de largar soou, como numa espécie de vertigem, com os tímpanos destroçados com o último silvo da sereia.

Mas soou. Que alívio! Francis ficou um momento sem se mover, passando a língua pelos lábios secos, ainda ensurdecido pelo repentino silêncio. A caminho de casa, sujo, suado, morto de cansaço, um só pensamento o dominava: amanhã, amanhã... Um brilho estranho cintilava nos seus olhos.

Ergueu o tronco. Amanhã!

Naquela noite foi ao esconderijo onde, numa caixinha de madeira, guardava as suas economias, num dos fornos abandonados.

Tinha uma porção de níqueis e pratas, guardados chave a chave sabe Deus a troco de que sacrifícios, que trocara por uma moeda de ouro. Meteu a moeda no bolso, trêmulo.

Sentindo a moeda junto do seu corpo, tremia de exaltação.

Meio perturbado, pediu à senhora Glennie que lhe desse uma agulha e linha. Ela resmungou qualquer coisa, de má vontade, e depois de lhe dar a agulha olhou-o com olhar dissimulado ao vê-lo subir as escadas.

Sozinho na solidão do seu miserável quarto, que ficava por cima dos fornos, tratou de embrulhar a moeda num pedaço de papel e em seguida coseu-a solidamente no forro do casaco.

Sentia agora uma espécie de conforto. Todo o seu ser revelava a satisfação íntima que o dominava no momento em que desceu para devolver a agulha.

No dia seguinte, sábado, os estaleiros fechavam ao meio-dia.

A simples idéia de que nunca mais teria de passar os seus portões tornava-o tão exaltado que durante o jantar mal pôde comer. E a sua inquietação era por de mais visível para escapar aos olhos perscrutadores da senhora Glennie.

No entanto, felizmente, ela não fez o menor comentário.

Assim que o rapaz se levantou da mesa, esgueirou-se para fora de casa, meteu-se pela East Street e partiu.

Uma vez fora da cidade começou a andar com passo acelerado.

Todo o corpo parecia vibrar de contentamento. O seu coração cantava! Todas as agruras por que passara pareciam ter ficado estranhamente distantes. Aquela estrada significava para ele a liberdade plena. Assim que chegasse a Manchester procuraria trabalho. Estava certo de que encontraria emprego nas fiações de algodão. Em poucas horas cobriu a distância de vinte e quatro quilômetros que o separavam da estação de caminho de ferro. Eram justamente seis horas quando atingiu a estação de Alstead.

Sentado sob um lampião de petróleo, na plataforma deserta, tirou do bolso um canivete, cortou a costura e retirou o embrulhinho de papel que continha a sua moeda de ouro.

Um empregado surgiu na plataforma, alguns passageiros apareceram e o guichê abriu-se. Foi postar-se na fila, esperando a sua vez, e pediu o seu bilhete.

Nove xelins e seis pence! - disse o bilheteiro, e introduziu o pequeno cartão na prensa de picotar.

Francis respirou aliviado. Não se havia enganado a respeito do preço da passagem. Entregou o dinheiro. Houve um momento de silêncio e o bilheteiro exclamou:

- Mas que brincadeira é essa? Eu disse nove xelins e seis pence.

- Dei-lhe meio soberano -retorquiu Francis.

- Há, sim? Volta a fazer o mesmo e verás o que te acontece!

E o homem, indignado, devolveu-lhe a moeda. Não era um meio soberano mas sim um quarto de penny novo e brilhante.

Num espanto angustiado, Francis viu o comboio chegar, os passageiros embarcarem e desaparecer silvando na noite.

No seu cérebro debatia-se aquele enigma insolúvel. Pouco a pouco foi serenando e compreendeu.

Estranhara a costura quando a abrira; não lhe haviam parecido os pontos desajeitados que fizera, mas uma costura de pessoa prática. Num relâmpago compreendeu o que se passara:

A senhora Glennie apoderara-se do seu dinheiro.

Às nove horas e meia, a caminho da aldeia mineira de Sanderston, no meio da noite úmida e nevoenta, um homem que vinha num cabriolei quase atropelou um vulto no meio da estrada. Apenas era possível conceber-se uma pessoa que andasse por tais sítios e num tempo semelhante: o doutor Tulloch. O

médico puxou as rédeas do cavalo e procurou através do nevoeiro verificar de quem se tratava.

Retendo as invectivas, exclamou:

- Por Hipócrates, és tu? Entra, entra depressa! Senta-te, antes que a égua me rebente as rédeas.

E, sem fazer perguntas, o doutor Tulloch prosseguiu no seu caminho, levando o seu passageiro. Por volta das dez e meia, Francis estava tomando o seu leite quente junto da lareira, em casa do doutor Tulloch, agora vazia dos seus habituais ocupantes e tão tranqüila que o gato dormia sobre o tapete, no centro da sala. Um momento depois a senhora Tulloch apareceu, com os cabelos presos, um penteador a cobrir-lhe a sua camisa de noite. Ficou ao lado do marido observando o rapaz, que parecia mortalmente abatido, e na sua apatia, um tanto inconsciente da sua presença, extenuado.

Não conseguiu sorrir quando o doutor surgiu com o estetoscópio em punho e declarou com ar divertido:

- Aposto em como essa tua tosse é fingida.

Mas, abrindo a camisa, prestou-se docilmente à auscultação.

O rosto do médico tinha uma expressão estranha quando se ergueu. Todo o seu bom humor parecia ter-se evaporado.

Lançou um olhar à esposa, mordeu o espesso lábio e deu um inesperado pontapé no gato.

- Diabo dos infernos! - gritou. - Nós pomos os garotos a construir barcos de guerra. Exploramo-los nas minas de carvão ou nas fábricas. E temos o desplante de afirmar que somos um povo cristão! Por isso mesmo é que me sinto tão orgulhoso de ser pagão!

Voltou-se subitamente para Francis:

- Diz-me, meu rapaz. Quem é essa gente que conheces em Tynecastle? Esses... Esses... Bannons, se não me engano, hem? Da Union Tavern. E agora vai para casa, mete-te na cama se não queres apanhar uma pneumonia dupla.

Francis seguiu para casa de má vontade. Durante toda a semana seguinte a senhora Glennie apresentou a sua cara de martírio, enquanto Malcolm exibia um colete novo de xadrez que tinha custado justamente meio soberano.

Foi uma semana horrível para Francis. Sentia dores do lado esquerdo, sobretudo quando tossia, e mesmo assim arrastava-se para o trabalho. Tinha a vaga impressão de que o avô tinha lutado por si baldadamente. Mas Daniel era um homem derrotado. A única coisa que o pobre pasteleiro-pregador podia

fazer era oferecer-lhe humildemente alguns bolos de cerejas que Francis não conseguia comer.

Quando chegou o sábado seguinte sentiu-se sem forças para se levantar da cama e seguir para o trabalho. Ficou deitado, imerso numa estranha letargia, olhando o exterior pela janela através de um véu opaco.

De repente ergueu-se. O coração parecia ter-lhe dado um salto. Lá em baixo, na rua, aproximava-se cautelosamente, como um barco navegando em águas desconhecidas e perigosas, um chapéu de chuva, um chapéu de chuva inconfundível, que ele teria reconhecido entre mil. Sim. Não restava a menor dúvida: era o guarda-chuva que ele tão bem conhecia, cuidadosamente enrolado, e o casaco de lontra, fechado com alamares. Solto uma exclamação, os lábios pálidos, a voz enfraquecida:

- Tia Polly!

A porta da loja, em baixo, rangeu. Tremulamente, procurando aguentar-se nas pernas, desceu a escada e apoiou-se na ombreira da porta entreaberta. Lá estava a tia Polly, ereta, no meio da casa, com ar desdenhoso, examinando com um olhar divertido toda a loja. A senhora Glennie erguera-se surpreendida para recebê-la, e, encostado ao balcão,

com a boca entreaberta, olhando atônito para uma e para outra, estava Malcolm.

A tia Polly dirigiu-se, por fim, à mulher do pasteleiro. A senhora Glennie sentia-se constrangida. Naquele dia, justamente, estava vestida muito à vontade, sem nenhuma preocupação de elegância ou de asseio. Um péssimo momento para uma visita daquela natureza.

- Que deseja? - perguntou.

- Venho visitar Francis Chisholm.

- Não está, saiu.

- Sim? Nesse caso ficarei até à sua volta.

A tia Polly instalou-se comodamente numa cadeira próxima do balcão como se estivesse disposta a ficar ali o dia inteiro.

Houve uma pausa. O rosto da senhora Glennie colorira-se de uma vermelhidão intensa. Sibilou, voltando-se para o filho:

- Malcolm, vai chamar o teu pai, que deve estar junto do forno.

Mas Malcolm retorquiu, lacônico:

- Saiu. Foi para Hall, para a reunião, há cerca de cinco minutos. Só voltará à hora do chá...

A tia Polly desviou os olhos do teto, cuja sujidade admirava, e pousou-os, críticos, sobre Malcolm. Esboçou um ligeiro sorriso divertido ao vê-

lo corar. A senhora Glennie deu então mostras de impaciência. Exclamou, furiosa:

- Nós somos gente pobre e temos os nossos afazeres! Não podemos estar sentados o dia inteiro atendendo visitas... Já lhe disse que o pequeno saiu. Sabe Deus a que horas virá, com as companhias que sempre arranja. Estamos muito aborrecidos com ele. Tem-nos dado imensas contrariedades não só pelas más companhias com quem se dá, mas também pelos maus hábitos que adquiriu. Não é verdade, Malcolm?

Malcolm fez com a cabeça um sinal afirmativo.

- Se visse! - exclamou a senhora Glennie. - Poder-lhe-ia contar coisas que a deixariam perplexa. Mas isso não adiantava.

Somos cristãos e procuramos levá-lo com doçura ao caminho do dever. Pode acreditar-me: ele goza da mais perfeita saúde e vive muito contente.

- Folgo muito em ouvir isso - exclamou a tia Polly olhando negligentemente para as suas luvas -, porque vim aqui para o levar comigo.

- Como?

Apanhada de improviso, o rosto da senhora Glennie passou do vermelho intenso para o branco, tornando-se outra vez vermelho.

- Trago um atestado médico - exclamou a tia Polly martelando as sílabas - que declara o rapaz subalimentado, esgotado pelo trabalho e ameaçado de uma pleurisia.

- Não é verdade!

A tia Polly extraiu um papel do seu regalo e bateu com ele eloquentemente no cabo do chapéu de chuva.

- Sabe ler inglês?

- É uma mentira! Ele está tão forte e tão bem alimentado como o meu próprio filho!

Houve uma interrupção. Francis, contra a porta, ouvia com uma incerteza angustiosa. Com um impulso involuntário, abriu a porta e precipitou-se no centro da loja.

A calma olímpica da tia Polly havia desaparecido.

- Anda cá, pequeno. Deixa de tremer. Queres ficar aqui?

- Não. Não quero.

Polly lançou um olhar para o teto, como que procurando tomar o Céu por testemunha.

- Então vai preparar as tuas coisas.

- Nada tenho para preparar.

Polly levantou-se vagarosamente, calçando as luvas.

- Então, nada há que nos detenha aqui.

A senhora Glennie deu um passo à frente, pálida de raiva.

- Não pode fazer isso! Apelarei para a lei!

- À vontade, minha senhora - disse Polly, numa alusão ao atestado em seu poder. - Talvez então venha a saber-se como a senhora e o seu filho gastaram o dinheiro obtido com a venda das coisas da pobre Elizabeth!

Estabeleceu-se novamente um silêncio opressivo. A mulher do pasteleiro, de pé, lívida, estremecia de ódio, mas sentia-se derrotada.

- Deixe-o ir, mamã! - lamuriou Malcolm. - Ficaremos livres de um tropeço.

A tia Polly, com o seu guarda-chuva debaixo do braço, olhou-o com desprezo dos pés à cabeça.

- Jovem, você não passa de um imbecil! - proferiu, e, voltando-se para a senhora Glennie, acrescentou: - Quanto a si, mulher, é outra que tal!

Com a mão no ombro de Francis, empurrou-o para fora do estabelecimento. Conservou a mesma atitude até a estação, com o casaco de Francis bem seguro na mão enluvada como se tratasse de um animal raro que a todo o momento pudesse escapar-se. Na estação comprou-lhe um pacote de biscoitos de Abernethy, alguns rebuçados peitorais e um chapéu

de coco novo. Sentada em frente dele, no comboio, serena, ereta, altiva, observou-o umedecendo os biscoitos secos com lágrimas de reconhecimento, quase sufocado pelo chapéu, que lhe descia até às orelhas. Com os olhos semicerrados, ela comentou então definitivamente.

- Eu sempre achei aquela mulher uma criatura vulgar.

Pode ler-se isso na fisionomia. Foi um grande erro da tua parte, querido Francis, deixar que ela tomasse conta de ti.

A primeira coisa que vamos fazer agora é mandar cortar o teu cabelo!

Era delicioso ficar na cama, naquelas manhãs frias de Inverno, até que a tia Polly fosse levar-lhe a refeição da manhã, um grande prato de ovos com presunto, ainda fumegante, o chá forte e quente, a pilha de torradas mal saídas da grelha, tudo numa grande bandeja de metal com o reclame de uma marca de bebida estampado. Algumas vezes acordava muito cedo, numa espécie de agonia, apreensivo, mas depois vinha-lhe a reconfortante certeza de que afinal nada mais tinha a temer.

Com um suspiro de alívio mergulhava mais profundamente ainda nos grossos cobertores amarelados, no aconchego do seu lindo quarto de

dormir de cujas paredes, forradas de papel pintado de tons alegres, pendiam, emolduradas, umas flores executadas em ponto de cruz, uma litografia colorida que a Cervejaria Allgood dava de brinde aos seus fregueses e outra com o retrato do Papa Gregório, e perto da porta uma pia de água benta de porcelana. A dor que sentia do lado desaparecera. Algumas vezes tossia ainda, mas o seu rosto descarnado começava a encher. Estes lazeres inesperados eram para ele como uma estranha carícia, que, embora a incerteza do seu futuro ainda o inquietasse, recebia com gratidão.

Naquela linda manhã do fim de Outubro, a tia Polly, sentada à beira do seu leito, exortava-o a comer.

- Vamos, pequeno! É isso que te fará engordar. Vamos, come!

Havia no prato três ovos com fatias finas de presunto torcidas pelo calor do fogão. Ele tinha-se esquecido de que a comida pudesse ser um prazer. Quando a tia pusera a bandeja sobre os seus joelhos, ele notou qualquer coisa de festivo nos modos dela.

- Tenho novidades para ti, meu pequeno... Se estás em condições de ouvir.

- Novidades, tia Polly?

- Uma pequena distração, para quebrar a monotonia destes meses passados na nossa companhia. Adivinha o que é - disse a sorrir para desvanecer a inquietação que já se espalhava nos olhos do rapaz.

Ele contemplou-a com a profunda ternura que a sua permanente e incessante bondade havia despertado nele. O seu rosto anguloso e rude, de linhas tão grosseiras, com o lábio superior sombreado por uma penugem, a verruga que se destacava numa das faces, tudo isso era agora para ele não somente familiar mas até mesmo belo.

- Não faço a menor idéia, tia Polly.

Ela riu, com aquele riso breve e pouco freqüente, satisfeita por ter provocado a curiosidade de Francis.

- Pensava que eras inteligente, pequeno. Parece que o sono demasiado te transformou e te tornou de compreensão lenta.

Ele sorriu contente com a alegria da tia. A sua convalescença havia sido tranqüila. Encorajado por ela, que temera pelos seus pulmões - a tuberculose era freqüente na sua família -, geralmente permanecia no leito até às dez horas.

Depois de convenientemente vestido, ele acompanhava-a às compras numa peregrinação através das ruas principais de Tynecastle. Estas

excursões eram reveladoras. Ele compreendia que a tia Polly gostava de ser «conhecida», de ser tratada com deferência nas melhores lojas. Esperava, alheada e altiva, até que o caixeiro da sua simpatia estivesse livre para a poder atender. Acima de tudo era uma senhora. Essa palavra era para ela a pedra-de-toque, o critério de tudo quanto fazia, as maneiras que adotava até mesmo na escolha dos seus vestidos, feitos por uma costureira local com tal ausência de gosto que suscitava comentários trocistas de algumas pessoas.

Enquanto caminhava pelas ruas ia recebendo uma série de cumprimentos. Ser saudada por algumas das individualidades de destaque do lugar - o inspetor sanitário ou o chefe da polícia - causava-lhe uma grande alegria íntima.

Muito direita, com o pássaro do chapéu em atitude de vôo, ia murmurando a Francis: «Este é o senhor Austin, gerente da companhia dos «elétricos»... É um amigo do teu tio...

Cavalheiro de muita distinção». O cúmulo da felicidade era, porém, encontrar o pobre Fitzgerald, o simpático e elegante cura de S. Domingos, que ao passar lhe dirigia um sorriso amável um pouco condescendente. Todas as manhãs faziam uma paragem na sua igreja, e, ajoelhado, Francis ficava a observar o perfil místico da tia enquanto os seus

lábios se moviam silenciosamente, com as mãos postas em atitude reverente.

Em seguida comprava-lhe alguma coisa, um par de sapatos, um livro, um pacotinho de rebuçados de anis. Quando ele protestava por causa das despesas que ela fazia por sua causa, às vezes com lágrimas nos olhos, limitava-se a tia a apertar-lhe o braço e a balançar a cabeça. «O teu tio não admitiria uma recusa». Era tocante o orgulho que a tia Polly tinha do seu parentesco com Ned e de pertencer à Union Tavern.

A União estava situada perto das docas, à esquina da Rua do Dique com a Rua do Canal, e tinha uma excelente vista sobre os arredores, o depósito do carvão e a estação terminal dos ônibus tirados por cavalos. O edifício tinha dois andares e no de cima habitavam os Bannons. Todas as manhãs, às sete e meia, Maggie Magoon, a mulher que fazia a limpeza, abria o estabelecimento e principiava a esfregar o chão falando sozinha. As oito precisamente Ned Bannon descia, em mangas de camisa, mas cuidadosamente barbeado e penteado, e espalhava sobre o soalho mancheias de serradura. Era inútil, mas ele fazia-o sempre, quase como uma espécie de ritual.

Depois olhava para o céu para se certificar do tempo provável durante o dia, recolhia a garrafa do

leite e dirigia-se ao quintal, para dar de comer aos seus cães. Possuía treze para mostrar que não era supersticioso.

Logo depois os habituais fregueses começavam a chegar.

O primeiro era Scanty Magoon, caminhando com dificuldade, com os cotos das pernas envolvidos em trapos e metidos numa espécie de mochilas de couro, a caminho do seu recanto favorito.

Apareciam em seguida alguns estivadores e um ou dois condutores de ônibus de regresso do seu trabalho noturno.

Esses trabalhadores não se demoravam senão o tempo preciso para beber um cálice de aguardente seguido de uma ou meia caneca de cerveja. Mas Scanty, porém, era permanente, como um cão fiel de guarda ao estabelecimento, observando os movimentos de Ned, enquanto ele permanecia por trás do balcão, no seu posto, sereno e forte ao lado do dístico onde se lia:

QUEM NÃO FOR CAVALHEIRO DEVE
COMPORTAR-SE COMO SE O FOSSE.

Ned, com cinquenta anos, era uma vigorosa e sólida figura de homem, a face cheia e amarelada, com os olhos salientes, muito solene nas atitudes, vestido sempre com fatos de tom escuro. Não era nem

alegre, nem galhofeiro, como se esperaria de um proprietário de uma taberna. Tinha, pelo contrário, uma espécie de dignidade solene e biliosa. Orgulhava-se da sua reputação e do seu estabelecimento. Seus pais eram irlandeses que haviam abandonado a sua ilha perseguidos pela fome, e ele só havia conhecido, na juventude, trabalho e miséria.

Mas tinha vencido, a despeito das inconcebíveis lutas que travara. Gozava de sólida reputação, dava-se bem com as autoridades públicas e com osERVEJEIROS, tinha muitos amigos influentes. Afirmava e mantinha que o seu negócio de bebidas era respeitável. Não gostava de ver jovens a beber e recusava-se sistematicamente a servir qualquer mulher de menos de quarenta anos. O seu estabelecimento não possuía «Sala para famílias». A Union Tavern não era lugar para famílias.

Detestava desordens, e ao primeiro indício de questão batia repetidamente no balcão com um velho sapato que conservava à mão exclusivamente com esse fim e não cessava de bater até que os ânimos serenassem. Conquanto fosse um grande bebedor, nunca mostrava sinais de embriaguez. Talvez o seu sorriso fosse mais vago, o seu olhar menos firme em certas noites, numa dessas noites que ele chamava de «ocasiões notáveis» como, por exemplo, o dia de S.

Patrício ou o dia imediato ao de uma corrida de cães em que um dos seus galgos conquistasse mais uma medalha para acrescentar às que já pendiam da grossa corrente de ouro que lhe enfeitava o ventre saliente. No dia seguinte, contudo, tinha um ar envergonhado e mandava Scanty Magoon à Igreja de S. Domingos chamar o padre Clancy. Depois de se haver confessado levantava-se vagorosamente, com o enorme corpo aliviado do peso dos seus pecados, no quarto dos fundos sacudia a poeira dos joelhos e em seguida tirava do bolso uma moeda de ouro e depositava-a na mão do jovem sacerdote, como dádiva para a caixa dos pobres. Tinha um respeito imenso pelo clero. Pelo padre Fitzgerald, cura da paróquia, tinha mais do que isso. Experimentava, na verdade, um verdadeiro terror.

Ned tinha reputação de estar bem instalado na vida, de comer bem, de dar aos necessitados e, não confiando em ações e em títulos, tinha o seu dinheiro empregado em prédios.

Desde que Polly, pela herança de Michael, seu falecido irmão, passara a ter rendimentos próprios, nunca mais tivera preocupações por causa dela.

Conquanto rebelde a qualquer forma de afeição intensa e profunda, Ned, de acordo com sua própria expressão, fora «tocado» por Francis. Gostava dele

sobretudo porque era desembaraçado, não lhe causava estorvo, sabia falar à vontade sobre os mais diversos assuntos, mas, acima de tudo, porque manifestava a sua gratidão de maneira serena e silenciosa. À tarde, no bar meio vazio, Francis ficava sentado, diante dele, durante o período de sonolência causada pela abundante refeição, ouvindo, com Scanty, as histórias pitorescas que Ned tão bem sabia contar. Scanty era o marido e o infortúnio da estúpida Maggie. Chamavam-no assim porque, na verdade, já não era senão metade de um homem, ou melhor, quase somente um tronco. Perdera as pernas em consequência da gangrena causada por um obscuro desequilíbrio da circulação sanguínea. Tirara partido da sua infelicidade «vendendo-se» aos médicos, isto é, assinou um documento segundo o qual entregava o seu corpo para ser dissecado quando falecesse.

Uma vez gasto em bebida o dinheiro da transação, uma aura sinistra começou a envolver o remelento, loquaz e infortunado pobre-diabo. Tornou-se um motivo de temor para o povo.

Nos seus momentos de indignação, depois de beber, dizia-se enganado, iludido pela velhacaria dos doutores, que não lhe haviam pago pela carcaça o justo preço. «Eu não me vendi como devia. Pedi muito pouco! Esses carnicheiros enganaram-me!

Mas eles nunca porão as mãos no meu pobre corpo!

Vão para o diabo! Engajar-me-ei, ir-me-ei deixar afogar no mar, bem longe daqui!

Ocasionalmente, Ned permitia que Francis servisse uma caneca de cerveja a Scanty em parte por caridade cristã, em parte para que fosse tomando contacto com «o negócio».

Como a alavanca de cabo de marfim voltava lentamente ao seu lugar ao mesmo tempo que enchia a caneca, Scanty recomendava:

«Com um bom galão, meu rapaz», ao mesmo tempo que insistia com ele: «Vamos, prova, que é agradável! O primeiro golo é para ti». Francis gostaria de provar. Lançava então um olhar a Ned, que lhe dava com um movimento da cabeça a permissão para que bebesse, divertindo-se com a careta que o sobrinho fazia ao provar a bebida. «É preciso habituar-se», dizia com convicção.

Ned tinha para seu uso um certo número de frases feitas como: «Mulheres e bebidas não se dão» e «O maior amigo do homem é o seu próprio dinheiro», com as quais, à força de as repetir com entonação solene, adquirira conceito de inteligente e de ponderado.

Nora, a filha de Michael Bannon, era a mais terna e profunda afeição de Ned. Era extremamente devotado à sobrinha, que, aos três anos, perdera a mãe, vitimada pela tuberculose, e o pai dois anos depois fora também ceifado pelo mesmo flagelo, tão fatal à raça céltica. Ned havia-a recolhido, mandara-a aos treze anos para o melhor colégio interno de religiosas de Northumberland, pagando com real prazer as pesadas mensalidades e acompanhando os seus progressos com olhos afetuosos e indulgentes. Durante as férias passadas na sua companhia, transformava-se, sentia-se um novo homem, discreto, mais bem vestido, e nunca aparecia em mangas de camisa, imaginando distrações para ela e, com receio de a escandalizar, exercia a mais rigorosa vigilância no bar sobre tudo que pudesse parecer menos conveniente.

-- Bem... - disse a tia Polly olhando Francis quase com censura por cima da bandeja. - Estou a ver que tenho de te dizer tudo... Em primeiro lugar o teu tio vai dar uma festa para comemorar o Halloween 1 e além disso - (misteriosa)

- por uma outra razão. Vamos ter um ganso assado, quatro libras de bolo de queijo, um bolo com passas e belas maçãs que o teu tio encomendou no pomar de Gosforth.

Talvez tu esta tarde as vás buscar. É um lindo passeio...

- Irei com prazer, tia Polly. Apenas não sei o caminho para lá...

- Alguém irá contigo - e a tia Polly, cuidadosamente, preparou a sua surpresa. - Alguém que vem da escola para passar as férias conosco...

- Nora! - exclamou ele.

- Em pessoa.

Abanou a cabeça, agarrou na bandeja e levantou-se.

- Teu tio está doido de contente com a vinda dela. Levanta-te e veste-te depressa. Iremos esperá-la à estação às onze horas.

Depois da saída da tia Polly, Francis ficou imóvel, por um instante, sonhador e perplexo. A inesperada notícia da chegada de Nora emocionara-o estranhamente. Sempre gostara dela, não tinha dúvidas. Mas a perspectiva de a encontrar novamente inspirava-lhe agora um sentimento singular, entre impaciência e timidez. Espantado e confuso, sentiu-se corar até à raiz dos cabelos. Foi quando saltou da cama apressadamente e começou a vestir-se.

Francis e Nora puseram-se a caminho às duas horas. Tomaram o «elétrico» que atravessava a cidade

na direção do subúrbio de Clermont e depois seguiram através do campo a caminho de Gosforth, segurando cada um uma das asas da enorme cesta que balançava entre os dois.

Quatro anos tinham decorrido desde a última vez que se haviam encontrado, e durante o almoço ficara estupidamente com a língua presa sem pronunciar palavra. Quanto mais Ned se excedia em jovialidade mais ele se sentia estranhamente acanhado diante da rapariga. Lembrava-se dela ainda criança.

Agora tinha quinze anos, e na sua modesta e discreta blusa azul-marinho com a saia comprida como convinha a um uniforme de colégio de freiras parecia não só uma pessoa importante, mas também mais misteriosa e fechada que antes. Tinha pés e mãos pequenos, um rosto miúdo, vivo e provocante, que tanto podia mostrar-se atrevido como passar subitamente a uma expressão de timidez. Embora comprida e um pouco desastrada devido ao crescimento, a sua ossatura era fina e delicada. Os seus olhos eram provocantes e de um azul-escuro que contrastava com a sua tez pálida. O ar vivo dava à ponta do nariz um colorido engraçado. Ocasionalmente, quando as abas do cesto se tocavam, os seus dedos encontravam-se. A sensação de Francis era estranha: doce, agradável, e produzia-lhe um

calor misturado de confusão. O contacto era a coisa mais deliciosa que jamais sentira. Não sabia que dizer, não ousava fitá-la, mas de vez em quando sorria ao sentir que ela o olhava. Para Francis, os tons dos prados, do céu e das árvores eram agora mais belos que nunca. Tudo cantava aos seus ouvidos.

Subitamente, ela deu uma gargalhada, atirou o cabelo para as costas e começou a correr. Ligado a ela pelo cesto, seguiu-a até que Nora parou sem alento, ofegante, com os olhos a brilhar como um floco de neve ao sol matinal.

- Não te aborreças comigo, Francis. Algumas vezes sinto-me doida. Não posso conter-me. Talvez seja por me encontrar fora da escola, em liberdade.

- Não gostas de lá estar?

- Sim e não. É alegre e rigoroso ao mesmo tempo. Podes compreender? - perguntou ela rindo, com uma inocência desconcertante. - Calcula que nos obrigam a usar camisas de noite quando tomamos banho! Diz-me: pensaste sempre em mim durante todo o tempo em que não nos vimos?

- Sim - disse ele com esforço.

- Dás-me prazer com isso... Eu pensei sempre em ti. - A resposta foi espontânea.

Lançou-lhe um olhar rápido esperando que ele dissesse alguma coisa e ficou silenciosa.

Chegavam entretanto ao pomar de Gosforth. Geordie Lang, um amigo de Ned, era o proprietário. Ocupava-se, entre as árvores meio despojadas do seu pomar, em queimar folhas.

Saudou amigavelmente os dois pequenos e convidou-os a ajudarem-no.

Eles lançaram as folhas castanhas e amarelas espalhadas em torno num monte que já ardia. O fumo das folhas queimadas impregnou-lhes os fatos. Não era o que pudesse chamar-se trabalho, mas uma brincadeira. Por algum tempo esqueceram o seu embaraço anterior, competindo para ver qual conseguia trazer para a fogueira maiores braçadas de folhas. Quando ele havia conseguido juntar uma boa quantidade e ia lançá-la ao fogo, Nora adiantou-se maliciosamente, e apossou-se delas. As suas gargalhadas vibravam no ar seco e puro. Geordie Lang sorria, divertido.

- As mulheres são assim, meu rapaz... Apossam-se do que nos custou trabalho e ainda se riem de nós...

Depois Lang levou-os ao depósito das maçãs, um barracão de madeira no fundo do pomar.

- Vocês ganharam a vossa parte. Vão e sirvam-se à vontade!

- disse-lhes. - Apresentem cumprimentos ao senhor Bannon. Digam-lhe que qualquer destes dias irei lá tomar umas bebidas...

O depósito das maçãs estava numa semiobscuridade. Eles subiram a escada para o sótão, onde, alinhadas sobre a palha, sem se tocarem, estavam as maçãs-reinetas, especialidade do pomar. Enquanto Francis enchia a cesta, curvado sob o teto baixo, Nora sentara-se sobre um monte de palha, de pernas cruzadas, tomara uma maçã, limpou-a na manga da blusa e começara a comê-la.

- Como é deliciosa! - exclamou. - Queres provar uma, Francis?

Ele sentou-se no lado oposto e pegou na maçã que ela lhe oferecia. O sabor era realmente delicioso. Ficaram os dois a observarem-se mutuamente enquanto comiam. Quando os pequenos dentes de Nora feriam a polpa do fruto, um esguicho de sumo às vezes descia pelo seu queixo agressivo. Ele esqueceu a sua timidez, agora, no pequeno e escuro celeiro. Pelo contrário, estava animado, sentia um calor reconfortante e parecia ter sido penetrado na sua plenitude da alegria de viver.

Nada lhe parecia mais delicioso do que ficar ali, sentado na palha, comendo a maçã oferecida por ela. Os seus olhos, que se encontravam frequentemente,

sorriam, mas o seu meio sorriso, estranho e como que interior, parecia guardar o seu sentido inteiramente para si própria.

- Aposto em como não és capaz de comer as sementes!

- disse ela, subitamente, em tom infantil; mas acrescentou em seguida: - Não, Francis, não comas! A irmã Margaret Mary diz que provocam cólicas. Além disso, uma macieira pode nascer das sementes. Não é engraçado? Ouve, Francis...

Gostas muito de Polly e de Ned?

- Muito - respondeu ele, fitando-a. - E tu, não gostas?

- Está claro que sim... A não ser quando Polly me agasalha de mais se eu começo a tossir... E quando Ned me obriga a sentar-me nos seus joelhos - detesto isso!

Ela hesitou e baixou o olhar pela primeira vez.

- Bem... Não quer dizer que o deteste... É que não devo consentir... A irmã Margaret Mary diz que eu sou muito atrevida. Também és da mesma opinião?

Ele voltou-se, contrafeito. O seu protesto apaixonado contra semelhante qualificativo reduziu-se a um «Não!» acanhado.

Ela sorriu timidamente.

- Somos amigos, Francis. Por isso vou perguntar-te, não importa o que a velha Margaret Mary possa pensar. Quando fores homem, que pretendes ser?

- Ainda não sei -- respondeu ele, surpreendido. -
Porquê?

Nora torceu, com súbito nervosismo, a bainha da saia.

.- Oh, por nada... Apenas, quero dizer... Gosto de ti.

Sempre gostei. Durante todos esses anos pensei muito e sempre em ti, e não seria bonito se... Se desaparecesses outra vez.

.- Porque iria eu desaparecer? - perguntou ele, rindo.

.- Tu não sabes...

Os seus olhos brilhantes, apesar de infantis, haviam-se tornado imensos e profundos. - Eu conheço a tia Polly... Ainda hoje a ouvi falar nisso outra vez. Ela deseja tanto que sejas padre! Para isso terias de renunciar a tudo, esquecer tudo...

Até a mim...

Antes que ele pudesse responder, levantou-se de um salto, com grande exuberância de gestos.

- Vamos! É estúpido, ficar aqui sentado o dia inteiro. É ridículo, o sol está brilhante lá fora e esta noite espera-nos uma grande festa!

Ele fez menção de se levantar, mas Nora com um gesto deteve-o, com encantadora incoerência.

- Não. Espera um minuto. Fecha os olhos e terás uma surpresa.

Antes que ele pudesse responder, ela já se havia precipitado e dado um rápido beijo na face do rapaz. O breve e tépido contacto, o bafo da sua respiração, a proximidade do seu rosto, tudo isso o atordoara. Toda vermelha, desceu a escada precipitadamente e saiu a correr do celeiro. Ele seguiu-a lentamente, também ruborizado, sentindo o pequeno ponto da face a arder como se tivesse sido ferido. O coração estava oprimido, mal parecia caber-lhe no peito.

A festa começou às sete horas da noite. Ned, com a autoridade de proprietário, fechou o bar cinco minutos antes dessa hora. Os clientes, menos alguns privilegiados, foram delicadamente convidados a retirarem-se. Os convivas estavam reunidos no salão de cima, com as luzes dentro de frutos de cera, o retrato do famoso político irlandês Parnell entre apliques de vidro azul, as fotografias de Ned e da tia Polly, e guarnecido com a pesada mobília de onde, quando alguém se sentava, se levantavam pequenas

nuvens de poeira. A mesa de mogno, de pernas grossas como uma mulher hidrópica, estava desdobrada ao máximo e posta para vinte pessoas. A lareira espalhava um calor intenso. Um aroma de carne de ave assada impregnava o ambiente. Maggie Magoon, de touca e avental branco, corria como uma louca. Na casa atapetada estavam o jovem padre Clancy, Tadeu Gilfoyle, alguns comerciantes da vizinhança, o senhor Austin, gerente da companhia de transportes, a sua esposa e os seus três filhos e, é claro, Ned, Polly, Nora e Francis. Tadeu Gilfoyle era um tipo pálido, prosaico, sempre constipado. Tinha cerca de trinta anos, era empregado da companhia do gás e preenchia o seu tempo de ócio em receber as rendas das propriedades de Ned na Varrell Street.

Além disso era tesoureiro da comissão fabriqueira de S. Domingos.

Nunca contrariava alguém, porque nem sequer sabia discutir, nem jamais tinha uma idéia que pudesse considerar-se rigorosamente sua. Gostava, porém, de escutar, de ouvir os que tinham alguma coisa a dizer. Quando Ned fez a distribuição dos charutos de seis pence com uma ligeira ponta de vaidade, ele perguntou-lhe:

- Não discursa esta noite, Ned?

Pelo tom da sua voz parecia querer significar que se Ned não discursasse o mundo se transformaria num desolado e triste deserto.

- Ah, ainda não sei! - disse Ned modestamente mastigando a ponta do seu charuto.

- Decida-se! Faça-o agora, Ned!

- Ninguém está interessado nisso...

- Oh, não, Ned... Desculpe-me... Muito pelo contrário...

- Parece-lhe então que eu devo dizer qualquer coisa?

- Sim, Ned. Nós fazemos questão. Você pode e deve, sim! - disse Gilfoyle com solenidade.

- Quer dizer... Que me forcem?

- Absolutamente, Ned..., nem podia ser de outra maneira.

Encantado, Ned fez o charuto rolar nos seus lábios, de um lado para o outro, num trejeito muito peculiar.

- De fato, Tad - disse, piscando o olho significativamente -, de fato tenho uma comunicação a fazer... Uma importante comunicação. Fá-la-ei mais tarde atendendo à sua insistência... Falarei a seu tempo...

Encorajados por Polly, as crianças organizaram, numa espécie de intróito ao grande acontecimento, os

jogos tradicionais da véspera do dia de Todos-os-Santos, como o jogo das passas 1, no grande prato chinês, cheio de álcool a arder, e o das maçãs, que consistia em picar com um garfo preso nos dentes maçãs que flutuavam num grande vaso cheio de água. As dificuldades a vencer provocavam contínuas gargalhadas das crianças, pois, ao contato dos garfos, as maçãs submergiam-se na água, não oferecendo a resistência necessária para se deixarem penetrar pelo garfo. Às sete e meia chegaram os gowks, trabalhadores da vizinhança, com as caras mascarradas e vestidos de maneira grotesca, que andavam numa espécie de Carnaval pelas ruas cantando aqui e ali para obter algumas moedas, de acordo com a estranha tradição da véspera do dia de Todos-os-Santos. Eles conheciam as canções favoritas de Ned. Cantaram Dear Little Shamrock, Kathleen Marvoureen e Maggie Murphy's Home, as velhas e embaladoras melodias irlandesas.

Ned mostrou-se pródigo. Os cantores saíram com grande ruído de agradecimentos e de vivas.

- Bons rapazes! Todos eles bons rapazes! - dizia Ned, esfregando as mãos de contente, com os olhos ainda úmidos de emoção. - Agora vamos para a mesa! Vamos com isso, Polly! Os nossos amigos devem pensar que vieram aqui para morrer de fome.

Os convivas instalaram-se, o padre Clancy rendeu graças e Maggie Magoon entrou vergada ao peso do maior ganso de Tynecastle, assado, numa enorme travessa. Francis nunca comera de um ganso como aquele. A sua carne quase se dissolvia na língua em sabores requintados. O sangue de Francis circulava mais fluido pela corrida ao ar livre e ele experimentava uma misteriosa alegria íntima. De quando em quando os seus olhos encontravam-se com os de Nora, sentada no lado oposto da mesa, e o mútuo entendimento era completo.

O milagre desse dia de felicidade e o laço secreto que os unia era quase doloroso para Francis.

Quando o festim terminou, Ned levantou-se vagarosamente, no meio de aplausos gerais, e assumiu uma atitude oratória, com o polegar metido no colete, cheio de gravidade e de emoção. Estava ridiculamente emocionado.

1. Este jogo, conhecido entre os escoceses pelo nome de snap-dragon, consiste em atirarem-se passas para uma vasilha com álcool inflamado, para os circunstantes as apanharem com tal destreza que não se queimem.

«Senhor abade, minhas senhoras e meus senhores. Muito obrigado a todos. Sou um homem que não sabe exprimir-se.» Tadeu protestou.

«Digo no entanto o que penso e penso o que digo!

Uma curta pausa enquanto Ned procurava readquirir confiança.

«Gosto de ver os meus amigos felizes e contentes em torno de mim. A boa companhia e a boa cerveja nunca fizeram mal a alguém. Interrupção causada pela entrada de Scanty Magoon, que

se havia introduzido com os cantores e conseguira ficar.

«Assim é que é, senhor Bannon! Assim é que se fala! Deus ;

o abençoe!Ned continuava imperturbável - todos os grandes homens.:

têm os seus sicofantas.

«Como ia dizendo, quando o marido da senhora Maggie Magoon me atirou um tijolo... (Risos)... gosto de sociedade Estou convencido de que todos e todas, em geral e particular, estamos encantados por acolher no nosso seio o filho do irmão de minha pobre mulher e lhe dar as boas-vindas.» Muitos aplausos e a voz de Polly:

«Agradece, Francis!

«Não quero historiar. O passado deve ser enterrado, é o que penso. Mas sei dizer o que quero e

por isso digo: olhem para ele agora, comparem-no com o estado em que veio!

Aplausos e a voz de Scanty:

«Maggie, pelo amor de Deus, dá-me mais um bocado desse ganso?» «Não quero fazer o meu próprio elogio, mas procuro andar bem com Deus, os homens e os animais. Vejam os meus cães se não acreditam no que eu digo!» Ouviu-se a voz de Gilfoyle:

«São os melhores galgos de Tynecastle!» Uma longa pausa se seguiu porque Ned esforçava-se por reatar o fio do discurso.

«Onde estava eu?» «Francis», lembrou Polly prontamente.

«Ah, sim!» (e Ned levantou a voz). «Quando Francis chegou, disse a mim mesmo: aqui está um rapaz que me vai ser útil. Então eu ia pô-lo atrás do balcão do bar para ele ganhar o seu sustento? Não, por Deus, com o devido respeito por Sua Reverendíssima, não pensamos mais nisso quando vimos o rapaz tão maltratado. Tão jovem, tão franzino, tão débil era o órfão do irmão da minha pobre defunta que eu achei que devia ter um futuro melhor. Então disse: «Mandemo-lo para um colégio, vamos tratar disso.» Ned fez uma pausa.

«Vossa Reverendíssima, minhas senhoras e meus senhores, tenho o prazer de anunciar-lhes que Francis começará os seus estudos no próximo mês. Partirá para Holywell!» Ao terminar com essas palavras a sua peroração, Ned sentou-se, suando por todos os poros, entre os aplausos gerais.

Conquanto a sombra dos olmeiros se alongasse sobre as relvas aparadas de Holywell, a noite perfumada de Junho estava tão clara como se fosse pleno dia. A escuridão viria mais tarde, tão próxima do alvorecer que a aurora boreal não brilharia mais que um instante no firmamento alto e pálido. Francis estava sentado junto da janela aberta da pequena sala de estudo que partilhava com Laurence Hudson e Anselmo Mealey desde que estudava Filosofia. Não podia concentrar-se no estudo do seu caderno de exercícios com os olhos semicerrados e um sentido pungente da fragilidade da beleza ao olhar a vista magnífica que se estendia à sua frente. Da sua elevada situação - a sala ficava na parte mais alta do edifício - podia ver toda a escola, uma nobre mansão baronial, de granito cinzento, construída por Sir Archibald Frazer em 1609 e, por doação, convertida naquele século em colégio católico.

A capela, do mesmo estilo austero, erguia-se do lado direito, ligada por um claustro à biblioteca, por

trás da qual se estendiam os campos de desporto e recreio e, mais longe, as pastagens cheias de gado que iam até às margens do rio Stinchar.

Na linha extrema do horizonte via-se a silhueta escura e dentada das montanhas Grampians.

Involuntariamente, Francis suspirou. Parecia ter sido ontem o seu desembarque em Dune, pequena e desabrigada estação, desconfiado, arisco, sem confiança em si próprio, lançado no desconhecido. Depois a sua primeira entrevista, cheio de medo, com o diretor, o padre Hafish Mac Nabb, as suas perguntas inesperadas, em tom agressivo:

- Bem, meu rapaz... Que sabes fazer?

- Eu... nada, senhor superior.

- Nada! Sabes dançar, ao menos, as danças escocesas?

- Não, senhor superior...

- Como? Com um grande nome como o de Chisholm?

- Sinto muito, senhor superior.

- Hum! Não há muita coisa a tirar de ti, hem, meu rapaz?

- Não, senhor superior... Exceto, isto é... - disse a tremer - . eu talvez saiba pescar...

- Talvez, hem? - e esboçou um sorriso irônico. - Nesse caso podemos ser amigos. - O sorriso acentuou-

se. - Os clãs dos Chisholms e dos Mac Nabbs já pescavam e se batiam juntos antes que tu e eu fôssemos nascidos... Então vai-te embora antes que eu te dê com um ponteiro...

E agora, decorridos seis meses, deixaria Holywell. Novamente o seu olhar incidiu nos pequenos grupos dos seus camaradas que passeavam, acima e abaixo, nas áreas, cobertas de saibro, à volta do lago. Era um costume do seminário.

Muitos deles iriam dali para o Seminário de San Morales, em Espanha.

Reconhecia, a distância, os seus companheiros de quarto:

Anselmo, exuberante como sempre, com um braço enlaçava ternamente um dos seus camaradas e com o outro gesticulava, mas discretamente, como convinha a um laureado do prêmio escolar Frazer, de boa camaradagem. Atrás deles, rodeado pela sua coterie, vinha o padre Tarrant, alto, magro, moreno, a um tempo com ar veemente e sardônico.

À vista deste sacerdote, ainda jovem, a fisionomia de Francis contraiu-se subitamente. Considerou o caderno de exercícios aberto diante dele, sobre o parapeito da janela, com um certo desgosto, tomou a pena e começou, depois de breve pausa, a executar o seu trabalho. A sua concentração

na tarefa não lhe alterou o rosto ou transmutou a expressão serena dos seus olhos. Agora, com dezoito anos, o seu corpo tinha uma leveza graciosa. Uma luz doce realçava absurdamente o seu encanto físico, um ar cândido e tocante que muitas vezes lhe causava um sentimento de profunda humilhação.

14 de Junho de 1887 - Hoje ocorreu um incidente tão cômico e tão estranho que, para me vingar deste detestável jornal e do padre Tarrant, vou narrá-lo neste diário. Eu não devia desperdiçar esta hora antes das vésperas - porque daqui a pouco virá Anselmo convidar-me para jogar à bola .- e bastaria talvez escrever: «Quinta-feira. Lindo dia. Memorável aventura com Mac Nabb» sem mais nada, deixando este brutal diário de parte. Mas até mesmo o nosso incisivo prefeito dos estudos reconhece a virtude da minha raça - a consciência: «Chisholm, aconselho-te a ter um diário! Não para o publicar», disse em tom satírico, «mas como um exame de consciência. Tu sofres, Chisholm, de uma espécie de obstinação espiritual. Mas dares-te conta do que produz mais reação no teu íntimo... dar vazão aos teus sentimentos...

se tiveres ânimo... "poderá talvez modificar-te".

«Se tiveres ânimo!» Corei e irritei-me como um idiota e respondi-lhe, de modo pouco delicado:

«Pensa que eu não tenho coragem de fazer o que me aconselhou, padre Tarrant?» Ele limitou-se a encarar-me, com os braços cruzados e as mãos enfiadas nas mangas, e a franzir o nariz de maneira peculiar, num desdenhoso comentário mudo. Procurava, sem dúvida, dominar a impressão de antipatia que sempre teve por mim. Tive então uma aguda consciência da sua dura couraça, da disciplina de ferro que impõe a si próprio. Depois disse vagamente: «É a isso que chamo desobediência mental...» e afastou-se.

Exagerarei a minha importância supondo que ele pretende modelar-me à sua imagem? A maior parte dos meus camaradas ter-se-ia submetido. Desde que cá chegou, há dois anos, tem sido objeto de um culto silencioso de que Anselmo é o diácono. Talvez ele não consiga esquecer uma ocasião em que, num dos seus cursos sobre uma «religião única, verdadeira e apostólica», eu exclamei subitamente: «A crença é a tal ponto um acidente de nascimento que Deus não pode dar ao fato uma importância tão exclusiva.» Mudo de espanto, permaneceu imóvel um momento, mas reagiu, frio como o gelo.

«Que admirável herege terias dado, meu caro Chisholm!

Ao menos tínhamos um pensamento comum: o de que eu não tinha vocação sacerdotal.

Creio que estou a escrever de maneira muito pretensiosa para um rapaz de dezoito anos. Talvez possa chamar-se a isso a «afetação da juventude». Mas... estou atormentado por muitas razões. Primeiro, estou terrivelmente preocupado a respeito de Tynecastle. É inevitável a perda de contacto quando a permanência de alguém no lar se limita a quatro breves semanas de férias de Verão. As curtas férias anuais que o rigor de Holywell nos concede devem servir aos propósitos de manter firmes as nossas vocações, mas também de dar livre curso à imaginação. Ned nunca me escreve. A sua correspondência durante os meus três anos de estudos em Holywell tem-se limitado a imprevistos e extravagantes presentes de guloseimas, como, por exemplo, o enorme saco de nozes que me enviou no primeiro Inverno e o cacho de bananas da última Primavera, do qual três quartos, muito maduras, causaram nos padres e nos laicos desarranjos intestinais que comprometeram a sua dignidade.

Mas o silêncio de Ned é mais animador para mim do que as cartas de tia Polly, que me tornam tão apreensivo. Os seus característicos mexericos sobre os acontecimentos da paróquia foram gradualmente

sendo substituídos por uma lista de observações meteorológicas. E essa transformação foi brusca! Nora, por sua vez, também não me tem auxiliado.

Ela é das que se desembaraçam das suas obrigações epistolares escrevendo duas linhas rápidas em postais uma vez por ano. Parece que já se passaram séculos desde que recebi o postal «Crepúsculo sobre as Docas de Scarborough» e duas cartas minhas não conseguiram que me enviasse o «Luar sobre a Baía de Whitley.» Querida Nora! Nunca me esquecerei do seu gesto de Eva no sótão das maçãs! Por sua causa é que aguardo com tanta ansiedade o período das próximas férias.

Iremos outra vez passear a Gosforth? Eu vi-a crescer contendo a minha respiração, segui a evolução do seu caráter - quero dizer, o complexo das suas contradições. Eu sei que ela é viva, tímida, sensível e alegre, um pouco estragada pelos mimos, cheia de inocência e de graça. Parece-me estar vendo o seu pequeno e atrevido rosto como iluminado de uma luz que lhe vem do interior ao entregar-se às suas extraordinárias imitações caricaturando a tia Polly... e eu. Em tudo é tão humana e viva, mesmo nas suas explosões de cólera, que fazem estremecer os seus delicados nervos e terminam por grandes crises de choro. Eu sei quanto, a despeito de tudo, é generosa e

impulsiva a sua natureza, obrigando-a a precipitar-se, coberta de vergonha, para junto daqueles a quem involuntariamente melindrou... para pedir-lhes perdão. Acordado, penso nela, na doce expressão do seu olhar, no suave e perturbador encanto do seu pescoço gracioso, nos seus pequenos e redondos seios...

Francis interrompeu-se e, ruborizado, riscou a última linha.

Em seguida, conscienciosamente, recomeçou:

Em segundo lugar estou egoisticamente interessado no meu próprio futuro. Recebi uma educação - nisso o padre Tarrant está de acordo comigo - que ultrapassa a minha condição social. Não permanecerei mais de seis meses em Holywell.

Devo voltar simplesmente para o balcão do bar de Ned?

Não posso continuar a ser um fardo para ele, ou, melhor, para a tia Polly, uma vez que recentemente descobri por acaso que as minhas mensalidades são pagas com os seus próprios recursos.

Maravilhosa criatura! As minhas aspirações são tão confusas! A minha ternura pela tia Polly e a minha profunda gratidão pelo que ela tem feito por mim impõem-me o dever de a recompensar. O seu desejo mais ardente era ver-me padre.

Além disso, aqui, onde a maior parte dos estudantes - e entre eles muitos nossos amigos - estão destinados ao sacerdócio, é difícil fugir ao mesmo destino, a que nos conduzem fortes impulsos de simpatia e solidariedade. Todos têm o desejo de se juntar na mesma linha. Ao contrário do que pensa o padre Tarrant, o padre Mac Nabb supõe que eu possa ser um bom sacerdote. Sinto-o na sua maneira de tratar-me, nos seus discretos e amigáveis encorajamentos, na sua paciência quase sobre-humana. Com a prática de diretor deste colégio, ele deve saber alguma coisa a respeito de vocações sacerdotais.

Reconheço que sou impetuoso e de temperamento exaltado.

Criado numa atmosfera mista de duas religiões, sinto em mim traços de cisma. Não posso pretender assemelhar-me a uma dessas juventudes consagradas - a biblioteca do colégio está cheia delas - cujos lábios murmuram preces desde a infância, habituam-se cedo a retiros espirituais e docemente repelem as raparigas que os assediam nas feiras das aldeias: «Deixem-me em paz, Teresa e Anabela, não nasci para isso.» No entanto como descrever os momentos de graça que me assaltam subitamente quando caminho sozinho pela estrada solitária da Duna ou quando, acordado,

me encontro na obscuridade do meu quarto? Tenho conhecido estranhas revelações e iluminações. Não se trata daquele êxtase sentimental que detesto - por exemplo porque me dá vontade de vomitar quando vejo o mestre dos noviços em atitude de êxtase místico? - mas de um sentimento de consolação, de esperança.

Aflige-me passar ao papel todas estas coisas embora as escreva não para os outros, mas exclusivamente para mim mesmo.

Os ardentes sentimentos que experimentamos gelam quando transportados para o papel.

Contudo, devo prosseguir, para fixar nestas linhas o sentimento profundo de que pertenço inelutavelmente a Deus, sentimento que me inspira, nas trevas, a inquebrantável convicção de que, no movimento medido, sistemático ou plausível do Universo, o homem não surge do nada nem nele desaparece.

E então, curiosamente, sinto a influência de Daniel Glennie, o querido e louco Dan, sinto sobre mim o seu olhar carregado de um amor que não era deste mundo.

Que Satanás me leve! Tarrant tem razão. Eis-me a permitir que o meu coração extravase tudo quanto nele está represado.

Se penso e sinto como um desses jovens «consagrados», porque não me aventuro a fazer alguma coisa por Deus atacando a grande massa de indiferentes, de desdenhosos materialistas do mundo de hoje? Porque não serei padre? Pois bem! Sejamos francos. Há um obstáculo, que é Nora. A intensidade do meu sentimento por ela enche o meu coração.

A sua visão, luminosa e doce, está sempre presente no meu espírito até quando oro a Nossa Senhora na igreja. Querida, querida Nora! És tu a única razão pela qual não adquiri ainda a minha passagem no celestial expresso para San Moràles!

Parou de escrever e, com a testa franzida mas um sorriso nos lábios, deixou que o olhar se perdesse na distância! Com algum esforço, prosseguiu:

Devo dizer alguma coisa sobre a manhã de hoje e o padre Mac Nabb. Hoje, dia santo de guarda, tive algumas horas livres. Quando levava uma carta para deitar no correio encontrei o nosso superior, que vinha do Stinchar com a sua cana e sem peixe. Parou e trocou umas palavras comigo, vermelho e suarento, a respeito da caminhada pouco proveitosa que havia feito. Gosto imenso de Mac Nabb e creio que ele também tem por mim alguma afeição; talvez a explicação esteja no fato de termos afinidades por sermos ambos escoceses e pescadores... os únicos da

escola. Quando Lady Frazer doou ao colégio as suas propriedades que marginam o Stinchar, Mac Nabb pediu que lhe reservassem o rio para seu uso exclusivo. Conta-se uma história curiosa a respeito da sua paixão pela pesca - ele é louco por pescarias. Diz-se que uma manhã, em plena missa, celebrada por ele na capela do Castelo de Frazer, de que os padres de Hoywell estão encarregados, quando o seu amigo o presbítero Gillie passou a cabeça pela janela do oratório e disse, muito excitado: «Reverendo, os peixes são aos cardumes na baixa do Lochaber!» nunca missa alguma foi celebrada tão apressadamente. A congregação, bem como Sady Frazer, estavam estupefatas, estarrecidas com tanta pressa.

Depois, Mac Nabb, como impulsionado por uma mola, disparou pela sacristia: «Jock, Jock», perguntou, «que anzol é preciso levar?

Nessa manhã ele olhava-me desconsoladamente - «O peixe esconde-se. E eu, que gostaria de ter pescado ao menos um para os nossos "ilustres visitantes".

O bispo da diocese e o reitor do Seminário de San Morales, em vésperas de aposentar-se, eram esperados para almoçar em Holywell.

Eu asseverei-lhe que tinha visto um salmão na bacia do Gleve.

- Não há sombra de peixe hoje no rio... Nem um mísero cadoz. Tentei apanhar qualquer coisa desde as seis horas da manhã...

- Há um grande salmão...

- Puro delírio imaginativo!

- Eu vi-o ontem na barragem... Não estou a querer tentá-lo.

Mas se quisesse, eu...

À sombra das suas fartas sobranceiras lançou-me um olhar suspeito.

- Tu és um perverso demônio, Chisholm - disse-me ele.

- Se queres desperdiçar o teu tempo, tens a minha permissão...

Entregou-me a cana e afastou-se. Dirigi-me à bacia do Gleve, com o coração aos pulos, como sempre acontece quando ouço o ruído de água corrente. O anzol que eu ia empregar era perfeitamente adequado. Comecei a pescar. Tentei cerca de uma hora. Os salmões eram incrivelmente escassos nesse ano. Uma vez pensei ver no fundo das águas uma grande sombra escura, que se movia, mas não vinha peixe algum mor- der a isca. Começava já a impacientar-me quando, subitamente, ouvi uma

tosse discreta. Voltei-me e vi Mac Nabb. Estava vestido a rigor, com a sua melhor sotaina, luvas e o chapéu das grandes ocasiões. A caminho da estação, onde ia receber os seus ilustres hóspedes, passava por mim para me dar condolências pelo meu insucesso. - Não lhe disse, Chisholm? - troçou. - Esses salmões grandes são os piores de todos! - completou com um acento pesaroso.

Enquanto ele falava, fiz outro lanço com a linha, atirando-a a cerca de trinta metros de distância. O anzol submergiu-se precisamente no meio de um círculo de espuma. Um instante depois dei por um peixe fogado. Sentindo-se preso, fez a corrida a que os pescadores estão habituados mas que, apesar de tudo, nunca deixa de os emocionar. A cana quase se partiu com a violência do puxão. Mac Nabb gritou-me:

- Apanhaste um! Não o deixes escapar!

O lombo do salmão brilhou à tona da água. Dei um impulso à cana e o enorme peixe subiu a mais de um metro de altura.

Era, porém, muito pesado para as minhas forças. Quase caí ao rio, mas a reação de Mac Nabb foi magnífica. Sentia-lhe a respiração ofegante, junto de mim, denunciando o seu estado emotivo. «Em nome do Céu», murmurou ele respeitosamente.

Era o maior salmão que eu já havia visto, aqui, no Stinchar, ou nas pescarias de meu pai, em Tweedside.

- Mantém-lhe a cabeça fora da água. Não é preciso puxá-lo todo já para fora! - gritou Mac Nabb. - É melhor cansá-lo primeiro.

Fiz o melhor que me foi possível. Agora o salmão estava sob o meu domínio. Deixei-o ir rio abaixo, não tendo pressa de o retirar da água. Mac Nabb seguiu-me. O Stinchar em Holywell não é como o Tweed. Corre, escuro, entre pinheiros e gargantas, às vezes alcantiladas, em saltos, comprimido entre as margens altas e estreitas, rolando sobre um leito pedregoso.

Ao fim de dez minutos Mac Nabb e eu havíamos caminhado quase uma milha rio abaixo e, cansados, ofegantes, tínhamos contudo, uma alegria: o peixe continuava preso à linha. «Encurta a linha», recomendou-me Mac, «estás louco se o deixas entrar no redemoinho!» O enorme peixe já havia mergulhado profundamente no precipício enredando a linha numa massa de troncos e raízes meio submersos. «Deixa-lo fugir!» Mac Nabb saltava de excitação. «Dá-lhe linha enquanto eu lhe atiro uma pedra.».

Afogueado, quase sem poder respirar, começou a atirar pedras ao peixe procurando, porém, fazê-lo com precaução para não quebrar a linha. Esse jogo angustiante continuou por um certo tempo. Depois o peixe desentocou-se e, com um ruído na água e um silvo do molinete, continuou a nadar rio abaixo e nós atrás dele. Uma hora mais tarde, na larga planície onde o rio se alarga e espraia, em frente da aldeia, o salmão deu mostras de derrota. Exausto, arquejante, emocionado por uma multidão de sensações desconstruídas em que o peixe parecia escapar-se, Mac fez as últimas recomendações:

«Agora arrasta-o para terra! Puxa-o para o banco de areia!

Não temos arpão e se ele for mais longe acaba por se escapar»!

A minha boca estava seca. Nervosamente, encurtei a linha. O peixe vinha ao princípio sem resistência, mas, de repente, deu a arrancada frenética no último esforço para libertar-se.

Mac deixou escapar um suspiro. «Devagarzinho, devagarzinho!

Se o deixas fugir agora nunca te perdoarei!» À medida que o distinguíamos melhor o peixe parecia incrível.

A linha estava a ponto de rebentar, meia desfiada no sítio em que o salmão várias vezes a abocanhara. Puxei-o suavemente para a areia, sem que oferecesse resistência nenhuma, inteiramente vencido. Num silêncio total Mac curvou-se, mergulhou a mão nas guelras do monstruoso peixe e, depois de o sopesar, deitou-o sobre a relva.

Era consolador vê-lo, sobre a relva verde, aquele peixe, que devia pesar, pelo menos, uns vinte quilos.

«É um record!», gritava Mac, encantado, suando por todos os poros, enquanto eu me sentia invadido por uma onda de pura alegria.

Demos as mãos e dançamos à roda, numa espécie de fandango.

«Vinte e cinco quilos, se não tiver trinta... Ficaré inscrito na história das pescarias. Meu rapaz», e Mac abraçava-me exclamando: «Tu, Chisholm, és um belo pescador! Sim, senhor!

Um belo pescador!» Nesse momento, da linha do caminho de ferro, do outro lado do rio, chegou-nos o silvo longínquo de uma locomotiva. Mac estacou, olhou com espanto o penacho de fumo que se via ao longe e o sinal vermelho e branco que subitamente apareceu na estação de Duna, e regressou a realidade. Um pensamento aflitivo levou-o a tirar o relógio do bolso.

«Deus do Céu, Chisholm!», disse agora já no tom de Holywell, «é o comboio do bispo!

O dilema era claro: dentro de cinco minutos devia saudar os ilustres hóspedes e ser-lhe-ia necessário dar uma volta de oito quilômetros, para alcançar a estação, pela estrada e a ponte que a servia. E a estação estava, contudo, bem perto dele, do outro lado do rio, bastando cruzá-lo e atravessar os dois campos fronteiros. Durou pouco o seu embaraço. Tomou, depois de um momento de reflexão, uma atitude decidida.

«Leva o peixe, Chisholm, e diz que o preparem para o almoço.

Despacha-te. E lembra-te da mulher de Lot e da estátua de sal. Aconteça o que acontecer, não olhes para trás!

Mas a curiosidade foi mais forte que eu. Chegado à primeira curva do rio, por trás de um bosque, arrisquei-me a ser transformado numa estátua de sal. O padre Mac havia-se despido, dobrado as roupas e pusera a trouxa à cabeça. Inteiramente nu, entrou no rio e, ladeando-o aqui, nadando acolá, atravessou-o, vestiu-se novamente a toda a pressa e lançou-se em correria ao encontro do comboio. Eu permaneci sentado na relva por alguns momentos, numa espécie de êxtase. Não era

simplesmente por causa da sua figura - que nunca mais esqueceria -, inteiramente nua e com a trouxa da roupa à cabeça, mas pelo significado moral que eu encontrava no episódio. E pensei: "Ele também deve detestar a nossa modéstia piedosa e o nosso pudor religioso, que estremece à idéia da carne humana e oculta as mulheres da cabeça aos pés como se as suas formas fossem vergonhosas".

Um ruído junto da porta fez com que Francis erguesse a pena do papel e parasse de escrever. A porta abriu-se. Hudson e Anselmo Mealey entraram. Hudson, um jovem moreno e silencioso, sentou-se para mudar de sapatos. Anselmo trazia nas mãos a correspondência da tarde.

- Carta para ti, Francis - disse ele afetuosamente.

Mealey crescera e tornara-se um belo rapaz louro e rosado, atestado vivo de uma excelente saúde. O seu olhar era doce e límpido e o seu sorriso franco e comunicativo. Permanentemente apressado, ativo, mas sempre sorridente, era, sem dúvida, o estudante mais popular do colégio. Conquanto não fosse brilhante nem a suas provas se revestissem de um valor excepcional, contava grandes simpatias nos professores e o seu nome via-se sempre entre os primeiros na distribuição de prêmios. Distinguia-se em todos os jogos não violentos, especialmente no

tênis, e tinha verdadeiro gênio diplomático e de organização. Era secretário de meia dúzia de clubes, desde o dos filatelistas ao dos filósofos. Conhecia e gostava de empregar com freqüência certas palavras como «quorum», «ordem do dia», «processo verbal» e «senhor presidente».

Sempre que se falava em fundar uma nova sociedade, a opinião de Anselmo era invocada e ele, automaticamente, era nomeado presidente. Elogiava a vida sacerdotal em termos líricos. A sua cruz era que, por uma singular contradição, por um desses paradoxos inexplicáveis, o diretor e mais alguns poucos indivíduos isolados detestavam-no cordialmente.

Para os outros era um herói, que se limitava a aceitar modestamente os seus próprios êxitos. Estendendo a carta a Francis, acompanhava o gesto com um desses sorrisos cordiais que desarmam.

- Espero que venha cheia de boas notícias, meu velho!

Francis rasgou o sobrescrito. Sem data, as linhas estavam garatujadas num papel de fatura encimado por: «Deve a Edward Bannon - Tabern Union - Tynecastle»:

Querido Francis:

Espero que esta te encontre tão bem como me deixou. Desculpa-me escrever-te a lápis. Estamos muito aborrecidos. Lamento imenso dizer-te, Francis, que não poderás vir passar conosco as próximas férias. Ninguém mais sente e mais se confrange do que eu, que não te vejo desde o Verão passado.

Mas, acredita-me, é impossível, e devemos submeter-nos à vontade de Deus. Eu sei que és obstinado, mas desta vez é preciso renunciar, que a Virgem Santa seja testemunha. Não quero ocultar-te que temos tido aborrecimentos, mas não se trata de coisa que possas resolver ou atenuar. Não é questão de dinheiro ou de doença, não te dê isso cuidado. Com a ajuda de Deus há de passar e ficar esquecido. Podes combinar as coisas de maneira a passar as férias no colégio. Ned pagará todos os extraordinários. Terás aí os teus livros e a encantadora beleza desses sítios. Talvez seja possível que venhas passar o Natal conosco; por isso não desanimes. Ned vendeu os seus galgos, mas não foi por a questão de dinheiro. O senhor Gilfoyle tem sido incansável de dedicação por todos nós. Também não perderás grande coisa, porque o tempo está terrível e tem chovido muito. Então, Francis, compreendes que temos hóspedes em casa e que de nenhum quarto

podemos dispor, de modo que não podes vir. Deus te abençoe, meu rapaz, e desculpa a pressa.

Muito afetuosamente, tua tia POLLY.

Junto da janela, Francis leu a carta duas vezes. O seu propósito era bem claro e evidente, mas a sua significação permanecia misteriosa, perturbadora e inescrutável. Com um olhar preocupado dobrou a folha do papel e enfiou-a no bolso.

- Nada de mau, espero... - disse Mealey, observando a fisionomia de Francis com solicitude e curiosidade.

Francis, constrangido, não encontrou que dizer.

- Desolado, meu caro colega -- disse Anselmo avançando e pondo-lhe um braço sobre o ombro, para o confortar.

- Se para alguma coisa forem precisos os meus préstimos, dispõe de mim. Não te sentes disposto para jogar esta tarde?

- Não - balbuciou Francis. - De fato não me sinto com disposição.

- Está bem, meu caro Francis! - disse Anselmo, enquanto os sinos tocavam vésperas. - Com certeza que há qualquer coisa que te preocupa. Eu pedirei por ti esta noite nas minhas orações.

Durante as vésperas, Francis esteve todo o tempo atormentado por causa da incompreensível

carta da tia Polly. Quando o serviço religioso terminou teve um súbito desejo de contar as suas dificuldades a Mac. Subiu vagarosamente a larga escada. Quando entrou na sala foi com aborrecimento que viu que o diretor não estava só. O padre Tarrant estava junto dele, com um maço de papéis na mão. Pelo estranho silêncio que a sua presença provocou, Francis teve a impressão de que os dois homens haviam estado a falar dele.

- Desculpe-me, senhor - disse, dirigindo um olhar embaraçado a Mac. - Não sabia que não estava só...

- Não faz mal, Chisholm. Senta-te.

A cordialidade expressa no tom de voz com que foram ditas essas palavras fez com que Francis, que já se encaminhava para a porta, voltasse e se sentasse numa cadeira ao lado da mesa. Com lentos movimentos dos seus dedos curtos e grossos, Mac atulhava de tabaco picado o seu velho cachimbo de urze.

- Bem... que queres tu, meu rapaz?

- Eu... eu preferia falar-lhe em particular... - disse Francis, ruborizado.

Por qualquer razão, o diretor evitava o seu olhar suplicante.

- Mas importas-te que o padre Tarrant fique? De que se trata?

Não havia possibilidade de fuga. Incapaz de inventar qualquer desculpa, Francis abordou o assunto, constrangidamente:

- É a respeito de uma carta... uma carta que recebi de casa...

Tinha querido mostrar a carta da tia Polly, mas na presença do padre Tarrant o seu orgulho não lhe permitia.

- Por qualquer motivo desconhecido não querem que eu vá passar as férias a casa.

Enganar-se-ia ou teriam trocado um olhar de inteligência?

- Deve ter sido um desapontamento para ti.

- Imenso. Estou muito contrariado e sobretudo inquieto.

Estive a imaginar... e vim pedir-lhe o seu conselho.

Silêncio. O padre Mac Nabb embrulhou-se mais na sua capa velha e afadigou-se ainda mais com o seu cachimbo. Tinha conhecido muitos jovens por fora e por dentro. Mas neste havia uma delicadeza de sentimentos, uma pureza e uma honestidade, uma beleza de alma que o tocavam até ao fundo do seu coração.

A sua voz tornou-se mais grave e mais cheia de compreensão.

- Todos temos os nossos desapontamentos, os nossos desgostos, as nossas contrariedades, Francis. O padre Tarrant e eu estamos hoje também muito preocupados. As aposentações estão a ser muito freqüentes no nosso seminário de Espanha.

Calou-se por um momento.

- Fomos nomeados para lá, eu como reitor e o padre Tarrant como diretor dos estudos.

Francis balbuciou uma vaga resposta. San Morales representava, na verdade, um posto acima, um progresso nítido, e o degrau seguinte seria um bispado. Mas, qualquer que fosse a reação do padre Tarrant - Francis dirigiu um rápido olhar ao seu perfil inexpressivo -, Mac Nabb não se entusiasmava.

As áridas planícies aragonesas seriam sempre antipáticas para este homem, que amava árvores verdejantes, que adorava o ruído das águas correntes, que tinha Holywell na sua alma. Mac Nabb sorriu suavemente.

- O meu maior desejo seria ficar aqui... e tu gostarias de abandonar isto? Que dizes? Não nos devemos inclinar perante a vontade do Senhor?

Francis, no meio da sua confusão, esforçou-se por encontrar uma frase adequada:

- É que eu fiquei num tal estado de preocupação, de cuidado...

Pensei se seria possível descobrir a razão, desta atitude e procurar ajudá-los...

- Duvido de que seja eficiente qualquer propósito de ajuda - disse o padre Mac Nabb rapidamente. - Qual é a sua opinião, padre Tarrant?

O jovem professor respondeu:

- Segundo a minha experiência, as dificuldades resolvem-se por si mesmas, sem intervenções estranhas.

Depois disso nada mais havia a dizer. O diretor acendeu o candeeiro da secretária que, ao iluminar a sala escura, parecia pôr termo à entrevista. Francis levantou-se. Embora em presença de ambos os padres, foi a Mac Nabb que se dirigiu do fundo do seu coração:

- Não posso exprimir quanto lamento a sua partida para Espanha. O colégio... eu... eu vou sentir muito a sua falta...

- Quem nos diz que não nos encontraremos lá?

O tom da sua voz exprimia uma esperança, uma verdadeira afeição.

Francis não respondeu. Enquanto que, de pé e indeciso, não sabia como manifestar a sua ansiedade,

o seu olhar fixara-se numa carta que se encontrava aberta sobre a secretária.

Não era o que nela estava escrito - que à distância não se distinguia - o que lhe chamara a atenção, mas o cabeçalho, impresso a tinta azul, que não passara despercebido aos seus olhos. Rapidamente desviou o olhar, para não parecer curioso e impertinente, mas teve tempo de ler: «Presbitério de S. Domingos Tynecastle.» Um estremecimento perpassou-lhe pelo corpo. Alguma coisa de grave se passava. Agora estava certo disso. Aquela carta, vinda de Tynecastle - dizia-lhe um pensamento íntimo -, devia ter qualquer relação com a da tia Polly. Nenhum dos dois professores se inteirou da sua descoberta, mas, enquanto se dirigia para a porta, levava consigo essa certeza.

O comboio chegou às duas horas. Aquele calor de Junho era pesado. Com a sua mala na mão, Francis caminhou apressadamente, com o coração batendo mais forte à medida que se aproximava do bairro da cidade que lhe era familiar. Uma estranha tranqüilidade envolvia a taberna. Para surpreender a tia Polly subiu rapidamente a escada lateral e entrou em casa. Aí também reinava a mesma tranqüilidade estranha, o mesmo silêncio obstinado. O soalho estava coberto de pó.

Ninguém no vestíbulo, nem na cozinha. Só se ouvia o tique-taque monótono do relógio. Dirigiu-se para a sala.

Ned estava sentado à mesa, com os cotovelos sobre a toalha rústica, com o olhar vazio aparentemente fitando a branca parede do lado oposto. Não somente pela atitude, mas pela transformação de todo o seu aspecto, Francis não pôde deixar de soltar uma exclamação de espanto. Ned havia perdido pelo menos vinte quilos de peso. O seu fato caía-lhe ao redor do corpo com desalinho e a sua cara, outrora rubicunda, era agora sombria e cadavérica.

- Ned! - gritou Francis estendendo-lhe a mão.

Depois de uma pausa Ned voltou-se lentamente e um clarão de inteligência atravessou o véu de abstração em que estava mergulhado.

- Oh, és tu, Francis? - perguntou, com um sorriso constrangido, evasivo. - Não tinha a menor idéia de que te esperavam.

- Realmente ninguém me espera, Ned... - disse Francis, esforçando-se por sorrir e disfarçar a sua ansiedade - Mas... não me pude conter... Onde está a tia Polly?

- Não está cá... Ausentou-se sim, por uns dias... Foi para Whitley Bay. - Quando voltará?

- Não sei bem... Talvez amanhã.

- E onde está Nora?

- Nora! - e o tom de voz de Ned não tinha expressão.

- Ela também está para fora, com a tia Polly...

- Ah, compreendo - disse Francis, um tanto aliviado.

- Foi então por isso que ela não respondeu ao meu telegrama.

. Mas, Ned... sente-se bem?

- Oh, isto vai indo, Francis... Um pouco cansado... mas as pessoas como eu não adoecem... Não há razão para sustos...

O seu peito arfou de maneira grotesca. Francis sentiu-se espantado ao ver as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

- Vai comer qualquer coisa - acrescentou Ned. - Deve haver muita comida na copa, ou pede a Tad. Ele está lá em baixo, no bar, e dar-te-á o que quiseres. Tem-nos sido de grande ajuda, Tad.

O seu olhar vagueou pela sala, desnorteado, e por fim fixou-se novamente na parede do lado oposto.

Abismado, em indescritível estado de confusão, Francis voltou-se e levou a mala para o seu pequeno quarto. Ao passar, no corredor, pela porta do quarto

de Nora, encontrou-a aberta; o aspecto do quarto branco, bem arrumado, perturbou-o obrigando-o a desviar a vista e a descer apressadamente a escada.

A grande sala estava deserta. Até mesmo Scanty desaparecera. O seu lugar habitual lá estava, vazio, como um buraco aberto na sólida estrutura da parede. Como uma peça do bar, parecia ter-se integrado já nele. Por trás do balcão, em mangas de camisa, enxugando copos, estava Tadeu Gilfoyle, que manifestou surpresa quando Francis entrou. Tolhido pelo embaraço, tardou em oferecer-lhe a mão mole e úmida ao mesmo tempo que lhe dava as boas-vindas.

- Salve! - exclamou. - Ainda bem que veio matar saudades!

A confiança de Gilfoyle desagradou-lhe sobremaneira. Mas Francis, embora cada vez mais alarmado, afetou indiferença, dizendo-lhe, no tom mais natural possível:

- Que surpresa encontrá-lo aqui, Tad! Que aconteceu à companhia do gás?

- Deixei o emprego - respondeu Tad, muito calmo.

- Porquê? Para quê?

- Para ficar aqui... permanentemente.

Agarrou num copo, lançou-lhe um olhar profissional, soprou-o levemente e começou a esfregá-lo com a ponta do avental, para fazê-lo brilhar.

- Pediram-me que viesse tomar conta disto - acentuou Gilfoyle - e eu, francamente, já não estava interessado na companhia do gás!...

Francis, com os nervos tensos, tal a ansiedade de que estava possuído, não pôde dominar-se:

- Em nome de Deus, que significa tudo isto, Gilfoyle?

- «Senhor» Gilfoyle, se me permite, Francis! - retorquiu Tad em tom de censura. - Tenho pena de Ned. Preferia não ter vindo para aqui, que ele continuasse escorreito...

Mas ele já não é o mesmo. Duvido de que ele volte ainda a ser o que era outrora...

- Que lhe aconteceu? Fala como se ele estivesse louco!

- Foi o que aconteceu, Francis, foi o que aconteceu...

- titubeou Gilfoyle. - Mas agora, coitado, está a recuperar o juízo.

À espera da reação de Francis, percebeu que este o ia interromper, exasperado, com uma exclamação:

- Não me olhe dessa maneira, porque eu sou o único que tem procedido decentemente. Pergunte ao padre Fitzgerald, se me não acredita. Eu sei que você nunca me estimou. Você, nas férias, divertia-se à minha custa... Mas eu sempre tive as melhores intenções para consigo, Francis. É melhor entendermo-nos...

especialmente agora.

- Porque especialmente agora? - inquiriu Francis, com certa desconfiança.

- Oh, sim... Você ainda não sabe... - murmurou. Teve um sorriso horrível de ver. - Os banhos foram publicados pela primeira vez no domingo passado. Mas vou dizer-lhe.

Francis: Nora e eu vamos casar-nos!

A tia Polly e Nora regressaram na tarde do dia seguinte.

Francis, doente de apreensão e incapaz de arrancar todo o significado das enigmáticas palavras de Gilfoyle, esperava a chegada de ambas com uma impaciência de agonia. Procurou tomar a tia Polly de parte. Mas Polly, depois de passada a primeira surpresa e de ter exclamado: «Francis, tinha-te dito que não viesses», subira as escadas com Nora, surda às suas súplicas, repetindo maquinalmente: - Nora não está bem...

ela está doente, eu já disse... sai do meu caminho... tenho de a tratar.

Repelido, dirigira-se para o seu quarto, cheio de presságios sombrios, atormentado com a ignorância do que acontecera aos seus e que ainda representava, para ele, um mistério insolúvel.

Nora, que mal lhe dirigira um rápido olhar, fora imediatamente para a cama, e durante uma hora Francis ouviu os passos de Polly no corredor levando botijas de água quente e dirigindo súplicas em voz baixa a Nora, cercando-a de atenções desveladas. Nora, magra e pálida, tinha o ar de quem saiu de uma enfermaria. A tia Polly, estafada e inquieta, mais mal vestida que nunca, adquirira um novo tique - passava rápida e constantemente as mãos pela fronte. Pela noite dentro ele ainda ouvia o sussurro das suas preces. Torturado pelo enigma, Francis mordia os lábios e revolvía-se, entre os lençóis, incapaz de adormecer.

Na manhã seguinte, muito cedo, levantou-se e, como habitualmente, foi assistir à primeira missa. Ao voltar encontrou Nora sentada nos degraus da escada do quintal, aquecendo-se ao sol; a seus pés as galinhas depenicavam e cacarejavam.

Ela não se moveu do seu lugar para o deixar passar, ele parou por um momento e Nora levantou a cabeça para o olhar:

- Cá está o santinho... saiu cedo, para salvar a alma!

Ele corou ao ouvi-la, surpreso pelo tom da sua voz, tão frio e tão amargo.

- Foi o reverendo padre Fitzgerald quem oficiou?

- Não. Foi o coadjutor.

- O boi mocho do estábulo! Esse, enfim, ao menos é inofensivo...

Deixou descair a cabeça olhando vagamente as galinhas, com o rosto miúdo apoiado na magra mão. Embora ela tivesse sido sempre delgada, ele estava impressionado com a descoberta da sua extrema fragilidade quase infantil e que tão fortemente destoava da maturidade do seu olhar e do seu vestido cinzento, caro e severo, sem a garridice juvenil dos seus trajos de outrora. O seu coração desfalecia e o seu peito consumia-se num fogo vivo, numa dor insuportável. O sofrimento de Nora destroçava-lhe a alma. Ele hesitava, sem coragem para a olhar de frente. Perguntou-lhe:

- Já tomaste o café?

Teve um gesto afirmativo.

- A tia Polly forçou-me a isso - disse. - Meu Deus!

Se ao menos me deixasse em paz!

- Que vais fazer hoje?

- Nada.

Ele hesitou, depois, precipitadamente, propôs, com toda a sua ternura através da ansiedade do seu olhar.

- Vamos passear, Nora, como fazíamos antigamente. O dia está esplêndido!

Ela não se moveu, embora uma centelha de animação fulgurasse, como um pálido e fugaz lampejo, sobre o seu rosto descorado.

- Não tenho coragem para isso - disse ela, com voz triste.

- Estou muito fatigada!

- Oh, vem, Nora... Por favor...

Ela calava-se, apática.

- Está bem, se assim o queres...

O coração de Francis bateu dolorosamente. Precipitou-se para a cozinha e, nervosamente, à pressa, fez algumas sanduíches e cortou uma fatia de bolo, embrulhando tudo, desajeitadamente, num pequeno pacote mal atado. Não havia sinal de Polly e agora, na verdade, desejava evitá-la. Dez minutos mais tarde Nora e ele estavam sentados no

«elétrico» vermelho que atravessava a cidade. Uma hora depois seguiam silenciosos, lado a lado, no caminho de Gosforth. Ele admirava-se do singular impulso que o encaminhara para aqueles sítios familiares. As campinas banhadas de sol estavam lindas, mas no seu encanto ele encontrava qualquer coisa de estranho que o emocionava. Ao chegarem ao pomar de Lang, cujas árvores faziam lembrar nuvens brancas e rosadas, parou, tentando quebrar o pesado silêncio em que estavam mergulhados. - Ouve, Nora! Queres entrar? Vamos desejar os bons- -dias a Lang. Ela lançou um olhar ao pomar, às árvores dispostas em filas regulares, às macieiras floridas, e suplicou num tom amargo: - Não, não vou! Detesto este lugar! Ele não respondeu. Obscuramente compreendia que esta amargura nada tinha a ver com ele. Pela uma hora chegaram ao topo da colina onde se ergue o farol de Gosforth. Convencido de que ela estava cansada, e sem a consultar, parou sob uma alta faia, para o almoço. O dia estava excepcionalmente quente e claro. Na planície que se estendia lá em baixo brilhando à luz intensa do sol estendia-se a cidade, com os seus zimbórios e campanários de uma inefável beleza. Ela mal tocou nas sanduíches e ele, recordando-se de como a insistência de Polly lhe desagradava,

não teimou para que comesse. As folhas tenras e verdes da grande árvore projetavam arabescos sobre o musgo macio, coberto, aqui e ali, de frutos secos, sobre o qual se sentavam. O cheiro da seiva embalsamava o ar e o assobio de um melro vinha de um alto ramo da faia.

Depois de estar por alguns momentos recostada no tronco da árvore, Nora deixou pender a cabeça e cerrou os olhos cedendo ao cansaço. Esse abandono parecia, de certo modo, ser a maior marca de afeição que ela poderia prestar a Francis.

Ele contemplou-a com um súbito transporte de ternura, possuído de uma compaixão inexprimível ao fixar a linha esguia do seu pescoço, tão frágil e desprotegido. A sua ternura inspirou-lhe um violento desejo de a proteger. Quando a cabeça de Nora descaiu um pouco mais para a frente, supô-la adormecida e estendeu instintivamente o braço para a amparar.

Então ela levantou-se, saindo do seu torpor, e esmurrou-o repetidamente com os punhos fechados, no rosto e no peito, histérica e arquejante.

- Deixa-me tranqüila! Bruto! Estúpido!

- Nora! Nora! Que é isso?

Esbaforida, deu um passo atrás, a face trêmula, contraída, uma expressão de desprezo nos olhos.

- Não tentes tocar-me! Vocês são todos a mesma coisa!

Todos!

- Nora! - suplicou ele desesperadamente. - Por favor...

por piedade, explica-me a razão do que se passa...

- Explicar o quê?

- De tudo isso... Porque é que tu... sim, porque vais casar com Gilfoyle...

- E porque não devo casar com ele? - perguntou-lhe ela, com certa amargura, num movimento instintivo de defesa.

Os lábios de Francis estavam tão secos que ele mal podia articular as palavras.

- Mas, Nora, ele... ele é um pobre-diabo... Não serve para ti.

- É tão bom como qualquer outro. Eu não te disse já que vocês são todos a mesma coisa? Ao menos a ele poderei dominá-lo.

Confuso, pálido, ele olhava-a sem saber o que pensar. Perante o seu olhar incrédulo ela resolveu feri-lo ainda mais cruelmente.

- Talvez imaginasses que eu casaria contigo, meu beato, meu sacristão! Deixa-me rir! A tua devoção diverte-me. Oh, não sabes como és

engraçado... quando levantas os olhos para o Céu...
com essa cara de santo de pau carunchoso!

Serias o último homem do mundo com quem casaria!

Os sarcasmos sufocavam-na. Tremia tanto que ele não pôde reprimir as lágrimas que lhe saltavam dos olhos e os soluços que lhe agitavam o peito.

Então, soluçando perdidamente, lançou-se-lhe ao pescoço:

- Oh, Francis, querido Francis, perdoa-me. Amei-te sempre!

Mata-me, se é esse o teu desejo... Eu não me importarei. .

Enquanto procurava acalmá-la desajeitadamente acariciando-lhe a fronte reconheceu que estava tão trêmulo como ela.

A violência desesperada dos seus soluços diminuiu gradualmente.

Passiva, esgotada, a cara oculta de encontro a Francis, ela abandonava-se como uma ave ferida. Depois, lentamente, Nora recuperou o seu domínio. Com os olhos baixos, ainda rasos de água, agarrou no lenço e enxugou o rosto, tomou o chapéu e disse num tom neutro, quase indiferente:

- É melhor voltarmos para casa.

- Olha para mim, Nora - pediu ele.

Ela não acedeu, limitando-se a pronunciar no mesmo tom monótono de voz:

- Diz o que queres.

- Sim, digo-te, Nora! - respondeu ele com veemência juvenil que novamente se manifestava em toda a plenitude.!

- Isto não pode continuar! Debato-me num mistério, mas eu o desvendarei seja o que for! Não quero que cases com esse estúpido do Gifoyle. Eu amo-te, Nora. Eu impedirei esse disparate.

- Querido Francis - disse ela, por fim, com um sorriso triste. - Ao ouvir-te creio ter mil anos... ∴

Levantou-se, inclinou-se para ele e beijou-o na face, como já o tinha feito uma vez antes. Quando começaram a descer a colina também o melro deixara de cantar no ramo da faia verdejante e frondosa. Naquela noite, impulsionado por uma idéia fixa, Francis dirigiu-se ao casebre próximo das docas onde habitavam os Magoons. Encontrou o desprezado Scanty sozinho, pois Maggie ainda não chegara. Sentado ao pé de um débil fogo, o pobre trabalhava tristemente num grosseiro tapete de lã, num tear caseiro, à luz de uma candeia. Ao reconhecer o visitante não escondeu a sua sincera e espontânea alegria, que aumentou consideravelmente quando Francis mostrou a garrafa de vinho que

propositadamente trouxera do bar. Imediatamente Scanty encheu um copo muito maltratado pelo uso e solenemente brindou à saúde do seu benfeitor.

- Ah, isto é que faz bem! - disse ele limpando os lábios à manga do casaco. - Não sei o que é beber uma gota desde que esse malvado Gilfoyle tomou conta da casa!

Francis sentou-se numa cadeira sem fundo e dirigiu-se-lhe ansiosamente, com uma absorvente preocupação de obter a revelação do torturante enigma. Os seus olhos fitavam intensamente o mutilado e brilhavam através da sombra que o envolvia.

- Scanty! Que se passou na Union? Que aconteceu a Nora, a Polly e a Ned? Há três dias que cheguei e ainda nada sei!

Tens de me contar tudo!

A cara de Scanty modificou-se. Com expressão aterrorizada, o seu olhar dirigia-se alternadamente de Francis para a garrafa e desta para Francis.

- Ah! Como quer que eu saiba?

- Sabes! Tenho a certeza. Vejo isso expresso no teu rosto.

- Ned não lhe disse nada?

- Ned? Ele parece um surdo-mudo!

- Pobre Ned! - murmurou Scanty persignando-se e despejando mais vinho no copo. - Que Deus nos proteja! Quem havia de pensar! Enfim, qualquer de nós está sujeito...

Depois, com voz enfática e rouca, afirmou subitamente com a voz apressada:

- Nada lhe posso dizer, Francis. É uma vergonha inútil ter de contar-lhe isso. O mal está feito e não pode ser remediado...

- Pode, sim, Scanty - replicou Francis. - Conte-me, peço-te. Se eu souber o que se passa poderei talvez fazer alguma coisa...

- Quer dizer, Gilfoyle...

Scanty refletiu um instante, e em seguida, decidindo-se, fez um vagaroso aceno com a cabeça. Esvaziou outro copo para arranjar coragem e prosseguiu, num tom de voz mais baixo:

- Eu dir-lhe-ei, Francis, se jurar não me comprometer.

A verdade é que... é que Nora... Deus tenha piedade dela e de nós. Nora teve um bebê...

Um silêncio bastante prolongado permitiu que Scanty pudesse tomar outro golo. Depois Francis perguntou:

- Quando?

- Há seis semanas. Ela teve-o em Whitley Bay. Uma mulher que vive lá tomou conta da criança... É uma menina...

Nora não a pode suportar...

Gelado, rígido, Francis lutava com a tempestade que rugia no seu íntimo. Conseguiu reunir forças para perguntar:

- Então é Gilfoyle o pai?

- Esse peixe podre! - exclamou Scanty, sem se conter.

- Não, não. Ele apenas encobre o outro dando o seu nome à garota, como ele diz; em troca quer sociedade na União, o biltre! Foi o padre Fitzgerald o autor dessa idéia, Francis.

Trabalharam bem os dois. Faz-se o casamento; um tempo depois leva-se daqui a pequena, ninguém se inteira da história e a filha vem mais tarde para cá, no fim de um longo período de férias. Que Deus me mate neste momento se isto não é coisa de meter nojo a um porco!

Com uma dor inexprimível na garganta, Francis sufocava.

Fazia esforços desesperados para poder falar.

- Mas eu nunca soube que Nora tivesse estado apaixonada, Scanty... Sabes quem era? Quero dizer... o pai da criança...

- Juro por Deus que não sei! - O sangue subiu à cabeça de Scanty, que ia e vinha e negava vociferando.

- Nada sei a tal respeito. Eu sou um simples pobre-diabo. Como poderia eu... E Ned não sabe tão pouco! É tão verdade como o Evangelho!

Ned sempre me tratou muito bem, sempre foi generoso para comigo, exceto numa ocasião, quando Polly estava ausente e ele se embebedou. Se eu soubesse ter-lhe-ia dito...

Não, não, Francis. Tire essa idéia da cabeça. Não há esperança de descobrir o miserável!

Outra vez o silêncio, gelado, longo opressivo. Uma névoa toldou os olhos de Francis. Sentiu-se mortalmente ferido, esmagado, dilacerado. Por fim levantou-se com um grande esforço.

- Obrigado, Scanty, pelos teus esclarecimentos.

Abandonou o quarto e desceu, presa de vertigem, a escada escura. A frente e as palmas das mãos estavam úmidas de suor. Suor frio, glacial. Uma torturante visão perseguia-o: o quartinho de Nora, tão branco e sereno. Não sentia raiva.

Apenas uma profunda piedade, numa convulsão espantosa da sua alma. Fora, no pátio miserável, apoiou-se, num desfalecimento súbito, ao único candeeiro de gás, e deixou que o coração se

expandisse, num pranto manso, irreprimível. A seguir sentiu o frio cortante da noite, mas estava mais sereno.

Dirigiu-se resolutamente para S. Domingos. O porteiro fê-lo entrar com silenciosa discrição. Depois de uma curta demora voltou ao pequeno vestíbulo de luzes veladas onde o deixara, sorriu-lhe brandamente, e observou. «Teve sorte, Francis. Sua Reverendíssima está livre e recebe-o imediatamente».

Com a caixa de rapé na mão, o padre Geraldo Fitzgerald levantou-se quando Francis entrou mostrando na fisionomia um misto de cordialidade e de interesse entre amável e curioso.

A sua figura elegante harmonizava-se com a mobília francesa e o genuflexório antigo; as escolhidas reproduções de primitivos italianos que ornavam as paredes e o ramo de lírios sobre a secretária completavam a decoração, de requintado bom gosto, do ambiente.

- Então, meu amigo? Pensei que estivesse no Norte!

Sente-se. Como estão os amigos de Holywell?

Fez uma pausa, tomou uma pitada de rapé, fixou um olhar de aprovação afetuosa nas insígnias do colégio que Francis ostentava e prosseguiu:

- Como sabe, foi lá que estudei também, antes de ir para Roma... É uma bela e nobre casa. Lembro-me

com afeto do meu velho amigo Mac Nabb e do padre Tarrant, que foi meu condiscípulo no Colégio Inglês de Roma. É um homem notável, que irá longe. Bem, Francis, vamos lá... Em que posso ser-lhe útil?

Disse estas últimas palavras com uma gravidade de diplomata, ou, melhor, de cortesão que bajula um poderoso.

Cabisbaixo, a respiração ofegante, Francis conservava os seus olhares dirigidos para o chão.

- Vim procurá-lo por causa de Nora.

Essa declaração balbuciada dissipou a serenidade do ambiente e o à-vontade do padre Fitzgerald tornou-se numa expressão de surpresa.

- E a respeito dela, que tem a dizer-me?

- O seu casamento com Gilfoyle... Ela não tem o menor desejo de casar com ele... ela sente-se desgraçada... É uma decisão não só injusta mas também estúpida... é uma punição inútil e horrível.

- Que conhece do assunto para o qualificar com tanta ligeireza de horrível?

- Bem... sei tudo... sei que ela não é culpada.

O silêncio pesou. A frente do padre Fitzgerald revelava uma expressão de aborrecimento, e no entanto ele contemplava o impulsivo jovem com certa piedade.

- Meu pobre rapaz - disse ele -, se ingressar no clero, como creio ser a sua intenção, e adquirir ao menos metade da experiência que infelizmente possuo, compreenderá que certas desordens sociais exigem remédios apropriados. Você está impressionado por este «horrível» caso. Eu não estou e tinha-o mesmo previsto. Conheço e detesto o efeito das bebidas alcoólicas na mentalidade bestial destes alarves que são meus paroquianos. Você e eu podemos saborear um cálice de Lachryma Christi como dois cavalheiros. O mesmo não sucede porém com um Edward Bannon! Isto diz tudo. Não quero fazer acusações. Verifico simplesmente a existência de um problema que está longe de ser único, e aqueles que passam horas seguidas a escutar sórdidas confissões sabem-no bem.

O cura calou-se um momento para extrair rapé da sua caixa, num gesto elegante, e depois continuou:

- Que temos de fazer? Eu lhe direi. Em primeiro lugar legitimar e batizar o recém-nascido. Depois casar a mãe, se for possível, com um homem decente que a queira por esposa.

Devemos regularizar, regularizar sem perda de tempo. Edificar um lar católico sobre essas ruínas, reintegrar na trama sólida esses fios que se haviam

escapado. Creia-me, Nora Bannon teve muita sorte em encontrar um homem como Gilfoyle.

Ele não é brilhante, mas é sólido. Dentro de dois anos hei de vê-la na missa, com o marido e a família... perfeitamente feliz.

- Não, não - interrompeu Francis impulsivamente. - Ela nunca poderá ser feliz. Será sempre desgraçada, miserável...

O padre Fitzgerald levantou a cabeça:

- E a felicidade será o único objetivo na vida? - inquiriu.

- Ela entregar-se-á a qualquer extremo. Não poderá compelir Nora a qualquer coisa que ela deteste... Eu conheço-a melhor do que o senhor...

- Parece conhecê-la muito intimamente - observou o padre, com uma suavidade repugnante. - Espero que não tenha interesse físico na jovem em questão...

Duas manchas vermelhas apareceram nas faces lívidas de Francis, que murmurou:

- Gosto muito de Nora... mas o meu amor não daria margem a uma confissão sórdida. Peço-lhe pois que... que não a force a casar contra a sua vontade. Ela não é como as outras... Tem uma alma doce e luminosa. Não se lhe pode meter uma criança e um

marido entre os braços só porque, na sua inocência, ela foi...

Picado ao vivo, o padre Fitzgerald lançou a caixa de rapé para cima da secretária:

- Basta de lições, senhor!

- Perdoe-me. Já não sei o que digo... Quero somente suplicar-lhe que use da sua influência para...

Francis apelou para toda a sua energia, que sentia abandoná-lo, num derradeiro esforço:

- Ao menos dê-lhe um pouco de tempo.

- Basta, Francis!

O padre, demasiadamente senhor de si e dos outros para perder o seu sangue-frio ou a sua serenidade por muito tempo, levantou-se repentinamente da cadeira e consultou o seu relógio de ouro.

- Tenho uma reunião de patronato marcada para as oito.

Peço-lhe me desculpe.

Quando Francis se levantou também, bateu-lhe amistosamente nas costas.

- Meu caro rapaz, você é ainda muito novo. Ousarei dizer mesmo: um pouco infantil. Mas, graças a Deus, tem uma sábia e prudente conselheira na nossa mãe, a Igreja. Não bata com a cabeça nas suas paredes, Francis. Elas resistiram ao embate de muitas

gerações e cabeças mais fortes que a sua esmagaram-se de encontro a elas. Vamos! Mas eu sei que você é um bom rapaz. Apareça para conversarmos sobre Holywell depois de realizado o casamento. Entretanto como um ato de reparação, para compensar a sua rudeza, quer rezar uma Salve Rainha em minha intenção?

Francis calava-se. Tudo fora inútil.

- Sim, padre...

- Então, boa noite, meu filho... e que Deus o abençoe!

No ar noturno, úmido e frio, Francis afastou-se lentamente do presbitério. Os seus passos soavam pesadamente no pavimento rústico da rua. Ao chegar junto das escadas da capela o sacristão fechava as portas laterais. Quando a última réstia de luz desapareceu, Francis permaneceu, descoberto, no meio da escuridão, com os olhos fixos nas janelas do coro da igreja, que pareciam pupilas mortas. Subitamente do fundo do seu desespero lançou esta prece: «Oh, meu Deus! Fazei o melhor que puderdes por todos nós!» O dia do casamento aproximava-se e Francis sentia-se consumir por uma febre que lhe tirava o sono e o matava, aos poucos. A atmosfera da taberna parecia adquirir insensivelmente uma serenidade de água estagnada. Nora estava

silenciosa, Polly renascia possuída de uma vaga esperança, e se Ned se obstinava na solidão e no mutismo, o terror confuso desaparecera do seu olhar. Embora a cerimônia devesse efetuar-se na intimidade, nenhuma razão havia para que o enxoval fosse modesto, nem o dote nem a viagem de núpcias a Killarney. A casa regurgitava de vestidos e de tecidos, Polly passava de uma prova a outra com a boca cheia de alfinetes e movia-se entre montanhas de roupa de cama e de mesa.

Gilfoyle, sempre à espreita, fumava os melhores charutos da Union e ocasionalmente vinha conversar com Ned sobre questões financeiras. Uma escritura de sociedade fora lavrada e devidamente assinada, mas havia muito que conversar a respeito da casa e da instalação nela do novo casal. Os numerosos parentes pobres de Tad já rondavam a casa, bajulando o novo sócio da taberna. A sua irmã casada, a senhora Neily, e a sua filha Carlota eram talvez as mais agressivas.

Nora pronunciava poucas palavras. Em todo o caso, o bastante.

Uma vez parou ao encontrar Francis no corredor.

- Sabes o que se passa, não é verdade?

Com o coração a bater-lhe desordenadamente, Francis não ousou enfrentar o olhar de Nora.

- Sim, sei...

Depois de uma pausa em que sufocava, não pôde conter por mais tempo a dor que lhe rasgava a alma e expandiu-se em palavras incoerentes e a soluçar. Lágrimas irreprimíveis, lágrimas de criança brotaram dos seus olhos.

- Nora... não nos podemos submeter... Se soubesses como sofro com a tua dor... Posso olhar por ti, trabalhar para ti... Nora, partiremos os dois...

Ela encarou-o com uma ternura estranha e piedosa.

- Aonde iremos nós?

- Não importa aonde - respondeu ele, num ímpeto, as faces molhadas e brilhantes. Ela não retorquiu. Apertou-lhe a mão sem pronunciar uma palavra e depois retirou-se apressadamente para ir provar um vestido.

Na véspera do dia do casamento ela humanizou-se um pouco, perdendo alguma coisa da sua passividade rígida. Subitamente, depois de tomar uma das chávenas de chá de que Polly a saturava, ela declarou: - Gostaria de ir hoje a Whitley Bay. Alarmada, Polly repetiu como um eco: - Whitley Bay?

- E juntou, num impulso:

- Irei contigo.

- Não é preciso - disse Nora. - Mas se quer vir comigo... - Quero, sim, minha querida!

Tranqüilizada pelo tom da voz de Nora, leve e despreocupado - como se a antiga alegria, como uma música distante, ecoasse de novo no seu ser, Polly encarou esta viagem sem preocupação. Veio-lhe ao espírito a idéia grata e confortante de que Nora estava finalmente em vias de recobrar o bom senso. Enquanto tomava o chá falou-se da beleza do lado de Killarney, que visitara uma vez, na sua juventude. Os barqueiros tinham-na divertido muito.

As duas mulheres vestiram-se para a excursão e dirigiram-se para a estação depois do jantar. Ao dobrar a esquina, Nora voltou-se e olhou para cima, para a janela na qual Francis se encontrava. Parou um momento, sorriu gravemente e acenou-lhe com a mão. Depois desapareceu.

A notícia da tragédia chegou ao bairro mesmo antes que a tia Polly fosse trazida para casa, num carro, em estado de completa prostração. Toda a cidade se impressionou profundamente com o emocionante acontecimento. O interesse popular nunca fora tão poderosamente galvanizado pela imprudência de uma jovem que caíra entre o cais e um comboio em movimento. Era a circunstância do

casamento, prestes a realizar-se, que tornara o fato de tão excepcional interesse.

No bairro das docas as mulheres saíam das casas, abandonavam os seus afazeres e juntavam-se na rua em grupos, comentando o caso, gesticulando e lamentando a sorte da vítima.

Acabou por atribuir-se a origem da tragédia aos sapatos novos de Nora. Todos manifestavam uma grande simpatia para com Tadeu Gilfoyle e bem assim à sua família como, afinal, a todas as jovens, em vésperas de casar, que têm necessidade de viajar de comboio. Falou-se em organizar o cortejo funerário com grande pompa com a atuação da banda de música da irmandade.

À noite, sem saber como, Francis encontrou-se na Igreja de S. Domingos. O templo estava inteiramente deserto. A luz mortíça da lâmpada do altar-mor atraiu o seu olhar inquieto.

Ao ajoelhar-se, pálido e fatigado, sentiu-se preso sem experimentar revolta, nas malhas inexoráveis do destino. Nunca sentira antes tal sensação de desolação e abandono. Não podia chorar. Os seus lábios, frios e apertados, não podiam articular uma prece, incapazes de um movimento, paralisados.

Mas a sua alma torturada oferecia-se em holocausto na sua angústia. Primeiro os seus pais...

Agora Nora. Como ignorar por mais tempo os desígnios do Céu? Partiria então... devia partir... iria juntar-se ao padre Mac Nabb... iria para San Morales. Consagrar-se-ia inteiramente a Deus. Decidira ser padre.

No ano de 1892, durante a Quaresma, ocorreu no seminário inglês de San Morales um incidente que provocou a mais intensa consternação e os mais descontraídos comentários.

Um dos seminaristas da classe de Teologia desaparecera subitamente durante quatro dias completos.

Bem entendido que desde a sua fundação, naquele planalto aragonês, cinqüenta anos atrás, este não era o primeiro ato de rebeldia que se tinha registrado nos anais do estabelecimento.

Outros estudantes se haviam amotinado por uma hora ou mais, escapando-se para a posada vizinha do seminário, com grande prejuízo para a sua consciência e para a sua saúde, fumando longos charutos e bebendo aguardente. Uma ou duas vezes havia sido necessário agarrar pelas orelhas alguns insubmissos mais obstinados nos sórdidos salões da Via Amorosa, na cidade. Mas o caso de um estudante sair pelo portão, em pleno dia, e voltar quatro dias depois, entrar pelo mesmo portão, à mesma luz do

dia, apenas mais empoeirado, coxeando de uma perna, de barba crescida e cabelo em desordem, demonstrando os indícios da mais evidente dissipação e alegando como única desculpa ter saído para dar um passeio, para em seguida atirar-se para cima da cama e dormir a sono solto, havia uma enorme distância. Já não era uma simples infração no regulamento da casa. Era uma apostasia.

Durante o recreio os estudantes discutiram o caso em voz baixa em pequenos grupos vestidos de negro, nas colinas cheias de sol, entre as vinhas azuladas de sulfato, à sombra das paredes brancas do seminário.

Era convicção geral de que Chisholm seria, sem dúvida, expulso do estabelecimento. O conselho disciplinar fora, sem demora, convocado. Em casos graves de quebra de disciplina o conselho era composto pelo reitor, o administrador, o prefeito dos estudos, o mestre dos noviços e o representante dos seminaristas.

No dia seguinte ao do regresso do fugitivo o conselho reuniu-se no anfiteatro de Teologia. Lá fora o vento solano sibilava.

As azeitonas maduras caíam das altas oliveiras de folhas prateadas e esborrachavam-se no chão. O

perfume das flores da laranjeira chegava em ondas do pomar que dominava a enfermaria. Sob o calor a terra abria fendas. Francis entrou na alta sala branca onde os bancos vazios e brilhantes davam uma impressão de frescura sombria. O seu ar era sereno e a sotaina de alpaca colada à sua figura delgada acentuava-lhe a magreza. Os cabelos cortados rasos faziam destacar a angulosidade do rosto ossudo, sublinhavam o olhar sombrio, aumentando a sua reserva, mas, apesar de tudo, as suas mãos denunciavam uma estranha tranqüilidade.

Diante dele, no estrado onde tomaram lugar os protagonistas do debate, havia quatro mesas, ocupadas pelo padre Tarrant, por monsenhor Mac Nabb, padre Gómez e pelo diácono Mealey. Consciente de que nos olhares que para ele convergiam havia um misto de pena e reprovação, Francis baixou a cabeça, enquanto o padre Gómez, o jovem mestre dos noviços espanhol, lia rapidamente o auto de acusação. Houve em seguida um silêncio após o qual o padre Tarrant falou:

- Qual é a sua explicação?

A despeito da serenidade que até então aparentara, Francis sentiu uma onda de sangue subir-lhe às faces. Continuou com a cabeça baixa e disse:

- Saí para dar um passeio!

A frase não era convincente.

- Isso já sabemos... O que precisamos é de saber que espécie de passeio foi esse. Usamos as pernas quer as nossas intenções sejam boas quer sejam más. Além da grave falta que por si só constituí o fato de haver abandonado o seminário sem permissão, teve alguma intenção má?

- Não.

- Durante a sua ausência bebeu alguma bebida alcoólica?

- Não.

- Foi a alguma corrida de touros, à feira ou ao cassino?

- Não.

- Teve relações com alguma mulher de má fama?

- Não!

- Então que fez?

Silêncio outra vez. Depois a resposta balbuciada.

- Já vos disse. Vejo que não me compreendem...

Saí...

saí para dar um passeio! Andei, andei...

O padre Tarrant esboçou um sorriso irônico.

- Pretende fazer-nos acreditar que passou quatro dias divagando incessantemente pelos campos?

- Bem... foi quase isso...

- Até onde foi?
- Fui... fui até Cossa!
- Cossa! Mas são quase oitenta quilômetros!
- Sim, creio que sim.
- Tinha algum propósito deliberado?
- Não.

O padre Tarrant mordeu o seu lábio delgado. Não podia admitir que lhe opusessem resistência. Invadiu-o um desejo súbito e selvagem de recorrer aos métodos de tortura de outrora, a roda, o borzeguim, o potro. Compreendia que os inquisidores medievais recorressem a tais instrumentos. Em certas circunstâncias justificava-se perfeitamente o seu emprego.

- Creio que está a mentir, Chisholm.
- Porque lhe mentiria eu... ao senhor?

Uma exclamação abafada saiu dos lábios do diácono Mealey.

A sua presença ali era puramente simbólica. Na qualidade de chefe dos alunos era ali uma figura meramente decorativa, mas não pôde resistir a dirigir-se a Francis fervorosamente:

- Peço-te, Francis! Em nome de todos os estudantes, de todos nós, que te estimamos... Eu... eu rogo-te que expliques...

Como Francis permanecia silencioso, o padre Gómez, o jovem mestre dos noviços espanhol, inclinou a cabeça e segredou a Tarrant:

- Não consegui colher prova alguma... nem o mais ligeiro indício de quem quer que fosse, na cidade. Entretanto, poderíamos escrever ao vigário de Cossa.

Tarrant lançou um olhar rápido ao subtil espanhol.

- Sim. É uma excelente idéia.

Entretanto o reitor aproveitava a trégua que se estabelecera.

Mais idoso, mais vagaroso que em Holywell, continuava a ser ainda indulgente. Falou com doçura e bondade.

- Deves compreender, Francis, que nestas circunstâncias a tua explicação é muito vaga e não satisfaz. Agravas a tua culpa de insubordinação por infringires as regras do seminário recusando-te a confessar o motivo que poderia justificar o teu culposo procedimento. Diz-me: sentes-te infeliz aqui?

- Pelo contrário. Sinto-me feliz.

- Muito bem! E tens algum motivo para duvidar da tua vocação?

- Não. Desejo, mais do que nunca, tentar fazer alguma coisa boa no mundo.

- Dá-me grande prazer a tua resposta... Então não desejas ser expulso?

- Não.

- Está bem! Então explica-nos, sinceramente, a razão que te levou... porque tomaste essa decisão, como levaste a cabo essa estranha aventura.

Assim animado, Francis ergueu a cabeça. Com um grande esforço, o olhar vago, o rosto perturbado, começou:

- Eu... eu tinha ido para a capela... Mas não pude orar, não pude concentrar-me... Estava agitado. O solano soprava...

e o vento quente exasperava-me, tornava-me ainda mais 97 desassossegado, e a rotina do seminário, de repente, pareceu-me sórdida e vexatória. Subitamente o meu olhar descobriu a estrada, para além da grade, branca, macia com a camada de pó. Não me pude conter. Encontrei-me caminhando na estrada.

Andei toda a noite, quilômetros e quilômetros... Andei...

- Todo o dia seguinte - acrescentou o padre Tarrant, sardônico e irritado. - Todo o dia seguinte!

- Sim, exatamente! Foi o que eu fiz.

- Nunca ouvi tão descarada declaração em minha vida!

Isto é um insulto à boa fé do conselho.

O reitor, de sobrolho franzido, ergueu-se subitamente e afastou a sua cadeira.

- Proponho que se adie o julgamento do caso.

Enquanto os dois padres o olhavam com estupefação, dirigiu-se a Francis em tom peremptório:

- Podes retirar-te. Se entendermos necessário chamar-te-emos.

Francis abandonou a sala num silêncio mortal. Só então o reitor se voltou para os outros membros do conselho dizendo-lhes friamente:

- Asseguro-lhes que a violência não dará resultado. Devemos proceder prudentemente. Há nisto um mistério a desvendar.

Irritado com a decisão, o padre Tarrant afirmou convictamente:

- É o ato final de uma carreira de indisciplina.

- Nada disso - desmentiu o reitor. - Ele tem sido perseverante desde que chegou aqui. Existe alguma nota má no seu registro, padre Gómez?

Gómez folheou as páginas do livro que se achava na mesa diante dele.

- Não - disse vagarosamente, enquanto lia os assentamentos.

-- Apenas algumas brincadeiras de gosto duvidoso.

No último Inverno deitou fogo ao jornal inglês que o padre Despard estava a ler na sala comum. Perguntei-lhe porque o fizera... ele riu e respondeu: «O Diabo inventa trabalho para as mãos ociosas!» - Isso não tem importância - disse o reitor prontamente.

- Todos nós sabemos que o padre Despard açambarca todos os jornais que chegam ao seminário.

- Depois - continuou o padre Gómez -, quando encarregado de ler em voz alta no refeitório, substituiu a Vida de S. Pedro em Alcântara por um pequeno folheto cômico intitulado Quando Eva Roubou o Açúcar que, até ele ser obrigado a calar-se, produziu uma escandalosa hilaridade...

- Malícia sem conseqüências...

- Ainda - disse o padre Gómez virando outra página - no desfile cômico dos estudantes representando os Sacramentos - o senhor reitor deve lembrar-se, havia um estudante vestido de bebê figurando o sacramento do batismo, dois outros simbolizavam o matrimônio e assim por adiante...

Isso foi feito com permissão superior, é claro. Mas...

O padre Gómez lançou um olhar dúbio ao padre Tarrant e prosseguiu:

- Nas roupas de um que fazia de cadáver, e que representava a extrema-unção, Chisholm prendeu um cartão que dizia:

Aqui jaz o padre Tarrant, Cujo óbito, alegre, assinei...

Se um dia...

- Basta - interrompeu Tarrant, vivamente. - O presente assunto é demasiadamente importante para estarmos a perder tempo com esses ridículos... essas absurdas brincadeiras.

O reitor meneou a cabeça.

- Absurdos, sem dúvida. Mas sem malícia. Gosto dos jovens que sabem tornar a vida inocentemente alegre. Não podemos deixar de reconhecer que Chisholm é um tipo original.

É uma natureza profunda e cheia de fogo. Muito sensível, é inclinado à melancolia. No entanto concilia isso com o espírito cristão e com a fé. Ele é um lutador que nunca se deixará vencer. É uma curiosa e rara mistura de simplicidade infantil e de retidão moral. E, acima de tudo, uma natureza essencialmente individualista!

- O individualismo é a qualidade mais perigosa num teólogo - disse Tarrant. - Foi dessa massa que saiu a Reforma...

- E a Reforma proporcionou de qualquer modo uma disciplina mais eficiente à Igreja Católica - disse o reitor sorrindo docemente e olhando o teto da sala. - Mas voltemos ao nosso assunto. Estou de acordo que tenha havido uma grande quebra de disciplina. Mas a punição não deve ser precipitada.

Não podemos expulsar um estudante da têmpera de Chisholm sem primeiro sabermos se ele realmente merece tão severo castigo. Por isso proponho que esperemos alguns dias mais...

Levantou-se e terminou, com a maior candura:

- Estou certo de que serão todos da minha opinião.

Nos dois dias que se seguiram um ar de condenação suspensa envolveu o infortunado Francis, Mas não lhe opuseram qualquer reserva. Nenhum obstáculo real foi posto à continuação dos seus estudos, mas onde quer que entrasse - fosse na biblioteca, no refeitório, na sala comum - os seus colegas calavam-se ou afetavam um ar natural que a ninguém podia enganar. A consciência de ser o assunto de todas as conversações dava-lhe um aspecto de culpado. O seu companheiro de Holywell, Hudson, também no sub-diaconato, prodigalizava-lhe atenções afetuosas, mas com rugas de preocupação na testa. Anselmo Mealey estava noutro

campo, chefiava uma facção que claramente demonstrava considerar o fato como um ultraje. Durante o recreio, consultaram-se e aproximaram-se de Francis. Anselmo Mealey tomou a palavra.

- Não é nosso intuito agravar a tua crítica situação, Francis.

Mas sentimo-nos todos atingidos. A tua atitude afeta todo o corpo discente. Somos de opinião de que seria muito mais digno da tua parte proceder decentemente confessando.

- Confessar o quê?

Mealey encolheu os ombros. Depois de um silêncio (que mais poderia ele fazer?) voltou as costas a Francis não sem acrescentar:

- Decidimos rezar uma novena por tua intenção. Esta triste história afeta-me mais que a ninguém porque te tive na conta do meu melhor amigo...

Francis sentia dificuldade em manter a sua postíça serenidade.

Se passeava pelos arredores do seminário, parava bruscamente lembrando-se de que passear fora a razão da sua desgraça.

Se se deslocava de um lado para o outro notava que aos olhos de Tarrant e dos outros professores tinha deixado de existir. Durante as aulas descobria que não estava lá em espírito. Esperava a todo o

momento ser chamado ao reitor, mas em vão. E entretanto crescia o seu sentimento de angústia íntima.

Não conseguira compreender-se ele mesmo o enigma indecifrável que representava. Começava a dar razão àqueles que duvidavam da sua vocação. Chegou a admitir a hipótese de partir como irmão leigo para alguma perigosa e distante missão.

Começou a freqüentar a igreja, mas muito em segredo.

Sentia, apesar de tudo, que encontraria ali amparo e força, a fim de poder enfrentar o mundo insidioso e perverso.

Na manhã do terceiro dia, numa quarta-feira, chegou a resposta à carta do padre Gómez. Chocado, mas intimamente satisfeito pelo feliz resultado do seu expediente, apressou-se a dirigir-se ao gabinete do prefeito dos estudos. Enquanto o padre Tarrant lia a carta, permaneceu de pé, a seu lado, como um cão inteligente esperando a recompensa, uma palavra, um afago ou um osso.

A carta dizia:

Meu amigo. - Em resposta à sua prezada comunicação, sinto infinitamente ter de o informar que o inquérito por mim levado a efeito confirma que esteve aqui um seminarista que correspondia em

todos os pontos à sua descrição. Chegou a Cossa no dia 14 de Abril e foi visto quando entrava na casa de uma Rosa Oyarzabal a hora tardia da noite e quando saiu, no dia seguinte pela manhã.

A mulher em questão vive sozinha, é pessoa de costumes livres e não frequenta a igreja há mais de sete anos.

Tenho a honra de me confessar, caro amigo, seu devotado irmão em Jesus Cristo.

SALVADOR BOLAS, Vigário de Cossa Gómez murmurou:

- Não acha que foi um bom expediente?

- Sim, sim!

Tarrant deixou o espanhol precipitadamente e, empunhando a carta como se fosse qualquer coisa de obsceno, correu para o gabinete do reitor, no fim do corredor. Mas o reitor celebrava missa. Estaria ocupado por meia hora ainda. Era de mais para a sua ansiedade. O padre Tarrant não podia conter-se. Atravessou o pátio como um tufão e, sem bater, entrou no quarto de Francis. O aposento estava vazio. Impaciente, duvidando de que Francis estivesse também na missa, ficou afogueado, numa irritação semelhante à de um cavalo selvagem que luta contra a imposição de um freio. Sentou-se bruscamente, desesperado por ter de esperar, e a sua

silhueta delgada era como se estivesse carregada de pólvora. O quarto estava ainda mais vazio de que os outros da mesma categoria.

Uma cama, uma cômoda, uma mesa e uma cadeira o ocupavam. Sobre a cômoda uma fotografia desbotada, na qual se viam uma mulher angulosa, com um pavoroso chapéu, e uma menina vestida de branco, e se lia esta dedicatória: «Com o afeto da tia Polly e de Nora.» Tarrant reprimiu uma expressão de sarcasmo, mas os lábios fremiram quando os seus olhos fixaram, na parede branca de cal, uma pequena imagem, minúscula réplica de Nossa Senhora da Castidade.

Continuou a examinar o aposento, e de súbito viu sobre a mesa, aberto, um caderno de notas. Era o diário de Francis.

Outra vez como um cavalo nervoso, as narinas dilatadas, uma chama sombria nos olhos, sucumbia Tarrant à excitação que o achado lhe despertara. Por um momento sentou-se, em luta com os seus escrúpulos; em seguida levantou-se e lentamente aproximou-se da mesa. Cavalheiro, sentia repugnância em proceder como qualquer criada de quarto tomando conhecimento de notas íntimas. Mas era esse o seu dever.

Quem poderia dizer quantas iniquidades e heresias esse caderno continha?

Austero e implacável, tomou conhecimento do conteúdo das páginas do diário:

... Não foi Santo António quem falou da sua conduta obstinada e perversa? Esse simples pensamento é a minha única consolação neste abismo de abatimento em que me encontro.

Se me expulsam toda a minha vida ficará arruinada. A minha natureza difícil impede-me de pensar como toda a gente, não posso dominar-me a mim mesmo e preparar-me para seguir a matilha. No entanto com toda a minha alma desejo ardentemente trabalhar para Deus. «Na casa do nosso Pai há tantas moradas!» Se há lugar para santos tão diferentes como Joana d'Arc e como... como o bem-aventurado Bento Labre, que deixava que os piolhos tomassem conta do seu corpo, decerto há lugar para mim!

Pedem-me explicações. Como pode alguém explicar o que não existiu, o que é tão óbvio que não pode inspirar vergonha ou arrependimento? Francisco de Sales disse que preferia transformar-se em pó a ter de quebrar uma regra. Mas quando comecei a caminhar, voltando costas ao seminário, não pensei em regras, nem tive intenção de

as infringir. Certos impulsos são inconscientes. Isso me deixa à vontade para escrever:

a transgressão que cometi foi um ato perfeitamente natural. Desde há semanas que eu dormia mal, voltando-me e tornando-me a voltar durante estas noites quentes, cheio de febre e de agitação. Talvez seja para mim mais duro do que para os outros se se fizer fé pela vasta literatura publicada sobre o assunto, na qual os degraus de acesso ao sacerdócio são apresentados como uma sucessão de doces e tranqüilas alegrias. Ah, se os leigos soubessem quantas lutas se têm de travar aqui!

Aqui a minha maior dificuldade consiste em sentir-me aprisionado na inanição física - que péssimo místico eu farei!

- estado ainda agravado pelos ecos, pelos sons enfraquecidos, pelas penetrantes sugestões do mundo exterior. Quando considero que tenho vinte e três anos, que nada fiz ainda para ajudar uma alma sofredora, abraço-me na febre da impaciência.

As cartas de Willie Tulloch representam - para usar a expressão do padre Gómez - o mais pernicioso estímulo.

Agora que Willie terminou o seu curso de Medicina e sua irmã Anne os seus estudos de enfermagem, e ambos trabalham na assistência social

junto dos indigentes de Tynecastle, as suas visitas proporcionam-lhes constantemente momentos apaixonantes pelos pardieiros sórdidos, e eu sinto que devia estar lá também, lutando como eles.

Decerto um dia estarei... Devo ser paciente. Agora porém, com as notícias que recebi de Ned e de Polly a minha tensão tende a aumentar. Senti-me contente quando eles decidiram deixar a taberna e levar Judy, a criança, para viver com eles numa pequena casa que Polly alugou em Clermont, nos arredores da cidade. Mas Ned está doente, Judy também não se tem dado bem e Gilfoyle - que ficou a dirigir a Union Tavern - tem demonstrado ser o sócio mais indesejável. Ned, na verdade, está acabado, recusa-se a sair e ninguém quer ver.

Um momento de fraqueza e de cega estupidez deu-lhe o golpe de misericórdia. Um espírito mais enérgico teria sobrevivido.

A vida quotidiana exige uma grande fé!

Pobre Nora! O seu nome sugere-me uma multidão de recordações e de dolorosos pensamentos. Quando o padre Tarrant nos fez uma preleção que bem poderia chamar de agendo contra, disse com muita verdade: «Certas tentações não podem ser combatidas - devemos fechar os olhos

e fugir delas!» A minha ida a Cossa deve ter sido uma fuga dessa espécie.

A princípio, embora andando rapidamente, eu não pensava, ao transpor o portão do seminário, que iria tão longe.

Mas o alívio, a evasão de mim. mesmo que esse violento exercício me proporcionava incitaram-me para a frente. Suei em bica, como um camponês lavrando a terra, esse suor salgado que parece expurgar-nos do corpo as misérias humanas. O meu espírito libertou-se, o meu coração tornou-se alegre. O meu desejo era caminhar, caminhar até ao desfalecimento total.

Andei todo o dia sem necessitar de comer ou beber. Percorri uma grande distância porque, ao avizinhar-se a noite, senti a brisa do mar. Quando as estrelas começaram a despontar no céu pálido achava-me no cimo de uma colina e tinha Cossa aos meus pés. A aldeia, escondida num recanto de uma enseada abrigada, que o mar lambia docemente, era de uma beleza irreal, com as acácias floridas enfileiradas na sua única rua. Eu estava morto de fadiga. As minhas pernas trôpegas mal obedeciam ao meu desejo de prosseguir e tinha uma empola no calcanhar. Contudo, desci a colina e, em baixo, a aldeia deu-me as boas-vindas na sua quietude em

que mal se sentiam as serenas pulsações da vida. Na pequena praça os moradores da aldeia tomavam o ar puro e fresco, perfumado pelo aroma das acácias floridas. De cada lado da porta da pequena taberna, já com as luzes acesas, havia bancos de madeira, onde velhos sentados assistiam ao jogo da bola dos mais novos sobre a poeira da estrada. Dos charcos vizinhos vinha o coaxar das rãs. Crianças riam e corriam. Tudo era simples e belo. Lembrei-me entretanto de que não tinha uma só peseta no meu bolso, mas senti-me contente ao sentar-me num dos bancos. Como o repouso me soube bem! Sentia-me estupidificado pelo cansaço. Subitamente, na tranqüila escuridão, sob as árvores, elevou-se o som festivo das flautas catalãs, não alto e estridente, mas suave e atenuado a condizer com a noite.

É impossível a quem nunca ouviu estas flautas nem as melodias das doces canções populares desta região apreciar devidamente a alegria desse instante. Eu sentia-me encantado.

Creio que, por ser escocês, tenho no sangue o amor por estes sons. Permaneci sentado, num esgotamento completo, embriagado pela música, pelas trevas, pela beleza da noite, pelo perfume das acácias, pela minha própria fraqueza.

Tinha resolvido dormir na praia, mas quando pensava em dirigir-me para lá, uma névoa espessa começou a subir do mar. A aldeia parecia agora envolvida num véu misterioso.

Em cinco minutos a praça ficou sepultada na densa névoa, as árvores já não protegiam dos chuviscos e toda a gente se apressou a recolher a casa. Cheguei a pensar, embora de má vontade, em procurar o cura local para lhe pedir que me proporcionasse um abrigo quando uma mulher sentada num banco vizinho subitamente me dirigiu a palavra. Havia já um bocado que sentia que ela me observava com o misto de piedade e desprezo que um religioso isolado desperta nos países cristãos. Em seguida, como se ela lesse no meu pensamento, disse-me: «A gente daqui é pouco hospitaleira. "Ninguém o recolheria"».

Devia ter cerca de trinta anos e estava vestida de preto, com extrema simplicidade. A sua tez era pálida, os olhos profundos e negros, a figura esguia. Continuou num tom indiferente:

- Há uma cama em minha casa... e se quiser pode dormir nela.

- Não tenho dinheiro para lhe pagar a hospedagem.

Ela riu desdenhosamente.

- Poderá pagar-me em orações.

A chuva caía agora com força. A fonda tinha fechado. Só nós continuávamos sentados nos braços molhados, sob as acácias, de cujas folhas escorriam pingos grossos. A situação era grotesca. Ela levantou-se.

- Vou para casa. Se você não for doido, aceitará a minha hospitalidade.

A minha sotaina estava inteiramente ensopada e eu começava a tremer de frio. Pensei que poderia em qualquer altura mandar-lhe do seminário algum dinheiro para pagamento da dormida que me proporcionasse. Levantei-me e seguia-a ao longo da rua estreita. A sua casa estava situada a meio da rua.

Descemos dois degraus e entramos na cozinha. Acendeu um candeeiro, desprendeu o xale, pôs a chocolateira ao lume e tirou um pão do forno, cortando-o em fatias. Depois estendeu sobre a mesa uma toalha de quadrados vermelhos. O chocolate espumoso e o pão quente espalharam um cheiro bom na pequena quadra limpa. Ao mesmo tempo que deitava o chocolate em xícaras grossas, olhava-me por cima da mesa.

- Dê graças a Deus. Torna mais saboroso o que se come.

Era uma graça; no entanto obedeci. Começamos a comer e a beber o chocolate, tão bom que o seu sabor não precisaria de ser melhorado. Ela continuava a olhar-me. Fora outrora, sem dúvida, uma bela mulher, mas os restos da sua antiga beleza endureciam os traços do seu rosto. Das suas orelhas pequenas pendiam pesadas argolas de ouro. As suas mãos eram gordas e lembravam as de uma Virgem de Rubens.

- Bem, padrezinho, teve sorte em vir até aqui... Porque, na verdade, não gosto de padres. Em Barcelona rio-me quando eles passam por mim!

Não pude deixar de sorrir.

- Isso não me surpreende. Essa é a primeira coisa que aprendemos - a suportar o riso, o escárnio alheio. O melhor homem que conheci costumava pregar ao ar livre. Toda a gente se juntava para rir à custa dele. Por zombaria chamavam-lhe S. Daniel. Hoje quase toda a gente acha que os que acreditam em Deus são hipócritas ou loucos!

Ela tomou um longo sorvo de chocolate, olhando-me demoradamente.

- Sei bem que você não é louco... Diga-me: agrado-lhe?

- Acho que é uma pessoa simpática e bondosa.

- Sou bondosa por natureza. Tenho tido uma triste vida.

Meu pai foi um nobre castelhano cujas propriedades o governo de Madrid confiscou. O meu marido comandava um grande barco de guerra. Morreu no mar. Eu própria fui atriz;

vivo aqui obscuramente na esperança de que as propriedades de meu pai me sejam restituídas... Bem, estou mesmo a ver que você não acredita em coisa alguma que estou a dizer.

- Claro!

Ela não compreendeu que eu gracejava e ficou um pouco triste.

- Você é inteligente de mais... Mas eu sei porque está aqui, meu rato-de-sacristia fugido. São todos feitos do mesmo barro... Está a ver se troca a santa mãe Igreja pela santa mãe Eva... - concluiu, em tom zombeteiro.

Um pouco embaraçado primeiro, acabei por compreender.

A situação era tão absurda que me deu vontade de rir. Mas era também aborrecida porque me obrigava a partir. Acabei de comer o pão e de tomar o chocolate, levantei-me e peguei no chapéu.

- Agradeço-lhe infinitamente a sua atenção... Estava muito bom...

Ela mudou de expressão. A sua malícia tornou-se em surpresa.

- Então você é um hipócrita!

Como eu me dirigisse para a porta, ela exclamou subitamente:

- Não! Não se vá embora!

Depois de um momento de silêncio, continuou em tom de desafio:

- Não me olhe dessa maneira! Tenho o direito de proceder como entender. Divirto-me, é o que importa. Devia ver-me nas noites de sábado, na Cava, em Barcelona - o lugar mais divertido que você poderá conhecer em toda a sua mísera existência... Mas você faça também o que quiser.

Vá para cima e durma.

Eu hesitei. A sua atitude parecia agora razoável e eu ouvia o ruído da chuva lá fora. Decidi-me enfim e dirigi-me para a estreita escada. Os meus pés estavam inchados e sujos. Creio que devia arrastar um pouco a perna porque ela reparou no meu estado e observou, com frieza:

- Que tem nos seus pés?

- Pouca coisa... apenas bolhas de água.

Ela fitou-me com olhar estranho, impenetrável.

- Vou tratar disso.

Apesar dos meus protestos, obrigou-me a sentar, encheu uma bacia com água quente, depois ajoelhou-se e tirou os meus sapatos. As minhas meias estavam coladas à carne viva.

Umedeceu primeiro, cuidadosamente, os lugares lacerados e depois tirou-as. Esta solicitude inesperada constrangia-me.

Lavou os meus pés e em seguida friccionou-os com um linimento balsâmico. Ergueu-se, então, observando:

- "Deve sentir-se agora melhor". Vou lavar as suas meias.

Estarão secas amanhã de manhã.

- Como poderei agradecer-lhe?

Ela disse então, num tom grave.

- Que pode fazer alguém por mim com uma vida como a minha?

Sem me dar tempo a responder, ameaçou-me de dedo estendido:

- Não venha pregar sermões... ou partir-lhe-ei a cara.

Suba. A sua cama é no segundo pavimento. Boa noite.

Voltou-se para a lareira. Subi a escada e encontrei uma pequena cama, onde dormi a sono solto. Na manhã seguinte, quando desci, ela atarefava-

se na cozinha a fazer o café, que me serviu, quente e saboroso. Ao despedir-me tentei manifestar-lhe a minha gratidão. Mas a mulher impediu-me de continuar. Dirigiu-me um estranho e triste sorriso:

- Você é demasiadamente inocente para ser padre... Fracassará no seu ministério.

Iniciei o caminho de regresso. Estava confuso, envergonhado, temeroso do acolhimento que me reservava San Morales.

"Enfim, o que tinha de ser..."

Junto da janela o padre Tarrant conservou-se imóvel por largo espaço de tempo. Depois, suavemente, repôs o diário sobre a mesa, lembrando-se com certa satisfação que fora ele quem aconselhara Francis a redigi-lo. Metodicamente rasgou a carta do padre espanhol em pedacinhos. A expressão do seu rosto era agora estranha. Perdera a dureza, a austeridade férrea, marcas da mortificação que a si próprio impunha. Era um rosto rejuvenescido, iluminado pela generosidade e pelo contentamento íntimo. Com o seu punho fechado, onde conservava inconscientemente os pedacinhos da carta, bateu três vezes seguidas no peito. Depois girou sobre si mesmo e deixou o quarto.

Quando descia a larga escadaria encontrou Anselmo Mealey.

Ao ver o padre Tarrant, o seminarista modelo parou.

Atrair a atenção do padre constituía para Anselmo uma alegria celestial. Aventurou-se modestamente:

- Desculpe-me, senhor diretor... Estamos todos ansiosos...

Há qualquer novidade a respeito de Chisholm?

- Que novidade pode haver?

- Bem... ele sempre é expulso?

Tarrant considerou o rapaz com patente desagrado.

- Chisholm não será expulso.

E acrescentou com violência inesperada:

- Idiota!

Nessa noite, quando Francis estava no seu quarto, atônito, não querendo acreditar no milagre da sua redenção, um dos criados do colégio apareceu silenciosamente e entregou-lhe um pacote. Continha uma soberba Virgem de Montserrat, talhada em madeira, pequena obra-prima de artesanato espanhol do século XV nenhuma mensagem acompanhava o estranho presente. Nem uma palavra de explicação. Subitamente um pensamento atravessou fulgurantemente a mente de Francis.

Lembrou-se de que havia visto a imagem no aposento do padre Tarrant.

Foi o reitor quem, ao encontrar Francis, no fim da semana, lhe exprimiu a primeira contradição flagrante.

- Surpreende-me, rapaz, que tenhas dado à tua escapadela uma estranha auréola de santidade. Na minha juventude fazer gazeta era uma infração passível de castigo.

Fixou em Francis um olhar vivo e de simpatia.

- Como penitência terás de escrever um ensaio de duas mil palavras sobre as excelências das caminhadas.

No pequeno mundo do seminário as paredes têm ouvidos, as fechaduras têm olhos diabólicos. A história da escapadela de Francis foi gradualmente tornando-se do conhecimento de todos, detalhe a detalhe, ampliando-se cada vez mais à medida que passava dos lábios aos ouvidos. Lapidada pelos narradores como uma pedra preciosa, acabou por tornar-se uma verdadeira maravilha, uma das histórias clássicas do seminário. Quando o padre Gómez soube dos pormenores do caso escreveu uma longa carta ao vigário de Cossa. O padre Bolas, muito impressionado, respondeu-lhe com uma carta de

cinco páginas, da qual o período final talvez mereça ser transcrito:

Naturalmente, o fecho da abóbada teria sido a conversão dessa mulher, Rosa Oyarzabal. Como teria sido sublime se ela viesse a mim banhada em lágrimas, ajoelhando-se aos meus pés, presa de verdadeiro arrependimento, para implorar a Deus, por meu intermédio, perdão para os seus erros! Tudo isso como resultado da visita do nosso jovem apóstolo! Mas ai de mim! Ela associou-se com outra mulher e as duas abriram uma casa suspeita em Barcelona, a qual, segundo as informações em meu poder, está em franca prosperidade.

TERCEIRA PARTE

Um cura fracassado

Chovia persistentemente, ao entardecer, naquele sábado de Janeiro, quando Francis chegou a Shalesley, o entroncamento ferroviário a cerca de cinquenta quilômetros de Tynecastle, mas nada podia arrefecer o zelo ardente da sua alma. Enquanto o comboio desaparecia na distância, ele ficou de pé, na plataforma descoberta molhada pela chuva, olhando à sua volta espantado com aquele vazio. Ninguém viera ao seu encontro para o receber. Sem se deixar desencorajar, agarrou na mala e meteu-se a caminho, pela rua principal da aldeia.

A Igreja do Redentor não devia ser difícil de encontrar.

Era a sua primeira nomeação, a sua primeira paróquia.

Quase não podia acreditar na realidade. O seu coração vibrava...

Recém-ordenado, tinha agora a oportunidade de iniciar o combate, de lutar pela salvação das almas humanas.

Embora prevenido antecipadamente, Francis reconheceu que a realidade ia além da expectativa. Nunca vira lugar mais triste, mais lúgubre, mais cheio de desolação do que aquele.

Shalesley compunha-se de longas filas de casas cinzentas e lojas pobres de artigos baratos, intercaladas, a espaços, com tratos de terras baldias, montes de escória de carvão fumegando mesmo sob a chuva, muitas tabernas e capelas, tudo dominado pelas altas chaminés negras das minas Renshaw. Mas Francis dizia para consigo, alegremente, que eram as pessoas, e não o lugar, que o interessavam.

A igreja católica estava situada no lado leste da aldeia, junto da entrada da mina, harmonizando-se com o ambiente. Era uma vasta construção de tijolo vermelho, com janelas góticas de vidros verdes, um teto escuro e pesado e uma torre sineira mutilada, com a escola a um lado e o presbitério a outro.

Em frente deste um terreno quadrado, inculto, estava vedado por uma barreira meia demolida. Com um suspiro profundo, cheio de ansiedade, Francis aproximou-se da humilde habitação, cujas paredes apresentavam as marcas do tempo, gretadas aqui e ali, no mais ruinoso estado, e fez soar a campainha.

Depois de alguma demora, quando já estava prestes a tocar segunda vez, uma robusta mulher,

com uma blusa de largas listas azuis, abriu a porta. Depois de o examinar, cumprimentou-o secamente.

- Sois vós, senhor abade? Sua Reverendíssima está à sua espera. Por aqui!

E indicou, com simplicidade, a porta da sala, acrescentando:

- Que tempo, Santo Deus! Vou pôr-lhe na mesa uns arenques fumados, que o reverendo deve estar com fome.

Francis entrou corajosamente no aposento. Sentado à mesa, coberta com uma toalha branca e posta como para uma refeição, um corpulento padre de uns cinqüenta anos parou de mexer impacientemente na faca para dar as boas-vindas ao novo pároco.

- Afinal, ei-lo. Entre.

Francis estendeu-lhe a mão.

- Padre Kezer, creio?

- Exatamente. Que outra pessoa poderia ser? O rei Guilherme de Orange? Chegou mesmo a tempo para jantar. Ainda bem!

Voltando-se para trás, gritou na direção da cozinha:

- Miss Cafferty! Olhe que o jantar é para hoje.

Depois a Francis, chamando-o para a mesa.

- Puxe uma cadeira, sente-se aqui. Faça por arranjar uma cara mais alegre. Oxalá que saiba jogar as cartas. Gostaria de ;

fazer uma boa partida esta noite.

Francis sentou-se e Miss Cafferty dentro em pouco surgiu apressadamente da cozinha, com um grande prato coberto contendo arenques e ovos cozidos. Enquanto o padre Kezer se servia de dois ovos e de uma boa porção de arenque, enchendo a boca sofregamente, ela punha sobre a mesa um prato e um talher para Francis. O padre Kezer passou-lhe então o prato, e com a boca tão cheia que mal podia articular, disse:

- Vamos. Sirva-se. Não faça cerimônia. Terá de trabalhar muito aqui; por isso precisa de alimentar-se convenientemente.

Ele próprio comia rapidamente, e nem os rijos maxilares, que mastigavam ruidosamente, nem as fortes mãos estavam um momento em repouso. Desprendia-se dele uma impressão de força e de autoridade. Cada um dos seus movimentos traía claramente uma inconsciente presunção. Enquanto cortava um ovo ao meio e metia a metade na boca, os seus pequenos olhos observavam Francis, vigilantes, formando uma opinião, avaliando-o como um açougueiro os méritos de uma rês.

- O senhor não parece muito forte. Menos de setenta quilos, aposto? A classe dos curas degenera. O último era um caso perdido! Fraco como uma pulga... mas sem a resolução desse inimigo do gênero humano. É essa formação continental que os arruína. No meu tempo... Ah, os rapazes meus condiscípulos em Maynooth eram homens.

- O senhor chegará à conclusão de que tenho boas pernas e bons olhos - observou Francis sorrindo.

- Depois veremos - grunhiu o padre Kezer. - Quando acabarmos irá ouvir confissões. Não haverá muitas esta noite...

por causa da chuva. Tudo lhes serve de desculpa! Preguiçosos como gatos... os meus excelentes paroquianos!

Em cima, no seu quarto de paredes delgadas, com móveis maciços da época vitoriana, Francis lavou as mãos e o rosto numa bacia estalada. Depois desceu apressadamente para a igreja. A impressão que tivera do padre Kezer não era favorável, mas lealmente pensou que com freqüência os juízos formados no primeiro momento são injustos. Ficou sentado durante muito tempo no interior do confessionário, onde ainda se lia o nome do abade Lee, seu predecessor, ouvindo o tamborilar da chuva no telhado da igreja. Por fim saiu e vagueou pela

igreja vazia. Era um espetáculo desencorajante, pois que era nua como um barracão e mesmo pouco limpa.

Uma iniciativa infeliz fora mal sucedida ao tentarem marmorear a nave com uma pintura verde-escura. A imagem de S. José perdera uma das mãos e fora toscamente reparada. Os passos da Via Sacra eram representados por horríveis borradelas suspensas das paredes. No altar flores de papel em jarras de latão fosco feriam a vista e afrontavam o bom gosto. Mas sentia que essas deficiências serviriam de estímulo à sua tarefa.

Francis ajoelhou-se diante do tabernáculo e, com palpitante fervor, consagrou novamente a sua vida a Deus.

Habituação ao ambiente culto e refinado de San Morales, a uma atmosfera de letrados e pregadores, homens de trato e distinção, que circulavam entre Londres, Madrid e Roma, Francis foi submetido nos dias que se seguiram a duras provas.

O padre Kezer não era homem de trato fácil. Naturalmente irascível e inclinado à rudeza, a idade, a experiência e o pouco êxito na conquista da afeição dos seus paroquianos tinham-no tornado de uma intransigência dura como ferro.

Anteriormente tivera aos seus cuidados a excelente paróquia de Eastcliff, uma praia da moda,

mas tornara-se tão desagradável que as pessoas influentes da cidade haviam pedido ao bispo a sua transferência. O incidente, que lhe havia produzido a princípio um choque sensível, fora com o tempo considerado por ele como um ato de sacrifício pessoal. Costumava dizer com resignação:

-- Por minha livre e espontânea vontade abandonei o fauteuil para me sentar no banco... mas, ah!... esses eram bons tempos!

Miss Cafferty, cozinheira-governanta, era a única pessoa que lhe era devotada e fiel. Acompanhava-o havia muitos anos.

Compreendia-o, era da sua têmpera. Se ele a insultava pagava-lhe na mesma moeda. Quando ele partia para Harrogate, a fim de passar ali as suas férias anuais de seis semanas, permitia que ela fosse também descansar na sua terra natal.

Kezer tinha maneiras grosseiras. Os seus pés faziam tremer o seu quarto, abria e fechava ruidosamente a porta da casa de banho, e no arruinado presbitério repercutiam-se todos os ruídos. Sem dar por isso, tinha reduzido a sua religião a uma fórmula vazia de toda a concepção espiritual: «Faz isto ou sê maldito», estava gravado no seu coração. Havia certos ritos que deviam ser feitos com palavras, água, óleo e sal. Sem eles, o Inferno,

incandescente e hiante, estaria à espera das almas. Profundamente imbuído de preconceitos, verberava constantemente todas as manifestações de outros credos - atitude que não concorria para conquistar amigos.

Nem mesmo com a própria congregação vivia em paz. A irmandade era pobre e crivada de dívidas pela construção da igreja; assim, apesar da sórdida economia que era obrigado a fazer, tinha um apelo legítimo a dirigir aos seus paroquianos.

Mas a sua ira natural substituíra o conveniente tacto. No decurso dos seus sermões, firmemente apoiado nos pés, o corpo agressivamente debruçado do púlpito, flagelava os seus poucos ouvintes com sarcasmos.

- Como imaginais que vou pagar a renda, os impostos, o seguro? E conservar o telhado de igreja sobre as vossas cabeças? Não é para mim que peço, é para Nosso Senhor.

Que todos vós me escutem, homens e mulheres. É prata que eu quero ver na salva, não as vossas miseráveis moedas de cobre. Quase todos vós, homens, trabalhais graças à generosidade de Sir George Renshaw. Não tendes, pois, desculpa!

Quanto às mulheres da paróquia... se despendessem mais no ofertório e menos em trapos

garanto que seria muito mais cristão. - E continuava a vociferar violentamente.

Depois iniciava ele próprio a coleta, olhando acusadoramente cada um dos paroquianos, ao mesmo tempo que lhes metia o prato debaixo dos narizes.

As suas objurgatórias tinham provocado entre ele e os paroquianos uma inimizade verdadeira, uma implacável vendeta.

Quanto mais os vituperava menos eles lhe davam. Enraivecido, inventava estratégias. Lembrou-se de lhes distribuir pequenos sobrescritos amarelos, que de resto eles não abriam.

Quando eles deixavam os sobrescritos em casa, o padre dava voltas à igreja, depois da cerimônia religiosa, recolhendo os restos e murmurando furiosamente:

«É assim que eles tratam Nosso Senhor!» No seu tenebroso céu financeiro havia, porém, um sol resplandecente.

Sir George Renshaw, proprietário das minas de Shalesley e de mais quinze outras minas de carvão do distrito, era não só homem riquíssimo e bom católico mas também um inveterado filantropo. Embora a sua residência permanente, Renshaw Hall, ficasse a cem quilômetros de distância, do outro lado do condado, a

Igreja do Redentor figurava na sua lista de obras de filantropia. Pelo Natal, com a máxima regularidade, chegava às mãos do pároco um cheque de cem guinéus.

«Guinéus, meu amigos!», salientava a palavra. «Não apenas vulgares libras! Aí tendes um cavalheiro!» Tinha visto apenas duas vezes Sir George Renshaw, muitos anos atrás, em reuniões públicas, em Tynecastle, mas falava dele com reverência e respeito. E um seu pavor secreto era que, por qualquer razão, o grande industrial suspendesse as suas liberalidades.

Um mês depois da sua permanência em Shalesley, as relações forçadas com o padre Kezer começaram a afetar Francis.

Andava continuamente enervado. Não se admirava que o jovem padre Lee fosse vítima de uma crise de nervos tão violenta. A sua vida espiritual embotou-se, o seu sentido dos valores místicos tornou-se confuso. Surpreendia-se olhando o padre Kezer com crescente hostilidade. Depois, subitamente, dominava-se com um gemido íntimo, esforçando-se com desespero por voltar à obediência, à humildade.

A sua tarefa paroquial era extremamente penosa, sobretudo no Inverno. Três vezes por semana

era obrigado a pedalar, na bicicleta, para Broughton e Glenburn, dois distantes e miseráveis lugarejos, para dizer missa, ouvir confissões e dar aulas de catecismo no edifício da Municipalidade. A falta de interesse do seu rebanho aumentava as suas dificuldades.

As próprias crianças eram preguiçosas e velhacas. Havia muita miséria e desamparo desolador. Toda a paróquia parecia mergulhada em apatia, desprovida de fervor e de fé.

Apaixonadamente, afirmava a si próprio que não se anularia na rotina. Consciente da sua falta de jeito e da sua ineficiência, Francis ardia no desejo de tocar aqueles infelizes corações, de os socorrer e reanimar. Jurava provocar a centelha, fazer brotar a chama, ainda que desse a vida para o conseguir.

O pior era que o pároco, manhoso e vigilante, parecia adivinhar com uma espécie de alegria sardônica as dificuldades em que o seu cura se debatia prevendo, astutamente, um regresso do idealismo do outro ao seu senso prático. Um dia, quando Francis entrara, extenuado e molhado, de volta de um percurso de bicicleta de quinze quilômetros, sob o vento e chuva, para ir visitar um doente em Broughton, o padre Kezer resumiu a sua opinião num comentário nitidamente zombeteiro:

Adquirir uma auréola não é tão confortável como se pensa, hem? - E acrescentou com naturalidade. - E tudo por essa gente inútil!

Francis corou:

.- Cristo morreu por essa gente inútil.

Profundamente atormentado, Francis começou a mortificar-se.

Às refeições pouco comia, limitando-se às vezes a uma chávena de chá e a uma torrada. Frequentemente acordava no meio da noite, torturado pela angústia, e descia silenciosamente para a igreja. Sombrio e deserto, banhado pelo luar, o templo perdia a sua triste fealdade. Deixava-se cair de joelhos, implorando coragem para suportar as provações dos seus começos, orando com impetuoso ardor. Por fim, o olhar fixo na imagem do Crucificado, paciente e doce no seu suplício, a paz inundava-lhe a alma.

Uma vez, pouco depois da meia-noite, após uma dessas visitas, quando subia a escada, pé ante pé, encontrou o padre Kezer, que o esperava. Com a camisa de dormir e um sobretudo por cima, uma vela na mão, o pároco, solidamente apoiado no patamar nas grossas pernas cabeludas, impediu-lhe irritadamente a passagem.

- Aonde vai?

- Para o meu quarto.

- Onde esteve?

- Na igreja.

- Quê? A estas horas da noite?

- Porque não? - perguntou Francis, com um sorriso forçado. - Acha que eu poderia acordar Nosso Senhor?

- Não, mas poderia acordar-me a mim - resmungou o padre Kezer, perdendo a cabeça. - Não quero cá isso. Nunca, em toda a minha vida, vi semelhante dislate. Eu dirijo uma paróquia, não um convento. O senhor pode rezar quanto quiser durante o dia, mas, enquanto estiver sob as minhas ordens, a noite será para dormir.

Francis conteve a exaltada réplica que lhe ocorreu. Dirigiu-se para o seu quarto em silêncio. Devia curvar-se, esforçar-se por entender-se com o seu superior se queria obter alguns bons resultados na paróquia. Tentou convencer-se das qualidades do padre Kezer; a sua franqueza e a sua coragem, as suas graças inesperadas, a sua castidade indiscutível.

Alguns dias mais tarde, aproveitando um momento que julgou azado, abordou o pároco diplomaticamente.

- Tenho estado a pensar, padre... com uma paróquia tão extensa como a nossa, onde os contactos com o mundo exterior são raros, sem lugares para

distrações... tenho pensado se não poderíamos organizar um clube para a juventude...

- Ah, ah! - exclamou o padre Kezer, com bom humor.

- Então você está a querer-se tornar popular, hem, meu rapaz?

- Santo Deus, não! - objetou Francis, procurando igualar o padre no seu tom faceto, tão desejoso estava de fazer concordar o outro com a sua idéia. - Não quero fazer previsões, mas talvez um clube tirasse os jovens das ruas e os adultos das tabernas. Educá-los-ia física e socialmente. Induzi-los-ia até a virem à igreja - completou, sorrindo.

- Vocês, padres novatos... - riu Kezer. - Creio que você é ainda mais destravado do que Lee. Bem, faça o que entender. Mas não espere o menor agradecimento dessa gentinha inútil.

- Obrigado, obrigado. Eu só queria o seu consentimento.

Cheio de entusiasmo, Francis começou imediatamente a pôr em prática o seu plano. Donald Kyle, o gerente da mina Renshaw, era escocês, bom católico, e estava animado de boa vontade. Dois outros empregados da mina, Morrison, o conferente, cuja mulher ia algumas vezes ajudar no presbitério, e

Greenden, dinamitador-chefe, também pertenciam à irmandade.

Por intermédio do gerente Francis obteve permissão para utilizar a sala dos primeiros socorros da mina durante três noites por semana. Com o auxílio dos outros dois, começou a trabalhar por despertar o interesse geral pelo clube.

As suas próprias economias não chegavam a duas libras, e preferiria morrer a recorrer ao auxílio dos fundos da paróquia.

Mas escreveu a Willie Tulloch - que estava em contacto com a corporação de centros de recreio de Tynecastle - pedindo que lhe enviasse alguns velhos artigos de desporto e de ginástica que pudesse obter.

Pensando na melhor maneira de atrair a população, concluiu que nada seria mais aliciante para a juventude do que um baile. Havia um piano na sala e Greenden era um excelente violinista. Anunciou a festa com um cartaz na porta com a cruz vermelha, e quando o dia chegou, quinta-feira, gastou todo o seu capital numa provisão de bolos, frutas e limonadas.

O sucesso da festa, após um começo pouco animador, excedeu as mais ousadas expectativas. A afluência foi tal que se organizaram oito quadrilhas.

Os rapazes, na sua maioria, não tinham sapatos e dançavam com as suas botas de mineiros.

Nos intervalos das danças sentavam-se nos bancos em volta da sala, vermelhos e felizes, enquanto as raparigas iam buscar refrescos para eles. Enquanto dançavam cantavam em coro. Alguns mineiros que acabavam de sair da mina aglomeraram-se à entrada e contemplavam o espetáculo à luz do gás, os dentes a brilharem no largo sorriso que se abria nas suas faces mascaradas. Por fim juntaram as suas vozes ao coro e alguns mais arroçados entraram e dançaram também. Acabou por ser uma noite alegre.

De pé, junto da porta, enquanto as saudações deles lhe acariciavam os ouvidos, Francis, com o coração cheio de alegria, pensava: «Eles começaram a viver. Meu Deus, consegui um belo começo!» Na manhã seguinte, ao pequeno almoço, o padre Kezer estava apoplético de raiva.

- Sim, senhor! Conseguiu uma linda coisa! Um excelente exemplo! Devia estar cheio de vergonha!

Estupefato, Francis olhou-o.

- Que quer dizer?

- Sabe muito bem o que quero dizer! Aquela infernal reunião de ontem à noite!

- O senhor deu-me o seu consentimento... ainda na semana passada.

O padre Kezer bramiu, fora de si:

- Não lhe dei consentimento para montar um lugar de perdição mesmo ao lado da minha igreja. Eu já tenho bastante dificuldade para conservar a pureza das minhas jovens paroquianas sem você ter inventado esses bailaricos impudicos!

- Toda a festa foi perfeitamente inocente.

- Inocente! Deus do Céu! - exclamou o padre Kezer, roxo de furor. - Então não sabe, pobre parvo, a que conduz essa espécie de galanterias, de atritos, de junção de corpos

e de pernas? Tudo isso faz nascer maus pensamentos no espírito dessa gente. Leva à concupiscência, à excitação dos sexos, à luxúria da carne. No seu rosto, tornado pálido, os olhos vermelhos de Francis brilharam de indignação. - O senhor não está a confundir luxúria com natureza?!

- Jesus, Maria, José! Qual é a diferença? - A mesma que separa a doença da saúde. As mãos do padre Kezer fecharam-se convulsivamente. Por todos os diabos do Inferno, que está a dizer? A amargura lentamente acumulada durante os dois meses anteriores irrompeu de Francis numa onda tumultuosa: - O senhor não pode reprimir a natureza. Se o tentar ela defender-se-á e dominá-lo-á. É perfeitamente natural e bom que os rapazes e as

raparigas se encontrem, que dancem uns com os outros. É um prelúdio natural para o amor que leva : ao casamento. Para que cobrir o sexo com um lençol imundo, como se fosse um cadáver pestilento? É isso que provoca o sorriso malicioso, as gargalhadas lascivas. Devemos encarregar-nos da educação sexual a fim de sublimar o instinto e não o estrangular como se fosse uma víbora. Quem o tentar fracassará, além de tornar uma coisa pura e nobre numa coisa sórdida!

Um agressivo silêncio se seguiu. As veias do pescoço do padre Kezer estavam intumescidas, violáceas.

- Blasfêmia! Indignidade! Não permitirei que a juventude se perverta nos seus salões de dança! - rugiu o padre Kezer.

- Então o senhor levá-la-á a perverter-se - para usar a sua expressão - nas vielas escuras e nos bosques que rodeiam a cidade!

- Mente! - vociferou Kezer. - Eu defenderei a castidade na minha paróquia. Sei o que tenho a fazer.

- Sem dúvida - tornou Francis com azedume. - Mas isso não impede que as estatísticas demonstrem que a percentagem dos nascimentos ilegítimos em Shalesley seja a mais elevada desta diocese.

Por um momento pareceu que o pároco ia ter um ataque.

As suas mãos fechavam-se e abriam-se como se procurassem alguém para estrangular. Titubeando ligeiramente, ergueu o dedo e apontou-o para Francis.

- As estatísticas demonstrarão agora outra coisa! É que não haverá clube algum num raio de oito quilômetros à volta deste lugar onde estou. Aí está o seu belo plano morto e enterrado, sou eu quem afirma. E a minha decisão é irrevogável.

Sentou-se à mesa e, furiosamente, começou a comer.

Francis terminou rapidamente e subiu para o seu quarto, pálido e abalado. Através das vidraças cheias de poeira podia ver a sala dos primeiros socorros, com o caixote de luvas de box e os aparelhos de ginástica enviados por Tulloch e chegados no dia anterior... Tudo inútil agora, tudo proibido!

Presa de uma terrível emoção, pensava: «Não posso continuar a submeter-me, Deus não pode exigir de mim uma tal resignação. Devo lutar, lutar no mesmo campo do cura, não por mim, mas por esta miserável paróquia.» Um impulso extraordinário o dominou, um desejo imenso de ajudar aquela gente, os primeiros que Deus lhe tinha confiado.

Durante os dias que se seguiram o trabalho rotineiro da paróquia absorvia-o, mas procurou febrilmente algum meio de levantar a interdição que

pesava sobre o seu clube. Este como que se havia tornado aos seus olhos o símbolo da emancipação da paróquia. Mas quanto mais pensava mais inatacável lhe parecia a posição do padre Kezer.

A aparente derrota de Francis causava ao velho pároco um mal contido júbilo. Ele sabia domesticá-los, esses fedelhos!

O bispo devia estar ao fato da sua competência para o efeito, pois lhe mandava tantos, um após outro. O seu sorriso sardônico acentuou-se.

Subitamente Francis teve uma inspiração. Uma idéia que o chocou com uma força esmagadora - uma débil probabilidade, talvez, mas que poderia ser bem sucedida. O seu rosto pálido tomou um pouco de cor. Quase gritou. Só com grande esforço conseguiu acalmar-se. Decidiu: «Tentarei, devo tentar... "quando terminar a visita de tia Polly."»

Tinha-se combinado, efetivamente, que a tia Polly e Judy viessem passar umas férias em Shalesley, na última semana de Junho. Shalesley não era uma estância climatérica, mas o ar era saudável. A Primavera tinha coberto a sua desolação de uma beleza transitória e Francis estava particularmente ansioso porque Polly tivesse o descanso de que estava tão necessitada.

O Inverno fora mau para ela, física e financeiramente. Tadeu Gilfoyle estava, segundo as suas palavras, a trilhar o caminho da ruína da Union, bebendo mais do que vendia, não prestando contas, procurando guardar para si o dinheiro do pouco negócio que se fazia. A doença de Ned tinha-o, no espaço de um ano, tornado inválido. Reduzido a movimentar-se numa cadeira de rodas, ultimamente tornara-se irresponsável.

Tinha manias absurdas, falava ao zombeteiro e adulator Tadeu do seu iate a vapor, da sua cervejaria particular em Dublin. Um dia escapara-se à sua vigilância e, na companhia de Scanty - duo grotesco - tinha-se dirigido às lojas de Clermont na sua cadeira, onde encomendara duas dúzias de chapéus. O doutor Tulloch, chamado, a pedido de Francis, asseverara que o estado de Ned não devia atribuir-se a um ataque de loucura, mas sim a um tumor no cérebro. Fora ele quem propusera o enfermeiro que substituíra agora Polly.

Francis preferiria que Judy e a tia Polly ocupassem o quarto dos hóspedes do presbitério... Com efeito, um dos seus sonhos era uma paróquia sua, na qual Polly fosse a governanta e onde pudesse ocupar-se de Judy. Mas a atitude do padre Kezer tornava impossível uma sugestão dessa espécie.

Francis encontrou um alojamento confortável para elas em casa da senhora Morrison, e no dia 21 de Junho a tia Polly e Judy chegaram.

Na estação, onde tinha ido esperá-las, sentiu de súbito uma angústia no coração. Polly, ainda direita e valente, desceu da carruagem conduzindo pela mão, como o fizera com Nora, uma miúda e morena criança de cabelo lustroso.

«Polly! Querida Polly», murmurou Francis, quase consigo mesmo.

Ela estava pouco mudada, um pouco mais mal vestida talvez, as faces mais chupadas. Usava o mesmo casaco curto, as mesmas luvas e o mesmo chapéu. Nunca mais gastara um tostão consigo mesma, sempre com os outros. Tinha-se consagrado a Nora, a ele próprio e a Ned, e cuidava agora de Judy.

Pensando no seu absoluto desprendimento, o coração de Francis transbordava de emoção. Adiantou-se e estreitou-a nos braços.

- Polly, como me sinto feliz de a ver... a tia... a tia...

é eterna!

- Oh, meu Deus! - articulou a tia Polly, procurando o lenço na bolsa. - Este vento... Creio que tenho alguma coisa num olho.

Ele tomou o braço dela e o de Judy e conduziu-as ao alojamento.

Francis fazia tudo quanto lhe era possível para distraí-las.

Durante os serões tinha longas conversas com Polly. Ela estava orgulhosa dele, pelo que ele se tornara. O que sentia por ele era comovente.

Polly não falava das suas dificuldades financeiras, mas notavam-se as suas preocupações a respeito de Judy. A criança, agora com dez anos de idade, freqüentava a escola diurna de Clermont; era uma estranha personalidade. Superficialmente dotada de uma cativante franqueza, ela era, no fundo, desconfiada e dissimulada. Escondia toda a espécie de ninharias no seu quarto e tremia de raiva quando alguém nelas bulia. De humor inconstante, tinha loucos entusiasmos que se desvaneciam rapidamente. Noutras circunstâncias era tímida e hesitante.

Não podia suportar a confissão de uma sua falta e tinha suficiente presença de espírito para negar o que fazia. Se se duvidava da verdade das suas afirmações, tal fato provocava nela torrentes de lágrimas de indignação.

Ao corrente de tudo isto, Francis fez todos os esforços para conquistar a sua confiança. Levava-a frequentemente ao presbitério, onde ela, com a sua

completa inconsciência de criança, se sentia à vontade: entrava frequentemente no quarto do padre Kezer, subia ao seu sofá, mexia nos seus cachimbos e nos pisa-papéis. Francis ficava embaraçado, mas como o pároco não protestava, ele não a repreendia.

No último dia das suas curtas férias, quando a tia Polly havia saído para o derradeiro passeio e Judy descansava finalmente, entretida com um livro de gravuras a um canto do quarto de Francis, bateram à porta. Era Miss Cafferty, que se dirigiu a Francis.

- O reverendo quer falar-lhe imediatamente.

As sobrancelhas de Francis ergueram-se ante o inesperado pedido. Havia alguma coisa de ameaçador nas palavras da governanta.

Levantou-se lentamente.

O padre Kezer estava de pé, à sua espera, no quarto.

Pela primeira vez em semanas ele olhou-o de frente.

- Essa criança é uma ladra.

Francis nada respondeu mas sentiu o coração parar.

- Tinha confiança nela. Deixei-a brincar por toda a casa.

Achava-a uma criança interessante, embora...

- Que lhe tirou ela? - perguntou Francis, com dificuldade de se expressar.

- Ora, o que os ladrões tiram ordinariamente - respondeu o padre Kezer.

O cura voltou-se para a chaminé sobre a qual havia uma fileira de pequenas colunas, cada uma delas de doze moedas de penny embrulhadas cuidadosamente em papel branco pelas suas próprias mãos. Pegou numa delas.

- Roubou dinheiro da coleta. Pior do que roubo. É simonia.

Veja isto.

Francis examinou o rolo. Tinha sido aberto e desajeitadamente retorcido em cima.

Faltavam três moedas.

- Que o leva a supor que foi Judy quem fez isso?

- Eu não sou imbecil! - sibilou Kezer. - Tenho vindo a notar a falta de moedas durante toda a semana. Todas as moedas destes pacotes estão marcadas.

Sem uma palavra, Francis voltou as costas ao pároco e dirigiu-se para o seu quarto. Kezer seguiu-o.

- Judy. Mostra-me o teu porta-moedas.

Judy estremeceu como se tivesse levado uma bofetada.

Refez-se, no entanto, rapidamente e respondeu:

- Deixei-o em casa da senhora Morrison.

- Não, tens-lo aqui - disse Francis curvando-se e tomando-lhe o porta-moedas que a criança procurava ocultar no vestido.

Era um porta-moedas novo, de cordão, que a tia Polly lhe dera antes das férias. Francis abriu-o e o seu coração deu uma pancada forte dentro do peito. Continha três moedas.

Cada uma delas estava marcada com uma cruzinha.

A severidade da expressão do padre Kezer manifestava ao mesmo tempo desdém e triunfo.

Que lhe tinha eu dito? Assim, miserável garota, roubavas Deus! - Olhou ferozmente para Francis.

- Devias ser processada por isto. Se a tivesse sob a minha responsabilidade, levá-la-ia diretamente à esquadra da polícia.

- Não, não - Judy começou a chorar. - Eu tinha a intenção de devolver o dinheiro. Sinceramente, eu tencionava fazê-lo.

Francis estava lívido. A sua situação era horrível. Revestiu-se de toda a sua coragem.

- Muito bem - disse, sereno. - Vamos imediatamente à esquadra da polícia e acusá-la-emos diante do sargento Hamilton.

O desespero de Judy atingiu o paroxismo.

-Gostaria de ver - troçou o padre Kezer.

Francis agarrou no chapéu e tomou Judy pela mão.

- Vamos, Judy. Deves ser corajosa. Vamos ao sargento Hamilton dizer-lhe que o padre Kezer te acusa de lhe teres furtado três moedas.

Quando Francis, com a criança pela mão, se dirigia para a porta, confusão e depois verdadeira apreensão se manifestaram nos olhos do padre Kezer. Havia falado de mais. O sargento Hamilton, seu adversário político, não estava de boas relações com ele. Tinha havido graves desentendimentos entre eles no passado. E agora... aquela acusação ridícula...

já se via escarnecido por toda a aldeia. Murmurou subitamente:

- Não vá lá!

Francis fez ouvidos de mercador.

- Pare! - gritou o padre Kezer, reprimindo a raiva. - E... esqueçamos este deplorável incidente. Fale o senhor mesmo com ela.

E saiu do quarto, espumando de raiva.

Quando a tia Polly e Judy voltaram para Tynecastle, Francis foi tomado de uma súbita comiseração. Tinha querido explicar, expressar o seu pesar pela gatunice de Judy. Mas a atitude do padre Kezer impedira-o. A impressão de ter sido logrado

vexava ainda mais o velho. Além disso, ele devia porém restituir ao cura a moral abalada pelo sucedido.

Carrancudo e fechado, ignorava a existência de Francis.

Ordenara a Miss Cafferty que lhe servisse as refeições à parte antes do jovem padre. No domingo que precedeu a sua partida pregou um violento sermão sobre o sétimo mandamento:

«Não roubarás!», no qual cada palavra se dirigia ao coadjutor.

Logo a seguir à missa Francis foi diretamente a casa de Donald Kyle, chamou o gerente à parte e falou-lhe um pouco hesitante ainda, mas gradualmente esperançoso. Finalmente, murmurou:

- Duvido de que o consigamos! Mas estarei com o senhor até ao fim.

Os dois homens apertaram as mãos.

Na segunda-feira o padre Kezer partiu para Harrogate, onde, durante seis semanas, faria a sua cura de águas. Nessa mesma noite Miss Cafferty partiu também para Rosslare, sua terra natal, e na terça-feira, muito cedo, Francis encontrou-se com Donald Kyle na estação. O encontro fora combinado previamente. Kyle trazia consigo uma pasta cheia de papéis e uma brilhante e nova brochura

recentemente publicada por uma firma carvoeira rival de Nottingham. Vestia o melhor fato e a sua expressão resoluta era apenas um pouco menos acentuada de que a de Francis. Tomaram o comboio das onze horas em Shalesley.

O dia passou lentamente e só voltaram à noite, bastante tarde. Caminhavam em silêncio pela estrada olhando em frente. Francis parecia cansado, mas a sua expressão era impenetrável.

Quando se desejaram mutuamente boas-noites o sorriso do gerente da mina era solene e significativo.

Nada de anormal se passou nos quatro dias seguintes. Depois, sem aviso prévio, um período de estranha atividade começou.

A atividade parecia concentrar-se na mina, o que era natural, pois que a mesma constituía o centro do distrito. Francis conservava-se lá a maior parte do tempo que as suas obrigações paroquiais lhe permitiam conferenciando com Donald Kyle, estudando os planos do arquiteto, fiscalizando os grupos de trabalhadores. Foi notável a rapidez com que o novo edifício foi construído. Em quinze dias tinha passado do primeiro pavimento e num mês a construção estava completa.

Foi então a vez dos carpinteiros e estucadores. O som dos martelos ecoava como uma música deliciosa

aos ouvidos de Francis. Aspirava com prazer o cheiro das aparas de madeira.

por vezes também ajudava os homens no seu trabalho. Todos gostavam dele. Francis tinha herdado do pai o gosto pelos trabalhos manuais.

Sozinho no presbitério, fora a aparição rápida e discreta diária da senhora Morrison, que lhe ia fazer as arrumações, livre das críticas do superior, o seu fervor não conhecia limites.

Sentia-se como que envolto numa luz pura e brilhante.

Sentia que se aproximava do seu rebanho, que desfazia a barreira da desconfiança, penetrava numa vida monótona.

Era uma sensação maravilhosa, em que se misturavam o firme propósito e a satisfação do dever cumprido, como se, abraçando a pobreza e o infortúnio que o rodeavam, ele se aproximasse com a sua piedade e a sua elevada ternura do limiar do reino de Deus.

Cinco dias antes do regresso do padre Kezer, Francis sentou-se à mesa e escreveu uma carta:

Sbalesley, 15 de Setembro de 1897 Prezado Sir George:

O novo centro recreativo que V. Ex.a tão generosamente doou a esta aldeia está praticamente

concluído. Proporcionará imensas vantagens não só aos trabalhadores da sua mina e às suas famílias mas também a todos quantos vivem nesta vasta região industrial, sem distinção de classe ou religião. Já está organizada uma comissão e já foi redigido o regulamento nas diretrizes que combinamos. Pela cópia que junto a esta, V. Ex.a poderá ver quão vasto é o nosso programa de Inverno:

aulas de box e jogo de pau, cultura física, hóquei, instrução de primeiros socorros aos feridos e um baile semanal às quintas-feiras.

Quando considero a pronta generosidade com que V. Ex.a atendeu as diligências do senhor Kyle e deste humilde pároco quando, injustificadamente hesitantes, nos aproximamos de V. Ex.a, sinto-me completamente abismado. Quaisquer palavras de gratidão que eu pudesse escrever seriam inexpressivas e inadequadas por mais calorosas que fossem. V. Ex.a encontrará a sua verdadeira recompensa na alegria e na felicidade que proporcionará ao povo laborioso de Shaelesley e nos efeitos benemerentes que indubitavelmente resultarão da subida do nível da solidariedade social.

Propomo-nos inaugurar o centro na noite de 21 de Setembro com uma soirée de gala. Se V. Ex.a

aceder em honrar-nos com a sua presença, a nossa alegria será completa.

Creia-me vosso devotado FRANCIS CHISHOLM, Cura da Igreja do Redentor Pôs a carta no correio com um sorriso expressivo. As palavras que escrevera eram sentidas, ardentemente sinceras.

Mas as suas pernas tremiam.

A 19, ao meio-dia, um dia depois do regresso da sua governanta, o padre Kezer reapareceu. Fortificado pelas águas salinas, vinha cheio de energia ou, como ele próprio disse, «os seus dedos comiam-lhe com o desejo de empunhar as rédeas». Encheu o presbitério com a sua presença negra e peluda, dirigiu uma gritante saudação a Miss Cafferty reclamando uma refeição substancial enquanto passava revista à correspondência; em seguida sentou-se à mesa para almoçar, esfregando as mãos. No seu prato um sobrescrito. Rasgou-o e tirou um cartão impresso.

- Que é isto?

Francis umedeceu os lábios secos, reunindo toda a sua coragem.

- Parece que é um convite para a festa da inauguração do novo clube atlético e recreativo de Shalesley. Eu também recebi um.

- Clube recreativo... Que temos nós com isso?

Conservava o cartão a distância e examinava-o, repetindo:

- Que é isto?

- Um excelente e novo centro. Pode ver-se daqui, da janela.

E Francis acrescentou com um tremor na voz:

- É um presente de Sir George Renshaw.

- Sir George...

Kezer interrompeu-se, estupefato, e correu à janela. Ficou aí longo tempo, olhando as impressionantes proporções do novo edifício. Depois voltou, sentou-se, e lentamente começou a comer. O seu apetite não era propriamente o de um homem com o fígado recentemente lavado. Os seus pequenos olhos dirigiam-se de relance para Francis. O silêncio parecia pesar na sala.

Por fim Francis decidiu-se a falar, timidamente, com a maior simplicidade:

- Espero a sua decisão. O senhor proibiu a dança e todos os divertimentos em que entrassem os dois sexos. Por outro lado, se os nossos paroquianos não cooperarem, se votarem o clube ao ostracismo e não freqüentarem os bailes, Sir George sentir-se-á mortalmente ofendido.

Francis conservava os olhos baixos.

- Ele virá pessoalmente, na quinta-feira, à festa da inauguração.

O padre Kezer sentia-se incapaz de engolir mais uma garfada.

O grosso e tenro bife que estava no seu prato parecia-lhe um pedaço de sola. Levantou-se bruscamente e amarfanhou o cartão entre os dedos crispados com súbita e terrível violência.

- Não iremos a essa inauguração do Diabo! Não iremos.

Está a ouvir? Está dito uma vez por todas!

E, fora de si, saiu violentamente.

Na quinta-feira, à noite, de barba feita, com roupa branca limpa e a sua melhor sotaina, no rosto uma mistura de alegria e tristeza, o padre Kezer encaminhou-se para a cerimônia.

Francis seguia-o.

O novo edifício estava cheio de luzes e de animação, apinhado até ao máximo da sua capacidade com gente laboriosa e humilde. Num estrado estavam sentados alguns dos notáveis:

Donald Kyle e esposa, o médico da mina, o mestre-escola e dois outros padres. Quando Francis e o padre Kezer tomaram os seus lugares houve uma prolongada aclamação e depois alguns assobios e gargalhadas. O padre Kezer mostrou os dentes...

O ruído de um carro que se aproximava aumentou a expectativa e um minuto depois, no meio de uma grande ovação, Sir George aparecia no estrado. Era um homem, de estatura mediana, de cerca de sessenta anos de idade, com uma calva brilhante aureolada de cabelos brancos. O seu bigode era igualmente prateado e as suas faces vivamente rosadas. Tinha aquele notável frescor característico de certas pessoas louras na velhice. Custava a acreditar que uma pessoa de aspecto tão inocente e tranqüilo fosse tão poderoso.

Assistiu com um sorriso nos lábios à cerimônia, aceitou prazenteiramente o discurso de boas-vindas do senhor Kyle e depois pronunciou mesmo algumas palavras, concluindo amavelmente:

- Gostaria de, com toda a justiça, assinalar que a iniciativa desta excelente e útil realização se deve em primeiro lugar às idéias largas e ao espírito preclaro do padre Francis Chisholm.

Os aplausos foram ensurdecadores e Francis corou, com um olhar suplicante e envergonhado dirigido ao seu superior.

O padre Kezer ergueu as mãos automaticamente e bateu com uma na outra duas vezes, com ar de mártir na agonia.

Mais tarde, quando começou a dança, ficou por algum tempo vendo Sir George fazer duas vezes a volta ao salão com a jovem Nancy Kyle e depois desapareceu na noite. A música seguiu-o e ele procurava fugir-lhe.

Quando Francis voltou, tarde, encontrou o pároco sentado na sala de estar, desanimado, com as mãos nos joelhos.

Parecia estranhamente inerte. Tinha abandonado o ar arrogante.

No decurso dos últimos dez anos liquidara mais curas do que Henrique VIII havia liquidado mulheres. E agora um simples vigário havia-o vencido. Disse inexpressivamente:

- Ver-me-ei obrigado a fazer um relatório da sua conduta e a enviá-lo ao bispo.

Francis sentiu o coração confranger-se-lhe dentro do peito, mas não retorquiu. Acontecesse o que acontecesse, a autoridade do padre Kezer estava abalada. O velho pároco continuou sombriamente:

- Talvez seja melhor a sua transferência. O bispo decidirá.

O deão Fitzgerald tem necessidade de outro cura em Tynecastle...

o seu amigo Mealey está lá, parece-me.

Francis guardou silêncio. Não desejava deixar aquela aldeia, que começava agora a despertar. No entanto, se fosse obrigado a fazê-lo, as coisas seriam mais fáceis para o seu sucessor. O centro estava lançado. Era um começo. Outras mudanças viriam. Não sentia exultação pessoal, apenas uma tranqüila e quase visionária esperança. Disse em voz baixa:

-- Sinto muito tê-lo transtornado, padre. Creia-me, eu não fiz mais do que tentar ajudar... o nosso inútil rebanho.

Os dois padres fitaram-se. Foi Kezer quem baixou os olhos.

Numa sexta-feira, pelo fim da Quaresma, no refeitório do presbitério de S. Domingos, Francis e o padre Slukas já estavam sentados para o frugal almoço de bacalhau cozido e pão escuro torrado, sem manteiga, servido em pesada baixela de prata e em fina porcelana azul de Worcester, quando o padre Mealey voltou da sua visita a um doente. Pelo seu ar distante, e pela maneira indiferente com que se serviu, Francis compreendeu imediatamente que Anselmo estava preocupado. O deão Fitzgerald tomava as suas refeições nos seus aposentos e os três padres estavam sós. Mas o padre Mealey, mastigando com ar ausente, com a pele levemente ruborizada, guardou silêncio até o fim da refeição. Só depois que

o lituano sacudiu as migalhas da barba, se levantou e se despediu é que a sua rigidez afrouxou. Aspirou profundamente.

- Francis! Podes acompanhar-me esta tarde? Não tens quaisquer compromissos?

- Não... Estou livre até às quatro horas.

- Então vem. Gostaria que, como meu amigo e meu colega, fosses o primeiro... - Interrompeu-se e nada mais disse que pudesse esclarecer o profundo mistério das suas palavras.

Havia dois anos que Francis era o segundo-cura de S. Domingos, onde Geraldo Fitzgerald, agora deão Fitzgerald, ainda permanecia, com Anselmo, seu primeiro-assistente, e o padre lituano Slukas, um mal necessário pela presença dos muitos imigrantes polacos que continuamente afluíam a Tynecastle.

A mudança de ambiente rústico de Shalesley para aquela familiar paróquia citadina onde os serviços religiosos eram regulares como um relógio e a igreja de uma perfeita elegância, tinha deixado uma curiosa impressão em Francis. Sentia-se feliz por estar perto de tia Polly, por poder vigiar Ned e Judy, ver os Tullochs, Willie e sua irmã uma ou duas vezes por semana. Sentia também conforto, de qualquer maneira uma sensação de indefinível apoio na recente

promoção do Mons. Mac Nabb, de San Morales, a bispo da diocese.

No entanto um certo ar de maturidade, as rugas à volta dos olhos, o seu corpo magro eram indicações mudas de que a nomeação não fora isenta de incidentes.

O deão Fitzgerald, requintado e orgulhoso da sua distinção, era exatamente o tipo oposto ao do padre Kezer. No entanto, embora se esforçasse por ser imparcial, o deão não era desprovido de certos preconceitos: Anselmo tinha todo o seu apoio (era o seu predileto); fingia ignorar a existência do padre Slukas, cujo mau inglês, as suas deploráveis maneiras à mesa - um guardanapo sob a barba em todas as refeições - e o seu hábito excêntrico de usar um chapéu de coco com a sotaina, o colocavam fora de consideração; o seu segundo-cura, mantinha-o sob certa reserva. Francis não tardou a compreender que o seu humilde nascimento, as suas relações com a Union Tavern, e, ainda mais, a tragédia dos Bannon, representavam obstáculos que não conseguiria vencer facilmente.

A bem dizer, mal tinha começado. Fatigado das velhas banalidades, dos cansados sermões repetidos como que por papagaios em cada domingo determinado do ano, Francis aventurou-se, pouco

depois da sua chegada, a pregar uma simples homilia, fresca e original, em que exprimia as suas próprias opiniões sobre a integridade da pessoa humana. Mas o deão Fitzgerald condenara imediatamente a perigosa inovação. No domingo seguinte, por sua sugestão, Anselmo subira ao púlpito e ministrara o antídoto: uma magnífica peroração nos moldes clássicos do sermão, com grandes gestos e exclamações.

Quando terminou todas as mulheres choravam; depois, quando Anselmo comia, com grande apetite, o seu almoço de costeletas de carneiro, o deão elogiou-o calorosamente, com uma bem marcada intenção:

- Muito bem, padre Mealey! Isto é que é eloquência.

Ouvi o nosso falecido bispo fazer um sermão idêntico há vinte anos.

Talvez os seus sermões tão diferentes determinassem os cursos das suas carreiras. À medida que os meses passavam, Francis não podia deixar de comparar desoladamente os resultados medíocres das suas prédicas com o notável sucesso de Anselmo. O padre Mealey era uma figura de relevo na paróquia, sempre satisfeito, mesmo alegre, com o riso pronto e uma palmadinha confortadora nas costas dos que se encontravam em dificuldades. Trabalhava muito e

com grande zelo, a sua agenda estava sempre cheia de compromissos e no entanto nunca recusava um convite para falar numa reunião ou num discurso depois de um jantar. Redigia a Gazeta de S. Domingos, pequena folha noticiosa e frequentemente divertida.

Saía muito e, embora ninguém pudesse considerá-lo um pretensioso, era convidado para tomar chá em casa das melhores famílias. Sempre que algum clérigo eminente vinha pregar na cidade, Anselmo ia ouvi-lo, tomar conhecimento com ele e manifestar-lhe a sua admiração. Mais tarde mandava-lhe uma carta, muito bem redigida, onde exprimia em termos entusiásticos o benefício espiritual que obtivera do encontro.

Esta atitude granjeava-lhe amigos influentes.

Naturalmente que havia limites para a sua capacidade de trabalho. Assim, enquanto tinha assumido zelosamente as funções de secretário do novo centro diocesano das missões estrangeiras de Tynecastle - um projeto há muito acalentado pelo bispo -, trabalhando perseverantemente para agradar a Sua Excelência, viu-se obrigado, com relutância, a passar a Francis a direção do clube dos rapazes operários da Shand Street.

As casas dos arredores da Shand Street eram as mais miseráveis da cidade. Essas altas habitações coletivas, essas hospedarias, esses tugúrios sem ar nem luz foram pouco a pouco entrando na jurisdição de Francis. Aqui, embora os seus resultados parecessem triviais e desprezíveis, encontrou ele um campo de atividade considerável. Teve de aprender a olhar o desamparo de frente, a ver, sem se contrair, a dor e a miséria da vida, a eterna ironia da pobreza abjeta. Não era uma comunhão de santos o que o rodeava, mas uma comunhão de pecadores, que provocava nele uma piedade tal que algumas vezes as lágrimas lhe subiam aos olhos.

- Não me digas que estás com sono - disse Anselmo em tom de censura.

Com um sobressalto, Francis foi arrancado do seu devaneio e viu o padre Mealey à sua espera, de chapéu e bengala na mão, junto da mesa do almoço. Sorriu e levantou-se.

Fora a tarde estava fresca e bonita; começava a soprar uma brisa forte, e Anselmo, limpo, saudável e de bom aspecto, caminhava com passo vivo, saudando os seus paroquianos cordialmente. A sua popularidade em S. Domingos não o envaidecera. Os seus muitos admiradores afirmavam que a modéstia era uma das suas mais encantadoras características.

Entretanto Francis reconheceu que se dirigiam para o novo subúrbio recentemente anexado à paróquia. Além dos limites da cidade, no parque de um antigo castelo, um novo bairro surgia. Alguns operários trabalhavam transportando pedras e tijolos nos seus carrinhos. Sem consciência Francis notou uma grande tabuleta branca: «Venda de lotes do parque Hollis, tratar com Malcolm Glennie, advogado». Mas Anselmo prosseguia.

Transpuseram a colina, atravessaram alguns campos e depois seguiram por um carreiro à esquerda. Apesar da proximidade das fábricas o local era agradavelmente campesino.

De repente o padre Mealey parou, imóvel mas excitado, como um cão de caça farejando a presa.

- Sabes onde estamos, Francis? Conheces o local?

- Naturalmente.

Francis passara por ali com muita frequência: era uma pequena gruta com rochas revestidas de líquenes, meia encoberta por giestas amarelas e rodeada de uma cerca de faias.

Era o recanto mais pitoresco dos arredores. Frequentemente tinha perguntado a si próprio porque lhe chamariam «O Poço» e algumas vezes «O Poço de Santa Maria». Havia cinquenta anos que não corria água na bica.

- Olha - disse Mealey, que, puxando-o por um braço, o conduziu para a frente.

Das rochas brotava agora um fio de água cristalina. Houve um curto silêncio. Depois, curvando-se, com as mãos em concha, Mealey colheu um pouco de água e bebeu-a piedosamente.

- Bebe, Francis. Deveríamos manifestar a nossa gratidão por sermos dos primeiros.

Francis curvou-se e bebeu. A água era fresca e pura. Sorriu.

É agradável.

Mealey olhou-o com indulgência, com ar quase paternal.

.- Meu caro amigo, eu diria que tem um sabor celestial.

- Há muito tempo que corre?

-- Começou a correr ontem à tarde, ao pôr do Sol.

Francis pôs-se a rir.

.- Realmente, Anselmo, exprimes-te hoje como um verdadeiro oráculo delfico... por símbolos e parábolas. Vamos, conta-me toda a história. Quem te informou disto?

O padre Mealey abanou a cabeça.

- Não posso... por enquanto.

- Mas tu excitaste de tal maneira a minha curiosidade!

Lisonjeado, Anselmo sorriu. Depois a sua expressão readquiriu a solenidade anterior.

- Nada posso revelar por enquanto, Francis. Devo consultar primeiro o deão Fitzgerald. É a ele que compete decidir. Entretanto, é claro, confio em ti... sei que guardarás o segredo que te confiei.

Francis conhecia suficientemente bem o seu companheiro para insistir.

De volta a Tynecastle, Francis separou-se do seu colega e foi a Glanville Street visitar um doente. Um dos membros do seu círculo operário, um rapaz chamado Owen Warren, tinha levado um pontapé numa perna durante um desafio de futebol algumas semanas atrás. Pobre e subalimentado, o rapaz não fizera caso do ferimento. Quando o médico fora chamado urgentemente a ferida tinha-se transformado numa terrível úlcera.

O caso atormentara Francis, tanto mais que o doutor Tulloch parecia inquieto quanto às conseqüências. Naquela tarde, no esforço de reconfortar Owen e a sua preocupada mãe, esqueceu por completo o bizarro e misterioso passeio.

Na manhã seguinte, entretanto, vozes ameaçadoras vindas do quarto do deão Fitzgerald vieram reavivar-lhe a memória.

A Quaresma representava uma severa penitência para o deão. Homem justo... jejuava. Mas esse regime não convinha ao seu corpo, habituado a uma alimentação delicada e rica. Atingido na sua saúde e na sua disposição, isolava-se, circulava através do presbitério sem se dirigir a ninguém, com os olhos sombrios, e cada noite que passava marcava uma cruz no calendário.

Embora o padre Mealey estivesse nas boas graças de Fitzgerald, precisava de manobrar habilmente para se aproximar dele no período em questão, e Francis ouviu a voz de Anselmo, persuasiva e suplicante, seguida de exclamações breves e irritadas do deão. Por fim, a voz suave triunfou, «como gotas de água cuja persistência gasta o granito», pensou Francis.

Uma hora depois, de muito má vontade, o deão saiu do seu quarto. O padre Mealey esperava-o no vestíbulo. Partiram juntos numa carruagem na direção do centro da cidade.

Estiveram ausentes durante três horas. Era a hora do almoço quando voltaram, e pela primeira vez, excepcionalmente, sentou-se à mesa dos vigários.

Embora nada comesse, mandou vir uma grande cafeteira cheia de café, o único luxo que concedia à sua abstinência. Sentado de lado, com as pernas cruzadas, desprendia-se de si, enquanto tomava pequenos golos da aromática bebida, um ar de entusiasmo, quase de camaradagem, como se a sua alma estivesse ligeiramente exaltada.

Meditativo, dirigiu-se a Francis e ao padre polaco - atitude excepcionalmente cordial para o padre Slukas:

- Devemos agradecer ao padre Mealey a sua fé... em face da minha incredulidade um tanto violenta. É um fato ser meu dever manter o máximo do cepticismo a respeito de certos... fenômenos. Mas eu nunca vi, não esperava ver, uma tal manifestação na minha própria paróquia...

Interrompeu-se e, pegando na xícara de café, fez um generoso gesto para o primeiro-cura.

- Concedo-lhe o privilégio de contar-lhes, senhor abade.

A cor vermelha de emoção patente na face do padre Mealey persistiu. Pigarreou e começou, rápida e ansiosamente, como se o incidente que ia relatar exigisse uma eloquência convencional :

- Uma das nossas paroquianas, uma jovem enferma havia muito tempo, andava a passear na segunda-feira desta semana.

Foi, porque desejamos ser precisos, em 15 de Março às três e meia da tarde. O motivo do seu passeio não era ociosidade...

porque esta rapariga é uma alma devota e fervorosa e não está acostumada a perder o seu tempo nem a divertir-se... Passeava por ordem do seu médico, para respirar ar puro; o médico é o Dr. William Brine, de Boyle Crescent, 42, do qual todos nós conhecemos a alta integridade. Muito bem!

O padre Mealey tomou um gole de água e prosseguiu. - Quando ela voltava do seu passeio, murmurando uma oração, aconteceu-lhe passar pelo lugar que todos nós conhecemos pelo nome de «Poço de Santa Maria». Era à hora do crepúsculo, e os últimos raios de Sol banhavam de puro esplendor o encantador local. A jovem havia parado para contemplar a cena quando de súbito, com grande surpresa, viu na sua frente uma senhora vestida de branco com uma capa azul e um diadema de estrelas na fronte. Guiada pelo seu instinto, a nossa jovem católica caiu imediatamente de joelhos. A senhora sorriu para ela com inefável ternura e disse: «Minha menina, embora doente, foi a ti que escolhi!»

Depois, voltando-se ligeiramente, ainda dirigindo-se à jovem, cheia de temor religioso, mas compreendendo perfeitamente, disse: «Não é triste que este poço, que me foi dedicado, esteja seco? Lembra-te!

É para ti e para outros como tu que isto acontecerá».

E com um último e suave sorriso desapareceu. No mesmo instante uma fonte de água deliciosa brotou da rocha estéril.

O padre Mealey calou-se.

O deão retomou a palavra:

- Como dizia, o nosso dever é examinar uma questão tão delicada com a mais franca incredulidade, pois não esperamos o aparecimento de milagres em qualquer silvado. As raparigas são geralmente românticas. E a fonte poderia brotar por uma estranha coincidência. Entretanto... - O seu tom exprimia uma alegria profunda... - eu acabo de submeter a jovem em questão a um longo interrogatório juntamente com o padre Mealey e o doutor Brine. Como podereis pensar, a solene experiência da sua visão deu-lhe um abalo profundo.

Imediatamente recolheu ao leito e aí tem permanecido desde então. - A voz do deão tornou-se mais lenta, as suas palavras cheias de significado. -

Embora se sinta feliz, normal e em bom estado físico, nestes cinco dias ela não tomou qualquer espécie de alimento sólido ou líquido. - Fez uma pausa para sublinhar a importância de caso extraordinário. - Além disso... além disso, ela apresenta claramente, sem erro possível, os santos estigmas.

Triunfante, prosseguiu:

- Conquanto seja ainda demasiadamente cedo para falar - é preciso provas definitivas - tenho a mais viva esperança, que vai quase até à convicção, de que a nossa paróquia foi escolhida pelo Altíssimo para teatro de um milagre comparável, e talvez de igual alcance, aos que deram à nossa santa religião a recém-descoberta gruta de Digby e à de, mais antiga e já histórica, de Nossa Senhora de Lourdes. Possam os seus efeitos ser também imensos!

Era impossível não ser tomado pela nobreza de sua peroração.

- Quem é a jovem? - perguntou Francis.

- Carlota Neily!

Francis olhou fixamente o deão. Abriu a boca e fechou-a novamente sem dizer palavra. O silêncio manteve-se, impressionante.

Os dias que se seguiram foram cheios de uma intensa animação no presbitério. Ninguém melhor que o deão Geraldo Fitzgerald podia estar senhor da

situação. Homem de sincera devoção, era hábil também no trato dos assuntos mundanos.

Uma longa experiência, duramente adquirida no meio das comissões escolares e nos conselhos municipais locais, permitia-lhe abordar com habilidade os assuntos temporais. Não permitiu que qualquer notícia do acontecimento fosse divulgada, nenhum murmúrio, mesmo nos salões paroquiais. Tudo foi conservado estritamente secreto. A revelação surgiria quando ele considerasse oportuno.

O incidente miraculoso e inesperado encheu-o de um zelo frenético. Havia muitos anos que não sentia uma tal satisfação íntima, tanto espiritual como material. Nela se misturavam estranhamente a piedade e a ambição. As suas excepcionais qualidades físicas e espirituais pareciam destiná-lo automaticamente ao progresso na carreira eclesiástica. E ele desejava apaixonadamente esse progresso, tanto, talvez, como ansiava pelo progresso da própria Igreja. Estudante erudito da história contemporânea, ele comparava-se muitas vezes em pensamento ao cardeal Newman. Merecia também a púrpura cardinalícia. No entanto, permanecia encalhado em S. Domingos.

A única distinção que lhe fora concedida como recompensa de vinte anos de serviços relevantes fora

esta miserável situação, de deão, tão rara na Igreja católica que frequentemente o embarçava nas suas viagens fora da cidade, em que era tomado por um clérigo anglicano, confusão que o magoava profundamente.

Talvez supusesse que, conquanto admirado, não fosse querido.

Todos os dias a sua decepção aumentava e procurava resignar-se. Todavia, quando baixava a cabeça e dizia: «Senhor, seja feita a Vossa vontade!», no fundo do coração, sob a humildade, queimava-o este pensamento: «A esta hora deviam ter-me concedido o chapéu de cardeal».

Agora tudo iria mudar. Que o deixassem ficar ali. Ele faria da Igreja de S. Domingos um santuário de luz.

Lourdes era o seu espelho e, mais próximo, no Midlands, próximo no tempo e no espaço, tinha o exemplo notável e recente de Digby, onde a descoberta de uma gruta milagrosa, lugar de muitas curas autênticas, tinha transformado uma triste aldeia numa pequena cidade próspera e elevado ao mesmo tempo um pároco desconhecido mas inteligente à categoria de figura nacional.

O deão mergulhava na esplêndida visão de uma nova cidade, uma grande basílica, onde, durante um

Te Deum solene, ele próprio seria entronizado, com as suas vestes suntuosas bordadas... depois, abruptamente, voltava à realidade e examinava minuciosamente os planos traçados. O seu primeiro cuidado tinha sido colocar imediatamente uma freira dominicana, a irmã Teresa, merecedora de confiança e discreta, junto de Carlota Neily. Baseado nas suas declarações formais, ele confiava no resultado final da revelação.

Por um feliz acaso o poço de Santa Maria e todas as terras adjacentes pertenciam à antiga e rica família Hollis. Embora não fosse católico o capitão Hollis tinha casado com uma católica, irmã de Sir George Renshaw. Era amável e bem disposto. Ele e o seu advogado, Malcolm Glennie, estiveram encerrados com o deão durante dias sucessivos, mantendo longas conferências. O Xerez e os biscoitos ajudaram a concluir um acordo amigável. O deão não tinha interesse especial no dinheiro. Encarava-o desdenhosamente como coisa desprezível.

Mas o que o dinheiro podia comprar era importante e ele queria assegurar a materialização das suas esperanças.

Ninguém a não ser um tolo podia deixar de compreender que o valor do terreno subiria às nuvens.

No último dia das negociações Francis encontrou-se com Glennie no corredor. Em boa verdade admirou-o o fato de encontrar o seu primo tratando dos assuntos dos Hollis. Mas o advogado, quando terminara o seu curso, tinha ele próprio astutamente comprado com o dinheiro de sua mulher uma antiga firma que se dedicava ao ramo forense e adquirido por esse motivo uma clientela escolhida.

- Muito bem, Malcolm - disse Francis, estendendo-lhe a mão. - Tenho prazer em ver-te.

Glennie apertou-lhe a mão friamente.

- Mas bastante admirado - continuou Francis, sorrindo - de encontrar-te no antro da Mulher vestida de púrpura.

O advogado correspondeu com um sorriso amarelo e murmurou :

- Tenho idéias largas, Francis... além disso, sou obrigado a ganhar o meu pão.

Francis tinha pensado muitas vezes em restabelecer as suas relações com os Glennies, mas a notícia da morte de Daniel e um encontro casual com a senhora Glennie em Tynecastle, em que esta, enquanto ele atravessava a rua para a cumprimentar, fingira não o ver e fugira tão depressa como se tivesse

visto o Diabo, tinham-no dissuadido das suas intenções.

Continuou:

- Fiquei muito triste com a morte de teu pai.

- Sim. Decerto que lamentamos a sua falta. Mas o pobre velho já era um destroço.

- Mas não é um naufrágio alcançar o Céu - gracejou Francis.

- Sim... Bem, creio que o alcançou.

Glennie brincava maquinalmente com a corrente do relógio.

Já aparentava precocemente uma idade madura. Tinha engordado e as suas costas curvavam-se; os poucos cabelos estavam cuidadosamente arrumados na cabeça calva. Mas o seu olhar, por vezes evasivo, era duro e penetrante como uma verruma.

Retomou a marcha para a escada e fez um convite pouco convincente a Francis.

1. A Igreja Católica Romana - Figura injuriosa alusiva à revelação.

. Vai ver-nos quando tiveres ocasião. Eu casei, como sabes, mas a minha mãe vive conosco.

Malcolm Glennie tinha interesse particular na visão beatífica de Carlota Neily. Desde a mais tenra idade que ele procurava pacientemente uma oportunidade para adquirir fortuna.

Herdara da mãe a ardente cobiça e alguma coisa da sua astúcia. Farejava dinheiro nesta ridícula comédia religiosa. A sua própria formação o convencia dessas possibilidades. Era uma boa oportunidade que se apresentava; não tinha mais que a colher como um fruto maduro. Talvez nunca mais aparecesse outra em toda a sua vida.

Ocupando-se sem escrúpulos dos negócios do seu cliente, Malcolm pensou uma coisa de que ninguém mais se lembrou.

Secretamente, com grandes despesas, mandou fazer um exame geológico ao terreno. As suas suspeitas haviam sido confirmadas.

A água que alimentava a fonte vinha exclusivamente de uma faixa de terra arenosa muito acima e a distância considerável do parque.

Malcolm não era rico. Ainda não. Mas, reunindo as suas economias, hipotecando a sua casa e o seu escritório, conseguiu justamente o suficiente para adquirir uma opção dessas terras por três meses. Sabia o resultado que produziria um poço artesiano, embora não tivesse a intenção de o abrir.

Mas a ameaça de o fazer devia bastar, mais tarde, para render a Malcolm Glennie uma fortuna considerável.

Entretanto a água continuava a jorrar, clara e pura. Carlota Neily, ainda em êxtase, marcada pelos santos estigmas, continuava a recusar toda a alimentação e Francis continuava rezando, fervorosamente, para alcançar a graça da fé.

Se ele ao menos pudesse crer como Anselmo, que, sem luta, tranqüilo, feliz, tudo aceitava desde a costela de Adão aos mais inacreditáveis detalhes da estadia de Jonas no ventre da baleia! Ele cria, sim... não nos detalhes, mas no essencial...

somente pela força do amor, através dos seus contactos com os tugúrios, quando sacudia as pulgas das suas roupas na banheira com água fria... nunca, nunca facilmente... exceto quando assistia aos enfermos de semblantes abatidos, sombrios.

A crueldade da provação presente, na sua injustiça, dava-lhe cabo dos nervos, anulando-lhe o consolo da oração.

Foi talvez a personalidade da rapariga que o pôs naquele estado de agitação. Sem dúvida que alimentava um preconceito desfavorável a respeito desta sobrinha de Tadeu Gilfoyle.

Seu pai era de um carácter sinuoso, piedoso mas indolente, que desfalcava diariamente o pequeno negócio de mercearia para acender velas diante do altar na vã esperança de conseguir a prosperidade no

seu comércio mal orientado. Carlota tinha herdado a piedade paternal, mas Francis suspeitava de que o que a atraía na Igreja era o cheiro do incenso e da cera das velas e de que a obscuridade do confessionário fazia-lhe vibrar agradavelmente o sistema nervoso. Ele não negava a sua pureza nem a regularidade com que ela cumpria os seus deveres religiosos, mas supunha que ela se lavava pouco regularmente e o seu hálito era fétido.

No sábado seguinte, quando Francis descia a Rua Glanville, incompreensivelmente abatido, viu o doutor Tulloch sair da casa de Owen Warren. Chamou o doutor; este voltou-se, parou e depois começou a andar ao lado do amigo.

Willie tinha engordado com o decorrer dos anos mas apesar disso não tinha mudado muito. Lento, tenaz e prudente, fiel às suas amizades como às suas aversões, tinha a honestidade do pai, mas pouco do seu encanto e nada dos seus modos.

O seu rosto, de nariz grosso e vermelho, não tinha expressão e era coberto por uma barba espessa e mal cuidada. Tinha um ar de decência forçada. A sua carreira médica não fora brilhante, mas sabia o que fazia e gostava da profissão. Desprezava as ambições convencionais. Falava de vez em quando de «correr mundo», de ir em busca de aventuras em

terras românticas e distantes, mas continuava no seu posto médico da Assistência - que não lhe exigia as hipocrisias de mesa-de-cabeceira e lhe permitia dizer pouco mais ou menos o que pensava - preso à sua rotina pela sua capacidade prática de viver o dia a dia. Além disso nunca havia podido economizar.

O que ganhava não era muito, e a maior parte dele era gasto em whisky.

Sempre descuidado com a sua aparência, nessa manhã não tinha feito a barba. Os seus olhos, no fundo das órbitas, estavam sombrios e a sua expressão mal humorada, como se nesse dia odiasse o mundo. Contou rapidamente que o pequeno de Warren estava pior. Tinha ido lá para colher um pedaço de tecido para um exame histológico.

Os dois seguiram ao longo da rua, comunicando entre si por um dos seus silêncios peculiares. De repente, num impulso inexplicável, Francis contou a história de Carlota Neily.

A fisionomia de Tulloch ficou impassível: continuou a andar lentamente, com as mãos fechadas metidas nos bolsos fundos do casaco, a gola do casaco levantada, de cabeça baixa.

. De fato - disse ele afinal -, uma mosca já me zuniu aos ouvidos.

- Que te parece?

Porque me perguntas isso?

- Quanto mais não seja porque és honesto.

Tulloch lançou a Francis um olhar estranho. Para um homem tão modesto, tão consciente dos limites da sua inteligência, a sua convicção da inexistência de Deus era extraordinariamente positiva.

- A religião está fora da minha apreciação. Herdei um ateísmo altamente convincente... que os meus estudos anatómicos confirmaram. Mas se queres a minha opinião sincera, usando as palavras do meu pai, tenho as minhas dúvidas, e proponho fazer-lhe um exame. Não estamos longe da casa dela. Podemos ir juntos.

- Mas isso não te trará aborrecimentos com o doutor Brine?

- Não. Eu conversarei amanhã com Salty a esse respeito.

Nas minhas relações com colegas, tenho por norma agir primeiro e desculpar-me depois.

Sorriu ironicamente para Francis.

- A não ser que te preocupes com a reação dos teus superiores hierárquicos.

Francis corou, mas não respondeu. Um minuto depois replicou:

- Sim, preocupo-me, mas vamos.

Com grande surpresa sua, não lhes levantaram obstáculos à entrada. A senhora Neily, cansada por uma noite de vigília, dormia. Neily, por acaso, estava no estabelecimento. A irmã Teresa, pequena, serena e amável, abriu-lhes a porta. Vinda de um bairro distante de Tynecastle, ignorava por completo quem fosse o doutor Willie Tulloch, mas conhecia Francis e identificou-o logo. Introduziu-os no quarto, impecavelmente limpo, onde estava Carlota recostada em alvas almofadas, bem lavada e envergando uma camisa de dormir impecavelmente branca, toda abotoada, numa cama de metais cintilantes. A irmã Teresa curvou-se sobre ela não sem de algum modo manifestar um certo orgulho pela limpeza que se notava por toda a parte.

- Carlota, querida. O padre Chisholm vem vê-la. Trouxe um médico, grande amigo do doutor Brine.

Carlota Neily sorriu. O seu sorriso era consciente, vagamente lânguido, mas impregnado de curioso êxtase. Esse sorriso animou-lhe o rosto pálido, já luminoso, que repousava na almofada. Era profundamente impressionante. Francis teve um movimento de sincero remorso. Não havia dúvida de que alguma coisa neste tranqüilo quarto branco ultrapassava a normalidade.

- Não se importa que eu a examine, Carlota? -
interrogou Tulloch, brandamente.

Ao ouvir a voz do médico ela não deixou de sorrir. Não se moveu. Tinha a atitude calma de quem sabe que é espreitado e só muito de leve é afetado pela situação: uma consciência de força interior, uma percepção elevada e sonhadora de deferência e do respeito suscitados entre os observadores.

As suas pálpebras pálidas estremeceram. A sua voz era tranqüila e distante.

- Porque havia de importar-me, doutor? Sinto-me até satisfeita.

Eu não sou digna, mas se fui escolhida submeto-me alegremente.

E consentiu que Tulloch a examinasse.

- Não come coisa alguma, Carlota?

- Não, doutor.

- Não tem apetite?

- Nunca penso em comida. Como que me sinto alimentada por uma graça interior.

A irmã Teresa interveio calmamente:

- Posso assegurar-lhe que ela não comeu coisa alguma desde que entrei nesta casa.

Um silêncio se estabeleceu na tranqüilidade do quarto branco. O doutor Tulloch endireitou-se, atirando para trás o cabelo despenteado.

Disse simplesmente:

- Obrigado, Carlota. Agradeço-vos, irmã Teresa. Estou-lhe muito reconhecido pela sua bondade. - E encaminhou-se para a porta do quarto.

Quando Francis se dispôs a seguir o médico, uma sombra passou pelas faces de Carlota.

O senhor não quer ver também, padre? Veja... as minhas mãos. Os meus pés também têm a mesma coisa.

Ela estendeu ambos os braços, lentamente, num gesto de sacrifício. Em ambas as pálidas mãos, indiscutivelmente, viam-se marcas nítidas de sangue, como se fossem vestígios sangrentos de pregos.

Fora, o doutor Tulloch manteve a sua atitude de reserva.

Conservou os lábios cerrados até chegarem ao fim da rua.

Então, no ponto em que os seus rumos se separavam, disse rapidamente:

- Queres saber a minha opinião, suponho. Pois aqui a tens: é um caso vulgar: mania depressiva em grau exaltado.

Certamente uma hemofilia histérica. Se ela conseguir escapar ao hospital de doidos será certamente canonizada!

De súbito perdeu o seu sangue-frio e abandonou as suas maneiras discretas. O seu rosto vermelho e simples ficou congestionado.

As palavras sufocaram-no.

- Inferno! Quando me lembro dela, aqui, limpa, na sua santidade sorridente, como um anjo anêmico num saco de farinha, e como o pequeno Owen Warren sofre num quartinho sujo, com uma dor pior do que os danados do Inferno na perna gangrenada, ameaçado de um sarcoma maligno, sinceramente quase rebento de raiva! Lembra-te disso quando estiveres a rezar. Provavelmente vais agora dedicares-te a isso. Bem, eu vou beber alguma coisa.

E afastou-se rapidamente antes que Francis pudesse responder.

Na mesma tarde, quando Francis voltou das trevas, aguardava-o uma chamada urgente escrita na ardósia pendurada no vestíbulo do presbitério. Pressentindo a tempestade, subiu ao gabinete do deão. Este aliviava a sua má disposição gastando os nervos e o tapete com passos curtos, exasperados.

- Padre Chisholm! Estou ao mesmo tempo surpreso e indignado! Realmente não esperava isso de si! Quem havia de supor que o senhor levaria lá um médico ateu encontrado na rua... É inacreditável e estou magoadíssimo.

- Lamento muito - respondeu Francis, gravemente. - É porque... acontece que ele é o meu melhor amigo.

- Isso, por si só, já é bastante reprovável. Acho muito inconveniente que um dos meus curas se ligue com pessoas no gênero do doutor Tulloch.

- Nós... nós fomos condiscípulos.

- Isso não é razão. Estou magoado e decepcionado. Sinto-me completa e justificadamente irritado. Desde o começo, a sua atitude em relação a este grande acontecimento tem sido fria e reservada. Suponho que o senhor está despeitado porque a honra da descoberta cabe ao primeiro-cura. Ou há algum motivo oculto para o seu manifesto antagonismo?

Um sentimento de desventura invadiu Francis. Sentiu que o deão tinha razão. E murmurou:

- Estou imensamente desolado. Não sou desleal. Isso é a última coisa do mundo que eu desejaria ser. Mas admito que não tenha sido entusiástico. É porque tenho estado atormentado.

Foi por essa razão que levei hoje Tulloch lá. Tenho tantas dúvidas...

- Dúvidas? O senhor nega os milagres de Lourdes?

- Não, não. Esses milagres são incontestáveis, são autenticados por cientistas de todas as religiões.

- Então, porque negar-nos a oportunidade de criar outro monumento de fé aqui entre nós?

O deão perdia a paciência.

- Se o senhor quer ignorar as implicações de ordem espiritual, reconheça pelo menos as físicas - disse, em tom irônico.

- O senhor pode admitir desapaixadamente que uma jovem possa passar nove dias sem comer nem beber e conservar-se em perfeita saúde, sem receber qualquer outro sustento?

- Que espécie de sustento?

- Sustento espiritual.

O deão estava enraivecido.

- Não é certo que Santa Catarina recebia uma bebida mística, espiritual, mais eficiente que outra qualquer espécie de alimento terreno? Essas dúvidas são inadmissíveis! E o senhor admira-se que eu perca a paciência?

Francis inclinou a cabeça.

- S. Tomé duvidava. Na presença de todos os discípulos ele foi ao ponto de pôr os dedos no flanco do Nosso Senhor e ninguém perdeu a paciência.

Houve uns momentos de silêncio. O deão empalideceu, depois recuperou o domínio de si mesmo. Curvou-se sobre a secretária e mexeu nalguns papéis sem olhar para Francis.

Então disse, num tom reprimido:

- Já não é a primeira vez que o senhor tem demonstrado obstrução. Está a adquirir uma má reputação na diocese, pode retirar-se.

Francis abandonou o gabinete acabrunhado pelo reconhecimento das suas deficiências. Sentiu um impulso repentino, quase irreprimível, de ir contar os seus transe ao bispo Mac Nabb. Mas conteve-se. Mac tornara-se uma grande personagem.

Devia estar demasiadamente ocupado nas suas atuais altas funções para dar atenção a um miserável cura.

No domingo seguinte, na missa solene das onze horas, o deão Fitzgerald anunciou solenemente o acontecimento no mais belo sermão que jamais tinha pregado.

O sucesso foi extraordinário. Toda a congregação permaneceu junto da igreja, trocando impressões em voz baixa, sem vontade de se retirar. Organizou-se espontaneamente uma procissão que partiu, sob a direção do padre Mealey, para o poço de Santa Maria. À tarde a multidão aglomerou-se junto da casa de Neily. Um grupo de filhas de Maria, congregação a que Carlota pertencia, ajoelhou-se na rua, entoando cânticos.

À noite o deão anuiu a receber os representantes da imprensa, cuja curiosidade estava excitada ao paroxismo. Mostrou-se digno e reservado. Estimado na cidade, conhecido pelo seu espírito cívico, produziu a mais favorável impressão. Na manhã seguinte os jornais dedicaram-lhe generosamente longos artigos. Teve a honra da primeira página na Tribuna, duas colunas laudatórias no Globo. «Um Novo Digby» proclamava o Northumberland Herald. «Uma Gruta Milagrosa Traz Esperança a Milhares de Enfermos, dizia o Echo. O Weekly High Anglican limitou-se a dizer um tanto maliciosamente: «Aguardamos mais provas». Mas o London Times ultrapassou-os a todos com um artigo erudito do correspondente teológico, que fez a história do poço e fê-la remontar até Aidan e Santo Ethelwulf. O deão exultou de contentamento. O padre Mealey não conseguiu almoçar e Malcolm Glennie não lhes ficou atrás, regozijando-se secretamente.

Oito dias depois Francis foi a casa de Polly, em Clermont, no extremo norte da cidade. Depois de um longo dia de visitas a casas sujas estava extremamente abatido e fatigado.

Naquela tarde recebera um bilhete lacônico do doutor Tulloch que lhe anunciava ser a morte do pequeno Warren inevitável devido a um sarcoma

maligno da perna. Nenhuma esperança havia de salvação para a criança: estava às portas da morte e talvez não durasse um mês.

Em Clermont, Polly conservava-se na mesma. Ned, talvez um pouco mais fatigado que de costume, continuava curvado na sua cadeira de rodas, com um cobertor enrolado nos joelhos, conversando muito em coisas tolas. Um arranjo de contas definitivo tinha sido arrancado a Gilfoyle recentemente a respeito dos interesses de Ned na Union Tavern. Uma soma miserável. Mas Ned gabava-se como se de uma fortuna se tratasse. Em consequência da sua doença, a língua parecia demasiadamente grande para a sua boca. Emitia por vezes sons tristemente inarticulados quando conversava.

Judy dormia já quando Francis chegou e, embora Polly nada tivesse contado, deduzia-se da sua atitude que a criança se havia comportado mal e fora, por isso, mandada para a cama cedo. Esse pensamento entristeceu-o ainda mais.

Onze horas soavam quando ele deixou a casa. O último «elétrico» para Tynecastle já havia partido. Durante o longo caminho de volta, com os ombros ligeiramente curvados sob o peso da última derrota, passou pela Rua Glanville. Chegado em frente da casa dos Neily, observou que as duas janelas do quarto de

Carlota ainda estavam iluminadas, e por trás das cortinas amarelas distinguiu silhuetas que se moviam.

Uma emoção súbita, um sentimento agudo de arrependimento o dominou. Oprimido pelo sentimento da sua incredulidade persistente teve repentino desejo de ver os Neily e pedir-lhes que o desculpassem. Esse imperativo forçou-o a subir os primeiros degraus da entrada da casa. Ia tocar à campainha mas mudou de opinião; levou a mão à maçaneta da porta, torceu-a e entrou. Tinha adquirido o hábito, comum aos padres e aos médicos, de entrar sem se anunciar.

O quarto, que abria para um pequeno vestíbulo, projetava um raio oblíquo de luz de gás. Bateu levemente à porta e entrou, mas parou como petrificado. Carlota, sentada na cama, tendo sobre os joelhos uma bandeja oval com um prato cheio de peito de frango e um grande copo de gemada, comia avidamente.

A senhora Neily, envolvida num penteador azul-desmaiado, curvada com solicitude, enchia um copo com cerveja preta.

Foi a mãe quem primeiro viu Francis. Surpreendida, lançou um grito agudo de terror que se assemelhava a um relincho.

Levou a mão à garganta largando o copo e a cerveja entornou-se sobre a cama.

Carlota, por sua vez, levantou a vista da bandeja. Os seus olhos claros dilataram-se. Com a boca aberta fixou a mãe e começou a choramingar. Deixou-se escorregar e cobriu a cabeça com as roupas. A bandeja caiu estrondosamente no chão.

Ninguém pronunciou palavra. A garganta da senhora Neily contraíra-se convulsivamente. Fez um movimento estúpido para esconder a garrafa sob o seu penteador. Por fim murmurou :

- Queria conservar-lhe um pouco as forças... depois de todas estas emoções... mas tudo quanto ela tomou... foi apenas esta cerveja para doentes!

O seu olhar de criminosa assustada traía-a. Francis sentiu-se enojado, diminuído e humilhado. Foi com dificuldade que encontrou palavras para se exprimir.

- Creio que a senhora lhe tem dado de comer todas as noites... depois da saída da irmã, que a supõe a dormir, não é verdade?

- Não, senhor abade. Deus é testemunha!

Fez uma última e desesperada tentativa para negar, depois considerou-se derrotada e a partir daí perdeu completamente a cabeça.

- E depois, que mal há nisso? Eu não podia ver a minha pobre filha morrer de fome. Mas, senhor, eu nunca teria permitido que se prestasse a isso se tivesse sabido que se ia fazer tanto barulho... as multidões... os jornais... Estou até contente por isto ter acabado... Não... não seja duro para com ela, senhor abade.

- Não me compete julgá-la, senhora Neily - limitou-se Francis a dizer em voz baixa.

Ela pôs-se a chorar.

Francis esperou pacientemente que a mulher se acalmasse, sentado numa cadeira perto da porta, olhando fixamente para o chapéu entre as mãos. A inépcia de toda aquela comédia, a incomensurável idiotice de toda a Humanidade confundiram-no.

Quando as duas mulheres estavam mais calmas, ele disse-lhes:

- Contem-me como tudo aconteceu.

Aos trancos e barrancos, entrecortadamente, a história foi reconstituída, na maior parte por Carlota:

Ela tinha lido um livro muito bonito, da biblioteca da igreja, acerca de bem-aventurada Bernadete. Um dia, passeando junto do poço de Santa Maria, o seu passeio favorito, notara que a água corria. «Isso é interessante», pensou,

surpreendida com a coincidência entre aquela água, Bernadete e ela própria.

Foi um choque. Ela mesma imaginara, numa espécie de transe, que tinha visto a Santa Virgem. Ao chegar a casa, quanto mais pensava nisso mais convicta ficava. A sugestão transformou-a completamente. Estava branca e tremia; teve de ir para a cama e mandou chamar o padre Mealey. Sem que soubesse o que fazia, pôs-se a contar-lhe a história.

Toda aquela noite experimentou uma espécie de êxtase;

o seu corpo parecia ficar duro como uma tábua. Na manhã seguinte, ao acordar, notou os estigmas. É verdade que frequentemente lhe apareciam manchas, mas estas eram diferentes.

Então ela acreditou. Nesse dia a comida repugnou-lhe;

quando lha vinham trazer, afastava-a com um gesto. Estava demasiadamente feliz, muito excitada, para comer. Muitos santos, outrora, segundo se dizia, tinham vivido sem alimento.

Ela persuadiu-se de que o poderia fazer também. Quando ela declarou ao padre Mealey e ao deão que estava em estado de graça - e talvez realmente assim acontecesse - foi uma sensação

gloriosa. As atenções que recebia davam-lhe a impressão de estar noiva. Mas, está claro, depois de certo tempo, ficou com uma fome terrível. Não podia, porém, decepcionar o padre Mealey e o deão, especialmente pelo respeito que lhe testemunhava o primeiro. Assim, confiou-se à mãe e fez-lhe ver que, tendo as coisas ido tão longe, ela agora tinha a obrigação de a ajudar. Desde então a mãe trazia-lhe uma refeição abundante, algumas vezes duas, todas as noites.

- A princípio, como eu lhe disse, padre, era maravilhoso . continuara ela a narrar. - O melhor de tudo foi a congregação das filhas de Maria a orar na rua em frente da janela!

Mas quando os jornais começaram a ocupar-se do caso fiquei realmente assustada. Pararia com certeza se me tivesse sido possível.

Mas a irmã Teresa não era fácil de enganar. As manchas das mãos estavam a desaparecer e, em vez de estar toda extasiada e feliz, começava a sentir-se abatida, acabrunhada...

Uma explosão de soluços terminou a sórdida revelação, lamentável como as garatujas de um garoto numa parede, mas trágica também como a estupidez da Humanidade.

A mãe acudiu:

- O senhor não vai contar isto ao deão, não é verdade, padre?

Francis não se sentia irritado, mas triste e estranhamente apiedado. Se ao menos o infeliz caso não tivesse ido tão longe... Ele suspirou.

- Não, nada lhe contarei, senhora Neily. Não lhe direi uma palavra. Mas - hesitou - tem a senhora que lhe confessar.

Um louco terror apoderou-se da mulher.

- Não, não... por piedade, não, padre!

Francis começou calmamente a insistir com elas para que confessassem porque o projeto que o deão tinha imaginado não podia ser baseado numa trapaça, tanto mais que mais tarde ou mais cedo seria desmascarada. Confortou-as assegurando-lhes que a curiosidade despertada pelo milagre em breve se extinguiria.

Deixou-as uma hora mais tarde, um tanto apaziguadas, com a promessa de que seguiriam o seu conselho. Mas enquanto os seus passos ressoavam, através das ruas desertas, o seu coração sangrava de pena pelo deão Geraldo Fitzgerald.

O dia seguinte passou. Andou ocupado em visitas a maior parte do tempo e não viu o deão. Mas, quando chegou, uma falta de animação, uma atmosfera de depressão parecia flutuar no presbitério.

A sensibilidade de Francis captou-a nitidamente. Pelas onze horas do dia seguinte Malcolm Glennie irrompeu pelo seu quarto.

- Francis! Tens de me ajudar. Ele não vai prosseguir com o projeto. Pelo amor de Deus, vai e fala com ele.

Glennie estava fora de si, pálido, os lábios trêmulos, os olhos esgazeados. Gaguejava.

- Não sei o que lhe aconteceu. Deve estar louco. Era um plano estupendo. Seria tão útil...

- Não tenho qualquer influência sobre ele.

- Tens, sim. Ele tem uma alta opinião a teu respeito. E tu és padre. Deves pensar no teu rebanho. Seria uma grande coisa para os católicos.

- Isso dificilmente poderá interessar-te, Malcolm.

- Mas sim - murmurou Glennie. - Eu tenho idéias largas. Admiro o catolicismo. É uma bela religião. Eu desejo muitas vezes... oh, por amor de Deus, Francis, faz qualquer coisa antes que seja tarde de mais.

- Lamento, Malcolm. Foi uma decepção para todos nós.

Voltou-se e dirigiu-se para a janela.

Então Glennie perdeu todo o domínio sobre si mesmo.

Agarrou o braço de Francis e suplicou-lhe abjetamente.

- Não me desgraces, Francis. Tu deves-nos tudo. Eu comprei um pedaço de terreno, empreguei nele todas as minhas economias e nada valerá se o plano falhar. Não deixes a minha pobre família arruinada. Minha pobre mãe! Pensa que ela te criou, Francis. Por favor, por favor, convence-o. Eu farei tudo o que quiseses. Tornar-me-ei mesmo católico se entenderes!

Francis olhava através da janela, com as mãos crispadas na cortina, o pórtico da igreja, encimado por uma cruz de pedra cinzenta. Um pensamento sombrio perpassava-lhe pelo espírito. O que não faria a Humanidade por dinheiro? Até mesmo vender a alma imortal.

Falho de argumentos, Glennie calou-se por fim. Convencido, finalmente, de que nada obteria de Francis, lembrou-se da sua dignidade. Mudou de atitude: - Então, não queres ajudar-me? Pois bem: eu lembrar-me-ei.

Ajustarei contas com todos vocês, nem que rebente!

Parou à porta com o rosto pálido demudado pela raiva.

- Deveria contar que morderias a mão que te alimentou.

Que mais poderia eu esperar desta súcia de papistas imundos?

Atirou a porta com violência atrás de si.

A impressão de vazio continuava a reinar no presbitério, uma atmosfera vaga em que as pessoas perdem os contornos exatos, tornam-se sombras sem substância. Os criados andavam nas pontas dos pés, como se estivessem numa casa mortuária.

O padre lituano parecia desorientado. Anselmo Mealey andava de um lado para outro com os olhos no chão. Fora profundamente atingido, mas guardava silêncio, o que numa pessoa tão naturalmente expansiva era uma graça singular.

Quando falava era de outros assuntos. Distraía-se apaixonadamente com o seu trabalho nas missões estrangeiras.

Durante mais de uma semana depois da explosão de Glennie, Francis nenhum encontro teve com Fitzgerald. Depois, uma manhã, quando entrava na sacristia, encontrou o deão despindo as vestes. Os meninos do coro já se tinham retirado.

Os dois estavam sós.

Não obstante a sua humilhação pessoal, o deão estava absolutamente senhor da situação. O capitão Hollis espontaneamente tinha rasgado os contratos. Arranjara uma colocação para Neily numa cidade

distante: o primeiro passo para disfarçadamente afastar a família. A imprensa fora submetida com diplomacia. Depois, no domingo, o deão subiu outra vez ao púlpito. Enfrentando a congregação silenciosa, versou o tema: «Ó homens de pouca fé!» Tranquilamente, com serena intensidade, ele desenvolveu a seguinte tese: que necessidade tem a Igreja de novos milagres?

Não está já suficientemente justificada como um milagre eterno? Os seus fundamentos estão solidamente assentes em rocha, sobre milagres de Cristo. Uma manifestação como a do poço de Santa Maria é agradável, sem dúvida, mesmo excitante. Todos, inclusivamente ele próprio, se haviam deixado prender. Mas refletindo mais tranquilamente, para quê tanto ruído à volta de uma única flor, quando o Rei do Céu ali mesmo, na Igreja, diante dos seus olhos, lhes oferece os frutos da sua graça? A sua fé era tão fraca, tão pusilânime, que precisavam de mais provas materiais? Tinham então esquecido aquelas solenes palavras: «Bem-aventurados aqueles que não viram e creram?» Verdadeira obra-prima de eloquência, este sermão teve um sucesso maior do que o do domingo anterior. Mas só Geraldo Fitzgerald, ainda deão, como antes, conheceu a extensão do seu sacrifício.

A princípio, na sacristia, o deão pareceu disposto a manter a sua inflexível reserva. Mas quando se preparava para sair, com a sua capa negra atirada para os ombros, voltou-se subitamente. À luz clara da sacristia, Francis ficou surpreso ao ver as profundas rugas que vincavam a sua bela face, a fadiga expressa nos seus grandes olhos cinzentos.

- Não se trata de uma mentira, padre, mas de um amontoado de mentiras. Enfim, seja feita a vontade de Deus!

Prosseguiu depois de uma pausa:

- O senhor é uma boa pessoa, Chisholm. É pena que eu e o senhor não nos possamos entender.

E saiu da sacristia, ereto.

Pela Páscoa o acontecimento estava quase esquecido. A gradezinha branca colocada à volta do poço, no primeiro entusiasmo do deão, ainda estava lá, mas a pequena porta aberta oscilava tristemente sob a leve brisa da Primavera. Algumas almas piedosas ainda lá iam, de vez em quando, rezar e benzer-se com a cristalina água da nova fonte.

Francis, absorvido pelo seu trabalho na paróquia, regozijava-se por nesse trabalho encontrar o esquecimento. A penosa impressão apagava-se gradualmente. Restava apenas um vago rancor no fundo do seu espírito, que ele se apressava a dominar

e em breve desapareceria por completo. A sua idéia de fundar um campo de diversões para as crianças e os rapazes da paróquia materializava-se. O conselho municipal permitira-lhe utilizar um canto do parque público e o deão Fitzgerald dera-lhe o seu consentimento. Francis mergulhava num mar de catálogos.

Na véspera do Dia da Ascensão chamaram-no de urgência para junto de Owen Warren. A sua face anuviou-se e ergueu-se deixando cair dos joelhos uma brochura de um armazém de artigos de desporto. Embora esperasse havia muitas semanas, temia-o. Desceu rapidamente à igreja, tomou o viático e dirigiu-se apressadamente, através da cidade cheia de gente, para Glanville Street.

A sua expressão ainda mais se carregou quando viu o doutor Tulloch, que passeava impacientemente em frente da casa dos Warren. Tulloch também era muito amigo de Owen e parecia profundamente perturbado quando Francis se aproximou - É o fim? - perguntou Francis.

- Sim - respondeu o doutor com um ar ausente. E depois acrescentou: - Ontem manifestou-se uma trombose na artéria principal. Inútil mesmo tentar amputar.

Chego muito tarde?

Não.

Tulloch dominava dificilmente a sua exasperação. Passou adiante de Francis com rudeza.

- Mas eu já estive lá dentro com o rapaz três vezes enquanto vinhas a caminho com o teu passo majestoso.

Francis subiu as escadas atrás do doutor. A senhora Warren abriu a porta. Era uma mulher magra, de cinqüenta anos, exausta pelas semanas de ansiedade, com um vestido escuro, simples. Francis viu que a sua face estava úmida de lágrimas.

Apertou-lhe a mão num impulso de simpatia.

- Sinto muito, senhora Warren.

Mas ela riu fracamente com um riso que se estrangulava na garganta.

- Entre, senhor abade...

Dolorosamente surpreendido, Francis julgou que o pesar tivesse transtornado o espírito da pobre mulher.

Entrou no quarto.

Owen estava estendido sobre a colcha do leito. Os seus membros inferiores estavam nus, livres de ligaduras. O seu emagrecimento revelava a devastação da doença. Mas ambos estavam agora perfeitamente sãos; nenhum traço de úlcera.

Aturdido, Francis viu o doutor Tulloch levantar a perna direita do pequeno e passar a mão com firmeza ao longo da tíbia, que ainda no dia anterior era uma massa de carne purulenta.

Não encontrando resposta no rosto impenetrável do doutor, voltou-se, atordoadado, para a senhora Warren e viu que as suas lágrimas eram de alegria.

Ela abanou a cabeça descontroladamente, e com os olhos cheios de lágrimas explicou:

- Eu agasalhei-o bem no carrinho esta manhã, quando toda a gente ainda dormia. Nós não podíamos admitir que ele morresse, Owen e eu. Ele sempre acreditara... se pudéssemos ir até ao poço... de Santa Maria! Rezamos e mergulhamos a perna na água... Quando voltamos para casa... foi mesmo Owen... quem tirou as ligaduras!

O silêncio no quarto era absoluto. Foi Owen quem o rompeu.

- Não se esqueça de contar comigo no seu grupo de críquet, padre.

Na rua, Willie Tulloch olhou obstinadamente para o seu amigo.

- Tem forçosamente de haver uma explicação científica que nós ainda não conhecemos. Um intenso desejo de se curar...

uma regeneração psicológica das células.

Deteve-se bruscamente. A sua grande mão tremia sobre o braço de Francis.

--Oh, Deus! Se há um Deus! Bem, mas não falemos a respeito disto!

Nessa noite Francis não pôde dormir. Os seus grandes olhos abertos enfrentavam a escuridão da noite. O milagre da fé!

Sim, a fé em si constitui o milagre. As águas do Jordão, de Lourdes ou do poço de Santa Maria... não faziam diferença alguma. Qualquer charco lamacento bastaria se refletisse a face de Deus.

Momentaneamente, o sismógrafo do seu espírito registrou um traço do conhecimento da grandeza incomensurável de Deus. Orou fervorosamente.

«Ó meu Deus, nós nem mesmo somos capazes de começar a conceber-Vos. Somos como minúsculas formigas num abismo sem fundo, cobertas por um milhão de camadas de algodão, debatendo-nos... esforçando-nos por descobrir o Céu.

Ó Deus... bom Deus, dá-me humildade... e dá-me fé!» Foi três meses depois que a convocação do bispo chegou.

Francis esperava-a havia algum tempo. Apesar disso, a sua chegada atemorizou-o um pouco. A chuva caía forte quando ele subia a colina para o paço.

Só atravessando a correr a distância que o separava do seu destino conseguiu evitar encharcar-se.

Arquejante, molhado e salpicado de lama, ele sentia-se muito infeliz. A sua ansiedade aumentou quando se sentou, tremendo um pouco, na imponente sala de espera, olhando para o seu calçado enlameado, num contraste tão gritante com o belo tapete vermelho.

Por fim, o secretário do bispo apareceu, fê-lo subir alguns degraus de mármore e indicou-lhe, silenciosamente uma porta de mogno. Francis bateu e entrou.

Sua Reverendíssima estava à sua mesa, não curvado sobre o trabalho, mas descansando, com a face apoiada numa das mãos e o cotovelo sobre o braço da cadeira de couro. A luz do dia declinante traçava um raio oblíquo através dos rideaux de veludo da alta janela e avivava o tom violeta do seu barrete, mergulhando a sua face na sombra.

Francis deteve-se, desconcertado pela impassível figura, hesitando em reconhecer o seu velho amigo de Holywell e de San Morales. Nenhum som perturbava o silêncio do aposento a não ser o débil tique-taque do relógio de Boule sobre o fogão.

Por fim uma voz severa elevou-se:

- Então, padre, mais algum novo milagre a comunicar esta noite? E a propósito, antes que me esqueça, como vão os seus salões de dança ultimamente?

Francis sentiu um aperto na garganta e quase gritou de alívio.

Sua Reverendíssima continuava a examinar a figura do pobre vigário pregada no amplo tapete.

- Devo confessar que é um alívio para os meus velhos olhos ver um padre tão manifestamente pobre. Ordinariamente eles vêm aqui parecidos com prósperos agentes funerários.

O fato que usa é abominável... e, quanto ao calçado, horrível!

Levantou-se lentamente e adiantou-se para Francis.

- Meu caro amigo, estou encantado de o ver. Mas está horrivelmente magro.

Colocou a mão no ombro de Francis.

- E, meu Deus, horrivelmente molhado também!

- Fui apanhado pela chuva no caminho, monsenhor!

- Como? Não tem guarda-chuva? Venha aqui para junto do fogo. Venha aquecer-se.

Foi a um pequeno armário e tirou um frasco e dois cálices.

- Eu ainda não estou bem aclimatado à minha nova dignidade.

Deveria tocar uma campainha e mandar vir um desses bons vinhos que nos livros todos os bispos saboreiam. Isto é apenas Glenlivet, mas eu julgo que é a bebida que melhor pode ser apreciada por dois escoceses.

Estendeu a Francis o pequeno cálice de whisky puro, viu-o beber e depois bebeu o seu. Sentou-se do outro lado do fogão.

- Por falar de dignidade, não me olhe com tanto medo.

Eu estou todo adornado, admito-o. Mas por baixo está a mesma anatomia desajeitada que o meu amigo viu a atravessar o Stinchar!

Francis corou.

- Sim, monsenhor.

Calaram-se um momento depois do qual o bispo continuou, calmo e sério.

- Pobre rapaz! Tens levado uma vida bastante apertada, suponho, depois da tua partida de San Morales.

Francis respondeu em voz baixa.

- Com efeito, fracassei lamentavelmente.

- Sim?

- Sim, eu já contava com isto... uma reprimenda da vossa parte. Eu sei que não agrado ao deão Fitzgerald.

- Só desejas agradar a Nosso Senhor, hem?

- Não, não. Estou realmente envergonhado, descontente comigo mesmo. É esta minha natureza rebelde e incorrigível.

E calou-se.

- A mais recente das tuas iniquidades parece ter sido o fato de não teres comparecido a um banquete em honra do conselheiro Shand... que acaba de fazer uma generosa doação de quinhentas libras para a edificação do novo altar-mor.

Será possível que tenhas dúvidas sobre à integridade do digno conselheiro, que, segundo ouvi, é um pouco menos piedoso nas suas relações com os inquilinos dos seus tugúrios de Shand Street?

- Eu... - Francis interrompeu-se, confuso. - Não sei.

Eu fiz mal em não ir. O deão Fitzgerald recomendara-nos especialmente que deveríamos comparecer... ele dava grande importância àquilo. Mas tive um impedimento.

- Que foi? - interrogou o bispo.

- Fui chamado para ver uma pessoa naquela tarde. - Francis falava com grande relutância. - O

senhor deve recordar-se... Edward Bannon... a doença tornou-o irreconhecível agora, parálítico, babando-se... uma caricatura de homem.

Quando chegou o momento de partir, ele agarrou-me a mão, implorando-me que não o deixasse. Não pude fazer outra coisa... ou reprimir uma terrível piedade por aquele...

aquele grotesco, proscrito moribundo. Adormeceu murmurando:

«João, o Padre, João, o Filho, João, o Espírito Santo», com a saliva a escorrer pelo queixo barbudo, segurando a minha mão... Fiquei até amanhecer.

Houve um silêncio mais prolongado.

.- Não admira que o deão ficasse aborrecido por teres preferido o pecador ao santo.

Francis deixou pender a cabeça.

- Eu estou aborrecido comigo mesmo. Em vão me esforço por me corrigir. É estranho... Quando era rapaz, estava convencido de que os padres eram infalíveis e perfeitos.

- E agora apercebes-te de quão horivelmente humanos nós somos. Sim, sem dúvida que é fraqueza minha que a tua «natureza rebelde» me alegre, mas acho-a um antídoto refrescante para a insossa piedade a que estou sujeito. Tu és como um gato extraviado que passa silenciosamente pela igreja

quando todo o público boceja ao ouvir um sermão monótono.

Não é uma metáfora deslocada... porque pertences à igreja, mesmo que não liguês bem com os que obedecem a todas as regras estabelecidas. Não creio que seja lisonjear-me dizendo que eu sou provavelmente o único clérigo desta diocese que te compreende realmente. Tens sorte por eu ser o teu bispo agora.

- Ninguém melhor do que eu o reconhece, monsenhor.

- Para mim - prosseguiu Sua Reverendíssima meditativamente - não és um fracasso, mas um retumbante sucesso.

Tens mesmo necessidade de um pouco de encorajamento...

de forma que me arriscarei a umas dores de cabeça por tua causa. És um espírito curioso e uma alma terna. És capaz de distinguir entre refletir e duvidar. Não és um desses nossos eclesiásticos retroseiros que precisam de ter tudo em pacotinhos bem ordenados... prontos para serem entregues. E o que mais me agrada em ti, meu caro rapaz, é que tu és desprovido dessa segurança insolente que se apóia mais no dogma do que na fé.

Durante o silêncio que se seguiu Francis sentiu uma grande ternura pelo velho. Conservou os olhos baixos. A voz calma continuou:

-- Naturalmente, a menos que façamos alguma coisa para o impedir, haverá questão. Se terçarmos armas a teu favor, a briga generalizar-se-á e haverá muita cabeça partida... inclusive a tua! Oh, sim, eu sei, tu não tens medo. Mas eu tenho. És demasiadamente precioso para seres lançado às feras. Queria propor-te outra coisa.

Francis levantou a cabeça vivamente, encontrando o olhar tranqüilo e afetuoso do bispo, que sorria.

- Imaginas que eu te trataria com esta camaradagem se não pretendesse que fizesses alguma coisa por mim?

- Tudo o que quiser... - gaguejou Francis.

Francis não sabia que dizer.

O bispo esteve muito tempo calado: o seu rosto imóvel parecia esculpido...

- É um grande sacrifício... uma mutação total que sugiro...

se for demasiado deves dizer-me. Mas eu creio que é justamente o que te convém. A nossa Sociedade das Missões Estrangeiras prometeu-me, finalmente, um vicariato na China. Quando estiverem prontas

todas as formalidades e te tiveres preparado queres ser o primeiro a tentar a aventura?

Francis permaneceu completamente imóvel, paralisado pela surpresa. Tinha a sensação de as paredes desabarem sobre ele. Semelhante proposta era tão inesperada, tão fantástica, que ele ficou literalmente com a respiração suspensa. Deixar a sua terra, os seus amigos, e partir para o desconhecido, um salto no vácuo... Mas, lenta, misteriosamente, uma estranha animação o dominou. Respondeu numa voz entrecortada:

- Sim... irei.

Mac le Roux curvou-se tomou a mão de Francis. Os seus olhos estavam úmidos e tinham uma penetrante fixidez.

- Eu estava convicto de que aceitarias, meu querido rapaz.

Eu sei que justificarás a minha confiança. Mas devo advertir-te: aquilo por lá não será uma pesca de salmão.

QUARTA PARTE

Cristo na China

Estava-se no princípio do ano de 1902. Um velho junco, muito inclinado para um lado, navegava preguiçosamente.

Subia um dos intermináveis braços do rio Ta Hoang, na província de Chek-Kow, distante cerca de mil e seiscentos quilômetros de Tien Tsin. Na proa vinha uma figura de padre católico de sandálias e com um capacete colonial na cabeça. Era Francis, que, com as pernas sobre o gurupés e o seu breviário sobre um dos joelhos, deteve subitamente a sua desesperada luta com as palavras chinesas - de que cada sílaba parecia arranhar-lhe a laringe, contento tantas inflexões como a escala cromática - para repousar, e deixou errar a vista sobre a paisagem castanha e ocre. Sentia-se fatigado depois de dez noites passadas naquele cubículo estreito que lhe haviam indicado como sendo o seu camarote e, na esperança de respirar um pouco de ar puro, havia aberto caminho por entre os seus companheiros de viagem cuja bagagem obstruía todo o espaço: camponeses, cesteiros, curtidores de Sen Siang,

bandidos, pescadores, soldados e mercadores que seguiam para Pai Tan, ombro a ombro, falando, fumando, cozinhando entre cestos de patos e pombos e grades com porcos e uma cabra que balia presa a uma corda. Apesar da sua firme resolução de suportar friamente aquela mistura de cheiros, ruídos e as mais inesperadas companhias, estava, no fim de dez dias, verdadeiramente extenuado. Intimamente dava graças a Deus e a Santo André por ser aquela a sua última etapa, pois à noite, salvo algum atraso imprevisto, estaria por fim em Pai Tan.

Apesar da chegada iminente, não conseguia convencer-se de fazer parte integrante daquele mundo novo e fantástico, tão distante, tão estranho, tão extraordinariamente diferente do mundo que ele conhecia ou esperava conhecer. Era como se a sua vida sofresse uma distorção repentina, tomasse uma forma grotesca. Correu a vista ao redor de si e suspirou.

Aqueles que estavam ali viviam a sua vida normal, dentro do seu próprio meio. Ele não. Era um ser estranho, um intruso, exótico, diferente.

Fora-lhe muito penoso despedir-se dos seus. Ned, felizmente, falecera pouco tempo antes da sua partida, ponto final da sua miserável existência. Intimamente dava graças aos Céus por assim ter sido.

Mas Polly ficara. E implorava a Deus que lhe fosse permitido tornar um dia a vê-la. Era um conforto pensar que Judy encontrara colocação como datilógrafa na municipalidade de Tynecastle. Era um lugar que lhe oferecia certa segurança e esperanças de promoção.

Como que para fugir a esses pensamentos, tirou do bolso a carta em que a sua nomeação era confirmada. Fora-lhe enviada pelo padre Mealey, que cessara a atividade na paróquia de S. Domingos para se consagrar exclusivamente ao seu novo posto de secretário da A. M. E. (Associação das Missões Estrangeiras.)

Francis recebera-a na Universidade de Liverpool, onde durante um ano se dedicara intensamente ao estudo da língua chinesa:

Meu querido Francis:

Sinto-me sinceramente jubiloso por poder dar-te boas notícias.

Acabamos de saber que a cessão a nosso favor de Pai Tan, no vicariato de Chek-Koiv, pela administração da Sociedade das Missões Estrangeiras foi ratificada pela Congregação de Propaganda da Fé. Ficou resolvido na nossa reunião de hoje, em Tynecastle, que nada deverá retardar a tua partida.

Até que enfim posso dar-te a oportunidade de partir para a tua missão gloriosa no Oriente!

Pelas informações que tenho, Pai tan é um local encantador, um pouco para o interior, mas banhado por um lindo rio. É uma cidade florescente, que se ocupa com especialidade na indústria da fabricação de cestos, e onde há notável abundância de cereais, carne e aves, e também muitas frutas tropicais.

Mas o mais importante é que a nossa missão é abençoada e próspera, embora infelizmente se encontre privada de seu pastor há mais de um ano; apesar de tudo continua florescente. Lamento não possuir qualquer fotografia, mas posso assegurar-te que as instalações são das mais satisfatórias.

Compreendem a capela e uma casa para o vigário rodeadas por muralhas. (Só a palavra faz pensar em aventuras). Lembras-te da nossa infância, quando brincávamos aos índios?

Desculpa o meu entusiasmo. Mas o melhor de tudo é a estatística.

Junto uma cópia do último relatório do teu predecessor, o padre Lawler, que há cerca de um ano voltou para S. Francisco. Não tenho necessidade de analisar agora esse documento, que estudarás sem dúvida nos mínimos detalhes, mas não resisto, porém, ao desejo de chamar a tua atenção para o fato de em

menos de três anos terem-se conseguido, na missão de Vai Tan, mil batismos, dos quais apenas um terço ministrados in articulo mortis. Não é extraordinário, Francis? Isso mostra como a graça de Deus pode tocar os corações mais empedernidos, mesmo entre templos pagãos 1.

Meu amigo, sinto-me sinceramente jubiloso por te ter sido concedida esta magnífica oportunidade. Não tenho a menor dúvida de que tu, com a tua habitual atividade, conseguirás aumentar o rebanho. Espero ansioso o teu primeiro relatório.

Creio que encontres finalmente o teu próprio destino e que as pequenas excentricidades de linguagem e de gênio que no passado te trouxeram aborrecimentos não serão obstáculos à tua atividade quotidiana. A humildade, Francis, é a própria essência dos santos. Rezo por ti todas as noites.

Escrever-te-ei mais tarde. Entretanto faz os teus preparativos.

Precisarás de sotainas de duração. As ceroulas curtas são as indicadas, bem como uma cinta. Dirige-te à casa Hanon & Filho. Lá encontrarás tudo. Trata-se de pessoas sérias, muito piedosas, da família do organista da catedral.

Talvez nos vejamos mais cedo do que supões. As minhas novas funções tornaram-me num grande

viajante. Não seria maravilhoso se nos pudéssemos encontrar nos encantadores jardins de Pai Tan?

Renovo aqui as minhas felicitações e votos de felicidade.

Teu devotado irmão em Jesus Cristo, ANSELMO MEALEY Secretário da Sociedade das Missões Estrangeiras Diocese de Tynecastle Uma agitação crescente que reinava no junco era indício de que dentro de pouco tempo estariam em terra. Depois de vencer uma larga curva do rio, o barco penetrava agora numa grande enseada de águas sujas atravancada por uma verdadeira flotilha de sâmpanas e Francis olhava ansiosamente para a cidade. Lembrava-lhe uma colméia, diante do cais de barro vermelho, rumorejante de sons com luzes amareladas a cintilar.

A seus pés, na água barrenta, um sem-número de barcos e jangadas estavam ancorados, enquanto a cidade se destacava no fundo de montanhas rosadas.

Esperava que a missão tivesse mandado um barco para o receber, mas via apenas um barco particular destinado a receber o senhor Chia, um mercador opulento residente em Pai Tan, e que, silencioso e vestido de cetim, surgia agora pela primeira vez à vista dos demais passageiros, emergindo do seu camarote.

Era um homem de cerca de trinta e cinco anos, mas de ar tão grave que parecia mais velho. Tinha a pele de um amarelo-dourado e os cabelos tão negros que dir-se-iam molhados.

Permaneceu de pé, numa atitude de olímpica indiferença, enquanto a ralé se movimentava à sua volta. Embora não tivesse sequer movido os olhos na sua direção, Francis sentia que estava a ser observado minuciosamente.

As múltiplas ocupações do comissário de bordo atrasaram o desembarque de Francis e da sua bagagem. Subindo para uma das sâmpanas apertava contra si um grande guarda-chuva de seda, com as cores do clã de Chisholm, que lhe fora oferecido pelo bispo Mac Nabb no momento da sua partida.

À medida que o barco se ia aproximando da margem do rio a sua excitação aumentava. Lá estava um grande aglomerado de chineses. Quem sabe se a congregação à sua espera, ansiosa toda ela por lhe desejar as boas-vindas! Seria um remate verdadeiro reconfortante para aquela interminável viagem.

O coração batia-lhe quase que dolorosamente diante de tão auspiciosa expectativa. Mas ao saltar em terra compreendeu que se enganara. Ninguém o esperava. Teve de abrir caminho por si mesmo, através daquela massa compacta de povo.

Depois de haver dado alguns passos, entretanto, deteve-se subitamente. Diante dele, sorrindo amavelmente, estava um casal de chineses. Os seus fatos eram de um azul imaculado e traziam, para se fazerem reconhecer, imagens coloridas da Sagrada Família. Os dois aproximaram-se dele, com um agradável sorriso, revelando um intenso prazer em dirigir-lhe a palavra, e fazendo alternadamente profundas reverências e múltiplos sinais da cruz.

As apresentações foram feitas com menos dificuldade do que ele esperava. Perguntou num tom de agradável surpresa:

- Quem são?

- Somos Hosannah e Filomena Wang, meu padre!

- Pertencem à missão?

- Sim, sim, o padre Lawler construiu uma excelente missão.

- Podem guiar-me até lá?

- Com todo o prazer! Mas talvez o nosso querido padre queira honrar com a sua presença o nosso humilde lar...

- Muito obrigado. Mas prefiro dirigir-me primeiro à missão.

- Naturalmente. Iremos então à missão. Trouxemos carregadores e uma cadeirinha para o nosso querido padre...

- Foram muito amáveis mas, sinceramente, preferiria ir a pé.

Sorrindo sempre, agora com o sorriso a refletir uma sombra de pesar, Hosannah voltou-se e trocou algumas rápidas palavras com o homem da cadeirinha que estava ali à espera e, com ele, uma verdadeira avalanche de carregadores, e mandou-os embora. Dois deles, porém, ficaram; um encarregou-se da mala e o outro do guarda-chuva e seguiram.

As ruas eram tortuosas e sujas, mas para Francis constituiu um verdadeiro prazer poder estirar as pernas livremente, depois de tantos dias de inatividade sobre o junco. Uma onda de calor abençoado percorreu-lhe o corpo. E tanto quanto lhe era possível avaliar no meio do seu constrangimento, sentia nitidamente a tarefa imensa que lhe estava reservada ali. Era preciso conquistar estas almas, estes corações!

Apercebeu-se de que nesse momento, justamente, o senhor Wang se detinha cortesmente para lhe dirigir a palavra:

- Há uma agradável moradia aqui... na Rua dos Fabricantes de Redes... apenas cinco tael por mês...

talvez o nosso reverendo padre gostasse de passar aqui a noite...

Francis deteve-se, surpreendido, considerando-o com divertida surpresa.

- Não, não, Hosannah... Vamos para a missão!

Houve uma pausa. Filomena tossiu. Francis não compreendia porque não avançavam. Hosannah sorriu polidamente e anunciou:

- Aqui, amado padre, é que é a missão...

Primeiro não compreendeu. Diante deles, na margem do rio, estendia-se um terreno baldio, queimado pelo sol, onde a chuva cavara grandes poças, rodeado por uma cerca destroçada.

Numa das extremidades distinguiam-se os restos de uma antiga capela feita de tijolos crus, sem teto, uma das paredes derruída completamente e as outras a custo mantidas de pé.

Havia ainda as ruínas daquilo que outrora devia ter sido uma casa. Ervas daninhas cresciam livremente ali.

Uma única construção se via ainda de pé, um pouco arruinada é certo, com o seu teto de colmo: o estábulo.

Durante alguns minutos Francis ficou mudo de estupor.

Depois voltou-se lentamente para os Wangs, que, lado a lado, o contemplavam, tão iguais como dois irmãos siameses.

- Como foi possível isto? - perguntou.

- Era uma bela missão, meu padre. Custou-nos muito dinheiro e fizemos muitos sacrifícios para poder pô-la de pé.

Mas o bom padre Lawler construiu-a muito próximo do rio.

E o Diabo mandou muita água, muita chuva...

- Onde está então a gente da congregação?

- É uma gente má, sem fé no Deus do Céu...

Os dois falavam rapidamente completando umas explicações do outro, gesticulando.

- O nosso bom padre há de compreender quanto depende dos seus catequistas. Desde que o bom padre Lawler partiu nunca mais recebemos os nossos quinze tael mensais. Assim foi impossível manter esse povo fraco e sem crença dentro da religião...

Esmagado, consternado, o padre Chisholm correu os olhos pelo que via. Eis em que estado se encontrava a missão, e aqueles eram os seus únicos paroquianos... A lembrança da carta que trazia no bolso produziu-lhe uma súbita irritação.

Fechou os punhos e pôs-se a refletir.

Os Wangs brindavam-no com uma onda de palavras procurando persuadi-lo a voltar para a cidade. Com certo esforço, conseguiu livrar-se deles, daquela presença importuna e desagradável. Era, afinal de contas, um verdadeiro alívio poder sentir-se só.

Resolutamente levou a sua pequena bagagem para o estábulo.

Em tempo um estábulo tivera a glória de servir de morada ao Senhor. Olhando em volta de si descobriu no chão de terra batida um pouco de palha seca. Sem água nem provisões, podia felizmente contar com um leito. Abriu a mala, retirou os seus cobertores e procurou tornar o lugar mais habitável que pôde. Subitamente soou um gongo. Francis saiu do estábulo. Do outro lado da cerca derrubada, junto do templo mais próximo dos muitos disseminados pela colina, estava um bonzo venerável, com uma cabaia amarela vestida e uns espessos sapatos de pano calçados, que, ao bater na lâmina de metal, enchia a hora crepuscular de um ruído profundamente melancólico. Os dois padres - o de Cristo e o de Buda - contemplaram-se em silêncio. Em seguida o velho chim voltou-se, subiu indiferentemente os degraus do templo e desapareceu.

A noite caiu rapidamente. Francis ajoelhou-se no meio das ruínas e ergueu os olhos para o Céu. Orou intensamente com uma convicção sombria.

«Deus, meu bom Deus, Vós quereis que eu parta do nada.

É esse o castigo da minha vaidade, da minha estúpida arrogância.

Assim será! Lutarei, trabalharei arduamente e jamais abandonarei o meu posto. Jamais!» De volta ao estábulo, procurou dormir apesar do zumbido de nuvens de mosquitos e de mariposas que enchiam o ar abafado. Subitamente aflorou-lhe um sorriso aos lábios. Não se sentia heróico, mas ridículo. Santa Teresa comparava a vida a uma noite passada num hotel. Decerto que aquele para onde o destino o lançara estava longe de ser um Ritz!

Amanheceu por fim e Francis pôs-se de pé. Tirando o cálice do seu estojo de cedro, improvisou um altar sobre a mala e rezou a sua primeira missa, ajoelhando-se no solo do estábulo.

Sentiu-se revigorado. A chegada de Hosannah Wang não o perturbou.

- O reverendo padre deveria ter esperado para que eu o ajudasse à missa. Isso faz parte das minhas obrigações e para isso me pagam. E agora não lhe

parece que devemos ir procurar um alojamento para o senhor na Rua dos Fabricantes de Redes?

Francis refletiu. Embora resolvido a ficar ali até que a situação melhorasse, era óbvio que teria de encontrar um local mais adequado para exercer o seu ministério.

- Vamos - disse por fim.

As ruas estavam cheias de movimento. Cães corriam por entre as suas pernas e porcos fossavam nos detritos nas poças de lama. As crianças perseguiam-no com gritos e macaquices.

Os mendigos estendiam as mãos, suplicantes. Um velho que expunha os seus artigos de comércio na Rua das Lanternas cuspiu hostilmente à passagem daquele «diabo estrangeiro».

Um barbeiro afiava as suas imensas navalhas no lado oposto. Havia um grande número de mendigos, de aleijados, e muitos deles, tornados cegos pela varíola, avançavam por entre a multidão batendo no chão com as suas compridas bengalas de bambu e emitindo um curioso silvo, agudo e prolongado.

Wang conduziu-o, por fim, a um aposento num primeiro andar, pobremente dividido com paredes de bambu e papel, mas que de certo modo se prestava para o fim que ele tinha em vista. Com o pouco dinheiro de que dispunha pagou um mês adiantado

ao locatário, um homem chamado Hung, e dispôs o crucifixo sobre a sua única toalha de altar. A lamentável falta de todo o material necessário para o seu ministério preocupava-o. Convencido de que encontraria tudo em abundância na «florescente missão», trouxera muito pouco consigo. Mas, de qualquer maneira, estava instalado.

Wang tinha saído antes, e Francis, ao descer, viu lá em baixo, na loja, que Hung havia separado duas ou três moedas das que lhe havia dado em pagamento da casa e as passava a Wang, com uma curvatura. Embora tivesse já apreciado o justo valor daqueles adeptos que o padre Lawler lhe havia legado, Francis sentiu-se transbordar de indignação. Uma vez na rua, dirigiu-se tranquilamente para Wang:

- Lamento, Hosannah, mas não lhe posso pagar quinze tael mensais.

- O padre Lawler pagava-os. Porque não pode o reverendo padre pagá-los?

- Porque sou pobre, Hosannah. Tão pobre como o Senhor.

- Quanto poderá pagar então?

- Nada, Hosannah! Eu nada recebo também. É o Senhor do Céu que nos recompensará!

Wang não deixava de sorrir.

- Então talvez Hosannah e Filomena devam dirigir-se a pessoas que os saibam apreciar. Em Sen Siang os metodistas pagam dezesseis tael para os catequistas de valor. Mas com toda a certeza o bom padre mudará de opinião. Encontrará muita hostilidade em Pai Tan. O povo considera as feng-shua da cidade - as leis do Templo e da Ordem - em perigo pela intromissão dos missionários.

Esperou resposta do padre. Mas Francis ficou calado. O silêncio tornou-se incômodo. Depois Wang curvou-se polidamente e partiu.

Francis sentiu o coração apertado ao vê-lo desaparecer.

Teria agido inteligentemente afastando os amáveis Wangs?

A verdade era que os Wangs não eram cristãos, mas simples oportunistas que só acreditavam em Cristo na medida em que o fato lhes pudesse proporcionar dinheiro. Do outro lado eles representavam o único ponto de contacto que ele possuía com a comunidade. Teve a noção, repentinamente, de que estava completamente só.

À medida que os dias passavam aquele horrível isolamento aumentava, agravado com a sensação de impotência. Lawler, seu predecessor, havia construído uma casa sobre a areia.

Incompetente, crédulo, apoiado em abundantes recursos, havia perdido a cabeça. Andara de um lado para outro, distribuindo dinheiro, batizando a torto e a direito, adquirindo uma lista de cristãos atraídos unicamente pelo amor do arroz.

Vítima inconsciente de centenas de especuladores, embalado de ilusões, vaidoso e todo feliz com o seu sucesso, enchera longos relatórios de sonhos desvairados. Da sua passagem nenhum traço ficara. Nada mais restava - a não ser entre os funcionários da cidade - senão uma recordação desprezível daquela idiotice estrangeira.

Além da pequena quantia que lhe fora entregue para as suas despesas pessoais e de uma nota de cinco libras que Polly lhe havia metido na mão no momento da sua partida, Francis não possuía qualquer outro dinheiro. Haviam-no advertido de que seria inútil pedir assistência à sociedade diocesana há pouco fundada. Atormentado pelo exemplo de Lawler, sentia agora uma espécie de satisfação íntima pela sua falta de recursos. Jurou, com ardente sinceridade, que nunca compraria adeptos. Faria tudo com a graça de Deus e com a ajuda das suas próprias mãos.

Tudo estava ainda por fazer. Pôs um letreiro no exterior da sua capela improvisada. De nada serviu. Ninguém apareceu.

Os Wangs haviam-se apressado a espalhar por toda a parte que o novo padre era pobre e que nada tinha para distribuir senão palavras amargas.

Tentou pregar ao ar livre, defronte do Palácio da Justiça.

Troçaram dele. Aqueles que não se riam dele pareciam nem sequer o ver. Esses fracassos humilharam-no. Um chinês de lavanderia que se dispusesse a falar de Confúcio nas ruas de Liverpool teria mais sucesso. Obstinadamente fazia-se surdo ao demônio insidioso que lhe sugeria que admitisse a sua própria incompetência.

Orava, orava desesperadamente. Acreditava ardentemente na eficácia da prece.

«Oh, Deus, Vós tendes-me atendido sempre. Ajudai-me agora, eu Vos suplico.» Em certas ocasiões a raiva cegava-o. Por que razão o haviam mandado para ali, para aquele buraco perdido do mundo?

A tarefa ultrapassava as forças humanas. Estava mesmo para além de Deus! Desterrado naquele lugar tremendo, sem poder comunicar com ninguém, a seiscentos e cinquenta quilômetros de distância do missionário mais próximo, o padre Thibodeau, em Seng Siang, não podia manter-se.

Açulada por Wang, a hostilidade popular aumentava. As crianças dirigiam-lhe motejos. Quando

passava pela cidade uma verdadeira multidão de coozeí perseguia-o insultando-o.

Se parava um deles aproximava-se e satisfazia as suas necessidades fisiológicas perto dele. Uma noite, ao voltar para o estábulo, uma pedra atirada da escuridão atingiu-o na testa.

O instinto combativo de Francis acordou subitamente. Ao tratar do ferimento, envolvendo a cabeça numa ligadura, ocorreu-lhe uma idéia, que o mergulhou em reflexões. Sim, era preciso, precisava de aproximar-se do povo... e talvez estivesse ali a solução... pouco importava que fosse uma solução primária... havia de ajudá-lo no seu intento.

Na manhã seguinte alugou, por dois tael mensais, o quarto das traseiras do andar térreo de Hung e abriu um dispensário público. Não era especialista, Deus o sabia, mas tinha freqüentado o curso de primeiro socorros e a longa convivência com o doutor Tulloch também muito o ajudaria.

A princípio ninguém se arriscou a aparecer e Francis suava de desespero. Mas pouco a pouco, guiados talvez pela curiosidade, um ou dois surgiram para o consultar. Havia sempre epidemias grassando pela cidade e os métodos dos médicos chineses eram simplesmente bárbaros. Saiu-se bem. Não exigiu

dinheiro nem conversão. Pouco a pouco, a clientela aumentou.

Escreveu ao doutor Tulloch enviando-lhe as cinco libras da tia Polly e pedindo que lhe comprasse medicamentos e ligaduras. Se a capela permanecia vazia, o dispensário, em compensação, estava muitas vezes cheio.

À noite, entre o que restava ainda da missão, entregava-se a tristes meditações. Impossível reconstruir sobre uma terra sujeita a inundações. E contemplava, com uma santa cobiça, aquela colina ridente, a colina do Brilhante Verde Jade, guarnecida de cedros, onde templos pagãos estavam disseminados.

Tudo aquilo pertencia a um rico chinês chamado Pao, membro da camada de negociantes e magistrados, todos aliados pelos casamentos, que detinha nas suas mãos todos os negócios da cidade. Saía pouco de casa. Quem lhe tratava dos negócios era um primo, um digno mandarim de uns quarenta anos, alto e magro, que vinha vigiar e pagar aos trabalhadores que se ocupavam na exploração das barreiras de argila vizinhas da colina. Que lugar admirável para erigir uma igreja ao Senhor!

Minado por aquelas semanas de isolamento, de perseguições, de desolação, Francis não se encontrava

no seu estado normal. Nada possuía. Nada valia. Mesmo assim, um dia atreveu-se a falar com o rico mandarim no momento em que ele atravessava a rua para tomar a sua cadeirinha. Não tinha a menor idéia do que representava a incorreção daquele intempestivo apelo. Na realidade não sabia o que fazia. Comia mal, a febre dominava-o.

Dirigiu-se ao mandarim com a maior simplicidade:

- Tenho admirado inúmeras vezes as belas propriedades que o senhor administra com tanta competência.

Surpreendido, o mandarim, primo do poderoso senhor Pao, dirigiu os seus olhares para aquela criatura estranha, de olhos em fogo, com- uma ligadura suja sobre a testa. Com uma fria polidez permitiu que o padre continuasse ali diante dele a perpetrar sucessivos ataques à língua chinesa. Em palavras rápidas diminuiu a sua pessoa, toda a sua família, as colheitas, as suas posses miseráveis, fez alusão ao mau tempo e às atribulações por que passara a cidade no ano findo para se desembaraçar dos bandidos de Wai-Chu. Em seguida abriu cortesmente a porta da sua cadeirinha. Quando Francis fez a conversa incidir novamente sobre as

terras da colina do Brilhante Verde Jade, sorriu friamente:

- Essa propriedade é uma pérola de valor inestimável.

Só em extensão tem mais de sessenta mus. Sombra, muita água, pastagens, além de possuir barro de excelente qualidade para o fabrico de louça, tijolos, etc. O senhor Pao não pensa em vendê-la. E creio mesmo que já recusou pelo terreno nada menos que quinze mil dólares de prata.

Perante aquele preço, dez vezes maior do que os seus mais loucos cálculos, Francis sentiu as pernas dobrarem-se-lhe. A febre cessou como por encanto. Sentiu-se fraco, tonto, profundamente envergonhado por se deixar levar pelo sonho absurdo de adquirir aquelas terras. Tremulamente, agradeceu ao primo do senhor Pao, murmurando desculpas confusas.

Ao notar o triste desapontamento do padre, o chinês deixou escapar através da sua máscara reservada uma certa expressão de desdém:

- Porque veio o Shang Foo para cá? Não haverá ímpios para regenerar na sua terra? Nós não somos descrentes. Temos a nossa religião. Os nossos deuses são mais antigos que os vossos. O outro Shang Foo fez alguns cristãos aqui lançando-lhes um pouco de água na cabeça ao mesmo tempo que cantava:

«Ah... ah... ah...» Deu-lhes também comida e roupas.

Dava-lhes tudo para que cantassem. E eles cantavam para ter que vestir e comer. É isso que Shang Foo deseja também?

Francis olhou-o em silêncio. O seu rosto magro estava extremamente pálido e olheiras profundas lhe enegreciam os olhos, perguntou serenamente:

- Acredita que seja essa a minha ambição?

Houve um curto silêncio. Por fim o primo do senhor Pao baixou os olhos:

- Desculpe-me - disse em voz baixa. - Não o compreendi.

Vê-se que é um homem bom. Lamento que as terras do meu primo não estejam em condições de lhe servirem. Haverá alguma outra coisa em que possa ser-lhe útil? - perguntou, com uma sombra de simpatia a transparecer-lhe no rosto. E ali permaneceu com um ar um pouco ansioso, como se quisesse pedir desculpas, desfazer a má impressão causada pelas suas palavras. Francis pensou um momento e em seguida perguntou:

- Diga-me: não existe um só cristão por aqui?

O primo do senhor Pao respondeu lentamente:

-Talvez; mas não será em Pai Tan que os encontrará.

Interrompeu-se e depois continuou:

- Entretanto ouvi dizer que existe um povoado cristão nas montanhas de Kwang...

Fez um gesto vago na direção dos montes distantes:

- Parece tratar-se de uma aldeia que é cristã há muitos anos... Mas é muito longe... A muitas léguas de distância...

Um raio de luz penetrou nas densas trevas em que o cérebro de Francis estava mergulhado.

- Isso interessa-me profundamente. Não poderia dar-me informações mais detalhadas?

O outro abanou a cabeça, desolado:

- É um lugarejo perdido nas montanhas. O meu primo ouviu falar dele por ocasião das suas múltiplas viagens de negócios.

Francis inquiriu ansiosamente:

- Não poderia pedir-lhe informações? Não lhe seria possível informar-se do caminho a seguir? Talvez um mapa...

O primo do senhor Pao ficou um instante pensativo, e em seguida retorquiu:

- Talvez seja possível. De qualquer maneira, falarei sobre isso com o senhor Pao, e não deixarei de dizer-lhe que tivemos uma muito simpática conversa.

Saudou e retirou-se.

Francis voltou para as suas ruínas, transfigurado já por novas esperanças. Ali, com alguns cobertores, uma bilha de água e alguns utensílios que comprara na cidade, instalara um acampamento primitivo. Enquanto preparava a sua ração de arroz, as suas mãos tremiam de emoção. Uma aldeia cristã!

Era preciso descobri-la a todo o custo! No fim de tantos meses de infrutíferos esforços sentia-se novamente conduzido, inspirado por Deus.

Absorvido nas suas reflexões continuava sentado quando um ruído estranho o despertou. Corvos grasnavam ali perto, numa disputa feroz em torno de qualquer presa, na margem do rio. Ergueu-se para os espantar e enquanto os pássaros sinistros batiam as asas à sua volta descobriu o motivo da luta.

Flutuando nas águas barrentas via-se um corpo de uma menina recém-nascida.

Trêmulo de piedade recolheu o pequeno cadáver, embrulhou-o num pedaço de pano e enterrou-o num canto do terreno.

Depois orou. Enquanto recitava o ofício dos mortos pensava que afinal de contas a sua presença naquela terra estranha e hostil não fora de todo inútil.

Duas semanas depois, em pleno desabrochar de um Verão precoce, estava pronto para a partida.

Colocou um letreiro no dispensário, declarando-o fechado por curto espaço de tempo;

depois, fixando-os às costas com correias, enrolou roupas e cobertores, preparou provisões e, munido do seu guarda-chuva, partiu.

O mapa que o primo do senhor Pao lhe entregara era perfeito e artisticamente desenhado, com lindos dragões nos cantos e uma profusão admirável de detalhes topográficos. Apenas os nomes naturais estavam substituídos por lindos desenhos de animais. Mas, ajudado pela palestra que tivera e guiado pelo seu próprio sentido de orientação, Francis estava perfeitamente certo do caminho que deveria tomar. Seguiu a pé na direção do desfiladeiro de Kwang.

Durante os dois primeiros dias atravessou uma região agradável;

aos arrozais verdes e suaves sucediam-se as matas de pinheiros, cujas agulhas caídas formavam sob os seus passos um tapete macio. Muito perto dos Kwang surgiu-lhe na frente um vale estreito, recoberto de pequenos rododendros selvagens, e mais adiante um pomar de pessegueiros em flor enchia o ar de um perfume doce e penetrante.

Começou então a subida penosa das encostas abruptas e alcantiladas.

O frio tornava-se mais intenso a cada passo. À noite, abrigado na cavidade de uma rocha, ouvia o vento assobiar e o ruído tonitroante das águas da fusão das neves precipitando-se na garganta. Durante o dia a cintilação da brancura imaculada dos picos nevados quase o cegava. O ar gelado fazia-lhe doer os pulmões.

No quinto dia atingiu o cume da montanha, um deserto de gelo e rochas, e foi com grande regozijo que começou a descida da vertente oposta. O caminho levou-o a um vasto planalto verdejante, que continuava em colinas suavemente arredondadas. Eram as pastagens mencionadas pelo primo do senhor Pao.

Até ali as montanhas haviam orientado a sua jornada. Dali por diante precisava de confiar apenas na Providência, na sua bússola e no seu instinto de escocês. Resolveu-se resolutamente pela direção oeste. Os campos lembravam-lhe docemente a terra natal. Encontrava grandes rebanhos de cabras e de carneiros que pastavam, e uma gazela fugiu à sua aproximação. Em determinado ponto surpreendeu milhares de patos que fugiram grasnando quando o viram. Os patos ergueram vôo, escurecendo subitamente o céu à sua frente.

Como as suas provisões não eram abundantes achou prudente encher a sacola de ovos ainda quentes.

O planalto era desprovido de árvores e sem um só caminho que o orientasse. Começava a desesperar de descobrir a povoação. Não havia o menor sinal de aldeia à vista.

No nono dia, muito cedo, quando pensava já em voltar, descobriu um abrigo de um pastor, o primeiro sinal de habitação que via desde a sua partida. Caminhou rapidamente na sua direção. A porta da barraca estava meio obstruída pela lama e ninguém a habitava. Desapontado, passou tristemente a vista pela choupana, e de repente viu um rapaz que se dirigia para lá, subindo a colina atrás do seu rebanho.

Era o pastor, um rapazinho de cerca de dezessete anos, pequeno e nervoso como os seus carneiros. O seu rosto, risonho e inteligente, exprimia espanto. Vestia calças de pele de carneiro e uma capa de lã. Pendia-lhe do pescoço uma pequena cruz de bronze Yuan, já gasta pelo uso, com uma pomba grosseiramente gravada. O padre contemplava em silêncio a figura do rapazinho e a cruz que ele trazia ao pescoço, indiscutivelmente muito antiga. Por fim o padre Francis recuperou a sua presença de espírito e saudou afavelmente o rapaz, perguntando-lhe em

seguida se sabia onde ficava a aldeia de Liu, e se era de lá.

O pequeno sorriu.

- Eu sou da aldeia cristã. Chamo-me Liu Ta. O meu pai é o padre da igreja de lá...

E acrescentou polidamente:

- Um dos padres...

Calaram-se novamente. O padre Francis achou preferível deixar as demais perguntas para mais tarde:

- Também sou padre - explicou -, e vim de muito longe.

Ficar-te-ia muito reconhecido se me levasses até à tua casa.

A aldeia estava instalada num vale acidentado, a cinco li de distância a oeste.

Não passava de um agrupamento de cerca de trinta casas, rodeadas por pequenos campos de cereais, vedados por muros de pedra. Uma pequena igreja de pedra a dominava, situada sobre um montículo, colocada no centro, atrás de uma bizarra pirâmide de pedra a que uma grande árvore dava sombra.

Ao penetrar no povoado, toda a população imediatamente o cercou. Homens, mulheres, crianças, cães puxavam-lhe pelas mangas, tocavam-lhe nas botas, examinavam-lhe o guarda-chuva, com gritos

de admiração. Entretanto Ta procurava dar explicações à sua gente num dialeto incompreensível para Francis. A multidão compunha-se talvez de sessenta pessoas, de tipo primitivo e robusto, olhar ingênuo e amigável, com feições cujos traços acusavam laços consangüíneos. Com um ar importante por ser o introdutor daquele ser estranho. Ta conduziu Chisholm até o seu pai, Liu-Chi, um homem baixo e gordo, de barbicha cinzenta, com cerca de cinqüenta anos, maneiras singelas e cheias de dignidade. Falando lentamente para fazer-se compreender, Liu-Chi declarou:

- Sede bem-vindo. É com verdadeira alegria que o acolhemos, meu padre. Vinde à minha casa, onde podereis repousar um pouco antes de orar.

Conduziu-o para a casa mais importante do lugarejo, construída sobre alicerces de pedra, próximo da igreja, e introduziu-o amavelmente num aposento baixo e fresco. Na extremidade dessa casa distinguiu uma espineta de mogno e um velho relógio de pesos. No mostrador de cobre estava gravado: «Lisboa.

1632.

Liu-Chi não lhe deu tempo para estudar os objetos mais de perto porque lhe perguntou:

- Deseja o senhor mesmo dizer a missa, padre, ou prefere que seja eu?

Como se estivesse mergulhado num sono, o padre Chisholm apontou para o seu interlocutor:

- O senhor, por favor!

Sentia-se possuído por uma extrema confusão. Compreendia que seria grosseiro tentar esclarecer aquele mistério com sucessivas perguntas. Era preciso que aos poucos, pacientemente, o fosse penetrando observando o que via à sua volta.

Meia hora mais tarde estavam na igreja. Embora de pequenas dimensões, havia sido construída com muito gosto no estilo Renascença, onde se manifestava certa influência árabe. Compreendia três simples arcadas de felizes proporções.

A porta e as janelas estavam apoiadas em pilares. Nas paredes havia mosaicos, alguns apenas debuxados.

Colocaram-no na primeira fila, à frente de uma congregação atenta. Todos os fiéis tinham lavado cerimoniosamente as mãos antes de entrar. A maioria dos homens e algumas mulheres tinham a cabeça coberta. Subitamente soou a campainha e Liu-Chi, envergando uma bata amarela, aproximou-se do altar, acompanhado por dois acólitos. Voltou-se para os fiéis, fez uma reverência e cumprimentou também

cerimoniosamente o padre Chisholm. Em seguida deu início ao serviço religioso.

O padre Chisholm assistia, de joelhos, perplexo, imóvel como se assistisse a um espetáculo num sonho. Não tardou a compreender que a cerimônia era uma bizarra revivescência, uma simples sombra da missa. Liu-Chi não sabia uma palavra de latim, porque oficiava em chinês. Rezou o Confiteor e em seguida o Credo. Quando subiu os degraus do altar e abriu o missal de pergaminho que repousava sobre o seu suporte de madeira, Francis identificou, perplexo, passagens do Evangelho solenemente salmodiadas na língua nativa. Era uma tradução original... Piedosamente, retinha a respiração.

Toda a congregação se aproximara para receber a comunhão.

Até mesmo crianças de peito eram levadas até aos degraus do altar. Liu-Chi descia trazendo um cálice de vinho de arroz. Molhava o dedo no vinho e deixava cair uma gota sobre os lábios de cada um.

Antes de sair da igreja a assistência reuniu-se diante da imagem do Salvador, depondo hastes de incenso acesas no pesado candelabro colocado junto dos pés da imagem. Em seguida todos se prosternaram três vezes e se retiraram respeitosamente.

O padre Chisholm permaneceu no templo com os olhos cheios de lágrimas, tocado por aquela cerimônia singela, cheia de simplicidade infantil, semelhante à que observara tantas vezes entre os camponeses de Espanha. Não duvidava da ineficácia daquela cerimônia e sorriu levemente ao lembrar-se da indignação do padre Tarrant ao assistir àquele espetáculo, mas também, estava convencido de que Deus compreenderia o seu significado.

Liu-Chi esperava-o para o acompanhar novamente à sua casa. Ali lhe foi servida uma copiosa refeição. Faminto, o padre Chisholm fez honra ao grande prato de carneiro estufado que lhe foi servido, à sopa de couves e ao estranho prato composto de arroz e mel que se seguiu. Jamais havia saboreado em toda a sua vida um doce tão delicioso.

Quando terminaram o repasto, começou diplomaticamente a interrogar Liu-Chi. Teria preferido perder a sua própria língua a melindrar aquele bom homem. Doce e confiadamente, Liu-Chi deu-lhe explicações. As suas crenças eram cristãs, ingênuas como as de uma criança e curiosamente misturadas com as tradições do Tao-Tê.

Liu-Chi contava que a fé lhes fora transmitida de pais para filhos através de muitas gerações. Sem estar totalmente isolada do mundo, a aldeia não

estava menos distante, e por sua vez tão pequena e fechada sobre si mesma que só muito raramente aparecia por ali uma criatura estranha. Os seus habitantes formavam uma grande família. A sua existência pastoril bastava-lhes. Colhiam cereais e possuíam rebanhos. Bastavam-se a si mesmos, pois as colheitas eram sempre fartas, mesmo quando o tempo não lhes era favorável. Fabricavam queijo, que guardavam dentro de estômagos de carneiro, e manteiga de duas espécies, extraída do feijão, a que davam o nome de *chiang*. Vestiam-se de lã cardada pelas suas próprias mãos e completavam as suas vestimentas no Inverno com peles de carneiro. Preparavam também com peles da mesma natureza uma espécie de pergaminho, muito apreciado em Pequim.

Por vezes, mas com longos intervalos, um membro da família encarregava-se de ir vender um carregamento desse pergaminho.

A comunidade contava três sacerdotes, a essa vida destinados desde crianças. Pagava-se por determinados serviços religiosos uma certa quantidade de arroz. Tinham uma devoção especial pela Santíssima Trindade. E, tanto quanto podiam lembrar-se, nem mesmo os mais velhos haviam jamais visto um padre ordenado.

O padre Chisholm escutava as explicações de Liu-Chi com atenção concentrada e aproveitou uma pausa para fazer a pergunta que o perturbava mais que tudo.

- Pode dizer-me há quanto tempo remonta a vossa comunidade?

Liu-Chi fixou os olhos com benevolência no seu hóspede.

Em seguida ergueu-se e foi ao quarto vizinho, de onde voltou com um pacote envolto em pele de carneiro. Estendeu-o silenciosamente ao padre Chisholm, observou este a abri-lo cheio de curiosidade, depois, vendo-o absorver-se a examinar o conteúdo, retirou-se em bicos dos pés.

Tratava-se do diário do padre Ribeiro, escrito em português, já manchado e gasto pelo tempo, mas ainda perfeitamente legível. O seu conhecimento de espanhol permitiu a Francis decifrar pacientemente o seu conteúdo. O interesse extraordinário do documento fazia-lhe esquecer as dificuldades.

Estava fascinado. Permaneceu imóvel, absorto, movendo-se apenas imperceptivelmente nos momentos em que voltava as páginas. Retrogradou trezentos anos, quando o velho relógio, agora parado, começara a trabalhar.

Manuel Ribeiro era um missionário lisboeta que viera a Pequim em 1625. Parecia a Francis estar a ver o padre português bem vivo diante de si: um jovem de vinte e nove anos, delgado, vivo, de pele bronzeada, entusiasta, de olhos ardentes, mas humildes. Em Pequim o padre Ribeiro havia caído em simpatia ao padre Adam Schall, o célebre jesuíta alemão, missionário, cortesão, astrônomo e grande amigo do imperador Tchun-Tchin. Durante alguns anos o padre Ribeiro havia partilhado do favor de que gozava aquele homem extraordinário, suficientemente hábil para viver no meio das intrigas da corte do Celeste Império, e que pregava a fé cristã até mesmo no harém imperial, confundindo os incrédulos pelas espantosas predições sobre cometas e eclipses, autor de um novo calendário, e que havia sabido conquistar amizades poderosas e honrosos títulos.

O padre português pedira que o enviassem para a corte dos reis da Tartária. Adam Schall havia acedido ao seu desejo.

Uma caravana suntuosamente equipada e formidavelmente armada saiu de Pequim no dia da Assunção de 1629.

Não conseguiu, no entanto, atingir a Tartária. Atacada por uma horda de bárbaros emboscados nas

montanhas de Kuvang, os seus defensores abandonaram as armas para fugirem mais comodamente. Tudo o que havia de precioso foi roubado.

O padre Ribeiro escapou mas, gravemente ferido pelas flechas, não pôde salvar mais que os objetos de seu uso pessoal e o equipamento eclesiástico. Perdido na neve, esvaindo-se em sangue, acreditou ter chegado ao final da sua vida e ofereceu-se em sacrifício a Deus. Mas o frio cicatrizou-lhe as feridas.

Conseguiu arrastar-se, na manhã seguinte, até a cabana de um pastor, onde permaneceu durante seis meses, entre a vida e a morte. Entretanto tinham chegado a Pequim notícias de que o padre Ribeiro havia sido chacinado. Nenhuma expedição foi enviada à sua procura.

O padre português, sentindo voltarem-lhe as forças, pensou em dirigir-se a Pequim. Mas o tempo corria e ele não se decidia a partir. Ali, na solidão daqueles planaltos, tomara-o qualquer coisa desconhecida, adquirira o hábito da contemplação.

Além disso Pequim ficava a milhares de li de distância, um caminho difícil, quase intransponível, mesmo para as almas mais intrépidas. Acabou por tomar outra decisão.

Reuniu um grupo de pastores e propôs-lhes fundar uma povoação.

Ali construiu uma igreja. E na povoação ficou, sacerdote e amigo, não do rei da Tartária, mas daquele grupo de gente pobre e humilde.

Ao terminar a leitura, Francis pousou o diário e suspirou.

O dia caía e ele conservava-se mergulhado nas suas reflexões, estranhamente absorto. Ergueu-se em seguida e dirigiu-se para junto da pirâmide de pedra vizinha da igreja. Ali ajoelhou-se e orou sobre o túmulo do padre Ribeiro.

Permaneceu na aldeia uma semana. Suavemente, de um modo cortês e persuasivo, procurando não melindrar os sentimentos de ninguém, sugeriu algumas alterações em certas práticas. Celebrou missas. E com grande habilidade foi modificando aqui e ali a maneira de celebrar os ofícios religiosos.

Mas não meses, senão anos de trabalho intenso seriam precisos para reformar por completo os hábitos ortodoxos daquela boa gente. E, afinal, para quê? Sentia-se contente por avançar aos poucos. A comunidade parecia-lhe saudável e pura como um belo fruto.

Contou-lhes lindas histórias. À noite acendia-se um grande fogo diante da casa de Liu-Chi e ali se reuniam todos para ouvir em silêncio as palavras do padre Chisholm. O assunto favorito era a religião que professavam e a sua influência em todo o mundo. Francis falava-lhes então das igrejas da Europa, das grandes catedrais, dos milhares de fiéis que faziam romarias à Igreja do S. Pedro, de reis e rainhas, nobres, homens de Estado que se prostravam de joelhos diante do Deus do Céu, o mesmo Deus que eles adoravam ali. Aquela comunhão cristã dava-lhes uma grande alegria, uma alegria como há muito não experimentavam, e que os enchia de orgulho íntimo.

Acompanhavam com ar maravilhado as palavras de Francis, que, dando-se conta daquela manifestação de ingênua alegria, sentia o espírito do padre Ribeiro muito próximo, extremamente contente com ele. Por momentos era possuído da tentação de renunciar a Pai Tan a fim de consagrar-se exclusivamente àquela gente simples. Como se sentiria feliz ali! Com que ternura se dedicaria a polir aquela jóia que encontrara naquele deserto! Mas não. A aldeia era por de mais pequena e longínqua. Nunca poderia fazer dela um verdadeiro centro missionário. E lutava resolutamente contra a tentação.

O pequeno Ta tornou-se o seu companheiro inseparável.

Só o tratava por José, pois fora esse o nome que o pequeno escolhera para ser por ele batizado. Cheio de alegria pelo nome que recebera, conseguira do padre Chisholm permissão para ajudá-lo na missa. E, embora fosse absolutamente ignorante dos segredos do latim, o padre consentira, com a melhor boa vontade.

Na véspera do dia que escolhera para a sua partida Chisholm estava sentado diante da casa quando José apareceu com o rosto abatido para assistir à última palestra. Ao observar a tristeza que se estampava no rosto do rapaz, o padre Chisholm teve uma feliz inspiração:

- José - perguntou-lhe -, gostarias de vir comigo, no caso de teu pai consentir?

O rapaz soltou um grito de alegria, caiu de joelhos e beijou as mãos do padre.

- Mestre, esperava ansioso que mo pedísseis. Meu pai consente.

Servi-lo-ei de todo o meu coração.

- O nosso caminho será difícil, José.

- Mas somos dois, mestre, e venceremos as dificuldades.

O padre Chisholm, profundamente comovido, fez o pequeno erguer-se. Tinha a intuição de que fizera qualquer coisa realmente boa.

No dia seguinte terminou os últimos preparativos para a viagem. José sorridente e afadigado, carregou todos os volumes sobre dois cavaleiros que tinha ido buscar à pastagem ao amanhecer. Um grupo de crianças o rodeava, e José, com as suas palavras, despertava nelas o desejo de conhecer também as maravilhas do mundo. Na igreja a cerimônia de ação de graças acabava. Ao terminá-la, Liu-Chi fez-lhe sinal para o seguir e levou-a à sacristia. De dentro de uma arca de cedro retirou uma casula magnífica, toda bordada a ouro. Em alguns lugares a seda estava delgada como um papel, mas no conjunto permanecia intacta, pronta a servir apesar do seu preço inestimável. O ancião sorriu ao ver a expressão de espanto que transparecia no rosto de Francis.

-- Esta pobre alfaia agrada-lhe?

- É maravilhosa - retorquiu Francis, sem esconder o seu assombro.

- É sua.

Não houve protesto que conseguisse convencer Liu-Chi a desistir do seu intento de presentear Francis com aquela admirável peça sacerdotal. Envolvida

cuidadosamente numa pele de carneiro, foi colocada na bagagem de José.

Por fim, Francis despediu-se de todos. Abençoou-os e prometeu-lhes solenemente que voltaria dentro de seis meses.

A viagem seria menos penosa que da outra vez; possuía agora uma montada e José seria o seu guia. Depois montaram e, lado a lado, iniciaram a viagem. Lia-se o afeto nos olhares de toda a população, que se reunira para os ver partir. Ao lado de José, o padre Chisholm sentia-se como amparado, fortalecido por uma grande e nova esperança.

Passara-se todo o Verão depois da sua volta a Pai Tan e agora o Inverno caía sobre a cidade. Com o auxílio de José conseguira Francis tornar o estábulo mais abrigado, tapando as fendas com barro e caulino. Duas camas pequenas encostavam-se agora à parede vacilante e um fogão de ferro irradiava calor por toda a casa. José, cujo apetite era respeitável, havia conseguido adquirir já uma bateria de panelas de barro para a sua cozinha. O rapazinho era agora menos angélico, mais humano, e revelara uma inesperada habilidade: subtraía, com rapidez espantosa, os melões mais apetitosos do mercado.

Era vaidoso e nada o deixava mais feliz que um elogio.

Francis estava resolvido a não abandonar a sua paupérrima habitação enquanto não visse o rumo que os acontecimentos tomariam. Pouco a pouco algumas almas tímidas haviam começado a acudir à sua capelinha, na Rua dos Fabricantes de Redes. A primeira a aparecer fora uma velha andrajosa, de olhar assustado, meio envergonhada, temendo ser escorraçada, pronta a fugir a todo o momento. Francis absteve-se de demonstrar ter-se apercebido da sua presença. No dia seguinte voltou acompanhada de uma filha.

O número desconsoladamente restrito dos fiéis não perturbou Francis. Estava firmemente resolvido a não conseguir adeptos através de adulações ou de simples ofertas de mantimentos. Não os queria comprar nem seduzir, antes esperar que viessem espontaneamente.

Quanto ao seu dispensário, continuava florescente. Tudo indicava que a sua ausência havia sido sentida. Ao voltar, encontrou um verdadeiro pátio dos Milagres em frente da loja de Hung. A prática havia desenvolvido a sua faculdade de diagnosticar. Apareciam-lhe doentes de toda a espécie:

moléstias de pele, cólicas, tosse, enterites, horríveis infecções dos órgãos visuais e auditivos. Na

maioria todas as doenças provinham da mesma causa: falta de higiene e excesso de promiscuidade. A simples higiene e um mero tônico operavam verdadeiros prodígios. Outras vezes um grão de permanganato de potássio era mais precioso que ouro em pó.

Precisamente quando os seus poucos recursos em medicamentos se esgotavam, chegou a encomenda que fizera ao doutor Tulloch. Uma imensa caixa com iodo, gaze, anticépticos de toda a espécie, óleo de rícino e clorodina, no fundo da qual se encontravam estas palavras, rabiscadas numa receita :

Reverendo - Pensei que era eu quem sonhava ir fazer clínica nos trópicos! E, a propósito, onde foi que se formou em Medicina? Não tem importância - cure quem puder curar e mate os outros. Segue junto uma maleta com diversos objetos indispensáveis a um médico que se preze e uma lista completa de truques médicos. Coisas que lhe serão úteis! Um abraço.

Tratava-se de um admirável estojo onde se encontravam bisturis, tesouras e fórceps. Havia ainda um bilhetinho, à guisa de pós-escrito: Vou denunciá-lo à Associação dos Médicos Ingleses, ao Papa e a Chung-Lung-Soo...

Francis sorriu a esta facécia, mas a gratidão apertava-lhe a garganta. Com a ajuda daquela nova

aparelhagem e a companhia de José sentia-se possuído de um entusiasmo novo.

Nunca tinha trabalhado tanto e nunca dormira melhor em toda a sua vida.

No entanto numa noite de Novembro foi bruscamente acordado do seu sono pouco depois da meia-noite. Na densa escuridão que o rodeava ouvia o ressonar de José. Permaneceu deitado alguns momentos, procurando combater a intranquilidade que o perturbava. Mas não o conseguiu. Ergueu-se, por fim, cautelosamente, para não despertar o rapazinho e saiu para o terreno que rodeava o estábulo. O ar gelado da noite cortava como uma navalha. No céu nenhuma estrela brilhava mas da brancura da neve emanava uma claridade estranha.

O silêncio imponente da noite impressionava.

Subitamente, na calma da imensidão gelada, supôs ouvir como que um vagido indistinto. Procurou localizar a direção de onde lhe parecera vir o choro. Acabou supondo-se vítima de uma ilusão auditiva, pois nada mais ouviu.

Mas no momento em que tornava a entrar em casa ouviu como que o pipilar velado de um pássaro moribundo. Estacou indeciso, mas logo em seguida voltou-se e seguiu lentamente pelo caminho coberto

de neve na direção de onde lhe parecera provir o som.

Lá estava, fora do recinto, a cerca de cinquenta passos de distância do estábulo, um vulto estirado no chão. Pela forma parecia uma mulher com o rosto enterrado na neve. Estava morta, mas junto dela, agitando-se sobre os trapos que lhe cobriam o seio, movia-se qualquer coisa que lhe pareceu ser uma criança. Baixou-se e tomou nos braços o pequeno ser frio e inquieto. O coração batia-lhe desordenadamente. Correndo, escorregando, quase caindo, dirigiu-se para casa, tremendo, excitado, chamando José aos gritos.

Depois do fogo reanimado e do aposento iluminado pelas suas alegres chamas, o padre e o seu ajudante curvaram-se para examinar a criança. Não teria mais que um ano de idade.

Os seus olhos negros abriram-se desmesuradamente para contemplar o fogo. De vez em quando choramingava.

- Tem fome - murmurou José.

Aqueceram um pouco de leite e encheram com ele uma galheta de altar. Francis rasgou um pedaço de pano branco e introduziu-o, como uma torcida, no gargalo da galheta. A pequena pôs-se a chupar sofregamente a mamadeira improvisada.

Em poucos minutos o leite esgotava-se e a criança dormia.

O padre enrolou-a carinhosamente num cobertor e colocou-a na sua própria cama.

Sentia-se profundamente emocionado. Aquele estranho pressentimento que tanto o agitara, o aparecimento da criança, o seu desejo de sair de casa, embora a noite estivesse gelada, o ruído que o despertara, tudo aquilo lhe parecia um sinal de Deus.

Era impossível descobrir, pelo cadáver da mulher, quem seria ela, mas havia no seu rosto traços característicos do tipo tártaro. No dia anterior havia passado por ali um bando de nômades. Talvez aquela mulher entorpecida pelo frio, se houvesse atrasado na jornada, transviando-se e morrendo.

Refletia procurando um nome para a criança. Aquele dia era consagrado à festa de Santa Ana. A criança chamar-se-ia, pois, Ana.

- Amanhã, José, temos de encontrar uma mulher que possa tomar conta desta criança.

José encolheu os ombros.

- Oh! mestre, ninguém adotará uma criancinha.

- Não pretendo fazê-la adotar por alguém - respondeu o padre Chisholm, franzindo o sobrolho.

Via claramente o caminho a seguir. Aquele criança, que lhe fora enviada por Deus, seria o

primeiro elemento do orfanato que pensava fundar desde a sua chegada a Pai Tan. O sonho que ele acariciava tornar-se-ia realidade. Claro que precisaria de auxílio. Mais tarde as irmãs não recusariam a sua ajuda. E sentado no chão, contemplando a criança que dormia, sentia haver qualquer coisa, uma mensagem celeste, que lhe afirmava que triunfaria.

Foi José, sempre ao fato de todos os mexericos, quem o informou que o filho do senhor Chia estava doente. A estação fria prolongava-se e as montanhas de Kwang ainda se conservavam cobertas de neve. José falou casualmente, enquanto soprava os dedos entorpecidos pelo frio:

- Brrrrrr... Tenho as mãos quase tão imobilizadas como as do pequeno Chia-Yu.

Chia-Yu havia esfolado o polegar, não se sabia como, mas o resultado fora os «cinco elementos» se terem perturbado; os humores inferiores tinham-se espalhado, tomando todo o braço, que inchara, enquanto o corpo da criança se tornara febril e magro. Os três melhores médicos da cidade estavam a tratá-lo e tinham já sido ministrados os remédios mais caros que havia.

Agora havia sido despachado um mensageiro a Sen-Siang a fim de trazer um caríssimo extrato de

olhos de sapo apanhados apenas durante a Lua do Dragão.

- Ele ficará bom - concluiu José, otimista, exibindo os seus dentes muito brancos, num sorriso. - Esse hao-kao é infalível... felizmente para o senhor Chia, porque Yu é o seu filho único.

Quatro dias depois, à mesma hora, duas cadeirinhas fechadas detiveram-se diante da casa em cujo andar estava instalada a capela, na Rua dos Fabricantes de Redes, e dentro de momentos a figura do primo do senhor Pao surgia envolta gravemente numa túnica de algodão e postou-se diante do padre Chisholm. Cortesmente desculpou-se pelo incômodo a que o obrigava e pediu-lhe encarecidamente que o acompanhasse a casa do senhor Chia.

Atordado pelo que aquele convite inesperado representava, Francis hesitou. Sabia que os senhores Chia e Pao estavam ligados por laços de parentesco por virtude dos casamentos na família, que ambos eram da alta sociedade e muito influentes na cidade. Depois que voltara da aldeia de Liu encontrara frequentemente o distante, fino e elegantemente cínico senhor Pao, primo do senhor Chia. O ilustre mandarim já lhe dera algumas mostras de consideração, mas estava longe de esperar aquele apelo repentino, aquela manifestação de confiança.

Enquanto se voltava para tomar o casaco e o chapéu, sentiu-se tomado de uma súbita angústia.

A casa do senhor Chia estava silenciosa, as grandes varandas desertas e o lago dos peixes coberto por uma finíssima película de gelo. Os seus passos ressoavam, solenes, pelos jardins desertos.

Havia dois maciços de jasmins, completamente despidos de folhas, que permaneciam como dois gigantes adormecidos junto do portão dourado. Da ala da casa destinada às mulheres vinham ruídos de soluços.

O quarto onde se encontrava a criança estava escuro. Esta repousava sobre um kang aquecido, vigiada por três médicos barbudos que se haviam sentado, muito bem vestidos, sobre uma esteira. De momento a momento um dos médicos erguia-se, fazia uma reverência e colocava uma brasa sob o kang.

Num canto do quarto, um padre taoísta resmungava exorcismos enquanto que os seus acólitos o acompanhavam com flautas por trás de uma parede de bambu.

Yu era uma linda criança de cerca de seis anos, de olhos negros, com pele cor de marfim velho, educado rigidamente segundo a tradição dos seus ancestrais, adorado mas não estragado pelos mimos.

Agora jazia ali, queimado por uma febre persistente, sob a opressão dolorosa do sofrimento, deitado de costas, emagrecido, os lábios secos e o olhar fixo no teto, imóvel. O seu braço direito estava horrivelmente inchado, e sobre ele haviam colocado um emplastro, feito de uma mistura repugnante e de pedaços de papel impresso.

Quando o primo do senhor Pao entrou, acompanhado de Francis, houve um certo constrangimento, seguido de uma pausa. Depois o padre taoísta retomou o seu murmúrio, enquanto os três médicos, imóveis, continuaram a vigiar o kang.

Curvado sobre a criança, com as suas mãos sobre a sua cabecinha ardente, Francis teve subitamente a noção do que significava aquela discrição aparentemente calma. Sabia que se desencadearia sobre ele uma perseguição feroz se não procedesse com muito acerto. Precisava de todo o seu sangue-frio.

O estado quase desesperado da criança e os perigos do pretendido tratamento deram-lhe coragem. Começou por remover de cima do braço doente toda aquela imundície. Retirou o hao-kao, tantas vezes do seu conhecimento no dispensário.

Dentro de breves instantes o braço estava desimpedido e começava a ser lavado com água

morna. A inflamação tomara um caráter perigoso e a pele coloria-se de um assustador tom esverdeado. Com o coração batendo desordenadamente, Francis continuava sem hesitações. Retirou de dentro do bolso o estojo que o doutor Tulloch lhe havia mandado e no qual se encontravam o bisturi e os demais apetrechos. Não tinha prática, mas aquilo era um caso de vida ou de morte. Mesmo que não fizesse a incisão no braço da criança, ela, já moribunda, morreria.

O primo do senhor Pao permanecia imóvel atrás dele. Sentia que todos os olhos o fitavam ansiosamente.

Mentalmente fez uma súplica a Santo André e com mão firme enterrou o bisturi e fez uma incisão longa e profunda.

Uma golfada de pus irrompeu da ferida, caindo sobre a bacia.

Um cheiro horrível, nauseabundo, encheu o ambiente. Francis parecia nunca ter sentido um cheiro que tanto lhe agradasse.

Apertava a incisão dos dois lados para extrair todo o pus;

a inchação diminuía de metade e tal alívio o tomou que se sentiu tomado por vertigens.

Quando acabou o curativo, com o braço da criança devidamente desinfetado e envolto em gaze, surpreendeu-se dizendo para si mesmo em inglês.

«Agora, com um bocado de sorte, ficará bom!

Era uma velha frase do doutor Tulloch, que lhe ocorrera inesperadamente.

Apesar do seu nervosismo, esforçou-se, quando se retirou, por aparentar a indiferença de quem estava perfeitamente seguro de si e recomendou ao primo do senhor Chia, que o acompanhava em silêncio até à cadeirinha:

- Quando ele acordar, dêem-lhe uma boa sopa. E nada de hao-kao. Voltarei amanhã.

No dia seguinte o pequeno Yu estava muito melhor. A febre tinha desaparecido quase completamente. Havia dormido bem e tomado algumas taças de caldo de galinha. Sem o toque milagroso daquele bisturi estaria provavelmente morto.

- Continue a alimentá-lo bem - recomendou o padre Chisholm ao partir, sorrindo de satisfação. - Tornarei a vir vê-lo amanhã.

- Muito obrigado - exclamou o primo do senhor Pao. - Mas não é preciso. Nós sentimo-nos profundamente gratos.

O senhor Chia estava prostrado pela dor e agora, que o filho está convalescente, também ele se encontra melhor. Dentro de poucos dias estará em condições de aparecer em público.

O mandarim fez uma reverência, com as mãos dentro das suas compridas mangas, e afastou-se.

O padre Chisholm caminhava apressadamente pela rua.

Havia recusado com uma certa indignação a cadeirinha que lhe fora oferecida. Então era aquele o agradecimento que 189 recebia? Punham-no fora de casa, sem mais nem menos, depois de ter salvo a criança com risco talvez da própria vida!

Não havia sequer conseguido ver aquele fabuloso senhor Chia que, nem mesmo no juncos em que haviam viajado juntos, se tinha dignado olhá-lo. Enraivecido, cerrava os punhos, tomado pelo seu demônio familiar.

«Meu Deus! Dai-me serenidade! Não deixeis que eu cometa novamente o pecado da cólera! Tornai-me humilde, fazei com que o meu coração se encha de tranqüilidade e paciência.

Afinal tudo o que fiz foi por Vossa intervenção. Foi a Vossa piedade que salvou a pobre criança. Que se faça a Vossa vontade, meu Deus, mas, oh! Senhor! - exclamou numa explosão repentina - tem de

reconhecer-se que estes chins são uma corja de ingratos!» Durante os dias que se seguiram Francis evitou mostrar-se nas ruas mais movimentadas da cidade. Sentia-se profundamente ofendido no seu amor-próprio. Escutava em silêncio as tagarelices de José sobre os constantes progressos da cura de Yu, da generosidade com que o senhor Chia retribuía os cuidados dos três médicos, do donativo que fizera ao templo de Lao-Tsen pelos exorcismos com que haviam libertado o seu filho do demônio que o atormentava.

- Não é notável, mestre, o número de pessoas beneficiadas pelo generoso mandarim?

- É realmente notável - aquiesceu Francis secamente, mas fervendo no íntimo.

Uma semana mais tarde, no momento em que se preparava para fechar o dispensário, percebeu refletida no frasco de permanganato que tinha nas mãos, a figura do senhor Chia.

Teve um sobressalto de irritação mas não proferiu uma só palavra. O rico comerciante envergava o seu fato de gala, um rico traje de cetim preto com uma jaqueta amarela, sandálias bordadas a ouro, um gorro de cetim. Tinha uma expressão de dignidade solene. Trazia nas pontas dos dedos lâminas de ouro para proteger as unhas.

O seu rosto deixava transparecer cultura e inteligência assim como as suas maneiras revelavam uma educação irrepreensível.

Mas sentia-se que havia uma sombra de melancolia nos seus olhos graves.

- Eu vim! - exclamou.

.- Sim? - retorquiu Francis, num tom de voz pouco encorajador.

E continuou a agitar a solução de permanganato.

-- Não pude vir antes - continuou o senhor Chia.

- Havia muitas coisas a resolver, muitos assuntos a atender, mas agora - fez uma reverência e exclamou com ar entristecido - aqui estou.

.- Que pretende? - perguntou Francis.

- Que pretendo? - e no rosto do senhor Chia lia-se claramente a surpresa. - Tornar-me cristão, naturalmente.

Um silêncio pesou por momentos. Aquele era um instante que por si só teria pago todos os esforços do padre.

Seria a recompensa suprema daqueles meses de miséria, abandono e lutas. Ali estava um representante do escol, um membro da classe privilegiada, pronto a inclinar a cabeça para receber o batismo. Mas no rosto do padre Chisholm não se lia

alegria. Mordeu os lábios com impaciência e em seguida perguntou vagarosamente.

- Tem fé?

- Não - respondeu com tristeza.

- Deseja receber instrução religiosa? Preparou-se para a nova crença?

- Não tive tempo para me instruir. - Uma ligeira reverência.

- Desejo somente tornar-me cristão.

- Deseja? Que entende por isso?

O senhor Chia exibiu um sorriso pálido.

- Não é claro? Estou pronto a tornar-me cristão.

- Não, não é claro. Vejo apenas que não tem o menor desejo de abraçar a religião que professo. Por que razão veio procurar-me?

O rosto de Francis cobria-se de uma vermelhidão intensa.

- A fim de recompensá-lo - disse simplesmente o senhor Chia. - Prestou-me um serviço imenso. Queria retribuir-lho com uma grande alegria.

O padre Chisholm teve um movimento de irritação. A tentação era forte; teria grande vontade de ceder, mas não podia.

Então a sua cólera expandiu-se.

- Isso não seria honesto! - retorquiu. - Seria até um mal. O senhor não tem qualquer desejo de ser

cristão. Aceitá-lo tal como se apresenta seria uma falsidade aos olhos do Senhor. Não me deve coisa alguma. Por favor, retire-se.

A princípio o senhor Chia não queria dar crédito aos próprios ouvidos.

- Quer dizer que se recusa a admitir-me na sua crença?

- É o que tenho estado a tentar dizer-lhe sem pretender magoá-lo.

Uma transformação instantânea se operou na fisionomia do comerciante. Os seus olhos readquiriram brilho e o ar melancólico que lhe sombreava o rosto desapareceu como por milagre. Fez um esforço para esconder a sua satisfação, mas sentia-se que tinha vontade de saltar de alegria. Fez três reverências cerimoniosas e conseguiu mesmo dominar a voz:

- Lamento muito que não me possa aceitar. Naturalmente sou indigno de tal honra. No entanto suponho que haverá alguma maneira...

Interrompeu-se, perturbado. Fez novamente três reverências e, caminhando de costas, retirou-se.

Naquela mesma noite, o padre Chisholm, sentado ao lado do fogo, tinha uma expressão tão sombria no semblante que impressionava José. Ocupado em cozinhar os seus moluscos com arroz, o

pequeno olhava para ele timidamente de quando em quando. De súbito ouviram-se estrondos de petardos. Seis criados do senhor Chia faziam-nos explodir, cerimoniosamente, segundo o costume, do lado de fora da cerca, em plena estrada. Findo o ritual, o primo do senhor Pao avançou, fez as reverências da praxe e entregou a Francis um pergaminho cuidadosamente envolvido em papel vermelho.

- O senhor Chia pede-lhe que lhe dê a honra de aceitar este muito indigno presente: são os títulos de posse das terras da colina do Brilhante Verde Jade, com direito às barreiras, terras, águas e tudo o que nelas se contiver. A propriedade passa a ser vossa, sem restrições e para sempre. O senhor Chia pede-lhe ainda que vos digneis aceitar o auxílio de vinte dos seus pedreiros para construir todos os edifícios que o senhor desejar edificar até que fiquem completamente prontos.

E antes que Francis, estupefato, pudesse murmurar uma só palavra, afastou-se. O padre ficou a olhar, os nervos tensos, a estranha figura do primo do senhor Chia, que se retirava serenamente. Por fim conseguiu libertar-se daquela sensação estranha e gritou com todas as forças:

- José! José!

José aproximou-se a correr, temendo uma nova desgraça.

Mas a fisionomia de Francis tranqüilizou-o. Saíram ambos imediatamente para visitar as novas propriedades, e ali, sob os cedros gigantescos, cantaram juntos em alta voz o Magnificai.

Francis permaneceu ali, de cabeça descoberta, vendo com os olhos da imaginação as obras que iria realizar naquele maravilhoso pedaço de terra. Sentia que o Céu respondera às suas preces, porque ele orara com fé.

O vento frio despertara a fome de José, que estava já impaciente por voltar a tratar da sua refeição. Mas ali permaneceu, sem se queixar, compreendendo que aquele momento era de grande solenidade para o seu mestre, partilhando com ele dos projetos que fazia e ao mesmo tempo congratulando-se por ter tido a presença de espírito para retirar a panela de arroz do fogo antes de sair.

Dezoito meses mais tarde, em Maio, quando toda a província de Chek-Kow gozava daquela temperatura agradável que já não é de Inverno e não é ainda de Verão, o padre Chisholm atravessava comovido o jardim da sua nova missão de Santo André.

Nunca sentira tão perturbadora alegria. O ar era cristalino, doce e ligeiro e um bando de pombos alvos e brilhantes voava pelo espaço. Ao chegar à grande árvore que, segundo os seus planos, dava sombra ao pórtico da missão, olhou à sua volta, um pouco orgulhoso e também apreensivo, como se temesse que o que via fosse uma miragem que subitamente se pudesse desvanecer.

Mas não. O que estava ali era a realidade. A realidade esplêndida, que lhe mostrava uma igreja graciosa, flanqueada por dois cedros gigantescos, a sua residência, alegrada pelas persianas de cores vivas, depois a escola, a enfermaria e diversas construções que se escondiam entre as papaias e ameixeiras que sombreavam o jardim recém-plantado. Suspirava, com um sorriso de beatitude, abençoando a preciosa barreira de argila que lhe proporcionara, depois de uma série de experiências, os tijolos cor-de-rosa-pálido que tanta graça haviam dado à missão. E dava graças ao Céu pela sucessão de milagres de que fora beneficiado: a inesgotável generosidade do senhor Chia, a admirável paciência dos operários e a probidade do construtor. Abençoava até mesmo o tempo magnífico, que cooperara docemente nos festejos da inauguração.

Ao lembrar-se da singela cerimônia, Francis sorria interiormente, compreendendo quanto os senhores Chia e Pao haviam sido gentis comparecendo com as suas respectivas famílias.

Um fato realmente notável.

Pelo simples prazer de contemplar as aulas, ainda vazias, seguiu pelo caminho que lá conduzia, olhando, como um colegial, através das vidraças, para as paredes recém-pintadas, os bancos lustrosos que ele mesmo construía, da mesma forma que os quadros negros. Ao lembrar-se que ele mesmo contribuía para modelar aquelas aulas, o seu coração enchia-se de um calor reconfortante. Mas a lembrança da grande tarefa que ainda lhe restava acabou por levá-lo ao outro extremo do jardim, onde, junto da pequena porta e ao lado do seu gabinete de trabalho, estava instalado o pequeno forno de cozer barro.

Muito feliz, despiu a sotaina e, apenas de calças e em mangas de camisa, agarrou numa pá de madeira e começou a amassar barro.

No dia seguinte chegariam as três irmãs. A casa delas estava pronta, ainda fresca, com cortinas brancas e cheiro a cera. Havia uma sala que ainda não estava pronta - um aposento destinado ao repouso e à meditação, que reservava para elas, e portanto urgia terminar aquela fornada de tijolos. Enquanto

trabalhava a argila, em pensamento detalhava o programa futuro. Nada mais importante havia do que a chegada das freiras. Elas eram a parte vital do seu programa. Para conseguir o seu auxílio esforçara-se tremendamente, escrevendo cartas sobre cartas ao padre Mealey e apelando até mesmo para o bispo, orando sem cessar para que os seus desejos se realizassem. Entretanto a missão ia tomando vulto, crescendo perante os seus olhos. «Só um arcanjo», pensava ele, «poderia converter os chineses adultos. A raça, a ignorância e o jugo de uma religião mais antiga, tudo isso constituía um obstáculo quase intransponível se se queria ultrapassar honestamente e ele tinha a impressão de que o Todo-Poderoso detestava ser a todo o momento importunado para realizar milagres em cada caso particular. Era um fato que presentemente aquela bela igreja representava um motivo aliciante para aproximar um certo número de almas arrependidas que compareciam agora aos ofícios religiosos. Essa gente, para ele, que estava habituado a ver a capelinha abandonada, equivalia a uma multidão».

Todas as suas esperanças, entretanto, se baseavam nas crianças. Ali, sem a menor dúvida, dezenas de crianças seriam abrigadas. A fome, a miséria e a tradição confuciana faziam das pobres

pequenas uma espécie de refugio. E ali encontrariam agasalho, comida, os cuidados contínuos das irmãs, e encheriam a missão das suas brincadeiras, das suas ruidosas expansões.

Aprenderiam a ler e o catecismo. O futuro pertence às crianças, e as crianças, as «suas» crianças, pertenceriam a Deus!

Sorriu aos seus próprios pensamentos ao mesmo tempo que introduzia os tijolos no forno. Sabia que era um desajeitado para lidar com mulheres, mas durante todos aqueles meses estivera ansioso, sempre em contacto com gente estranha, pela companhia de pessoas da sua própria raça, com quem pudesse trocar idéias. Uma das freiras que esperava, madre Maria Verônica, embora nascida na Baviera, havia passado cinco anos no Bom Socorro, de Londres. As outras duas, que lhe estavam subordinadas, a irmã Clotilde, francesa, e a irmã Marta, belga, tinham vivido em Liverpool. Vindas diretamente de Inglaterra, decerto trariam consigo qualquer coisa do seu próprio lar.

Um pouco ansioso começou a passar revista aos preparativos que fizera para recebê-las. Rebentariam alguns petardos, segundo o costume chinês, mas não tantos que assustassem as senhoras. Mandaria que os fizessem explodir num local mais afastado. As

melhores cadeirinhas de Pai Tan esperariam por elas no cais. O chá ser-lhes-ia servido logo que chegassem à missão. Depois de descansarem um pouco seria a bênção e em seguida iria oferecer-lhes um jantar de festa.

Achava graça ao lembrar-se das extravagâncias que ordenara para esse jantar. Mas as pobrezinhas bem cedo iriam conhecer as dificuldades, a magra ração diária, e por isso não era de mais que tivessem uma refeição condigna no dia da chegada. Para ele o apetite era coisa que não existia. Durante todo o tempo que levava a construir a missão alimentara-se quase exclusivamente de projetos, de planos e de outras coisas abstratas; engolia um punhado de arroz enquanto discutia com o construtor, trepado nos andaimes. Mas agora havia mandado José à cidade comprar mangas, picles e - o que poderia imaginar de mais requintado! - abetardas frescas do Shan Si, no norte.

Subitamente, um ruído de passos interrompeu as suas meditações.

Ergueu a cabeça. Quando se voltava apercebeu-se de que o portão fora aberto. Três freiras apareceram em seguida acompanhadas por um coolie. Os seus fatos cheios de poeira e o olhar inquiridor que lançavam ao redor de si indicavam que acabavam de

chegar de uma viagem e se sentiam inquietas. Tiveram um momento de hesitação, mas depois caminharam pela área do jardim. A que vinha à frente, uma senhora de cerca de quarenta anos, tinha ao mesmo tempo uma grande dignidade de porte e uma beleza notável. Sentia-se que nos seus traços havia uma distinção racial e os seus grandes olhos azuis luziam autoritariamente. Pálida de fadiga, exigia do seu orgulho forças para caminhar de cabeça erguida.

Sem prestar grande atenção a Francis, dirigiu-se a ele em chinês:

- Por favor, conduza-nos imediatamente ao padre missionário.

Desconcertado pelo estado em que se encontrava, profundamente perturbado, Francis respondeu na mesma língua:

- A irmã não era esperada hoje...

- Teremos de voltar para aquele horrível barco?

E, tremendo de indignação contida, a freira ajuntou, energicamente:

- Vamos! Conduza-nos ao padre Chisholm.

Francis retorquiu vagarosamente em inglês:

- Eu sou o padre Chisholm.

Os olhos que pousavam, perscrutadores, nos vários edifícios da missão voltaram-se

incredulamente para o homenzinho em mangas de camisa. Contemplaram com certo espanto o estranho fato de trabalho, as suas mãos sujas de barro, as botas enlameadas, o que não era de estranhar, pois até o seu rosto apresentava manchas de argila.

Francis murmurou, desapontado:

Lamento... estou verdadeiramente desolado por não ter ido ao vosso encontro.

Por um momento a freira deixou-se levar pela irritação.

.- Afinal de contas, depois de uma viagem de nove mil quilômetros é natural que se espere ser bem recebida...

- Mas... como a irmã sabe... a carta dizia de modo categórico...

Ela interrompeu-o com um gesto.

- Queira ter a bondade de conduzir-nos aos nossos aposentos.

As minhas companheiras... - recusava-se orgulhosamente a admitir a própria fadiga - as minhas companheiras estão absolutamente exaustas.

Francis queria explicar-se, mas a presença das outras duas freiras, dos seus olhares ansiosos, fê-lo sentir-se constrangido.

Conduziu-as, num silêncio humilhante, à casa que lhes era destinada. Uma vez ali deteve-se.

- Conto que se sintam bem instaladas. Mandarei buscar a bagagem... Talvez... talvez queiram jantar comigo hoje...

- Muito obrigado, mas é impossível.

O tom era frio. Lutava para segurar as lágrimas que ameaçavam inundar-lhe os olhos.

- Ficaríamos perfeitamente satisfeitas se mandasse dar-nos um pouco de leite e alguma fruta... E amanhã estaremos prontas para o trabalho.

Profundamente desapontado, Francis voltou para casa, a fim de tomar o seu banho e mudar de roupa. Entre os seus papéis encontrou a carta que havia recebido de Tien Tsin, e releu-a cuidadosamente. Não se enganara. A chegada das freiras estava marcada para o dia 19. Rasgou a carta em pedacinhos.

Sentia-se corar. Ao descer a escada encontrou-se com José, que chegava, carregado de compras.

- José - gritou -, leva imediatamente essa fruta às irmãs. Depois distribui o resto pelos pobres.

- Mas, mestre...

José não teve coragem de prosseguir, admirado com a expressão autoritária do rosto do padre. Uma vez que não restava outra coisa a fazer senão obedecer, exclamou triste- mente:

- Sim, mestre.

Francis dirigiu-se à igreja, com os lábios apertados, como que procurando conter uma mágoa irreprimível.

Na manhã seguinte as três freiras assistiram à missa. Francis, inconscientemente, murmurou à pressa a ação de graças, ansioso por avistar-se com a irmã Verônica e falar com ela.

Contava que ela o esperasse à saída mas enganou-se. Nem tão-pouco apareceu para combinar com ele o programa administrativo e receber instruções. Resolveu então ir procurá-la.

e uma hora depois conseguiu encontrá-la, a escrever, na sala de aula. Ergueu-se imediatamente para recebê-lo.

- Tenha a bondade de sentar-se, madre.

- Muito obrigada - respondeu delicadamente, mas continuou de pé, com a caneta na mão e o papel de carta sobre a mesa. - Espero os meus alunos.

- Terá esta tarde uns vinte. Há algumas semanas que eu tenho andado a escolhê-los.

Francis esforçava-se por falar num tom ligeiro e amável.

- As crianças parecem-me inteligentes...

A irmã sorriu com uma certa gravidade.

- Faremos tudo o que for possível por elas...

- Há também o dispensário - continuou Francis.
- Ficaria muito satisfeito se a irmã me pudesse ajudar.
Os meus conhecimentos sobre o assunto são bastante elementares, mas é simplesmente extraordinário observar-se o bem que proporcionam mesmo os cuidados mais simples...

- Se assim deseja, estarei presente nas horas de serviço.

Estabeleceu-se um curto silêncio. Embora a irmã Verônica tivesse mostrado a mais completa urbanidade, Francis sentia haver como que uma reserva, qualquer coisa de constrangido na sua atitude. Fixou os olhos numa pequena fotografia emoldurada que ela havia colocado sobre a mesa de trabalho.

- Que linda paisagem! - exclamou, procurando fazer desaparecer aquela estranha barreira que se interpunha entre eles.

- Sim, é realmente bonita.

E os seus olhos fixaram-se na foto de um velho castelo, uma mansão senhorial que se recortava sobre um fundo de altos pinheiros, com jardins e terraços que se espelhavam num lago.

.- É o Castelo de Anheim - explicou.

- Esse nome não me é estranho. Creio mesmo que tem certa importância histórica. Fica próximo de sua casa?

Pela primeira vez ela olhou-o frente a frente; a sua expressão era fria e distante.

- Muito perto! - exclamou.

O tom da sua voz parecia encerrar o assunto. Esperava, no entanto, que ele dissesse alguma coisa. Mas, em presença do mutismo de Francis, ela prosseguiu com vivacidade.

- Eu e as irmãs que me acompanham estamos ansiosas por colaborar ativamente no progresso da missão. Não terá mais do que dar-nos instruções e tudo será realizado da melhor forma possível. E ainda - e a sua voz tornou-se um tanto fria - espero que nos conceda uma certa liberdade de ação...

Francis olhou-a perplexo:

- Que quer dizer com isso?

- Sabe que a nossa regra é em parte contemplativa. De forma que desejamos estar isoladas o mais tempo que nos for possível. Por exemplo, tomar as nossas refeições sozinhas... e manter separadas as nossas vidas quotidianas.

Francis corou.

- Nunca pensei que pudesse ser de outra maneira. A pequena moradia que lhes destinei será o vosso convento.

- Então quer dizer que nos permite dirigir os nossos assuntos?

Francis sabia muito bem o que ela queria dar-lhe a entender.

O fato penalizava-o, mas sorriu, um pouco triste:

- Ora essa! Apenas lhe peço que sejam moderadas a respeito de dinheiro. Somos muito pobres...

- A ordem a que pertencemos encarrega-se da nossa manutenção.

Francis não pôde deixar de perguntar:

- A vossa ordem não as obriga ao voto da pobreza?

- Sim - retrucou ela imediatamente -, mas não de miséria...

Houve uma pausa. Os dois ficaram um ao lado do outro, em silêncio. Ela dera a audiência por encerrada. Percebia-se isso pelo tom com que pronunciara as últimas palavras. Francis sentia o rosto a arder. Era com certa relutância que olhava para ela. Por fim exclamou:

- Mandarei José trazer-lhe o horário do dispensário e dos serviços religiosos. Passe bem, irmã.

Depois da partida do padre, ela voltou a sentar-se, com o olhar perdido e uma expressão impenetrável no seu rosto orgulhoso. Em seguida uma lágrima foi-se formando e rolou misteriosamente pela sua face. As suas piores previsões realizavam-se.

Mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever apaixonadamente:

...E isso já aconteceu, conforme eu temia, meu querido irmão. Senti-me novamente ré do pecado do orgulho, por me ter deixado levar pela horrível arrogância dos Hohenlohe.

Mas poderei realmente censurar-me? Ele acaba de sair daqui, depois de ter tomado banho e feito a barba (notei no seu rosto as devastações das navalhas chinesas), armado de toda a sua implacável autoridade. Eu havia notado, instantaneamente, no momento em que o vi pela primeira vez, que não passava de um pequeno burguês.

Esta manhã, porém, ele ultrapassou-se. Sabias caro conde, que Anheim era um castelo histórico? Quase não contive a vontade de rir quando os seus olhos encontraram a fotografia.

Creio que te lembras. Trata-se daquela que eu mesma tirei do barco no dia em que saímos com a

mamã para um passeio no lago. Essa fotografia tem-me acompanhado por toda a parte. É o meu tesouro na Terra. E quando ele me perguntou se conhecia o lugar, foi como se dissesse: «Foi em alguma excursão turística da Agência Cook que tirou essa fotografia?» quase lhe respondi: «Foi lá mesmo que nasci!

Mas, felizmente, o meu próprio orgulho me ajudou a calar-me.

Creio que se lhe tivesse respondido assim ele seria capaz de dizer reprovativamente, olhando para as botas ainda sujas de barro, pois se esquecera de as limpar: «Oh! Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu num estábulo!

Há nele qualquer coisa que me repugna. Deves lembrar-te de Herr Spinner, o nosso primeiro preceptor...

Para ele não passávamos de uns estúpidos. Lembras-te do seu olhar, às vezes magoado, embora humilde e resignado? Pois bem, os olhos são os mesmos. Talvez o pai dele também tenha sido lenhador, como o de Herr Spinner. Ele também tem lutado para subir, sempre com aquela humildade obstinada. Mas, meu querido Ernst, encaro o futuro sem terror, perdida nesta solidão, onde tudo toma proporções exageradas. Arrisco-me a perder noções que me são habituais cedendo a uma espécie de

intimidade mental com um ser que eu desprezo quase que Instintivamente... Esta horrível alegria familiar! Preciso de mostrar o perigo a Marta e a Clotilde; esta, desde que saímos de Liverpool, a pobrezinha, tem estado doente. Estou decidida a procurar ser amável e trabalhar até o limite das minhas forças, mas só uma completa renúncia, uma reserva total poderão...

Ela deteve-se subitamente, e o seu olhar abstrato perdeu-se novamente na direção da janela.

O padre Chisholm não tardou a notar que as duas outras irmãs também o evitavam o mais possível.

Clotilde, delgada e delicada, ainda não havia completado trinta anos; um sorriso nervoso perpassava de vez em quando pelos seus lábios descorados. Era muito devota, e quando orava, com a cabeça inclinada para um lado, as lágrimas corriam dos seus olhos verde-claro. Marta era muito diferente. Já passava dos quarenta, era forte, tipo de camponesa, morena e saudável. Os seus olhos eram rodeados de pequenas rugas que se tornavam mais profundas quando ria. Expansiva, falava alto e sem reservas, de maneiras rústicas, dando a impressão de estar sempre na sua própria casa, às voltas com os afazeres da cozinha e da capoeira...

Quando, por acaso, o padre Chisholm as encontrava no jardim, a irmã belga fazia-lhe um cumprimento rápido, enquanto que Clotilde corava e sorria timidamente, murmurando qualquer coisa. Francis sabia-se o motivo de cochichos.

Por vezes esteve a ponto de as fazer parar abruptamente, dizendo-lhes:

«Não têm necessidade de fugir de mim. "Sei que as coisas não correram muito bem no dia da vossa chegada, mas, na realidade, sou uma criatura um pouco melhor do que imaginam..."»

Continha-se, apesar de tudo, tanto mais que não tinha de 201 que se queixar. O trabalho que lhes competia era executado com a mais rigorosa perfeição. As toalhas do altar novas, ricamente bordadas, empilhavam-se na sacristia. Descobriu também uma estola bordada, fruto de um trabalho laborioso.

Todos os artigos do dispensário, ligaduras, gazes, etc., estavam sempre preparados para qualquer emergência.

As crianças a cargo da missão estavam confortavelmente instaladas no grande dormitório no rés-do-chão da casa das irmãs. A sala de aula enchia-se do rumor confuso e agradável das suas vozes infantis com o ritmo de uma lição em conjunto.

Francis, às vezes, parava para escutar, com o breviário na mão, meio oculto entre os arbustos, deliciado com aquelas vozes que tanto significavam para ele, principalmente a escola.

Acabara por conformar-se com a situação que lhe fora imposta.

Era muito raro entrar na sala de aula que ele mesmo ajudara a construir. E quando o fazia tinha a sensação de ser um intruso. Retirava-se então com uma amarga lógica. Compreendia que assim teria de ser. Madre Maria Verônica era uma boa mulher, bonita, orgulhosa, dedicada à sua tarefa. Era um fato que desde o princípio lhe havia dedicado uma indisfarçável aversão. Essas coisas são impossíveis de evitar.

Afinal de contas, ele não tinha um caráter dominador e admitia não ser do tipo que agrada às mulheres. No entanto a decepção não o feria menos.

O trabalho do dispensário acabara por obrigá-los a estar juntos três vezes por semana! Durante quatro horas Maria Verônica ajudava-o. E ele via perfeitamente a dedicação com que ela se prestava a auxiliá-lo nos curativos e muitas vezes interessava-se por tal forma pelo trabalho que chegava a esquecer-se de o manter a distância. Nesses momentos falava com ele revelando mesmo certo espírito de camaradagem.

Um dia, pouco mais de um mês após a sua chegada, quando ele levava a efeito, com sucesso, a operação de um panarício, ela exclamou involuntariamente:

- O senhor teria dado um excelente cirurgião.

Ele corou.

- Sempre gostei de trabalhar com as mãos...

- É porque as tem hábeis...

Sentia-se ridiculamente contente. A sua atitude nunca fora tão cordial. Quando o trabalho acabou, enquanto guardava os remédios, madre Verônica dirigiu-lhe um olhar interrogativa - Há algum tempo já que eu tenho pensado em tocar-lhe num assunto... A irmã Clotilde tem trabalhado de mais nestes últimos tempos a ajudar a irmã Marta a preparar a comida das crianças. Ela está longe de ser forte e receio que o trabalho seja excessivo para ela. Se o senhor não acha inconveniente eu gostaria de arranjar alguém que a ajudasse...

- Mas decerto - concordou ele, alegremente. - Quer que lhe arranje uma criada?

- Não, muito obrigada. Já tenho um casal em vista que me convirá.

Na manhã seguinte, ao atravessar o pátio, viu à janela do convento as duas figuras inconfundíveis de Hosannah e Filomena, ocupados em sacudir o pó e a

escovar toalhas e outras alfaias do culto. Aborrecido, estacou e dirigiu-se imediatamente à casa das irmãs. Encontrou madre Verônica na rouparia, ocupada a contar os lençóis. Falou, muito excitado.

- Sinto muito vir perturbá-la, mas... os criados que a senhora arranjou não nos convêm.

Ela voltou-se lentamente para ele com uma expressão de contrariedade no rosto:

- Creio que isso compete a mim julgar...

- Não quero que julgue que pretendo interferir nas suas atribuições. Mas é meu dever avisá-la de que essa gente não é honesta.

Ela sorriu desdenhosamente.

- É o seu conceito da caridade cristã?

Francis empalideceu. Ela colocava-o numa situação falsa.

No entanto continuou:

- É preciso que tenhamos senso prático. Penso na missão E na senhora...

- Por favor, não se preocupe comigo. Tenho capacidade para olhar por mim - retorquiu com um sorriso glacial.

- Asseguro-lhe que esses Wangs são uns autênticos canalhas.

- Sei que foram indignamente tratados. Eles mesmo me contaram - concluiu enfaticamente.

Francis sentia que estava no limite da paciência:

- Aconselho-a a desembaraçar-se deles!

203 - Não o farei.

A sua voz era dura e fria como o aço. Nunca acreditara nele e agora verificava o fundamento da sua animosidade.

Simplesmente porque no dia anterior se havia mostrado um pouco mais complacente, abandonando a sua reserva, no dispensário, o padre arrogara-se o direito de arvorar-se subitamente em autoridade metendo-se em assuntos que lhe não diziam respeito. Prometia intimamente não lhe dar outra oportunidade.

- Creio que concordou em deixar a meu cargo a administração das minhas casas. Peço-lhe, portanto, se recorde de manter o que se combinou.

Francis permaneceu em silêncio. Nada mais tinha a dizer.

Desejava ajudá-la, mas vira que se enganara. Ao afastar-se compreendeu perfeitamente que as relações entre ambos, que ainda há pouco pareciam melhorar, estavam agora mais tensas do que nunca.

A situação afetava-o profundamente. Era-lhe difícil manter-se sereno quando os Wangs passavam por ele com um ar de irreprimível triunfo. Uma manhã, ao trazer-lhe o seu primeiro almoço de frutas

e chá, José apresentava as falanges inchadas e uma expressão ao mesmo tempo confusa e feliz:

- Mestre, lamento muito, mas tive de meter na ordem aquele canalha do Wang...

O padre Chisholm ergueu-se violentamente, severo:

- E porquê, José?

José baixou a cabeça, contrito:

- Ele passa a vida a dizer coisas a nosso respeito, que a reverendíssima madre é grande senhora e que nós não passamos de poeira!

- Mas nós somos realmente poeira, José!

- Mas ele diz ainda coisas muito piores.

- Não devemos dar ouvidos a palavras vãs...

- Mas, padre, ele faz mais que injuriar. Ele rouba a madre como num pinhal...

Era exato. Como represália pela oposição de Chisholm, madre Verônica havia investido o casal em situações de responsabilidade.

Hosannah era agora o mordomo da casa das irmãs, enquanto que Filomena estava encarregada, todas as manhãs, de sair com a cesta das compras para se abastecer no mercado da cidade. Todos os fins dos meses, quando Marta fazia os pagamentos com o dinheiro que recebia de Francis, os dois saíam muito bem vestidos e iam tranquilamente

receber a comissão dos comerciantes. Este roubo organizado era inadmissível para a honestidade e parcimônia escocesas de Francis.

De sobrolho carregado, Francis perguntou severamente a José:

- Espero que não o tenhas deixado muito mal...

- Ora! Creio que lhe dei uma boa lição, mestre...

- Estou muito zangado contigo, José. Como castigo, terás amanhã o dia por tua conta, e além disso podes comprar o fato que há muito tempo desejas...

Naquela tarde, no dispensário, madre Verônica quebrou o seu habitual silêncio antes que Francis começasse a atender os doentes:

- Decidiu desta vez maltratar o pobre Wang?

- Pelo contrário. É ele quem a está a maltratar - respondeu Francis.

- Não compreendo.

- Ele está a fazer pouco de si. O homem é um ladrão incorrigível e o que a senhora faz é simplesmente dar-lhe coragem para continuar.

Madre Verônica mordeu os lábios.

- Não acredito. Estou habituada a ter confiança nos meus criados.

Durante as semanas que se seguiram manteve-se o silêncio habitual e o parecer carregado do padre indicava o que lhe ia na alma. Era extremamente

penoso para Francis conviver com uma pessoa que o detestava e o desprezava abertamente e da qual era o diretor espiritual. As confissões de madre Verônica, que nada confessava, torturavam-no e compreendia que para ela também correspondiam a um verdadeiro suplício.

No momento em que colocava a hóstia sagrada nos seus lábios e ela erguia os seus dedos longos e aristocráticos para o altar, sob a luz fraca do dia que despontava, ele tinha a sensação de que havia naquele rosto pálido e naquelas pálpebras trêmulas qualquer coisa impregnada de desdém que o afligia.

Começou a ter insônias e a errar pelo jardim durante a noite.

Aquele completo desentendimento atingia-o também durante a sua autoridade. Constrangido, sempre calado, temia o momento em que se veria obrigado a impor a sua vontade.

Foi no Outono que essa ocasião surgiu, originada pela inexperiência da madre. Não podia deixar de proceder. Suspirando, dirigiu-se a casa das irmãs. Aproximou-se de madre Verônica. Contra a sua própria vontade, tremia-lhe a voz:

- Madre reverendíssima - começou, fixando o olhar nas suas famosas botas -, tem ido à cidade na companhia da irmã Clotilde nestes últimos dias?

- É verdade. Realmente, temos ido juntas... -- afirmou ela, espantada.

Ele não respondeu imediatamente, mas madre Verônica interrogou-o logo em seguida, com sarcasmo:

- Desejará saber o que temos ido fazer?

- Eu sei - respondeu ele esforçando-se por demonstrar calma. - Sei que vai visitar os pobres e os doentes. Mas vai, às vezes, até à porta Manchu. Não resta a menor dúvida de que é meritório. No entanto é preciso que deixe de o fazer.

- Posso saber porquê?

Ele experimentou mostrar-se tão indiferente como ela, mas não o conseguiu completamente.

- Para lhe falar com franqueza, preferia não lho dizer.

As suas narinas revelaram a agitação de que se encontrava possuída:

- Se o senhor pretende proibir os meus atos de caridade, creio que tenho o direito de saber a razão!

- José acaba de informar-me que os bandidos estão novamente nos arredores da cidade. Wai-Chu recomeçou a luta.

Os seus soldados são perigosos.

Ela fez ouvir um riso de desafio.

- Não tenho medo. Todos os homens da minha família foram sempre soldados...

- Muito interessante, sem dúvida, mas a senhora não é homem, nem tão-pouco é a irmã Clotilde. E os soldados de Wai-Chu nada têm de comum com os oficiais de cavalaria da alta nobreza bávara, pode crer.

Nunca ele empregara aquele tom. O rosto de madre Verônica cobriu-se de intenso rubor e em seguida de mortal palidez.

Toda a sua pessoa se inteiriçou.

- A sua maneira de ver é vulgar e cobarde. Esquece-se de que me dediquei a Deus e que portanto estou preparada para tudo: doença, catástrofes, morte; apenas não o estou para dar ouvidos a tolices dessa natureza próprias de romance policial.

Os olhos do padre continuaram fixados nela e pareciam queimá-la como duas brasas. Inflexível, continuou:

-- Deixemos então de dizer tolices. Não terá a menor importância, como diz, o fato de vir a senhora a ser presa ou seqüestrada. Mas há uma razão mais forte para a privar das suas visitas de caridade. A situação da mulher na China é muito diferente daquela a que a senhora está habituada. Durante séculos, as mulheres foram banidas implacavelmente das ruas das cidades chinesas. E o fato de a senhora

andar livremente pelas ruas implica uma grave ofensa. Do ponto de vista religioso é prejudicial para a propagação da fé. Por essa razão, proíbo-lhe terminantemente a ida à cidade sem escolta e sem a minha permissão expressa.

Madre Verônica corou violentamente como se tivesse sido esbofeteada. Ficou petrificada, sem saber o que dizer. Francis preparava-se para se afastar quando ouviu no corredor um súbito rumor de passos precipitados e momentos depois a irmã Marta irrompeu como um pé-de-vento. Estava por tal forma agitada que nem deu pela presença de Francis, meio encoberto pela porta. Nem tão-pouco se apercebeu da atmosfera tensa que reinava no aposento. Com os olhos esbugalhados, torcia as mãos e abraçava-se à madre Verônica lamentando-se em voz alta:

- Eles fugiram... levaram tudo... os noventa dólares que me deu ontem para pagar as contas... as pratas... e até o crucifixo de marfim da irmã Clotilde! Tudo! Eles desapareceram...

fugiram!

- Quê? Quem fugiu?

As palavras saíam a custo dos lábios de madre Verônica.

- Os Wangs, os Wangs! Aqueles ladrões sujos, ordinários!

Eu sempre lhe disse que eles não passavam de um casal de hipócritas!

Francis não teve coragem de olhar para madre Verônica.

Ela estava ali, perplexa, imóvel. Sentiu por ela uma estranha piedade e afastou-se em silêncio.

Quando o padre Chisholm voltou para sua casa, ainda profundamente preocupado com o que acabava de passar-se encontrou o senhor Chia e seu filho, que estavam ali, diante do lago dos peixes, observando tranquilamente as carpas.

Ambos vestiam pesados agasalhos, pois era «um dia de seis casacos». O menino dava a mão ao pai. O crepúsculo avançava lentamente e prolongava a sombra das árvores sob as quais estavam, mas parecia hesitar em envolvê-los ocultando o quadro comovedor que representavam.

Os dois costumavam aparecer frequentemente na missão e sentiam-se muito bem ali. Sorriram ao ver o padre Chisholm aproximar-se pressuroso, cumprimentando-os com afabilidade.

Mas o senhor Chia recusou o convite que o padre lhe fez para entrar.

- Nós é que vimos pedir-lhe que venha para a nossa casa - disse. - Partiremos esta noite para as montanhas, onde ficaremos durante algum tempo. Teríamos grande prazer que acesse a acompanhar-nos.

- Mas - disse Francis, estupefato. - Estamos em pleno Inverno!

- É verdade, meu amigo. Eu e minha indigna família temos o hábito de nos retirarmos para as montanhas somente nos meses de grande calor. Mas esta inovação talvez seja agradável. Acumulamos lá uma grande quantidade de lenha e temos um depósito imenso de provisões. Não lhe parece, padre, que seria edificante que nos recolhêssemos para meditar um pouco, lá no meio daqueles picos nevados?

Procurando penetrar no labirinto de circunlóquios do senhor Chia, que certamente pretendia ocultar qualquer coisa, fixou nele os olhos interrogativos.

- Wai-Chu prepara-se para pilhar a cidade?

Com um erguer de ombros o senhor Chia quis significar o seu desacordo quanto àquela pergunta direta, mas sem demora respondeu:

- Pelo contrário, meu amigo. Acabo de pagar um pesado tributo a Wai-Chu para que ele e os seus

homens nos deixem em paz. Creio que eles não aparecerão por aqui, ao menos por largo tempo.

Calou-se. O padre Chisholm franzia os sobrolhos, mergulhado numa perplexidade profunda.

.- De qualquer maneira, meu amigo, há outras razões que podem obrigar-nos a procurar a solidão. Peço-lhe encarecidamente que venha conosco.

O padre abanou a cabeça vagarosamente:

- Lamento muito, senhor Chia... Como sabe, tenho muito que fazer na missão, não posso, pois, abandoná-la. Como poderia afastar-me deste magnífico estabelecimento que devo à sua generosidade?

O senhor Chia sorria amavelmente.

- As condições aqui são saudáveis agora... Em todo o caso, se mudar de idéia, não deixe de prevenir-me. Vamos, Yu, os carros já devem estar carregados. Estende a mão ao nosso querido amigo, à moda inglesa.

Francis apertou a mão da criança, em seguida abençoou-os.

O desapontamento que se lia no rosto do senhor Chia preocupava-o. Ficou algum tempo a contemplá-los enquanto se afastavam.

A mesma obsessão acompanhou-o nos dois dias seguintes.

Quase não viu as irmãs. O tempo estava cada vez pior. Grandes bandos de pássaros voavam na direção do sul. O céu escuro parecia pesar como chumbo sobre todos os seres. No entanto a neve não se decidia a cair com abundância. O próprio José, sempre alegre, mostrava sinais de depressão e falara a Francis na possibilidade de voltar para a sua terra.

- Há muito tempo que não vejo os meus pais. Acho que deveria fazer-lhes uma visita. - Interrogado sobre a razão desse súbito desejo de partir, José resmungara, com um gesto vago, que rumores sinistros andavam no ar, anunciando calamidades do norte, de este, de leste...

- Espera ao menos a chegada dos maus espíritos, José.

Fugirás depois.

O padre Chisholm tentava gracejar para dissipar a inquietação de seu pupilo e talvez também a sua.

Na manhã seguinte, logo depois da missa, foi à cidade sozinho com o intuito de se esclarecer. As ruas continuavam peçadas de gente, a vida parecia movimentar-se normalmente, mas havia já um certo número de residências desabitadas e de casas comerciais com as portas cerradas. Na Rua dos Fabricantes de Redes encontrou o senhor Hung a pregar tábuas nas suas janelas com certa pressa.

- Não resta a menor dúvida, Shang-Foo!

O velho comerciante fez uma pausa para olhar com angústia o seu interlocutor por cima dos óculos.

- É a doença! A horrível doença que eles denominam «morte negra». Já grassa por seis províncias. As pessoas fogem como podem. O primeiro caso apareceu a noite passada em Pai Tan: uma mulher caiu morta junto da porta Manchu.

Sabe-se o que isto significa. Sim, sim... quando vem a fome temos de fugir; quando vem a peste, fugimos também. A vida não é fácil quando os deuses estão irritados.

O padre Chisholm ao subir a colina a caminho da missão levava impressa no rosto a angústia. Parecia-lhe agora que também sentia o «cheiro» da doença no próprio ar que respirava.

De repente deteve-se. Do lado exterior do muro da missão, no meio do caminho, estavam três ratos mortos. A expressão consternada que se estampou no rosto do padre indicava que compreendera a significação do aviso. Estremeceu, pensando nas crianças. Foi buscar petróleo com o qual regou os ratos, deitando-lhes fogo em seguida. Arrastou o que deles restara, fez uma cova e enterrou tudo.

E ali permaneceu a refletir. A cidade estava a oitocentos quilômetros do mais próximo posto

telegráfico. Enviar uma mensagem a Sen-Siang por barco, ou mesmo por um cavalo rápido, demoraria no mínimo seis dias de viagem. No entanto era preciso a todo o custo estabelecer contacto com o mundo exterior. Subitamente o seu rosto iluminou-se. Acabava de ver José. Agarrou-o pelo braço, e conduziu-o com solenidade ao seu gabinete.

- José, vou confiar-te uma missão muito importante. Tu vais servir-te da lancha a motor do senhor Chia, declarando ao canoeiro que tens autorização dele e minha para isso. Se ele recusar dou-te permissão para tomar à força a lancha. Entendes?

- Sim, padre - respondeu José com os olhos brilhantes.

- E não será pecado?

- Uma vez no barco - prosseguiu o padre - diriges-te a toda a velocidade para Sen-Siang. Ali deverás procurar o padre Thibodeau na missão. Se não o encontrares, dirige-te ao escritório da Companhia Petrolífera Americana. Procura alguém de prestígio, que disponha de certa autoridade. Dizes-lhe que a peste negra grassa aqui e que precisamos urgentemente de remédios e de provisões. Em seguida vais ao telégrafo e expedes estes dois telegramas, que redigi. Vê bem:

aqui estão. Um deles é dirigido ao vicariato de Pequim e o segundo ao Hospital Geral da mesma cidade. E agora parte.

Tens aqui dinheiro. Tenho confiança em ti. Procura não ficar mal, José. Vai... e que Deus te abençoe!

Sentiu um verdadeiro alívio, uma hora depois, ao ver o rapazinho descer velozmente a colina com o seu saco azul às costas. No rosto do pequeno lia-se energia e determinação.

A fim de melhor distinguir a partida da canoa, o padre dirigiu-se à torre. Mas quando atingiu o último degrau a sua vista perturbou-se, porque na planície imensa só pôde ver o que lhe pareceu ser duas fitas movediças de homens e animais que a tal distância mais se assemelhavam a minúsculas formigas:

uma que se dirigia para a cidade e outra que a abandonava.

Não se demorou ali. Ao descer atravessou o jardim para se dirigir à escola. Encontrou a irmã Marta que, de joelhos, limpava o corredor.

- Onde está madre Verônica?

Ela ergueu uma das mãos, ajeitando a touca:

- Na sala de aula. - E acrescentou num sussurro de cumplicidade:

- Ultimamente tem andado muito perturbada...

Francis dirigiu-se à sala de aula. Os alunos calaram-se imediatamente ao vê-lo entrar. A vista daquelas filas de crianças inocentes, que se voltaram para ele, causou-lhe uma repentina angústia. Procurou lutar com todas as forças de que dispunha contra aquele terror intolerável.

Maria Verônica voltou para ele uma cara pálida e enigmática, e Francis aproximou-se e falou-lhe em voz baixa:

- Há indícios de que uma epidemia está prestes a atacar a cidade. Receio que seja a peste. Precisamos de estar prevenidos.

Fez uma pausa e, como ela se calava, continuou:

- A todo o custo deveremos evitar o contágio das crianças.

Isto é, temos de isolar a escola e a casa das irmãs. Vou imediatamente tratar de fazer levantar uma barreira. Tanto as 211 crianças como as irmãs não a ultrapassarão e uma das irmãs deverá ser destacada para manter a vigilância à entrada.

- Calou-se outra vez, esforçando-se por parecer calmo.

- Não lhe parece prudente?

Madre Verônica olhou-o de frente e respondeu com frieza;

- Muito prudente.

- Desejaria propor alguma medida que me tivesse esquecido?

Ela respondeu com amargura:

- Já nos habituou a tomar contacto com os princípios do isolamento.

Ele fingiu não perceber o significado das suas palavras:

- Sabe como se propaga o flagelo?

- Sei.

Houve um silêncio. Francis dirigiu-se para a porta, sinceramente magoado com a obstinação da freira em não desarmar.

- Se Deus nos mandar essa grande provação, temos de colaborar. Deveremos esquecer as nossas questões pessoais.

- Vale mais, com efeito, esquecê-las.

O seu tom era glacial, mostrando uma aparente submissão, mas deixando transparecer a Francis um abismo de desprezo.

Francis abandonou a sala de aula. Não podia deixar de admirar a coragem daquela mulher. A notícia que acabava de lhe dar abalaria qualquer pessoa.

Disse a si próprio que talvez antes do fim do mês tivessem de enfrentar as mais árduas provações.

Convencido da necessidade de apressar-se mandou o jardineiro chamar o construtor que trabalhava para o senhor Chia e seis dos homens que haviam edificado a igreja. Logo que chegaram ordenou-lhes que levantassem um muro à volta do espaço que delimitou e com caules de milho secos e barro a obra constituiria uma verdadeira barreira em torno da escola e da casa das irmãs. Mandou também cavar uma estreita vala, na base, onde poderiam ser derramados desinfetantes, se fosse necessário. O trabalho prosseguiu, dia e noite, ininterruptamente.

Mesmo depois da partida do último operário não teve descanso; uma febre de inquietação parecia circular nas suas veias. Transferiu todas as provisões para a parte cercada.

Durante horas carregou às costas sacos de farinha e de batatas, manteiga, leite condensado, toucinho e todas as latas de conserva que possuía na missão. Da mesma forma a sua pequena reserva de remédios foi para lá transferida. Esta atividade aliviou-o um pouco. Quando terminou a tarefa verificou que seu relógio marcava precisamente três horas da manhã. Não valia a pena deitar-se; às cinco deveria dizer missa.

Foi então para a igreja e permaneceu ali o resto da noite, de joelhos, orando e meditando.

Ao amanhecer, antes que a missão despertasse, dirigiu-se à Repartição de Justiça. Pela porta Manchu os fugitivos das povoações já assoladas pela peste penetravam sem entraves na cidade. Em grande número acampavam ao ar livre, ao pé das muralhas. Ao passar junto daqueles vultos silenciosos, deitados sobre sacos, meio enregelados pelo vento frio, ouvia o sinistro ruído das tosses. Sentia o coração confranger-se diante daqueles infelizes, extenuados, que suportavam humildemente os seus sofrimentos, sem queixas e sem esperanças, e um desejo ardente de os socorrer assaltou-o. O cadáver de um velho jazia ali, despido. Havia sido despojado das roupas de que não necessitava mais por outros que delas careciam.

O rosto engelhado estava voltado dramaticamente para o céu.

A compaixão deu-lhe novas forças para andar com mais vigor. Conseguiu chegar à Repartição de Justiça, mas um grande desapontamento o esperava. O primo do senhor Pao havia partido, e com ele toda a família Pao, e as janelas fechadas das suas residências pareciam olhos cegos.

Desesperado, entrou no edifício e penetrou nos pátios. Os corredores estavam desertos, e a sala principal, onde os seus passos soavam lugubrememente enquanto andava, estava vazia.

Não se encontrava viva alma, salvo um ou outro escriba, que passava encostado às paredes com ar furtivo. Por um deles ficou sabendo que o supremo magistrado havia partido, a fim de assistir ao funeral de um parente afastado, em Tchien-tin, a duzentos quilômetros de distância. Compreendeu que até mesmo os funcionários menos graduados de Pai Tan haviam sido «obrigados» a deixar a cidade e que a administração civil deixara de existir.

Uma ruga, profunda como uma ferida, se cavara entre os olhos de Francis. Nenhuma outra alternativa se oferecia do que ir ao quartel; de qualquer maneira, entretanto, era preciso tentá-la.

Uma vez que os bandidos de Wai-Chu haviam submetido a província, depois de exigir somas fabulosas, a autoridade do exército regular era simplesmente um mito. As tropas eram chamadas ou licenciadas automaticamente consoante o bandido anunciava uma visita à cidade ou se retirava de posse de um pesado tributo. Quando chegou ao quartel, Francis divisou uma dúzia de soldados desarmados com as suas sujas túnicas de algodão.

Tentaram fazê-lo parar à porta. Mas nada o poderia deter.

Com certa violência abriu caminho, dirigindo-se para uma divisão interior. Ali estava um tenente

vestido elegantemente, com um uniforme novo, palitando os dentes com uma haste de vime.

O tenente Shon e o padre examinaram-se mutuamente, o chinês com a reserva característica da sua raça e o padre com o arrebatamento sombrio e desesperado que o levava até ali.

- A cidade está ameaçada de uma terrível epidemia - exclamou Francis sem preâmbulos. - Procuo pessoas corajosas dispostas a combater o grande perigo que se aproxima.

Alguém que, além de ter coragem, possua também autoridade.

Shon continuava a fitar imperturbavelmente o padre.

- O general Wai-Chu tem o monopólio da autoridade. E ele partirá amanhã para Tu-en-Lai.

- Se é assim as coisas ficam facilitadas para aqueles que ficam. Peço-lhe que me ajude.

Shon encolheu os ombros.

- Nada me daria maior satisfação que estar ao serviço do grande Shang-Foo a fim de trabalhar ao seu lado, sem recompensa alguma, pelo bem-estar da população. Mas eu não disponho de mais de cinquenta soldados e nem sequer sei como alimentá-los.

- Enviei um mensageiro a Sen-Siang para pedir socorros - retorquiu Francis rapidamente. - Chegarão em breve.

Mas entretanto deveremos, sem perda de tempo, pôr de quarentena todos os refugiados que surgirem na cidade. Isso impedirá que a peste se expanda.

- A peste já está entre nós - respondeu friamente o oficial. - Só na Rua dos Cesteiros assinalaram-se mais de sessenta casos. Muitos morreram... os outros agonizam...

Francis sentiu que os seus nervos se distendiam. Todo o seu ser se negava a reconhecer o fracasso da tentativa. Deu um passo à frente.

- Quero ajudar essa pobre gente. Se o senhor não vier, irei sozinho. Mas estou absolutamente convencido de que me acompanhará.

Pela primeira vez o jovem tenente pareceu abalado. Era um jovem de bom coração apesar do seu ar fátuo. A sua honestidade levava-o a recusar o preço que lhe fora proposto pelos seus serviços por Wai-Chu por o considerar desonroso.

Sem se interessar nem mesmo ao de leve pelos problemas que tanto pareciam angustiar o padre, estava, no momento em que este chegara, considerando a possibilidade de ir ter com os seus homens à Rua das Horas Roubadas. Agora sentia-se

numa situação desagradável e embaraçosa, mas, mau grado seu, bastante impressionado. Como um homem que age contra a sua própria vontade, ergueu-se, atirou fora o palito e afivelou o cinturão do qual pendia um revólver.

- Não é uma arma de precisão, mas um símbolo, cuja vista obriga os homens a obedecerem-me.

E os dois saíram juntos para o dia triste e cinzento.

Na Rua das Horas Roubadas conseguiram reunir uns trinta homens e marcharam para a Rua dos Cesteiros, junto do rio.

Ali a peste já fazia grande devastação, auxiliada pela imundície.

As moradias à beira-rio - uma enfiada de choças, ligadas umas às outras na margem lamacenta - estavam já infestadas pela moléstia. Francis compreendeu que, a não ser que tomassem medidas imediatas, o contágio seria fatal e a epidemia alastrar-se-ia por toda a cidade.

Disse ao tenente, no momento que se retirava de uma das choças, curvando-se ao passar a porta:

- Temos de encontrar um abrigo para os doentes.

Shon refletiu. Estava a divertir-se mais do que contava.

O padre estrangeiro havia revelado uma atitude de desassombro aproximando-se sem o menor receio dos pestíferos. E ele admirava profundamente atitudes desse gênero.

- Vamos requisitar a casa do chefe da Repartição Imperial do Registro.

Havia muito tempo que Shon estava de más relações com esta Repartição, cujo chefe o prejudicara de qualquer maneira.

- Tenho a certeza de que o palácio deste amigo ausente servirá esplendidamente de hospital.

Seguiram para lá sem demora. Era uma casa espaçosa, ricamente mobiliada, situada num dos melhores pontos da cidade.

Shon conseguiu entrar empregando um meio muito prático:

arrombou a porta. Francis ficou lá com uma dúzia de homens preparando a casa para receber os doentes, o oficial partiu levando consigo os restantes. Pouco depois os primeiros doentes começaram a chegar em liteiras e foram colocados sobre esteiras, estendidas no chão.

Naquela noite, quando Francis se dirigiu à missão, esgotado pelo dia agitado que tivera, ouvia, monótono e incessante, o ruído de tiros de espingarda. Os irregulares de Wai-Chu assaltavam as

lojas fechadas. Por fim o silêncio restabeleceu-se na cidade. O luar permitia a Francis poder ver perfeitamente os bandidos escapando-se em grupos pela porta de leste, esporeando as suas montadas roubadas através da planície.

Sentia-se aliviado por vê-los partir. Quando Francis atingiu a colina, o luar desapareceu. A neve começara, enfim, a cair.

Ao atingir a cerca de caulino, o ar parecia mais leve e mais vivificante e os flocos de neve turbilhonavam, vindos do céu escuro, penetrando nos seus lábios como hóstias minúsculas, e com tal densidade caíam que dentro de poucos minutos o chão estava coberto por um tapete branco. Estacou na parte exterior do portão, sobre a brancura gelada, ansioso, chamando em voz baixa. Imediatamente madre Verônica apareceu à entrada tendo na mão uma lanterna que fazia incidir sobre a brancura da neve uma luz espectral. Mal pôde perguntar:

- Está tudo a correr bem?

- Sim.

Um súbito alívio invadiu-lhe o coração. Ao sentir-se preso de fadiga só então se lembrou de que passara o dia inteiro sem engolir uma só migalha de pão. Informou com dificuldade:

- Instalamos um hospital na cidade... Não é grande coisa, mas foi o melhor que pudemos fazer.

Deteve-se novamente, na esperança de que ela falasse, acabrunhado pelas dificuldades da situação e pela enormidade do que ia pedir.

.- Se uma das irmãs pudesse... quisesse ir voluntariamente ajudar a tratar dos doentes... auxiliar-nos com a sua assistência.

eu ficar-lhe-ia profundamente reconhecido.

Houve uma pausa. Ele parecia já ouvir as palavras que pronunciariam aqueles lábios gelados:

«Ordenou-nos que ficássemos aqui. "E, segundo as suas próprias ordens, estamos proibidas de penetrar na cidade..."

Talvez que, apesar do véu dos flocos de neve, ela se tivesse apercebido do seu rosto devastado pela angústia. O certo é que, em lugar das palavras que esperava, Francis ouviu:

- Irei eu.

Francis sentiu o seu coração encher-se de júbilo. Apesar do profundo antagonismo que existia entre ambos, não restava a menor dúvida de que madre Verônica era incomparavelmente superior a Marta ou a Clotilde.

- Nesse caso, é preciso que eu a acompanhe ao hospital de emergência. Agasalhe-se bem e prepare tudo o que julgar necessário. Ficarei à espera.

Dez minutos depois ele encarregava-se da mala da religiosa e os dois partiram em silêncio.

Na manhã seguinte dezesseis dos doentes que haviam sido levados para o hospital morriam. Mas um número três vezes maior deu entrada ali. Aquela peste pneumônica sobrepunha em virulência os mais perigosos venenos. As pobres criaturas eram hoje atacadas pelo mal e no dia seguinte morriam. Ela parecia congelar o sangue, destruir os pulmões, que se esfrangalhavam numa tosse violenta, expelindo micróbios. Algumas vezes menos de uma hora decorria entre o último riso de uma pessoa ainda saudável e o ricto da agonia.

Os três médicos que havia na cidade tinham desistido de tratar os seus doentes pela acupuntura. Desde o segundo dia que haviam renunciado a espetar os membros dos seus pacientes com agulhas, e tinham ido discretamente à procura de um lugar mais próprio para o exercício da sua profissão.

Pelo fim da semana a cidade já estava assolada de ponta a ponta. A apatia natural do povo havia sido sacudida por uma onda de terror. Pelas portas da cidade que conduziam ao sul saía uma caravana

ininterrupta de carros e de animais sobrecarregados e de uma população cuja aflição para se afastar da cidade tocava as raías do histerismo.

O frio, cada vez mais intenso, parecia ter também assolado a região como uma calamidade. Esmagado, exausto pelo trabalho sem tréguas e depauperado pela falta da alimentação, ainda assim Francis compreendia perfeitamente que a grande desgraça de que Pai Tan era vítima naquele momento não representava mais que uma ínfima parcela de uma imensa tragédia... Privado de notícias, ele não podia avaliar a imensidade do flagelo. Duzentos mil quilômetros quadrados do território sob a ação da peste e meio milhão de mortos sob a neve. Nem tão-pouco podia ele suspeitar de que os olhos do mundo civilizado se voltavam com profunda piedade para a China e que na América e na Inglaterra se organizavam rapidamente expedições médicas a fim de combater a epidemia.

A sua depressão aumentava de dia para dia. José nenhum sinal de vida dava. Os socorros que pedira chegariam a Pai Tan? Uma dúzia de vezes por dia ia até ao cais na esperança de ver a canoa.

Ao fim da segunda semana José apareceu repentinamente, exausto, emagrecido, mas com um sorriso vitorioso. Havia vencido todos os obstáculos.

Toda a província se encontrava em grande agitação. Sen-Siang era um inferno e a missão local fora atacada pelo mal. Mas não se deixara abater. Mandara os dois telegramas e esperara pela resposta, valentemente, tendo primeiro tido o cuidado de esconder o barco entre os arbustos do rio. Por fim obtivera uma carta. Exibiu-a, com um sorriso, apresentando-a a Francis com as mãos trêmulas.

Mais ainda - um médico que conhecera o padre, um velho e dedicado amigo, chegaria brevemente no barco em que vinham os socorros.

Não podendo conter a agitação que o dominava, Francis arrancou das mãos de José a carta e leu-a com sofreguidão:

Expedição de Lorde Leighton - Chek-Kow Querido Francis:

Há cinco semanas que me encontro na China, integrado na expedição de Lorde Leighton. Isso não te surpreenderá se te lembrares que já em criança eu sonhava com navios e as selvas exóticas onde eles me levariam. Para te ser franco, pensava ter-me esquecido de todas essas loucuras quando repentinamente tomei conhecimento do apelo dos que tentavam organizar a expedição sanitária e pediam voluntários.

O impulso que me levou a juntar-me a esse grupo de abnegados surpreendeu-me a mim mesmo. Creio que não foi o desejo de me tornar em herói nacional que me impeliu, mas talvez uma espécie de reação contra a vida monótona que levava em Tynecastle, ou talvez - quem sabe? - o vivo desejo de tornar a ver-te.

De qualquer maneira, o fato é que desde a minha chegada não tenho feito outra coisa, além do trabalho a que me propus, senão procurar por todos os meios chegar até à tua santa presença. O teu telegrama para Nanquim foi enviado para o nosso quartel general e a comunicação chegou-me às mãos no dia seguinte em Hai-Chang.

Pedi imediatamente a Lorde Leighton - que é uma excelente pessoa apesar do seu título - a necessária autorização para ir aí dar-te uma ajuda. Ele não só atendeu o meu pedido mas ainda me cedeu um dos poucos barcos a motor que restam.

Acabo de chegar a Sen-Siang, onde estou a tratar dos abastecimentos. Daqui seguirei a toda a pressa e é bem possível que chegue aí vinte e quatro horas depois do teu criado.

Toma cuidado com a tua saúde até que eu chegue. As novidades comunicar-tas-ei verbalmente.

Com pressa, subscrevo-me teu amigo devotado, WILLIE TULLOCH O padre esboçou um leve sorriso, o primeiro depois de tantos dias de tristeza, sentindo um súbito e agradável conforto íntimo. Não se sentia surpreendido. Aquilo era bem próprio do caráter de Tulloch, devotar-se a uma causa tão nobre.

A sua coragem foi reanimada pela sorte inesperada da chegada do seu amigo.

Não sabia como conter a sua impaciência. No dia seguinte, quando lhe anunciaram a chegada do barco-socorro, Francis precipitou-se para o cais. Ainda antes de o barco estar completamente atracado Tulloch saltava em terra, mais velho, mais gordo, mas sempre o mesmo escocês tranqüilo e seco, mal vestido, tímido, singelo e honesto como um tecido homespun.

Sem querer os olhos do padre encheram-se de lágrimas.

- Meu velho Francis, até que enfim, encontrei-te.

E Willie nada mais disse. Apertaram-se as mãos efusivamente, desorientados pela comoção, procurando dominar as expansões. Exclamou por fim, surdamente, como se sentisse uma repentina necessidade de ouvir a sua própria voz:

- Quando andávamos juntos pela High Street de Darrow quem nos diria que um dia nos encontraríamos na China!

Tentou rir sem o conseguir:

- Não tens botas e fato de borracha? É um perigo andar com essas sandálias num lugar infectado. Já era tempo de eu vir tomar conta de ti...

- E do nosso hospital... - respondeu Francis sorrindo.

- O quê? - exclamou o médico erguendo as sobrancelhas.

- ConseguiSTE arranjar um hospital? Então vamos, vamos ver isso.

- Quando quiseres.

Depois de dar a ordem à tripulação do barco para que o seguisse com os abastecimentos que traziam, o doutor Tulloch partiu rapidamente, caminhando ao lado do padre com surpreendente agilidade, a despeito da gordura que adquirira.

Com os olhos brilhantes, as faces vermelhas, a cabeleira rala deixando ver as sardas no couro cabeludo rosado, Tulloch pontuava com um interesse crescente as explicações do padre Chisholm.

Quando atingiram o hospital, Tulloch exclamou:

- Poderiam estar mais mal alojados!

Gritou aos carregadores que levassem os abastecimentos para o interior.

Uma vez dentro do hospital, fez uma inspeção rápida, correndo os olhos de um lado para outro e fixando madre Verônica com estranha curiosidade. Quando Shon, o jovem oficial, entrou, sacudiu-lhe cordialmente a mão. Finalmente detiveram-se os quatro, depois de percorridos todos os aposentos, e então Tulloch dirigiu-lhes a palavra:

- Na minha opinião vocês fizeram maravilhas. Espero agora que não pretendam ver-me fazer milagres. Esqueçam-se de todas as suas idéias preconcebidas e enfrentem a verdade nua e crua. Lembrem-se de que estou aqui para trabalhar ao vosso lado, isto é, como um negro. Estou longe de ser o simpático doutor que chega com um laboratório portátil... Na realidade não tenho uma só gota de vacina nas minhas malas.

Verdade se diga que as tais vacinas são apenas boas nos livros de histórias. É um fato que não servem para coisa alguma.

Em segundo lugar porque as que trouxemos para a China esgotaram-se na primeira semana. Lembrem-se de que a vacina nada adianta contra a epidemia e que ela é, desde o primeiro ataque, quase sempre fatal. Nestes casos dizia meu pai:

«Um grama de precaução é mais eficiente que uma tonelada de remédios.» Por isso mesmo é que, se vocês não se opõem, vamos tratar primeiro dos mortos.

Ninguém falou, talvez para se compenetrarem bem do sentido das palavras do doutor. Depois o tenente Shon sorriu e observou:

- Os cadáveres estão a acumular-se nas ruas num ritmo desconcertante. Acho bastante desagradável escorregarmos no escuro e cairmos em cima de um corpo silencioso e rígido.

Francis, contrariado, olhou para o rosto impassível de madre Verônica. Algumas vezes o tenente mostrava-se um tanto cínico.

O médico aproximara-se de um dos volumes e desembalava-o com ar entendido.

- A primeira coisa que temos a fazer é equiparmo-nos a preceito. Oh, eu sei que vocês dois acreditam em Deus e o tenente em Confúcio - inclinou-se para dentro da caixa e extraiu um par de botas de borracha - mas eu só acredito na profilaxia!

Continuou a desencaixotar as coisas que trouxera, entre as quais aventais brancos e óculos, censurando-os por desprezarem as precauções elementares. As suas observações eram calmas, objetivas.

- Vocês ignoram talvez, pobres inocentes, que um simples perdigoto dessa tosse maldita que lhes caia nos olhos é a conta... Penetração na córnea. Já se sabia disso no século XIV... e era essa a razão pela qual se usavam viseiras de cola de peixe para a proteção. Creio que a peste foi trazida da Sibéria por um bando de caçadores... Bem... voltarei mais tarde, irmã, e então examinarei cuidadosamente os doentes.

Antes disso, porém, eu, o tenente e o reverendo iremos dar uma volta pela cidade...

Arrasado de preocupações, Francis havia esquecido completamente a necessidade imperiosa de sepultar os cadáveres que jaziam nas ruas antes que comesçassem a ser roídos pelos ratos. Era impossível fazer uma cova para cada corpo naquele solo endurecido pela neve e já não havia caixões na cidade.

Nem todo o petróleo da China conseguiria queimar tamanha acumulação de corpos, pois, como Shon dissera, nada é menos inflamável que a carne humana gelada. Apenas uma solução se apresentava: cavaram uma imensa fossa ao longo das muralhas, forraram-na com cal viva e requisitaram carroças, enchendo-as de cadáveres. Conduzidas pelos homens de Shon, o seu fúnebre carregamento foi lançado naquela vala comum.

Três dias depois, quando a cidade estava já limpa e se tinham levantado as carcaças dispersas meio devoradas que os cães tinham levado para longe abandonando-as nos campos gelados, foram tomadas medidas drásticas. O povo, temeroso que o espírito dos seus mortos fosse poluído pelo fato de os seus corpos serem lançados naquela sepultura coletiva e sacrílega, escondia agora os cadáveres dos seus parentes nos soalhos e nos tetos das suas casas.

Instigado pelo médico, Shon mandou afixar um edital segundo o qual toda a pessoa reconhecida culpada de tal delito sofreria a pena de morte. Quando as carroças dos mortos apareciam nas ruas, os homens de Shon gritavam:

«Tragam os seus mortos ou serão vocês quem morrerá!

Entretanto procedia-se à destruição de certos bairros que Tulloch considerava como focos. A experiência, aliada à necessidade, tornava o médico impiedoso. Os soldados entravam nas casas, tiravam os móveis, derrubavam as divisórias de bambu e papel, regavam-nas de petróleo e queimavam os ratos num fogo purificador.

As casas da Rua dos Cesteiros foram as primeiras a ser arrasadas. Ao voltarem, descompostos e mascarrados, Tulloch lançou um olhar de piedade a

Francis, que caminhava ao seu lado pelas ruas desertas. E murmurou subitamente, compungido:

- Não nasceste para isto, Francis. E estás de tal maneira extenuado que não te agüentas de pé... Porque não vais repousar alguns dias na colina e cuidar um pouco dos teus garotos em lugar de estares aqui?

- Seria um exemplo muito edificante - retorquiu Francis.

- O sacerdote a repousar e a gozar os bons ares das montanhas e a cidade a arder...

- E quem o saberia, se a cidade está praticamente abandonada?

Francis sorriu misteriosamente.

- Todos os nossos atos têm uma testemunha - respondeu.

Tulloch interrompeu bruscamente a conversa. Antes de entrar no hospital voltou-se para contemplar o clarão vermelho das chamas que se refletiam no céu.

- O incêndio de Londres foi uma necessidade...

Subitamente deixou os seus nervos expandirem-se:

- Que diabo, Francis! Morre, se quiseres, mas poupa-me as tuas razões!

Começavam a ressentir-se da tensão constante. Passados eram dez dias que Francis não mudava sequer de roupa, já manchada de suor congelado. Uma vez por outra descalçava-se e, obedecendo às ordens de Tulloch, esfregava os pés com óleo de colza, mas apesar disso sofria atrozmente de uma inflamação no artelho direito. Estava praticamente morto de cansaço, mas havia sempre mais coisas para fazer, mais e mais...

Não havia outra água que a da neve derretida. Os poços não eram mais que invólucros de gelo. Cozinhar era quase impossível. Mas mesmo assim, Tulloch exigia que se reunissem todos os dias, à hora das refeições, a fim de conversar um pouco para ajudar a dissipar o tremendo pesadelo sob o qual viviam. Nesses momentos tentava mostrar boa disposição, algumas vezes punha no toca-discos que tinha trazido alguns discos alegres. Possuía uma reserva inesgotável de anedotas do Norte da Inglaterra, pequenas histórias de Tynecastle, às quais muitas vezes recorria. O seu maior êxito consistia em fazer aflorar um pálido sorriso aos lábios descorados de madre Verônica. O tenente Shon nunca compreendia o sal das anedotas, mas pedia que lhas explicassem. Por vezes Shon chegava um pouco atrasado para as refeições. Todos calculavam que ele

se demorava a animar alguma galante rapariga, poupada, como eles, à epidemia; mas a cadeira vazia causava-lhes uma inquietação que todos se esforçavam por dissimular.

No começo da terceira semana madre Verônica estava claramente no fim das suas energias. Como Tulloch lamentasse a falta de espaço que havia no hospital de emergência, ela sugeriu:

- Se trouxéssemos para cá as redes encontradas na Rua dos Fabricantes de Redes poderíamos duplicar o número de doentes e dar-lhes mais conforto...

O médico olhou para ela aprovadoramente:

- Como não me lembrei eu disso? É uma idéia magnífica!

Madre Verônica ficou ruborizada perante a sua aprovação entusiástica, baixou os olhos e tentou levar à boca o arroz que estava a comer. Mas não o conseguiu. O seu braço começou a tremer tão violentamente que deixou cair o garfo, que rolou para o chão. Ficou mais ruborizada ainda. A vermelhidão cobriu-lhe todo o rosto. Tentou vencer aquele horrível tremor, mas fracassou. Com a cabeça baixa, sentia-se humilhada. Por fim ergueu-se e, sem proferir uma só palavra, abandonou a sala.

Mais tarde o padre Chisholm encontrou-a ocupada numa das salas reservadas às mulheres.

Nunca tinha visto alguém sacrificar-se com tanta constância e abnegação. Ela fazia os trabalhos mais penosos e humilhantes junto dos doentes, trabalhos tão odiosos que o mais humilde dos varredores chineses se recusaria a executar. Francis não ousava falar com ela tão tensas eram as suas relações.

- Reverenda madre... o doutor Tulloch crê... nós cremos que se tem esforçado de mais... e que a irmã Marta deveria substituir-vos.

Ela readquiriu imediatamente o seu ar frio e distante.

- Quer dizer que o meu trabalho não o satisfaz?

- Longe disso. O que tem feito é simplesmente assombroso.

- Porque deseja então substituir-me?

Francis murmurou confusamente:

- Estamos preocupados consigo...

Procurando suster as lágrimas, comovida, madre Verônica respondeu:

- Não se preocupe comigo. À sua piedade prefiro ser esmagada com trabalho...

Francis foi obrigado a retirar-se sem ter conseguido o seu intento. Levantou os olhos para ela mas a madre tinha os seus obstinadamente baixos. Francis afastou-se tristemente.

A neve, que havia cessado durante uma semana, caía agora ininterruptamente do céu. Francis nunca assistira a uma nevasca idêntica, nem vira flocos tão espessos, tão grandes e macios.

Cada floco de neve parecia trazer em si mais silêncio.

As casas estavam soterradas sob aquele silêncio branco. Nas ruas as rajadas de vento tornavam a neve mais macia, dificultando os trabalhos e aumentando o sofrimento dos doentes.

O coração de Francis confrangia-se mais e mais. No decorrer destes dias intermináveis perdera a noção do tempo, do lugar, e todo o receio de contágio o havia abandonado. Curvava-se sobre os agonizantes, procurando socorrê-los com uma compaixão infinita, e estranhos pensamentos cruzavam o seu cérebro. Cristo prometera-nos o sofrimento... Esta vida era apenas uma provação, uma preparação para a outra...

A vida eterna... então Deus secar-nos-á todas as lágrimas.

Não haverá mais lutos nem mais dores.

A tarefa consistia agora em deter todos os nômades que tentassem entrar na cidade, pondo-os de quarentena antes de se ter a certeza de que não estavam contaminados. Um dia, quando voltavam das

barracas de isolamento, Tulloch, revoltado, perguntou-lhe:

- O Inferno será pior do que isto?

Atordado pela fadiga que o fazia andar penosamente, Francis respondeu com calma:

- O Inferno é ter perdido a esperança.

Ninguém poderia dizer quando a epidemia declinou. Impossível foi determinar o seu apogeu nem o começo da curva descendente. Apenas a morte não corria desvairada pelas ruas.

Os mais horrorosos tugúrios tinham-se tornado em cinzas sob a neve. As vagas de povo provenientes das províncias do Norte haviam enfraquecido. Dir-se-ia que a grande nuvem negra que por tanto tempo pairara sobre eles começava a afastar-se vagarosamente na direção do sul.

Tulloch resumiu os seus sentimentos numa frase vaga e cínica:

- Só o teu Deus o sabe, Francis, se nós fizemos realmente alguma coisa... Creio...

Interrompeu-se, feroz e exausto de forças:

:- Há menos doentes agora para entrar no hospital, Francis.

Vamos descansar um pouco antes que eu dê em doido.

Naquela noite os dois concederam-se alguns momentos para repousar e dirigiram-se à missão, a fim de passar a noite na cama do padre. O relógio marcava dez horas e poucas estrelas brilhavam na abóbada escura do céu. O médico deteve-se no cume da subida da colina, que escalara com certa dificuldade, e contemplou a suave silhueta da missão como que iluminada pelos reflexos da brancura do solo, e exclamou com inesperada tranqüilidade:

- Não resta a menor dúvida de que erigiste aqui um retiro agradável, Francis. E não me espanto que lutes como um desesperado para o conservar. Bem... Se de fato contribuí alguma coisa para isso sinto-me verdadeiramente satisfeito.

Com ar trocista acrescentou:

- Não deve ser desagradável viver aqui, na companhia de uma mulher da força da madre Verônica.

O padre conhecia muito bem o seu amigo para sentir-se melindrado com aquela observação, mas replicou com um sorriso constrangido:

- Creio justamente que ela não acha agradável a minha companhia...

- Não?

- Deves ter notado que ela me detesta.

Calaram-se. Tulloch fitava Francis com um olhar estranho:

- Uma das tuas características mais simpáticas, santo homem, é a tua modéstia exagerada.

Recomeçou a andar.

- Oxalá que lá em casa haja qualquer coisa que se beba para nos reconfortar. Não deixa de ser consolador o fato de se haver lutado desesperadamente contra um inimigo e de o vencer. Sentimo-nos acima do nível normal do bruto. Mas, por favor, não te vás aproveitar das minhas palavras para tentar provar-me que a alma existe!

Momentos depois, sentado no quarto de Francis, Tulloch falava da sua casa e dos seus. Assim passaram grande parte da noite. Tulloch acabou por trocar da sua própria profissão.

Nada havia realizado, nada tinha conseguido, exceto um amor pelo whisky. Agora, entretanto, na idade madura, havia-se tornado sentimental, sentia que falhara, renegava aquele amor sem limites à liberdade e estava disposto, ao voltar para casa, a constituir um lar. Desculpava-se com um sorriso confuso.

- Meu pai quer que lhe suceda na clínica. Deseja ardentemente ver-se rodeado de uma revoada de netinhos. Meu velho, ele está sempre a lembrar-se de

ti... de ti, Francis, a quem continua a chamar o seu Voltaire católico...

Evocava ainda com indisfarçável ternura a sua irmã Jeanne, já casada e confortavelmente instalada em Tynecastle. Depois, bruscamente, desviando o olhar de Francis:

- Levou muito tempo a resolver-se a admitir sem reação o celibato clerical...

Entretanto, não falou de Judy; guardou um silêncio suspeito, preferindo ocupar-se largamente de Polly, que tinha encontrado, sempre sólida, seis meses antes, em Tynecastle.

- Que mulher! Olha que talvez ela um dia te faça uma surpresa. Polly teve sempre e tem ainda um coração e uma alma a toda a prova.

Acabaram adormecendo sobre as cadeiras.

No fim da semana os sinais de que a epidemia decrescia eram ainda mais evidentes. As carroças fúnebres só muito raramente faziam a sua aparição, os corvos haviam deixado de descer sobre a cidade e a neve cessara completamente de cair.

No sábado seguinte o padre Chisholm assomou à janela de sua casa, na missão, e aspirava deliciado o ar frio tomado de uma profunda e piedosa gratidão. Do seu posto de observação podia perfeitamente divisar as crianças, que brincavam descuidadas, atrás

da barreira de caulino. Sentia o alívio de uma pessoa que vê raiar a madrugada depois de uma noite cheia de pesadelos.

Subitamente apercebeu a silhueta de um soldado que se destacava, sombria, sobre o chão embranquecido pela neve, e que corria a toda a pressa na direção da missão. A princípio julgou tratar-se de um dos homens do tenente. Depois, com imensa surpresa, compreendeu que era o tenente Shon em pessoa.

Era a primeira vez que o jovem oficial o visitava. Havia uma ansiedade nos olhos de Francis quando desceu as escadas para ir ao seu encontro. Ao chegar ao último degrau a expressão no rosto de Shon fez com que ele não pudesse sequer articular as palavras de boas-vindas com que desejava saudá-lo.

O oficial estava pálido, trêmulo, possuído de uma aflição mortal. Algumas gotas de suor que lhe molhavam a testa denunciavam a precipitação com que viera, assim como o dólman, meio desabotoado, negligência quase inacreditável numa pessoa tão meticulosa. O tenente não perdeu tempo:

- Por favor, venha imediatamente. O seu amigo, o doutor, está doente.

Francis sentiu um forte arrepio de frio invadi-lo, como um choque de um ducha gelado. Olhou para

Shon e um momento que lhe pareceu muito longo decorreu antes que pudesse articular:

- Tem trabalhado de mais. Deve estar esgotado.

Os olhos negros de Shon cintilaram quase imperceptivelmente:

- Sim, ele está esgotado...

Outra pausa, e subitamente Francis sentiu que o caso era desesperado. Pálido, seguiu imediatamente ao lado do tenente.

Não pronunciaram palavra durante metade do caminho.

Depois Shon começou a contar, com concisão militar, sem respeito pelos sentimentos, como as coisas se tinham passado.

O doutor Tulloch entrara fatigado e quisera tomar qualquer coisa alcoólica. No momento em que enchia o copo a tosse havia-o surpreendido e sacudira-o inesperadamente, obrigando-o a apoiar-se na mesinha de bambu. O seu rosto tornara-se imediatamente cor de cinza e uma espuma branca aparecera-lhe nos lábios. Madre Verônica precipitara-se para o amparar, mas antes de se abandonar, murmurara com um sorriso débil e vacilante:

- É talvez a altura de chamar o padre...

Quando atingiram o hospital caía um denso nevoeiro. Era como se uma nuvem espessa tivesse

tombado sobre os telhados já carregados de neve. Entraram apressadamente. Tulloch repousava num quarto pequeno, estendido na sua cama de campanha, coberto com uma colcha de seda vermelha. O colorido violento da coberta fazia realçar mais ainda a sua tez horripelantemente pálida, lançando um reflexo lívido sobre o seu rosto. Consternado, Francis reconheceu os terríveis progressos do mal. Willie estava quase irreconhecível. A febre encarquilhara-o subitamente como se o minasse há semanas. Tinha a língua e os lábios inchados; os olhos, já vítreos, injetados de sangue. Ajoelhada ao lado do doente estava madre Verônica, colocando-lhe compressas de neve sobre a fronte. Procurava manter-se impassível, dominando todo e qualquer sinal de comoção. Ergueu-se no momento em que Francis e o tenente penetraram no quarto. Não pronunciou, no entanto, uma palavra. Francis dirigiu-se à cabeceira do enfermo. A angústia esmagava-o. A morte tornara-se-lhe uma companheira familiar no decurso de todas aquelas semanas. Agora, porém, apercebia-se da sombra da morte sobre o rosto do amigo e uma dor nova e lancinante apoderava-se dele. Tulloch estava ainda lícido e no seu olhar brilhava uma luz de plena compreensão das coisas. - Eu procurava aventuras... - murmurou, tentando sorrir. - Creio que encontrei a

maior. Um sorriso como uma careta apareceu nos seus lábios; depois cerrou os olhos, como se deixasse escapar um pensamento íntimo: - Meu velho, sinto-me fraco como um frango... Francis sentou-se junto do leito. Shon e madre Verônica ficaram no fundo do quarto. Aquela tremenda expectativa era simplesmente exasperante. A sensação da espera, angustiosa, tornava-se cada vez mais estranha, era como uma intrusão odiosa em qualquer drama secreto. - Estás bem deitado?

- Podia estar pior. Dá-me um golo desse whisky japonês. Isso ajudar-me-á. Meu querido amigo, morrer assim é tão banal! A conclusão clássica de uma novela. E eu que detestava isso! Depois de Francis o fazer ingerir um golo de álcool, cerrou os olhos e pareceu repousar. Mas não tardou que se apossasse dele o delírio.

«Mais um copo, rapaz... Isto faz bem! Tenho bebido como um danado naquelas tascas de Tynecastle. Mas agora eis-me a caminho do meu velho e querido Barrow. "Nas margens da ribeira quando as doces primaveras passam..." Lembras-te desta canção. Francis? É uma das que mais gosto. Canta-a, Jeanne! Vamos, canta-a alto, mais alto..." Não consigo ouvi-la nesta escuridão."

Francis cerrava os dentes, procurando conter os soluços que lhe subiam do peito.

«Muito bem, reverendo. Vou ficar calmo para poupar as forças. É estranho este caso. Enfim, todos nós teremos um dia que passar por isto.» Murmurou indistintamente e mergulhou outra vez em plena inconsciência.

O padre ajoelhou-se ao seu lado e começou a rezar. Pedia ao Céu que o inspirasse e o ajudasse, mas sentia-se absolutamente atordado, mergulhado numa espécie de estupor. A cidade, lá fora, estava imersa, num silêncio sepulcral. O crepúsculo invadiu o quarto. Madre Verônica ergueu-se para acender a lâmpada e em seguida voltou para o seu canto, silenciosa, mexendo os lábios e correndo os dedos ininterruptamente pelas contas do rosário a coberto do seu hábito.

O estado de Tulloch agravava-se. A língua estava negra.

A garganta inchara a tal ponto que as ânsias de vômito tornavam-se-lhe torturas inenarráveis. Subitamente pareceu recuperar a razão. Abriu os olhos.

- Que horas são? - perguntou em voz rouca. - Quase cinco?... Em nossa casa é a hora do chá.

Lembras-te, Francis, do grupo que formávamos em redor da mesa?

Fez uma pausa curta e em seguida, exclamou:

- Escreverás a meu pai e dir-lhe-ás que o filho nunca fraquejou e que nem assim acredita em Deus!

E que importava agora? Que dizia ele? Francis chorava, e na humilhação de mostrar a sua fraqueza, as palavras saíam-lhe da boca ao acaso, cegamente.

Ouviu-se a si próprio:

- Mas Deus acredita em ti!

- Não te iludas, Francis. Eu não me arrependo.

- Todo o sofrimento humano é um ato de contrição.

O silêncio restabeleceu-se. Francis nada mais disse. Tulloch ergueu a mão com certa dificuldade e deixou-a cair sobre o braço de Francis.

- Meu velho, nunca me foste tão caro como agora. Agradeço-te não me quereres salvar a alma à força. Tu compreendes...

- As suas pálpebras descaíram, fatigadas. - Estou com uma dor de cabeça tão forte!

A voz extinguiu-se. Tulloch estava estendido de costas, esgotado, respirando com dificuldade, os olhos nublados fixos no teto. A garganta fechara-se quase o impossibilitando de respirar. Não lhe era possível sequer tossir. Era o fim próximo.

Madre Verônica ajoelhara-se diante da janela, de costas para eles, olhando doloridamente para a escuridão. Shon estava de pé junto da cama. O seu rosto permanecia impassível.

Subitamente os olhos de Willie, onde brilhou ainda uma fugaz centelha, voltaram-se para Francis, que compreendeu que o moribundo procurava em vão dizer-lhe qualquer coisa. Ajoelhou-se, passou-lhe a mão sob o pescoço e aproximou o ouvido da sua boca. A princípio nada percebeu. Depois distinguiu as palavras:

«A nossa batalha... Francis.. .Daria mais de seis pence pelo perdão dos meus pecados.» As pupilas enchiam-se de sombras. Abandonou-se a um cansaço imenso.

O padre adivinhou, mais que ouviu, o seu último suspiro.

O quarto tornou-se subitamente mais silencioso ainda. Abraçado ao corpo do amigo, como uma mãe ao do seu filho, ele começou desesperadamente, numa voz surda e estrangulada, a recitar De Profundis.

«Do fundo do abismo procuro-te a Ti, Senhor! Senhor, ouve a minha voz... "porque contigo está a bondade e a Redenção."

Ergueu-se por fim, cerrou-lhe os olhos e uniu-lhe as mãos inertes.

Ao sair do quarto viu que madre Verônica continuava ajoelhada junto da janela. Depois, como num sonho, voltou-se para o tenente, e, cheio de surpresa, notou que os ombros de Shon se agitavam convulsivamente.

A epidemia extinguiu-se mas uma pesada apatia dominava toda a região. As plantações de arroz não eram mais que lagos gelados. Os poucos camponeses que tinham permanecido nas suas terras não as podiam trabalhar nessas condições.

Os habitantes da cidade iam reaparecendo como depois de uma penosa letargia e recomeçavam penosamente a vida quotidiana. Os mercadores e os magistrados ainda não tinham regressado, e dizia-se que numerosas estradas estavam intransitáveis. Ninguém se lembrava de ter vivido época tão trágica. Todos os desfiladeiros estavam bloqueados, e ao longe, nas montanhas Kwang, viam-se penachos de vapor branco provenientes das avalanches ao cair. O rio continuava gelado e o vento fazia turbilhonar uma poeira de neve que cegava.

Lá em baixo, no canal, flutuavam pedaços de gelo que deslizavam e se entrechocavam sob o ponte Manchu. A angústia da fome reinava em todos os lares.

Um único barco se arriscara a subir o rio, para trazer víveres e remédios, da parte da expedição Leighton, bem como um enorme volume de correspondência atrasada. Depois de uma curta estadia, os membros da expedição da qual o doutor Tulloch fizera parte, tinham regressado todos para Nanquim.

No seu correio Francis havia encontrado uma notícia importante.

Quando vinha vagarosamente do extremo do jardim da missão, onde uma cruz de madeira negra marcava o lugar onde jazia o doutor Tulloch, trazia nas mãos uma carta, preocupado com a visita que ela anunciava. Esperava que a sua obra fosse apreciada satisfatoriamente - seguramente a missão era digna do seu orgulho. E se o tempo mudasse, se se tornasse mais clemente e a neve se derretesse dentro de duas semanas...

Ao chegar perto da igreja viu madre Verônica que descia os degraus. Precisava de lhe comunicar a notícia embora temesse as ocasiões em que era forçado a falar-lhe e só lhe dirigisse a palavra quando se tornava absolutamente necessário.

- Madre reverendíssima: o cônego Mealey, o administrador provincial da nossa Sociedade das Missões Estrangeiras, está em viagem de inspeção às

missões chinesas. Há cinco semanas que partiu e chegará dentro de um mês pouco mais ou menos.

Fez uma pausa.

-- Pensei que devia preveni-la... para o caso de ter alguma reclamação a fazer...

Toda agasalhada para proteger-se do frio, madre Verônica ergueu o seu rosto impenetrável, semi-velado pela respiração, que gelava à sua volta. No entanto teve de reprimir um sobressalto.

Encontrava-o tão poucas vezes que, assim, próximo dela, madre Verônica ficou espantada com a mudança que nele se operara. Estava mais magro, desfeito pela fadiga, os ossos do rosto salientes, as faces encovadas. Apenas os olhos pareciam maiores e estranhamente brilhantes.

Um impulso cruel apoderou-se dela.

- Não tenho senão um pedido a fazer-lhe.

Ela falava instintivamente. A surpresa da notícia havia feito vir à superfície um pensamento latente no seu subconsciente.

- Pedir-lhe a minha transferência para outra missão.

Houve outra pausa, mais longa. Embora o que se passava não fosse propriamente surpresa para ele, sentia-se repentinamente desolado, vencido. Suspirou:

- Sente-se infeliz entre nós?

- Não se trata de felicidade. Como já lhe declarei, ao aceitar a vida religiosa decidi conformar-me com tudo que se me deparasse.

- Menos para suportar a presença de pessoas que lhe são intoleráveis?

A revolta do seu orgulho fez-lhe subir a cor ao rosto. O impulso que a forçara a falar continuava a empolgá-la:

- O senhor está inteiramente enganado. Não se trata disso, mas de qualquer coisa mais grave... que toca o domínio do espiritual.

- Espiritual? Não poderia explicar-se?

- Eu sinto... - (ela arquejava) - sinto que me perturba.

...na minha vida interior... na minha fé.

- Sim, se é assim, é de fato coisa para considerar.

E fixou a vista na carta que amarfanhava entre os dedos ossudos.

- Isso penaliza-me... Então, compreendo, custalhe a fazer-me a confissão, mas talvez exista um mal-entendido. A que espécie de fato se refere?

- Supõe que eu possa ter preparado uma lista?

Apesar do seu sangue-frio, sentia a agitação apoderar-se dela.

- As suas idéias... Por exemplo, a sua atitude no momento em que o doutor Tulloch agonizava... E também mais tarde, depois da sua morte.

- Por favor, continue.

- Ele era um ateu, e no entanto prometeu-lhe a vida eterna...

na qual ele não acreditava.

Francis protestou vivamente:

- Deus não nos julga pelas nossas crenças, e sim pelos nossos atos.

- Ele não era católico e nem mesmo cristão.

- Como define um cristão? Aquele que vai à igreja um dia por semana e mente, calunia e engana o próximo durante os outros dias?

Sorriu brandamente:

- A vida do doutor Tulloch foi bem diferente. Morreu auxiliando os seus semelhantes, como um bom e verdadeiro cristão.

Madre Verônica repetiu obstinadamente:

- Ele era um livre-pensador.

- Minha filha, Nosso Senhor também foi considerado no seu tempo um livre-pensador revolucionário. E por isso o mataram.

Ela estava pálida e incapaz de se conter.

- Semelhante comparação é intolerável... blasfematória!

- Supõe isso? Cristo era um homem tolerante... e humilde!

Uma nova onda de rubor inundou-lhe as faces. Prosseguiu, com crescente exaltação:

- E estabeleceu leis às quais o vosso doutor Tulloch nunca obedeceu. Sabe bem a que me refiro. E no fim, quando ele já estava inconsciente, nos seus últimos momentos, o senhor não lhe ministrou a extrema-unção!

- É verdade, não o fiz. Talvez tivesse procedido mal.

E calou-se, mergulhado em amargas reflexões, desanimado.

Subitamente, pareceu menos oprimido:

- Mas estou convencido de que Deus lhe perdoou da mesma maneira.

E acrescentou com simplicidade tocante:

- Não gostava dele também?

Ela baixou os olhos, hesitante, e por fim murmurou:

- Sim... como poderia ter sido de outro modo?

- Nesse caso não façamos da sua memória um motivo para discussões. Há uma coisa de que não nos devemos esquecer e que Cristo nos ensinou. A igreja também nos ensina... embora seja difícil acreditar, pelo que vemos todos os dias: ninguém está perdido

quando procede de boa fé. Ninguém. Nem budista, maometano, taoísta ou mesmo o mais negro dos canibais que tenha devorado um missionário. Se eles procedem com sinceridade, dentro das suas crenças, serão salvos.

Tal é a imensa misericórdia divina. Sendo assim, por que razão não lhe agradará a presença de um agnóstico no dia do julgamento final, ao qual lhe dirá, com um pouco de malícia:

«E então? Vês-me, eis-me aqui, apesar de não acreditares em mim. "Entra no meu Reino, do qual tu negavas a existência."»

Francis ia sorrir, mas ao notar a expressão de espanto no rosto da religiosa suspirou e abanou a cabeça.

- Deploro o sentimento de que está possuída. Sei que tenho um carácter difícil e talvez a minha fé tenha uma expressão um pouco estranha. Mas a sua presença aqui tem correspondido a uma obra magnífica. Tem trabalhado admiravelmente.

As crianças adoram-na. E durante a epidemia...

Deteve-se por um momento, comovido.

- É verdade que não nos compreendemos muito bem. Mas a missão será grandemente prejudicada se nos abandonar.

Lançou-lhe um ar suplicante cheio de uma humildade desesperada, e, como madre Verônica se mantivesse silenciosa, afastou-se.

Ela seguiu para o refeitório, onde costumava assistir à refeição das crianças. Mais tarde, no seu quarto, de um lado para outro, foi presa de uma grande agitação. Subitamente, com um gesto de desespero, sentou-se a fim de completar um trecho da carta que estivera a escrever ao irmão distante e em que anotava em forma resumida as suas emoções, mágoas e alegrias. Com a caneta na mão, sentia-se mais calma.

O simples propósito de escrever a tranqüilizara.

Acabo de dizer-lhe que desejo ser transferida. Fui impulsionada para isso inesperadamente, como uma explosão, e senti que o dizia como se fosse uma ameaça, fiquei surpreendida ao ouvir as minhas próprias palavras. Soltaram-se-me dos lábios irresistivelmente. Era o momento por que ansiava, que tanto esperava, e quando se me apresentou não pude deixar de o aproveitar. Eu desejava magoá-lo, feri-lo. Consegui-o, querido Ernst, mas nem por isso agora me sinto mais feliz.

Depois de um instante de triunfo, quando vi o desapontamento e a palidez de seu rosto, senti-me ainda mais inquieta e contrariada. O meu olhar perde-

se nesta imensidade desolada e cinzenta, tão diferente da adorável paisagem da nossa terra, com a sua luz dourada, os seus chalés pontiagudos carregados de neve, os jardins álacres, o ar perfumado, e sinto uma irreprimível vontade de chorar. É como se o meu coração rebentasse subitamente.

É o seu silêncio que me vence. Ele possui a qualidade irritante de suportar tudo estoicamente, de combater com sinceridade, mas sem murmurar uma só queixa. Já te descrevi todo o seu devotamento durante a epidemia quando circulava por entre a multidão de doentes tão repulsivos, com o risco de uma morte horrível, com tanta naturalidade como se caminhasse na rua principal da sua aldeia escocesa. Creio que não foi tanto a coragem mas a simplicidade com que procedia que o tornou aos meus olhos incrivelmente heróico. Quando o seu amigo médico morreu tomou-o nos braços sem sequer se lembrar do perigo do contágio, sem se importar com as inúmeras partículas de sangue carregadas de micróbios que o atingiram no rosto quando do último acesso de tosse. E se visses a expressão do seu rosto, a piedade que revelava e a sua total renúncia! Tudo isso me trespassou o coração. Só o meu grande orgulho impediu que chorasse na sua presença.

Depois exasperei-me, Ernst, eu estava enganada - que tremenda confissão para a tua obstinada irmã - quando te escrevi dizendo que o desprezava. Eu não o posso desprezar.

Pelo contrário, sinto que me desprezo a mim mesma. Mas detesto-o.

Eu não quero, nunca consentirei por qualquer preço que me vença com aquela sua pungente simplicidade.

As outras duas religiosas estão totalmente conquistadas.

Adoram-no. E isso é mais uma mortificação que terei de suportar. Marta, a saudável camponesa, que tem mãos calosas e é pouco inteligente, com um coração simples, está pronta a amar qualquer sotaina. Mas Clotilde, tímida, sempre ruborizada, esta criatura doce e sensível tornou-se-lhe de uma devoção a toda a prova. Durante a sua quarentena forçada fez para ele um edredão acolchoado, confortável e verdadeiramente magnífico. Entregou-o a José, pedindo-lhe que o colocasse na cama do seu amo. E ela é por tal forma pudica que mal se atreveu a murmurar a palavra cama. José retorquiou-lhe:

«Sinto muito, senhora, mas ele não tem cama.»

Pelo que parece ele dorme sobre o soalho, sem outra cobertura que um sobretudo verde de idade

venerável, já sem mangas e necessitado de toda a sorte de arranjos. José afirma que ele declara com muito orgulho possuir aquele sobretudo desde o tempo em que era estudante em Holywell.

Marta e Clotilde, preocupadas, fizeram um inquérito acerca da sua alimentação e chegaram muito nervosamente à conclusão de que ele quase se não alimenta. Confessaram-me, espantadas, o que de resto eu já sabia, que ele não come outra coisa que não seja pão negro e batatas com molho de soja.

José tem ordem de cozer as batatas e colocá-las num cestinho.

«Ele come-as quando tem fome regando-as com o molho de soja. Algumas já têm bolor quando as come», confessou-me Clotilde, assombrada.

«É horrível, não é?», respondi-lhe. «Mas uma pessoa cujo estômago não foi habituado a boa comida não sofre tanto como outra que sempre comeu bem.» «Sim, reverenda madre», respondeu-me Clotilde corando, e afastou-se.

Ela fazia alegremente penitência durante uma semana para ter o prazer de vê-lo comer uma boa refeição quente.

Oh, Ernst, sabes perfeitamente que detesto essa espécie de freiras que levantam os olhos ao Céu e ficam em êxtase diante de um padre. Nunca, nunca

me humilharia a tal ponto. Foi um voto que fiz em Coblença, quando tomei o véu... voto que renovei em Liverpool, e esse voto será mantido por mim até mesmo em Pai Tan. Mas, Ernst, esse molho de soja! Podes imaginar o que é: um líquido espesso, avermelhado, que sabe a água podre e a madeira macerada.

Levantou a cabeça ao ouvir um ruído insólito, mas logo voltou acarta:

Ernst, é incrível está a chover.

Deixou de escrever, incapaz de continuar, pousou a caneta, e, com olhos sombrios e desconfiados, pôs-se a contemplar a chuva inesperada que batia nas vidraças como grossas lágrimas.

Quinze dias mais tarde a chuva continuava a cair. O céu, cada vez mais opaco, era uma grande mancha escura de onde desabava um dilúvio incessante. Grandes gotas, pesadas, escavavam a crosta de lama gelada. A neve parecia eterna. Em grandes pedaços precipitava-se do telhado da igreja e ia esmigalhar-se, provocando repuxos, na neve já amolecida do jardim. Regatos de chuva corriam através da neve já meio fundida e produziam fendas e originavam mil delgados filetes de água que iam desaguar, carregados de pedaços de gelo, nos grandes poços.

Toda a missão não era mais que um vasto pântano.

O primeiro montículo de terra surgiu como um novo monte Ararat. Pouco a pouco outros pedaços de terra foram aparecendo para formar uma paisagem de erva amarelecida logo absorvida pela inundação. E a chuva continuava. O telhado da missão começou a deixar entrar água e as goteiras multiplicaram-se.

A água dos algerozes caía em catadupas. As crianças, pálidas e transidas, conservavam-se na sala de aula, onde irmã Marta havia colocado baldes para recolher a água que caía do teto. E a irmã Clotilde, toda enroupada devido a um violento resfriamento, dava as suas lições abrigada pelo guarda-chuva de madre Verônica.

A delgada camada de terra do jardim não podia resistir à ação combinada do degelo e da chuva. Começou a ser arrastada para a base da colina em regatos amarelados onde flutuavam ramos de loureiro-rosa arrancados. As pequenas carpas do lago debatiam-se levadas na torrente. As árvores iam sendo, pouco a pouco, arrancadas. Foi um dia triste aquele em que os verdes carvalhos e as catalpas oscilaram lentamente nas suas raízes a descoberto, que mexiam como pálidos tentáculos, até que tombaram. Não tardou muito que as amoreiras

plantadas há pouco tempo também sucumbissem e logo depois toda uma linda área de ameixeiras quase a florir. Nesse mesmo dia o muro também se desmoronou. Apenas na desolação daquele mar de lama os cedros mais vigorosos resistiam ainda.

Na véspera da chegada do cônego Mealey, quando se dirigia ao pavilhão das crianças para proceder à bênção, Francis mal podia suportar a visão daquela derrocada. Voltando-se para Fu, o jardineiro, que caminhava ao seu lado, disse:

- Eu desejei o degelo. Para me punir, o bom Deus mandou-me uma catástrofe.

Mas Fu era apenas jardineiro e não se sentia confortado com aquelas demonstrações da vontade de Deus.

- O grande Shang-Foo que chega amanhã não deve fazer bom juízo de nós. Ah, se ele tivesse visto os nossos lírios em flor na Primavera passada!

- Sejam corajosos, Fu. Os estragos não são irreparáveis.

- Todas as minhas plantações ficaram destroçadas - gemeu Fu. - Terei de recomeçar tudo outra vez...

- A vida é assim. É preciso sempre recomeçar quando tudo está perdido...

Apesar das suas palavras, Francis sentia-se profundamente deprimido quando se dirigiu à igreja. Ajoelhando diante do altar iluminado, parecia-lhe ouvir o rumor subterrâneo de água a correr que se misturava ao coro das vozes infantis que entoavam o *Tantum Ergo*. Mas esse rumor era já um ruído familiar aos seus ouvidos e o seu espírito encontrava-se tão acabrunhado pelo horrível aspecto que a missão apresentaria ao visitante no dia seguinte que considerou aquele ruído como uma espécie de obsessão e procurou não se impressionar com ele.

Quando a cerimônia terminou e José apagou as velas do altar, Francis desceu lentamente a nave branca de cal, onde flutuava uma espécie de vapor úmido. A irmã Marta havia levado as crianças para lhes dar de cear, mas, ajoelhadas diante do altar, estavam ainda a reverenda madre e a irmã Clotilde.

Passou por elas em silêncio, mas bruscamente deteve-se.

O catarro da irmã Clotilde parecia ter-se agravado e madre Verônica tinha os lábios azulados pelo frio. Foi possuído subitamente de uma inesperada convicção de que elas não deveriam permanecer ali. Obedecendo àquele impulso inexplicável, voltou-se e disse-lhes:

- Sinto muito incomodá-las, mas quero fechar agora a igreja.

Houve uma pausa. Aquela intromissão era intempestiva.

Ambas se mostraram surpreendidas, mas ergueram-se obedientemente e precederam-no na direção do pórtico. Fechou a porta no ferrolho e seguiu-as na penumbra gotejante.

Um momento depois ouviu-se um fragor extraordinário.

Era como que um trovão subterrâneo. A irmã Clotilde soltou um grito agudo e Francis, voltando-se, pôde ver ainda todo o corpo do edifício da igreja mover-se na penumbra. Luzia, molhada, nos últimos reflexos do crepúsculo. De horror, o seu coração quase deixou de bater. Com um rumor mais forte, as paredes fenderam-se. Um dos lados afundou-se, a torre abateu e todo o resto foi uma horrível visão de vidros que se estilhaçam e vigas que se desfazem. Da sua querida igreja, da igreja que ele tanto amava, só ali restava um montão de ruínas.

Petrificado um momento pelo choque, precipitou-se depois para as ruínas. O altar não era mais que um monte de lenha, o tabernáculo ficara esmagado sob o peso de uma viga. A preciosa relíquia, a casula do padre Ribeiro, que lhe fora

oferecida, jazia em farrapos. De cabeça descoberta sob a forte chuva que caía agora, ali permaneceu, perplexo, ouvindo as lamentações da irmã Marta.

- Mas, Senhor, Senhor! Que mais nos poderá acontecer ainda? - gemia a religiosa torcendo as mãos.
- Que calamidade maior nos poderá ainda atingir?

Francis murmurou então, procurando desesperadamente lutar contra o desmoronamento da sua própria fé:

- Dez minutos mais e todos nós teríamos ficado soterrados.

Nada poderia tentar-se. Abandonaram os destroços dispersos à obscuridade e à chuva.

No dia seguinte, às três horas, pontual, o cônego Mealey chegou. Em virtude da enchente do rio, o juncó em que viajara havia sido forçado a ancorar a cinco li de distância de Pai Tan. Não fora possível obter uma cadeirinha. Por muito favor conseguira uma carroça de rodas de madeira, pesada, único veículo usado, desde que irrompera a peste, para o transporte de pessoas. Este meio de transporte era indiscutivelmente um processo de locomoção incompatível com a dignidade de uma personagem de qualidade. Mas não havia outra alternativa. Foi nesse deplorável e primitivo veículo que o cônego,

coberto de lama, com as pernas entorpecidas, conseguiu chegar à missão.

Renunciara-se à modesta recepção cuidadosamente preparada pela irmã Clotilde - um canto de boas-vindas entoado pelas crianças, que ao mesmo tempo agitariam bandeirinhas.

De vigia à sua janela, Francis viu aproximar-se o visitante e apressou-se a descer para o cumprimentar e apresentar-lhe as boas-vindas.

- Meu bom padre! - exclamou Mealey, estirando os membros ancilosados e apertando efusivamente as mãos de Francis entre as suas. - Este é o dia mais feliz de há meses para cá! Vejo-o enfim! É realmente extraordinário! Lembra-se de que lhe disse um dia que ainda havia de conhecer o Oriente?

Pois bem, aqui estou. Em razão do interesse despertado em todo o mundo pelos sofrimentos desta desgraçada China não podia demorar-me a tornar a velha aspiração... em realidade...

Calou-se bruscamente, espantado, contemplando a cena de desolação por cima do ombro de Francis.

- Mas... não compreendo. Onde está a igreja?

- Eis tudo o que dela resta.

- Estes escombros? Não é possível. De acordo com as suas informações, esperava encontrar aqui um excelente estabelecimento...

- Temos sido atingidos por algumas desgraças...

- retorquiu Francis serenamente.

- Mas é de fato incompreensível...
desconcertante mesmo!

Francis procurou sorrir hospitaleiramente:

- Vá tomar um bom banho quente e mudar de roupa, depois contar-lhe-ei minuciosamente tudo o que tem sucedido por aqui.

Uma hora mais tarde, avermelhado em virtude do banho quente, o cônego Anselmo Mealey reapareceu, com uma impecável batina de tussor vestida, e sentou-se à mesa para tomar uma refeição quente.

- Devo confessar-lhe que foi o maior desapontamento de minha vida... vir aqui... aos confins da China... e encontrar a igreja neste estado.

Levou uma colherada de sopa à boca de lábios grossos.

Havia engordado no decurso dos últimos anos. Era agora mais volumoso, mas conservava a mesma pele acetinada e os mesmos olhos claros e voluntariosos.

- Francis - prosseguiu - eu regozijava-me de antemão por rezar uma missa aqui, na sua igreja. E justamente acontece isto! Grossa negligência teria havido na construção dos alicerces!

- A verdade é que não sei como chegaram a ser construídos...

- Tolice! Teve tempo de sobra para se instalar. E agora, que direi quando voltar para a nossa terra?

Um sorriso amargo apareceu nos seus lábios.

- Prometi fazer uma conferência na sede da Sociedade das Missões Estrangeiras, em Londres. O título dessa conferência seria: "Santo André ou Deus no Coração da China."

Trouxe a minha máquina Zeiss para tirar algumas fotografias a fim de a ilustrar com projeções. E agora... estou, ou melhor, estamos numa situação muito desagradável...

Houve um silêncio.

-- É claro que compreendo que tem sofrido dissabores e contratempos - reatou Mealey com um tom em que se misturava irritação e simpatia. - Mas quem os não tem? Também nós temos tido os nossos, principalmente agora, que estamos divididos em dois partidos, depois da morte do bispo MacNabb!

Francis encolheu-se sobre o golpe.

- Morreu o bispo?

- Sim, sim, o bom velho extinguiu-se por fim. Levou-o uma pneumonia, em Março passado. De resto já não estava à altura da sua missão, com o seu espírito estranho, confuso.

A sua morte foi um alívio para nós. O seu coadjutor, o bispo Tarrant, substituiu-o com vantagem. Segue admiravelmente.

Novamente o silêncio voltou a reinar. Francis passou a mão pelos olhos. Mac Nabb desaparecera... Recordações em tumulto o invadiam. Aquele dia da pesca do salmão magnífico no Stinchar, a sua atitude reconfortante por ocasião dos seus momentos de angústia em Holywell, as suas palavras em Tynecastle antes da sua partida: «Continua a lutar, Francis, pela glória de Deus e da nossa querida Escócia.» Anselmo revelava agora uma disposição mais generosa e amigável.

- Bem, creio que temos de enfrentar as circunstâncias adversas.

Agora, que estou aqui, vou fazer o possível por aplanar as vossas dificuldades. Tenho adquirido muita experiência.

Se isso lhe interessa poderei contar-lhe, por exemplo, como consegui levantar financeiramente a Associação. A campanha de propaganda organizada pessoalmente por mim em Londres, Liverpool e

Tynecastle rendeu o melhor de trinta mil libras - e isso não foi mais do que o começo. - Sorriu satisfeito. - Não se deixe abater, meu caro... Não o estou a censurar. Primeiro temos de convidar a reverendíssima madre a acompanhar-nos no nosso almoço de amanhã e teremos os três uma verdadeira conferência. Ela pareceu-me ser uma mulher de valor.

Com grande esforço Francis conseguiu arrancar-se àquelas recordações felizes dos velhos tempos.

- A madre superiora nunca toma as suas refeições fora da casa das religiosas.

- Com toda a certeza nunca a soube convidar - e os olhos de Mealey fixaram Francis com uma piedade jovial. - Pobre Francis, que nunca soube compreender as mulheres!

Ela virá, não se preocupe. Deixe o caso por minha conta, sou eu quem vai ocupar-se disso.

No dia seguinte, de fato, madre Verônica apareceu à hora do almoço. Anselmo estava num dos seus dias de muito bom humor, depois da noite de repouso e de uma manhã inteiramente consagrada à inspeção de todas as ruínas. Sentindo-se ainda bem impressionado com a visita que fizera à sala de aula, acolheu efusivamente madre Verônica, a quem havia deixado cinco minutos antes.

- Sentimo-nos verdadeiramente honrados, reverenda madre...

Um cálice de Xerês? Não? Garanto-lhe que é excelente.

Talvez um pouco viajado de mais, uma vez que o trouxe comigo. Ou muito agitado em virtude dos balanços da viagem. Que quereis? Adquiri esta preciosidade em Espanha!

Sentaram-se à mesa.

- Então, Francis, que vai oferecer-nos hoje? Nada de misteriosos pratos chineses, sopa de ninhos de andorinhas ou purê de rebentos de bambu... Ah, ah, ah! - disse alegremente servindo-se de frango. - No entanto - continuou - estou levemente seduzido pela cozinha oriental. A bordo - tivemos uma viagem turbulenta, seja dito de passagem - durante quatro dias apenas eu e o capitão comparecemos à mesa...

E serviam-nos um prato chinês absolutamente delicioso chow mein.

Madre Verônica levantou os olhos.

- Chow mein? Chamais a isso um prato chinês? Eu suponho que é o nome, dado pelos americanos, à arte chinesa de aproveitar os restos!

Ele fitou-a com a boca cheia.

- Minha querida reverenda madre... Chow mein... Mas... Olhou para Francis a fim de procurar

apoio, mas como este permanecia impassível tomou o partido de rir.

- De qualquer maneira eu comi o meu! E com muito bom apetite! Ah, ah, ah!

Voltando-se para o prato de salada que José acabava de apresentar-lhe, continuou:

- Além da cozinha, o Oriente tem qualquer coisa de extraordinariamente fascinante. Nós, os ocidentais, estamos sempre prontos a considerar os chineses como uma raça inferior.

Pessoalmente estou pronto a apertar a mão de qualquer chinês uma vez que ele acredite em Deus e... em água e sabão...

O padre Chisholm lançou um contrariado olhar rápido a José, cujo rosto se manteve absolutamente inalterável. Apenas as suas narinas tremeram ligeiramente.

- E agora - e Mealey tomou um ar solene - temos de conversar acerca de importantes questões. Quando adolescente, madre reverendíssima, o nosso bom Francis estava sempre a levantar mil dificuldades. Hoje é com verdadeiro prazer que me proponho tirá-lo das suas!

Afinal desta reunião nada de positivo resultou, a não ser o relatório detalhado que o cônego Anselmo apresentou das suas atividades na Inglaterra.

Completamente liberto das preocupações de uma paróquia, tinha-se consagrado inteiramente à obra das missões sabendo que o Papa tinha um particular interesse na propagação da fé e encorajava por todas as formas aqueles que se dispusessem a contribuir para tão santa causa.

Não tardou muito a distinguir-se. Primeiro começara a viagem de cidade em cidade, fazendo sermões de uma eloquência apaixonada. Com a sua incrível habilidade para conquistar relações não perdera uma só oportunidade de conseguir contactos proveitosos. Ao voltar de Manchester ou de Birmingham sentava-se à sua secretária e escrevia dezenas de cartas encantadoras, agradecendo a um o almoço delicioso e a outro um generoso donativo a favor das missões. A sua correspondência tornou-se de tal forma volumosa que foi obrigado a tomar ao seu serviço um secretário.

Bem depressa foi considerado em Londres personagem importante.

A sua estréia no púlpito de Manchester foi positivamente sensacional. As mulheres tinham por ele verdadeira idolatria. A prova disso estava no fato de ter sido admitido na opulenta assembléia das velhas devotas e ricas da catedral que colecionavam nas suas magníficas mansões gatos e padres.

Devia esse prestígio exclusivamente às suas maneiras cordiais. Naquele ano fora eleito membro correspondente do Athenaeum. O enriquecimento súbito e notável dos fundos da Sociedade das Missões Estrangeiras valera-lhe uma carta elogiosa provinda diretamente de Roma.

Elevado à dignidade de cônego, o mais jovem da diocese do Norte, não excitou a inveja de alguém pelo seu sucesso.

Até mesmo os cínicos, que haviam atribuído o mérito da sua rápida ascensão a uma atividade superabundante da glândula tiróide, tiveram de reconhecer a sua extraordinária habilidade para os negócios. As suas maneiras cordiais não o impediam de refletir friamente. Sabia contar e colocar inteligentemente os seus fundos. Em cinco anos conseguira fundar mais duas missões no Japão e um seminário chinês em Pequim. A nova filial da Sociedade das Missões Estrangeiras em Tynecastle era imponente, bem adaptada ao seu fim e inteiramente livre de dívidas.

Em resumo, Anselmo havia triunfado lindamente na vida, e com o apoio do bispo Tarrant tudo indicava que não lhe faltariam oportunidades para desenvolver ainda mais a sua obra admirável.

Dois dias depois da reunião com Francis e madre Verônica a chuva cessou completamente e o sol tornou a brilhar. Mealey rejubilou. Gracejando, disse a Francis:

- Trouxe comigo o bom tempo! Há quem siga a rota do Sol, mas creio que comigo sucede o contrário. É o Sol que me acompanha.

Imediatamente foi buscar a máquina fotográfica e começou a tirar algumas fotografias. Desenvolveu uma atividade trasbordante.

Saltava da cama muito cedo, gritando: «Rapaz, rapaz!

para que José lhe preparasse o banho. Dizia missa na escola. Depois de um succulento almoço, com um capacete colonial na cabeça, saía empunhando uma grossa bengala e a máquina a tiracolo.

Fez numerosas excursões e não poucas vezes meteu no bolso discretamente algumas recordações da peste retiradas das ruínas das casas incendiadas em Pai Tan.

Em cada cena de desolação, Anselmo murmurava reverentemente :

- Bendita seja a mão de Deus!

Não raro parava a uma das portas da cidade, detendo com um gesto o seu companheiro, para dizer dramaticamente:

- Espere! É indispensável que eu fotografe isto. A luz está excelente!

No domingo apareceu muito alegre para o almoço:

- Tive uma idéia. Descobri que de qualquer maneira poderei realizar a minha conferência. Basta que a apresente sob o seguinte título: «Perigos e Dificuldades dos Missionários - A Sua Atividade durante a Peste e a Inundação.» Já hoje tirei uma foto soberba das ruínas da igreja. E que sucesso será a apresentação dela com o título «Deus Mortifica os que Lhe São Caros»! É magnífico, não lhe parece?

Mas na véspera do dia da partida a atitude de Anselmo mudou completamente. Quando se sentou, diante de Francis, depois do jantar, no seu aposento, tinha um ar grave.

- Quero agradecer-lhe a hospitalidade que me concedeu, Francis. Mas preciso também de dizer-lhe que não estou contente consigo. Não sei como irá reconstruir a igreja. A Associação não está em condições de lhe conceder fundos.

- Nem eu pedi coisa alguma - retorquiu Francis, sentindo que a sua paciência estava quase a esgotar-se.

Mealey fitou o companheiro de infância com um olhar duro.

- Pesa-me verificar que não conseguiu uma só conversão de pessoa de destaque. Nem um só rico comerciante, nem um só chinês da classe elevada... Ao menos se o seu amigo o senhor Chia tivesse sido tocado pela graça...

- Mas ele não o foi - respondeu laconicamente Francis.

- Mas isso não o impediu de ser generoso e oferecer uma dádiva magnífica à igreja. Não recorrerei a ele. Não lhe pedirei um só tael.

Anselmo encolheu os ombros, irritado.

- Isso é consigo, evidentemente. Mas devo dizer-lhe com toda a franqueza que estou tremendamente desapontado com os seus fracos resultados. Compare a percentagem da sua missão com as demais. Organizamos um gráfico de todas elas e a sua está no mais baixo nível.

O padre Chisholm cerrou os lábios, olhou com firmeza para a frente, e com ironia redargüiu:

- Suponho que os resultados dos missionários variam consoante a sua capacidade individual.

- E segundo o seu zelo.

Anselmo, susceptível, havia sido tocado.

- E por que razão se obstina na recusa do emprego dos catequistas? É um costume universalmente adaptado. Se tivesse aqui dois ou três

homens a quarenta tael por mês, não estaria nessas condições. Mil batismos renderiam, no mínimo, uns quinhentos dólares chineses!

Francis não respondeu. Pedia a Deus que lhe permitisse dominar os impulsos, que o ajudasse a suportar aquela humilhação como uma punição merecida.

- O Francis não sabe impor-se verdadeiramente - prosseguiu Mealey. - Vive como um mendigo. É indispensável impressionar os nativos. Por exemplo, ter uma cadeirinha, criados, fazer um pouco de exibicionismo...

- Está enganado - respondeu Francis serenamente. - Os chineses detestam toda e qualquer ostentação. Chamam a isso «ti-mien». Os padres que procedem dessa maneira são considerados indignos.

Anselmo corou.

- Com toda a certeza que se refere aos sacerdotes chineses, a essa gente baixa e ignorante...

- Que importa? - redargüiu Francis, com um breve sorriso.

- Muitos desses sacerdotes são homens bons e nobres.

O silêncio que se seguiu pesava de tensão. Anselmo, melindrado, levantou-se e abotoou o casaco com um gesto definitivo.

- Depois disto evidentemente nada mais me resta dizer.

Quero, entretanto, acentuar quanto a sua atitude me desgosta.

Até mesmo madre Verônica se sente constrangida. Desde que cheguei tenho observado quanto ela parece estar em desacordo consigo.

E Anselmo dirigiu-se resolutamente para o seu quarto.

Francis permaneceu longo tempo imerso numa desagradável confusão. A última parte da conversa ferira-o ao vivo. Era evidente que madre Verônica tinha feito o seu pedido de transferência.

Na manhã seguinte o cônego Mealey partiu. Deveria voltar a Nanquim a fim de passar ali uma semana, no vicariato, e depois seguir para Nagasaki, de onde irradiaria para a inspeção das seis missões no Japão. As malas estavam fechadas, uma cadeirinha esperava por ele a fim de o transportar até o juncos; já se havia despedido das religiosas e das crianças.

Agora, com o seu fato de viagem, óculos escuros e o capacete colonial guarnecido com uma gaze verde, trocava as últimas palavras com Francis.

- Bem, Francis - disse ele estendendo-lhe a mão com um sentido de reconciliação -, devemos separar-

nos sem ressentimentos. O dom da palavra não é concedido a todos.

Quero crer que no íntimo, embora exprimindo-se sem diplomacia, você seja uma criatura excelente.

Respirou fundo.

- Estranho, estou ansioso por partir! Suponho que tenho o micróbio das viagens no sangue... Adeus! Au revoir! Auf Wiedersehen! Que Deus os proteja!

E, baixando o véu que o protegia dos mosquitos, entrou na cadeirinha. Gemendo, os coolies vergaram sob o seu peso ao começarem a arrastar a sua imponente carga e partiram.

Ao transpor o portão da missão, Mealey estendeu o braço e agitou graciosamente um lenço branco, despedindo-se mais uma vez.

Ao pôr do Sol, ao fazer a sua ronda habitual, à hora querida entre todas, na qual, na pureza da luz a desaparecer, o mínimo som se repercute ao longe, o padre Chisholm encontrou-se sem dar por isso a meditar junto das ruínas da igreja. Sentado sobre uma das pedras, ali ficou, pensando no seu velho mestre (não sabia porquê, mas sentia-se criança quando se lembrava de Mac, sempre a exortá-lo a que tivesse coragem).

Na realidade sentia-se bastante necessitado dela naquele momento.

Durante aquelas últimas semanas, tão cheias de imprevistos, e, mais ainda, o esforço que despendera para suportar afavelmente o tom superior de Mealey, tudo isso esgotara as suas forças. No entanto era bem possível que Anselmo tivesse razão. Não teria realmente ele fracassado perante Deus e perante os homens? Aquele pouco que conseguira construir fora, mesmo assim, mal edificado. Como iria continuar? O acabrunhamento e o desespero invadiam a sua alma.

Mergulhado nos seus próprios pensamentos, não ouvira um ruído de passos que se aproximavam, e madre Verônica viu-se obrigada a erguer a voz para fazer com que a sua presença fosse notada.

- Não o incomodo?

Francis levantou os olhos e estremeceu de surpresa.

- Não, absolutamente. Como vê, nada estou a fazer...

- e sorriu com desalento.

Calaram-se. Na claridade indecisa do dia que agonizava podia notar-se, no entanto, a palidez do rosto da freira. Francis não podia distinguir o movimento nervoso da cara de madre Verônica, embora compreendesse que ela procurava dominar-se ocultar a agitação interior.

A voz da religiosa soou quase sem timbre:

- Preciso de falar-lhe...

- Pois não...

- Sem dúvida que as minhas palavras parecer-lhe-ão humilhantes, mas vejo-me obrigada a falar-lhe. Eu... eu peço-lhe me perdoe.

As palavras pareciam morrer-lhe na garganta, vacilantes, mas adquiriam subitamente uma violência inesperada e jorraram em catadupa:

- Arrependo-me amargamente e do fundo do coração da minha estúpida conduta para consigo. Desde o primeiro dia a minha atitude tem sido escandalosa, vergonhosa. O demônio do orgulho dominava-me. Sempre fui assim, desde criança, quando atirava com tudo o que me vinha à mão ao rosto da minha governanta. Há semanas que eu sentia a necessidade de lhe confessar o que me ia na alma... de vir à sua presença...

mas o meu orgulho, a minha maldade impediam-mo.

Mas nestes últimos dez dias o meu coração tem sangrado por si. As humilhações que sofreu feriam-me fundo, bem no íntimo.

Não podia suportar a idéia de que tivesse de inclinar a cabeça perante aquele padre grosseiro e egoísta, indigno de lhe tirar os sapatos! Padre...

detesto-me pelo meu procedimento anterior para consigo... Peço-lhe que me perdoe...

me perdoe!

A religiosa ajoelhou-se diante dele com a cabeça entre as mãos e a sua voz sumiu-se entre soluços.

Uma luz verde-pálida orlava a silhueta das montanhas ao longe. Esta luz irreal extinguiu-se rapidamente e a penumbra envolveu-as no seu manto. Pouco depois uma única lágrima rolou ao longo da face de madre Verônica e o padre perguntou-lhe:

- Quer dizer que já não pretende abandonar a missão?

- Não, não! Aqui permanecerei, se o permitir. Nunca encontrei na minha vida alguém a quem tanto deseje servir.

O senhor possui o espírito mais elevado, o mais nobre coração que alguma vez encontrei...

- Não, minha filha, eu não passo de uma criatura humilde e insignificante. Creio que tinha muita razão quando me julgava um homem vulgar...

- Padre, por piedade, poupe-me!

E os soluços recomeçaram, mais violentos.

- A senhora é realmente uma grande senhora e eu um pobre homem. Mas perante Deus ambos somos seus filhos.

Se pudéssemos trabalhar juntos... ajudando-nos mutuamente.

- Ajudar-vos-ei com todas as minhas possibilidades. Uma coisa sei, por exemplo, que posso fazer; escreverei uma carta a meu irmão e ele reconstruirá a igreja. Ele é imensamente rico. Mas também **lhe** peço que me ajude a vencer o meu orgulho!

Houve um silêncio prolongado. Os soluços eram espaçados.

Uma grande doçura enchia agora o coração do padre, Francis pretendeu ajudá-la a levantar-se, mas ela não permitiu.

Então ele ajoelhou-se a seu lado, e, sem rezar, mergulhou o seu olhar na noite pura e serena onde, alguns séculos antes, na sombra de um jardim, um outro homem, pobre e simples, que talvez os visse, estivera também ajoelhado.

Naquela manhã de sol de 1912 o padre Chisholm estava ocupado em separar o mel da cera da sua colheita anual na sua oficina, uma casinha em estilo bávaro que ficava situada no extremo da horta. Estava apetrechada com um torno de pedal e as mais variadas ferramentas e constituía uma permanente fonte de alegria para ele desde o dia em que madre Verônica, solenemente, lhe fizera a entrega da chave.

No momento toda a oficina estava docemente impregnada do aroma do mel derretido. Um grande cântaro de mel estava no chão e sobre uma bancada uma panela de cobre continha a colheita de cera, com a qual, no dia seguinte, fabricaria as suas velas.

E que velas! Nem mesmo na basílica de S. Pedro elas seriam assim tão lindas, com um arder tão regular e tão perfumadas!

Com um suspiro de alegria limpou a fronte. As suas unhas curtas estavam também manchadas de cera. Em seguida pegou no cântaro de mel, fechou a porta e atravessou o jardim a caminho da missão. Sentia-se feliz. Era bom acordar cedo ouvindo os pássaros cantar nos beirais, sentir o fresco da madrugada, a erva ainda úmida de orvalho. Pensava que nenhuma felicidade no mundo igualava a de que se sentia possuído quando trabalhava. Levava uma vida simples, muito próxima da terra, que nunca lhe parecera distante do Céu.

O povo já não se lembrava da peste, da fome e das inundações.

A província prosperava, as pessoas labutavam em paz.

Naqueles cinco anos decorridos desde a reconstrução da igreja, graças à generosidade do conde Ernst Von Hohenlohe, a missão florescera. A

nova igreja era muito maior que a primeira, solidamente construída segundo o estilo monástico que a rainha Margarida havia adotado na Escócia há séculos. De linhas clássicas e severas, com a sua torre sineira muito simples e o corpo lateral suportado por arcos singelos, tornara-se-lhe tão familiar que Francis chegara ao ponto de preferir a sua simplicidade ao estilo mais elegante da anterior. Além disso era agora de uma solidez a toda a prova.

A escola também fora ampliada e um novo asilo tinha sido construído, a fim de abrigar as crianças. Haviam também adquirido mais dois campos com bastante água para instalar uma granja-modelo, com aviário e pocilgas, que Marta se empenhava em explorar, metida em tamancos, o hábito preso a fim de não lhe estorvar os movimentos, distribuindo mancheias de milho e chamando alegremente as aves na sua língua nativa.

Agora a congregação compunha-se de duzentas almas fiéis e ninguém fora constrangido a ajoelhar-se diante do altar. O orfanato, cuja população tinha triplicado, começava a pagar os seus cuidados pacientes. As raparigas de mais idade ajudavam as irmãs a cuidar das mais pequenas; algumas eram já noviças, enquanto outras se preparavam para o deixar e enfrentar o mundo. Pelo Natal efetuara-se o

casamento da mais velha, de dezenove anos, que desposara um camponês da aldeia de Liu. No decorrer da sua recente visita pastoral a Liu, da qual havia regressado na semana anterior, a jovem desposada, com uma pudica confusão, confessara-lhe que o padre teria de voltar em breve para celebrar mais um batismo.

Carregando de lado o pesado cântaro de mel, sentia dores nas articulações causadas pelo reumatismo, mas prestava atenção ao jasmineiro, cujas flores lhe roçavam o rosto. O jardim estava tão lindo como ele nunca ousara sonhar. E também isso era obra da madre Verônica. Ele nunca tivera jeito para a jardinagem. Mas madre Verônica parecia possuir um dom especial para fazer com que as flores desabrochassem.

As sementes e os bolbos que tinha mandado vir da Alemanha, e que haviam chegado em saquinhos cuidadosamente embrulhados, ali estavam agora transformados em plantas e flores.

E não se cansava de escrever para casas da especialidade de Nanquim, de Cantão e de outros lugares encomendando estacas e sementes, encomendas sempre satisfeitas acompanhadas de cartas de estímulo.

Não tinha limites o reconhecimento do padre pela criadora de tanta beleza que o rodeava neste santuário batido pelo sol, inebriante de cantos e murmúrios.

A sua camaradagem de agora assemelhava-se um pouco àquele precioso jardim. À tarde, no decorrer do seu passeio habitual, costumava encontrá-la com as mãos, protegidas por luvas, colhendo petúnias, tratando das clematites ou regando as azáleas douradas. Era neste quadro que trocavam impressões sobre os assuntos da missão. Por vezes não trocavam palavra e quando os pirilampos começavam a acender as suas pequeninas luzes separavam-se em silêncio.

Ao aproximar-se da porta superior Francis divisou as crianças que marchavam duas a duas pelo pátio. Era a hora de jantar.

Sorriu-se e apressou-se. Encontrou-as já sentadas à longa mesa do anexo novo do dormitório, metidas nos seus aventais azuis, os rostos amarelos, brilhantes, atentos, vigiadas por madre Verônica num dos extremos da mesa e por Clotilde no outro, enquanto que Marta, ajudada pelas noviças chinesas, ia distribuindo o arroz cozido pelas pequeninas tigelas, também azuis. Ana, a criança encontrada por ele na neve, era agora uma linda rapariga, e ali estava,

distribuindo as tigelas com a sua expressão habitual grave e reservada.

Ergueu-se um verdadeiro clamor no momento em que entrou no refeitório. O padre Chisholm ergueu os olhos para madre Verônica como que a pedir desculpa por aquela quebra de disciplina, e colocou triunfalmente o cântaro de mel sobre a mesa.

- Terão hoje mel fresco! Mas não estou contente porque sei que ninguém aqui gosta dele,... Ergueu-se imediatamente um coro juvenil de protestos. Reprimindo um sorriso, Francis dirigiu-se ao mais novo, um solene mandarim de três anos que com o risco de engolir a colher procurava erguer-se o mais possível no seu banquinho.

- Não posso acreditar que um menino tão bonito possa gostar desta coisa horrível! Diz-me, Sinfroniano:
- É curioso como os novos convertidos vão sempre buscar os mais extraordinários nomes de santos para pôr aos filhos. - De que gostas mais? De aprender catecismo ou de mel?

- De mel! - respondeu Sinfroniano sonhadoramente.

Ao mesmo tempo que deixava transparecer toda a sinceridade do seu pequeno coração sentiu-se subitamente assustado com a sua própria temeridade

e desatou a chorar tão bruscamente que caiu do banco.

O padre Chisholm ergueu-o do chão e procurou acalmá-lo.

- Ai, ai, Sinfoniano, tu és sincero. Nosso Senhor gosta dos meninos que falam verdade. Para te recompensar vou dar-te uma porção de mel maior que a dos outros...

Os olhos de madre Verônica fitavam-no com ar de censura.

Quando se retirasse, ela acompanhá-lo-ia até à porta, e parecia já ouvi-la pronunciar: "Padre precisamos de manter a disciplina..."

Mas hoje - e já lhe parecia distante o dia em que se sentia intruso no meio das crianças - nada no mundo o impediria de brincar um pouco com elas. Havia-as sempre amado quase que exageradamente classificando o que por elas sentia de privilégio de patriarca.

Conforme esperava, madre Verônica acompanhou-o até fora da sala mas, embora o seu rosto mostrasse uma certa apreensão, não teve para ele a mais leve palavra de censura.

Pelo contrário, depois de certa hesitação, murmurou:

- José contou-me hoje uma história estranha...

- Sim, o patifório quer casar-se. É natural. E tem-me azoinado os ouvidos querendo fazer-me ver as vantagens de uma casa do guarda que ele considera urgente construir à entrada da missão... Não para ele nem para a sua futura esposa, mas exclusivamente em benefício da missão...

- Mas não se trata disso - interrompeu madre Verônica, mordendo os lábios apreensivamente. - Trata-se de uma casa que estão a construir na Rua das Lanternas num local admirável e tão grande e suntuosa que as nossas construções parecerão um brinquedo ao lado dela.

O tom da sua voz tornou-se mais amargo:

- São dezenas e dezenas de operários empenhados em construí-la o mais depressa possível. Barcos carregados de pedras brancas chegam sem cessar de Sen-Siang. Estão a gastar dinheiro como só os milionários americanos o podem fazer.

Daqui a algum tempo poderemos apreciar, já completamente pronto, o mais belo edifício de Pai Tan, com escolas para os dois sexos, jardim de infância, parque de diversões, cozinha para distribuição gratuita de arroz ao povo, dispensário gratuito e um hospital com um médico residente!

Interrompeu-se porque os seus olhos se encheram de lágrimas.

- De que estabelecimento se trata? - perguntou Francis, ligeiramente apreensivo porque pressentia a resposta.

- De uma outra missão. Protestantes... Metodistas americanos.

Calaram-se ambos. Nunca lhe passara pela mente a idéia da possibilidade de tal concorrência. Madre Verônica, chamada ao refeitório por Clotilde, deixou-o imerso numa dolorosa preocupação.

Dirigiu-se lentamente para casa, mas parecia-lhe que toda a beleza do dia se desvanecera. Em que iria tornar-se a sua torre de marfim? Com um sentimento pueril experimentava a mesma sensação de outrora, nos dias da sua infância, quando ia colher amoras, um outro garoto descobria moitas que ele considerava como sua propriedade privada e as despojava completamente dos seus frutos. Não lhe eram estranhos as rivalidades e os ódios que existiam entre as diferentes missões, os ciúmes mesquinhos, querelas acerca de pontos referentes à doutrina, os ataques e contra-ataques que transformavam a religião cristã aos olhos dos chineses numa infernal torre de Babel onde se gritava desesperadamente: «Aqui, aqui é onde está a verdade!» E, afinal, nada se

encontrava além de cólera, sensacionalismo e imprecações.

Ao chegar a casa encontrou José no vestíbulo, com um espanador na mão, fingindo-se muito ocupado no trabalho, mas na realidade apenas à espera de ocasião para lhe dar a novidade.

- Já soube, padre, da vinda desses americanos que adoram um falso Deus?

- Cala-te, José - respondeu Chisholm. - Eles não adoram um falso Deus, mas o mesmo Deus que nós. Se tornas a proferir semelhantes asneiras nunca terás a tua casa junto do portão!

José afastou-se, resmungando, de cabeça baixa.

À tarde o padre Chisholm foi a Pai Tan e na Rua das Lanternas recebeu a atroz confirmação que tanto receava. Sim, com efeito, uma nova missão estava a ser edificada rapidamente e algumas dezenas de operários e trabalhadores labutavam ali sem descanso.

Viu com os seus próprios olhos numerosos coolies que, sobre uma grossa tábua que vergava sob o seu peso, transportavam à cabeça cestos com tijolos brilhantes de Soochim da melhor qualidade.

Não era muito difícil concluir que o dinheiro estava a ser gasto ali sem nenhuma reserva.

No momento em que se afastava, pensativamente, esbarrou no senhor Chia. Cumprimentou-o polidamente. Falaram de coisas banais, do bom tempo e da marcha dos negócios, mas Chisholm adivinhava uma intenção oculta nos modos sempre amáveis do seu amigo.

Com efeito, depois dos cumprimentos e de ter lançado um olhar à construção murmurou brandamente:

- É agradável presenciar o crescente cuidado de trazer Deus para estas paragens, embora muita gente considere isso supérfluo. Pessoalmente gosto de passear nos jardins das missões;

no entanto quando o meu caro padre aqui chegou, teve uma acolhida bastante cruel... aqui há anos.

Fez uma pausa breve e continuou:

- Parece possível, mesmo a uma pessoa sem merecimento como eu, que os novos missionários tenham uma acolhida ainda pior que a sua... Uma acolhida tão vexatória que se veriam na necessidade de se retirarem dentro de pouco tempo...

O padre Chisholm estremeceu presa de uma tentação diabólica.

Aquelas palavras ambíguas do senhor Chia, tão claras para ele, equivaliam às piores ameaças.

O senhor Chia, por diversas vias, subtis e secretas, tinha no distrito uma influência decisiva.

Francis sabia perfeitamente que bastaria responder-lhe de uma maneira descuidada:

«Seria indiscutivelmente uma grande desgraça se de tais calamidades fossem vítimas os pobres missionários que para cá vêm. Mas quem pode ir contra a vontade do Céu para que fosse condenada ao fracasso a invasão que ameaçava arrebatá-los as suas ovelhas?

Bastava-lhe dizer isso e a projetada invasão dos seus domínios pelos metodistas seria completamente sustada. Entretanto, quando descerrou os lábios disse apenas:

- Numerosas são as portas do Céu. Nós escolhemos uma e os padres que vêm preferem outra. Porque negar-lhes o direito de exercerem o seu ministério a seu modo? Se desejam vir que venham.

Não se apercebeu do brilho singular que irradiou dos olhos do senhor Chia, uma centelha de respeito acrescido, que brilhou um instante.

Ainda profundamente perturbado, despediu-se do seu velho amigo chinês e afastou-se na direção da sua colina. Dirigiu-se diretamente para a igreja e ali se sentou, fatigado, contemplando o crucifixo de uma capela.

Depois, com os olhos fixos na coroa de espinhos, de joelhos, numa oração mental, implorou a graça de coragem, sabedoria e tolerância.

Pelos fins de Junho, a nova missão estava terminada.

Não confiando completamente na sua resignação o padre Chisholm não voltara lá com o fim de presenciar as diversas fases da construção; pelo contrário, evitava sempre passar pela Rua das Lanternas. Mas quando José, que nunca deixara de o informar de tudo o que se passava, lhe deu a notícia de que já haviam chegado dois diabos estrangeiros Francis suspirou, vestiu a sua melhor batina, agarrou no seu guarda-chuva escocês e dispôs-se a fazer-lhes uma visita.

O ruído da campainha perdeu-se num eco. O ambiente cheirava ativamente a tinta fresca. Depois de um minuto de espera ouviu um ruído de passos e uma mulher fanada, já de certa idade, abriu-lhe a porta. A mulher vestia uma blusa de gola alta e uma saia de alpaca cinzenta.

- Boa tarde - murmurou. - Sou o padre Chisholm.

Tomei a liberdade de vir desejar-lhes as boas-vindas a Pai Tan.

Ela ficou nervosamente sobressaltada e os seus olhos, de um azul-desmaiado, deixaram transparecer toda a sua apreensão.

- Oh, por favor, faça o favor de entrar. Sou a senhora Fiske... Wilbur... meu marido é o doutor Fiske... está lá em cima... Estamos ainda sozinhos aqui e não completamente instalados ainda... Espero que nos desculpe...

E como Francis fizesse um movimento para retirar-se, protestou rapidamente:

- Não, não, peço-lhe, tenha a bondade de entrar!

257 Acompanhou-a ao primeiro andar, onde, numa sala alta e fresca, um homem baixo, recém-barbeado e com um bigode também recém-aparado, tão franzino quanto sua mulher, trepado num escadote, se ocupava em dispor metodicamente livros em prateleiras. Detrás dos seus óculos os seus olhos míopes não encobriam a inteligência e a determinação que irradiavam.

No momento em que descia os degraus do escadote tropeçou e quase caiu.

- Cuidado, Wilbur! - gritou-lhe a mulher, estendendo as mãos para o amparar.

Depois fez as apresentações.

- Sentemo-nos um pouco, se encontrarmos onde - murmurou Fiske, tentando sorrir. - Infelizmente não

temos móveis, mas quem vive na China tem de acabar por se habituar a tudo...

Sentaram-se e Francis disse amavelmente:

- Possuem um excelente estabelecimento...

- Sim - murmurou o doutor Fiske -, tivemos a sorte de encontrar no senhor Chandler, o rei do petróleo, um generoso protetor...

O casal metodista sentia-se constrangido diante do padre e não sabia que dizer. Aquelas pessoas correspondiam tão mal àquilo que o padre imaginara que também não sabia como exprimir-se. Francis não podia gabar-se de possuir estatura avantajada, mas diante do casal Fiske sentia-se um gigante e a situação era por tal forma desigual que sentia automaticamente reprimido qualquer intuito de agressão. O pobre doutor tinha um ar doce, erudito e discreto e um meio sorriso de desculpas que se desenhava a custo nos seus lábios. A sua mulher, sob uma luz favorável que permitia a Francis estudá-la, era uma criatura suave e os seus olhos azuis pareciam sempre prontos a derramar lágrimas; agitava as mãos nervosamente, do medalhão de ouro aos cabelos, castanhos, espessos e frisados, mas que, depois de um exame mais atento, Francis compreendeu, com uma certa surpresa, serem postiços.

Subitamente o doutor Fiske tossiu e em seguida exclamou com simplicidade:

- A nossa presença aqui deve ser-lhe extremamente desagradável.

- Oh! não, absolutamente... - E Francis sentiu-se por sua vez mal colocado.

- Esta afirmação baseia-se na nossa experiência... Estivemos instalados em Lan-Hi, um lugar admirável. A nossa missão era um paraíso e gostaria que pudesse ver os nossos pessegueiros... Ali passamos nove anos e depois chegou um outro missionário. Não se tratava de um padre católico, mas mesmo assim... nós nada contentes ficamos, não é verdade, Agnes?

- É verdade, meu amigo - disse a mulher abanando a cabeça.

- Mas conseguimos dominar a primeira má impressão.

Nós estamos na China há muito tempo e conhecemo-la bem.

- Há quanto tempo estão na China?

- Há mais de vinte anos! Partimos para aqui, ridiculamente jovens, no próprio dia do nosso casamento. Consagramos toda a vida à causa da evangelização.

Os seus olhos, de um azul transparente, começaram a orvalhar-se de lágrimas:

- Wilbur, mostra ao padre a fotografia de John.

Levantou-se e foi buscar uma fotografia emoldurada em prata, que mostrou com orgulho.

- Este é o nosso filho. Tirou esta fotografia quando estava em Harvard, antes de ir como bolseiro para Oxford...

Sim, está ainda na Inglaterra; ocupa-se, nos nossos estabelecimentos de Tynecastle, dos trabalhadores das docas.

O nome pronunciado tão descuidadamente produziu em Francis um choque violento fazendo desaparecer as reservas.

- Tynecastle! - e sorriu. - Mas é muito perto da minha casa...

Ela fitou-o encantada, sorridente, apertando a fotografia de encontro ao coração.

- Não é realmente extraordinário? Como o mundo é pequeno !

Precipitadamente colocou a fotografia sobre a cimalha do fogão.

- Vou servir-lhe café e alguns biscoitos feitos por mim...

uma receita de família.

E como Francis protestasse, continuou:

- Não, absolutamente, não é maçada. Wilbur precisa tomar alguma coisa. Ele não goza de muita saúde e preciso de olhar por ele.

Francis tinha pensado fazer uma visita de cinco minutos, mas, a conversar, acabou por ficar durante uma hora.

Originários de Nova Inglaterra, haviam nascido em Biddeford, no Maine, onde tinham crescido e casado segundo os princípios da sua fé religiosa. Quando lhe falavam da sua terra natal, Francis evocava com simpatia os campos ondulados onde as cortinas de bétulas prateadas escondiam o mar brumoso, as casas brancas, feitas de madeira, se abrigavam atrás de pomares de macieiras e as vinhas adquiriam no Inverno um tom de púrpura aveludado. Visionava o campanário branco da capela da vila, com os seus sinos a badalar e a silhueta de gente tranqüila pelas ruas geladas a caminho das suas tranqüilas ocupações.

Os Fiskes haviam escolhido um caminho mais rude na vida.

Haviam sofrido muito. Escaparam de morrer de cólera.

Durante a guerra dos boxers, a maior parte dos seus companheiros havia sido chacinada. Eles mesmo tinham passado seis meses numa prisão horrível sob a

ameaça constante da execução. O afeto que os unia e a afeição pelo filho distante eram realmente tocantes. Apesar da sua emotividade, a sua solicitude maternal a respeito dos dois homens tornaria, em caso de absoluta necessidade, a senhora Fiske indomável.

Apesar dos antecedentes, Agnes Fiske era essencialmente romântica e possuía um tesouro de ternas recordações que guardava carinhosamente. Não deixou de mostrar a Francis uma carta da sua mãe, datada de vinte e cinco anos antes, na qual estava escrita a receita dos biscoitos a que aludira, assim como exibiu também uma madeixa dos cabelos de John, que guardava num medalhão. Nas suas gavetas guardava uma imensidade de lembranças do mesmo gênero. Maços de cartas amareladas, o seu ramo de noiva, um dos primeiros dentes de seu filho, uma fita que usara no seu primeiro baile em Biddeford...

A sua saúde era precária e quando a missão estivesse definitivamente instalada contava gozar seis meses de licença junto de seu filho, na Inglaterra. E, já desejosa de poder prestar qualquer serviço, oferecia ao padre Chisholm os seus préstimos no caso de desejar enviar qualquer mensagem para os seus.

Quando, por fim, Francis se despediu, acompanhou-o até ao portão, enquanto o marido permanecia de pé junto da porta.

Tinha os olhos cheios de lágrimas.

- Não sei como exprimir-me para lhe demonstrar como me comoveu a sua bondade, a gentileza que teve em vir ver-nos.

Especialmente por causa de Wilbur. No nosso último posto sofremos tanto! Vivíamos numa atmosfera de ódios e rivalidades incríveis. A situação chegou ao ponto de um dia, em que fora visitar um doente, ter sido esbofeteado por um missionário, que o acusou de querer perder a alma imortal do pobre enfermo...

Conseguiu dominar a emoção e continuou:

- Sejam unidos e colaborem... O meu marido é um excelente médico. Chame-o todas as vezes que quiser.

Apertou-lhe a mão calorosamente e retirou-se.

O padre Chisholm entrou em casa num confuso estado de espírito. Durante alguns dias não teve notícias dos Fiskes. Mas num sábado à tarde chegou um portador com um cesto de deliciosos bolinhos feitos em casa. Levou-os, ainda quentes e envolvidos num guardanapo de brancura imaculada, para o

refeitório das crianças. A irmã Marta, espantada, franziu os sobrolhos.

- Ela pensará que nós aqui não sabemos fazer isso também?

- Ela deseja apenas mostrar-se amável, irmã Marta, e nós devemos corresponder-lhe.

Havia já alguns meses que a irmã Clotilde sofria de uma dolorosa irritação da pele. Aplicara sem resultado todas as loções e pomadas conhecidas.

Tinha feito até uma novena especial para se curar. Na semana seguinte o padre Chisholm viu-a a coçar as mãos numa indizível tortura. Franziu os sobrolhos e, um pouco contra a sua vontade, mandou um bilhete ao doutor Fiske. O médico chegou dentro de meia hora, examinou a doente na presença de madre Verônica, depois, sem expressões científicas, aprovou os tratamentos feitos anteriormente, prescreveu um remédio para tomar de três em três horas e despediu-se. Dez dias depois a irritação havia desaparecido completamente e a irmã Clotilde sentia-se outra. Mas, depois da primeira expansão de alegria, sentiu que devia confessar-se:

- Padre... eu rezei fervorosamente a Deus para que me curasse... e...

- Foi porque um padre protestante a curou? Minha filha, isso não é razão para que a sua fé fique

abalada. Deus atendeu às suas súplicas. Não somos mais que os seus instrumentos, todos nós.

Sorriu e acrescentou:

- Não se esqueça da sentença de Lao-Tsé: "Há muitas religiões mas não há mais que uma razão e todos somos irmãos."

Na mesma tarde, quando ele passeava no jardim, madre Verônica observou como que a custo:

- Esse americano... é um bom médico.

Francis fez com a cabeça um movimento de aquiescência.

- E uma bela alma.

As duas missões prosseguiram nas suas rotas paralelas sem incidentes. Havia lugar para ambas em Pai Tan e cada uma delas procurava não prejudicar a outra. A sensatez do padre Francis em não admitir na sua missão conversões interesseiras evidenciava-se agora plenamente. Apenas um dos fiéis da missão de Santo André tentou freqüentar a missão da Rua das Lanternas, mas foi devolvido com um bilhete:

Caro padre Francis. O portador desta é um mau católico e seria um metodista ainda pior. Ao seu dispor, o vosso amigo em Deus único - Wilbur Fiske.

P. S. - Se qualquer dos seus tiver necessidade de ser hospitalizado, não hesite em enviar-mo. Garanto-

lhe que não incutirei na sua alma dúvidas infernais nem lhe ministrarei venenos à Bórgia.

O coração de Francis dilatou-se de gratidão. «Santo Deus!

pensava, «bondade e tolerância, apenas com essas duas virtudes, como a Terra seria um paraíso!

A modéstia de Fiske não deixava que os seus méritos transparecessem, mas era um arqueólogo notável e um sinólogo distinto. Enviava comunicações a revistas orientalistas do seu país. A sua paixão eram as porcelanas chinesas, e a sua coleção da família negra, selecionada com um gosto e uma perícia notáveis, era indiscutivelmente preciosa. Como quase todos os homens dominados pela esposa, ele gostava de discutir e não tardou muito ter Francis que debater diversos assuntos, especialmente aqueles em que as suas duas religiões divergiam. Francis surpreendia-se falando ardorosamente, muitas vezes com tal calor que até ele mesmo se admirava da sua própria violência. Por vezes, agitados pelo calor com que defendiam os seus respectivos pontos de vista, separavam-se um pouco frios porque o doutor às vezes podia mostrar-se um tanto rancoroso e irascível. Mas tal estado de espírito não perdurava.

Um dia, depois de um desses debates, Francis encontrou-se com o doutor Fiske. O médico deteve-se bruscamente e disse-lhe:

- Meu caro Chisholm, refleti profundamente num sermão que ouvi certa vez, da boca do doutor Elder Cummings, um dos nossos mais eminentes teólogos.

Declarava ele: «O maior mal do tempo é o crescente progresso da Igreja Católica graças às nefastas e diabólicas intrigas dos seus padres.» Quero assegurar-lhe que desde que tive a honra de merecer a sua estima, estou firmemente convencido de que o eminente Cummings estava em erro, mas crasso, quando pronunciava aquelas palavras.

Francis, com um meio sorriso nos lábios, consultou os seus livros de teologia e alguns dias mais tarde, encontrando-se com o médico, dirigiu-lhe uma saudação solene.

-Meu caro doutor Fiske, no Catecismo do cardeal Guesta encontrei esta frase: «O protestantismo é uma prática imoral, blasfematória para Deus, degradante para o homem e perigosa para a sociedade.» Tenho muito prazer em declarar-lhe, meu caro doutor, que mesmo muito antes de merecer a honra da sua estima, eu já considerava as declarações do cardeal Guesta inaceitáveis.

Ergueu o chapéu solenemente e afastou-se. Os chineses que assistiram à cena devem ter tido a impressão de que o pobre-diabo do estrangeiro metodista tinha ficado de relações cortadas com o padre católico.

Num dia de grande vento, pelos fins de Outubro, o padre Chisholm encontrou a excelente esposa do doutor Fiske na porta Manchu. A senhora Fiske voltava do mercado com o cesto das compras numa mão enquanto que com a outra procurava segurar o chapéu.

- Deus do Céu! - exclamou. - Vê o que me está a acontecer? Vou ficar com tanto pó nos cabelos que terei de os lavar esta noite!

Acostumado já a esta única fraqueza, ligeiro pecado de uma alma cândida, Francis não sorriu.

Tudo lhe servia de pretexto para aludir à sua horrível cabeleira postiça como se fossem cabelos naturais.

Era uma mentira inocente que o comovia.

- Espero que estejam todos bem.

Ela sorriu, de cabeça inclinada, preocupada com o seu chapéu.

- Eu estou bem, muito obrigada, mas Wilbur está muito abatido porque parto amanhã. Sentir-se-á muito só, o pobre!

E o senhor, que está sempre tão só... que vida solitária leva o senhor! Diga-me, não gostaria que lhe trouxesse alguma coisa de Inglaterra? Conto trazer para Wilbur algumas roupas brancas de Inverno, pois, como sabe, não há como as lãs inglesas.

Quer que lhe traga também alguma coisa?

Ele abanou a cabeça, sorrindo. Subitamente ocorreu-lhe uma idéia bizarra:

- Se houver um dia em que nada tenha que fazer... gostaria que fosse visitar a minha tia Polly em Tynecastle. Polly Bannon. Vou escrever o seu endereço. Rabiscou a direção com um lápis num bocado de papel arrancado a um dos embrulhos.

A senhora Fiske recebeu o pedaço de papel e meteu-o dentro da luva.

- Que lhe direi da sua parte?

- Diga-lhe apenas que estou bem e que vivo muito feliz...

e descreva-lhe o excelente lugar em que habitamos. Diga-lhe que eu sou... - depois do seu marido - o homem mais importante da China...

Ela dirigiu-lhe um olhar afetuoso.

- Talvez eu possa dizer-lhe mais algumas coisas do que pensa. Nós, as mulheres, temos um modo especial de nos fazermos entender umas às outras...

Adeus. Peço-lhe que uma vez por outra faça uma visita a Wilbur. E cuide de si!

Apertaram-se as mãos e ela seguiu o seu caminho. Aquela mulher frágil tinha uma vontade de ferro.

Ele prometeu a si mesmo visitar o doutor Wilbur, mas as semanas passaram-se com uma rapidez tal que nunca teve uma oportunidade. Primeiro teve de ocupar-se da residência de José, que precisava de ser construída e mobiliada. Depois da casa pronta realizou-se a cerimônia do casamento, uma missa solene, com seis crianças a segurar a cauda do vestido da noiva.

Depois de José e de sua esposa instalados, fez uma viagem a Liu, acompanhando-o, no regresso, os pais e irmãos de José.

Há muito que acariciava a idéia de fundar uma outra missão em Liu. Falava-se na construção de uma grande estrada, a fim de facilitar o comércio, que atravessaria as montanhas de Kwang. Mais tarde teria, sem dúvida, um jovem padre para o ajudar, alguém que cuidaria permanentemente da nova missão nas montanhas. Antes de dar execução aos seus projetos precisava de convencer os seus amigos de Liu a aumentar a área da cultura de cereais da aldeia, fazendo com que eles se interessassem por

limpar, arar e semear uns sessenta mus de terras à volta do lugar.

Essas ocupações forneceram-lhe uma excelente desculpa quando se encontrou inesperadamente com o doutor Fiske cinco ou seis meses depois. Mas o bom médico estava de tal forma alegre e bem disposto que só podia tirar-se uma conclusão.

- Com efeito - Riu e depois voltou ao tom sério habitual.

Quando Francis lhe falou na mulher ele confirmou alegremente:

- Sim, minha mulher regressará no próximo mês.

- Muito me alegro com isso. Foi de fato uma longa viagem, acrescida do fato de ter ido sozinha.

- Ela teve a felicidade de encontrar bons companheiros de viagem.

- Sua esposa é muito amável. Sabe atrair simpatias.

- E tem um jeito especial para se meter em assuntos que não lhe dizem respeito.

O doutor Fiske foi acometido de uma súbita hilaridade. - Prometa-me que virá jantar conosco no dia da sua chegada.

O padre Chisholm só raramente aceitava convites pois a sua maneira de viver não lho permitia,

mas o remorso obrigou-o a aceitar o convite para o jantar.

- Muito obrigado, irei com muito prazer.

Três semanas mais tarde a sua promessa foi-lhe recordada, com grande pesar seu, por um bilhete vindo da Rua das Lanternas:

«Esta noite, sem falta, às sete e meia.» A hora não lhe era muito conveniente porque ele dispusera-se a rezar as vésperas às sete horas. Mas como se havia comprometido adiantou a cerimônia meia hora, mandou José buscar uma cadeirinha e dirigiu-se a casa do doutor Fiske, excepcionalmente com certo aparato.

A missão metodista estava profusamente iluminada e deixava transparecer uma atmosfera de festa. No momento em que penetrou no jardim formulou votos para que não se tratasse de festa muito demorada e concorrida. Não propriamente porque temesse a sociedade, mas a sua vida interior desenvolvera-se tanto nestes últimos anos que a sua natural reserva escocesa, herdada de seu pai, havia acrescido e acabara por ir gradualmente transformando-se numa instintiva aversão a estranhos.

Sentiu-se bastante aliviado ao penetrar no salão, todo enfeitado alegremente com flores e bandeirolas

de papel de cor, e encontrar ali somente os donos da casa, que o esperavam sentados um de cada lado do fogão, com as maçãs do rosto avermelhadas pelo calor que reinava no aposento, encantados como duas crianças na perspectiva de uma festa. Os óculos do médico cintilavam enquanto o cumprimentava e a senhora Fiske ergueu-se e tomou-lhe calorosamente a mão:

- Como me sinto feliz por vê-lo novamente, pobre criatura abandonada!

O seu acolhimento era francamente cordial. Não se tratava de uma simples fórmula de cortesia. Parecia realmente satisfeita com a presença de Francis, um pouco fora de si, completamente dominada pela alegria.

- Vejo que se sente feliz pelo regresso mas sei também que fez uma excelente viagem - afirmou Francis.

- Oh, sim, uma viagem magnífica! O nosso filho está encantado com o seu trabalho. Como eu desejaria que ele estivesse aqui conosco esta noite!

E continuou, ingênua como uma criança excitada, os olhos a brilhar de emoção:

- Tenho tantas coisas a contar-lhe! Mas... só lhas narrarei na presença da nossa outra convidada. Quero apenas que dê tempo a que ela chegue.

Francis não pôde evitar que os sobrolhos se lhe levantassem à guisa de interrogação.

--Sim, seremos quatro hoje. Uma senhora... com a qual, apesar dos nossos pontos de vista completamente diferentes...

me liguei intimamente. Está conosco... de visita...

Deteve-se de repente à vista do espanto do padre, e continuou, intimidada:

- Padre Chisholm... não fique zangado comigo...

Voltou-se então para a porta e bateu palmas, como um sinal convencionado. A porta abriu-se e a tia Polly entrou na sala.

Naquela tarde de Setembro de 1914 nem Polly nem a irmã Marta prestavam atenção ao som distante e habitual dos tiros nas montanhas.

Enquanto Marta tratava do jantar servindo-se da sua reluzente bateria de cozinha toda de cobre, Polly, perto da janela, passava a ferro uma grande pilha de roupa branca. Nos Três meses decorridos as duas haviam-se tornado tão inseparáveis como duas galinhas numa capoeira estranha. Admiravam-se mutuamente. Marta havia declarado que os trabalhos de crochê da tia Polly eram as obras mais perfeitas que alguma vez vira, enquanto que a tia Polly, examinando como conhecedora os bordados de

ponto de cruz feitos por Marta, admitira, pela primeira vez na sua vida, que seria incapaz de fazer coisa parecida. Além disso tinham, para as suas conversas, um assunto inesgotável.

Agora a tia Polly aproximava o ferro da sua cara para experimentar o grau de calor, e suspirava:

- Encontro-lhe outra vez um ar muito abatido...

Marta acabava de avivar o fogo e mexia a sopa pensativamente:

- E como pode ele ter bom aspecto? Não come nada!

- Quando era rapaz tinha um apetite excelente - continuou Polly.

A religiosa ergueu os ombros, exasperada.

- Nunca conheci padre que comesse tão pouco!

Ah, os que conheci eram belos garfos. O nosso abade de Métrieux, por exemplo... seis pratos de peixe na Quaresma... E eu tenho uma teoria: quando uma pessoa come muito pouco o estômago contrai-se e depois já não lhe é possível alimentar-se convenientemente.

Mas Polly não estava inteiramente de acordo.

- Ontem, quando lhe levei alguns scones acabados de sair do forno, ele olhou-os e disse: «Como poderei comer tranquilamente pensando que

milhares de pessoas têm fome aqui, muito perto de nós?

- Bah! Eles tiveram sempre fome! Neste país até se come erva. Faz parte dos costumes...

- Mas ele garante que tudo se tornará pior por causa de todas estas guerras.

A irmã Marta provou a sopa, a sua famosa sopa, e no seu rosto manifestou os sinais da mais completa aprovação. Mas, ao voltar-se para Polly, fez uma careta.

- Eles tiveram sempre guerras e passaram sempre fome.

Os bandidos em Pai Tan são o pão-nosso de cada dia. Disparam as suas espingardas - como agora. Em seguida, a cidade paga um tributo e eles desaparecem. Mas diga-me uma coisa. Ele saboreou os meus scones?

- Comeu um. E achou-o excelente. Depois pediu-me que entregasse os restantes à madre reverendíssima, a fim de ela os distribuir pelos pobres...

- Esse bom padre acabará por me dar cabo da cabeça.

A irmã Marta, fora dos limites de sua cozinha, era a mais doce das criaturas, mas ali tomou um ar

combativo como se fosse uma pessoa de extraordinária energia.

- Dar, dar sempre. Daria até a própria pele! Quer saber o que aconteceu no Inverno passado? Num dia em que caía neve despiu o seu sobretudo novo, que nós mesmas lhe havíamos cortado da melhor fazenda, e deu-o a um vagabundo já meio gelado. Madre Verônica achou que devia ralhar com ele, mas ele fixou nela uns olhos espantados. «E porque não?», disse-lhe. «Para que serve pregarmos o Evangelho se não procedemos como cristãos? Cristo teria, sem dúvida nenhuma, dado o seu agasalho a um mendigo. Porque não o daria eu?» Quando a madre superiora lhe observou que o sobretudo tinha sido um presente nosso, ele sorriu, ao mesmo tempo que tremia de frio. «Nesse caso», respondeu, «o mérito não é meu. Não sou eu o bom cristão». Não é incrível? Mas vamos à nossa sopa. Se esperarmos até que as crianças acabem, desmaiaremos de fraqueza...

De volta da cidade, o padre Chisholm passou pela janela aberta e observou-as ocupadas em saborear o almoço. A sombra no seu rosto preocupado desapareceu momentaneamente e dirigiu-lhes um vago sorriso. A princípio a chegada inopinada da tia Polly tinha-lhe causado uma certa apreensão. Ela, porém, tinha conquistado todos os corações.

Adaptara-se esplendidamente ao ambiente da missão e parecia estar lá com tanto prazer como se estivesse a passar um confortável fim de semana em Blackpool. Nem o clima nem a estação a perturbaram e ela ficava horas e horas em silêncio sentada num banco da horta, entre canteiros de repolhos, a tricotar, com as espáduas direitas, os cotovelos juntos do corpo enquanto as agulhas iam e vinham. Os seus olhos pareciam ausentes, perdidos nalgum pensamento remoto; não dava pelo que se passava em seu redor, e nem mesmo o ronronar escandaloso do gato da missão que dormitava a seus pés parecia perturbá-la. Estava nas melhores relações com o velho Fu, o jardineiro, e ouvia, deslumbrada, as suas previsões para a próxima estação ou acompanhava-o na colheita dos vegetais, enquanto Fu não se cansava de descrever as maravilhas dos seus produtos. Nas suas relações com as religiosas nunca as perturbava nem se arrogava o menor privilégio. O seu tato intuitivo atingia a perfeição e provinha do seu dom do silêncio e também da prosaica simplicidade dos seus hábitos. Nunca se sentira tão feliz. Assistia agora à realização do seu sonho; via Francis empenhado no seu apostolado para o qual, talvez, ela tivesse humildemente contribuído, embora nunca ousasse formular semelhante pensamento. A duração da sua

permanência, fixada primeiro em dois meses, tinha sido prolongada até Janeiro. Lamentava somente não ter podido fazer essa viagem mais cedo, conforme afirmava. A verdade é que embora tivesse sido o braço direito de Ned durante tanto tempo a sua morte não a deixara livre de responsabilidades. Judy continuava a ser um motivo permanente de inquietações, com a sua fantasia, a sua leviandade e as suas caprichosas variações de humor.

Depois do seu primeiro emprego na Municipalidade de Tynecastle, havia abandonado sucessivamente uma dúzia de outras situações como secretária particular. Os primeiros meses eram magníficos e Judy era considerada a funcionária ideal. Com o tempo, porém, ia-se aborrecendo do emprego, relaxava as suas obrigações e acabava por ser despedida. Cansada daquela vida, havia resolvido cursar a Escola Normal para se tornar professora. Mas a duração do curso aborrecera-a e ela sonhava vagamente em entrar para um convento. Presentemente, aos vinte e sete anos de idade, havia compreendido subitamente que a sua verdadeira vocação era cuidar dos doentes e inscrevera-se como aluna-enfermeira no Hospital Central de Northumberland a fim de se habilitar. Fora essa circunstância que permitira a Polly partir, mas

essa liberdade seria de curta duração. Já, após quatro meses de estudo, as cartas de Judy vinham cheias de lamentações, declarando-se arrasada pelos árduos trabalhos de enfermagem. Desencorajada pela severidade da sua nova existência, ela achava que a tia Polly devia regressar para cuidar da sua infeliz sobrinha abandonada.

Quando Francis se recordava de toda a laboriosa existência da tia Polly chegava por vezes à conclusão de que ela era uma santa. No entanto a sua calma não era a de uma estátua.

Tinha também os seus defeitos - continuava a ter aquele mesmo gênio arrebatado e a obstinação em manter certos pontos de vista. Por exemplo, da sua própria iniciativa e impulsionada por um sincero desejo de ajudar Francis na conversão de certas almas desgarradas convencera-se de que havia recuperado para o Senhor duas almas infelizes que encontrara numa das suas excursões à cidade. Essas duas criaturas haviam apelado para a sua bondade e para a sua bolsa.

Foi com grande dificuldade e demoradas conversações que Francis conseguiu libertá-la nessa altura de Hosannah e Filomena Wang.

Ele hauria das conversações quotidianas um grande reconforto, e em si isso bastava-lhe para

avaliar bem a estrutura moral e mental daquela mulher extraordinária. Nas dúvidas que o assustavam subitamente ele recorria por vezes ao seu bom senso.

No momento em que entrava em casa viu, junto dos degraus da entrada, a irmã Clotilde na companhia de Ana. Suspirou.

Não poderia ele então ter um momento de tranqüilidade para refletir acerca das inquietantes notícias que tinha recebido?

O rosto habitualmente pálido de Clotilde estava congestionado.

Tinha a rapariga junto de si como se fosse uma carcereira.

A sua mão, envolta em ligaduras, parecia reter Ana.

Os olhos da rapariga brilhavam desafiadoramente. Toda ela rescendia fortemente a perfume. Perante o olhar interrogador de Francis, Clotilde respirou fundo:

- Pedi à madre superiora que me permitisse trazer Ana aqui para lhe falar. Afinal de contas ela está sob a minha responsabilidade direta no atelier de costura.

- E então? De que se trata, minha irmã?

Francis esforçava-se por falar calmamente. Irmã Clotilde tremia de indignação.

- Estou cansada de a aturar. É grosseira e desobediente, além de muito preguiçosa. Desencaminha as outras pequenas e também rouba! Agora mesmo está toda perfumada com água-de-colônia que roubou à senhora Bannon... mas o que me traz aqui não é só isso.

- Que é então, minha irmã?

A irmã Clotilde corou. A cena era-lhe mais penosa do que para a delinqüente.

- Ela ausenta-se durante a noite. O senhor bem sabe que o lugar está infestado de bandidos e de soldados. Ontem passou a noite fora, em companhia de um dos homens de Wai-Chu.

A sua cama nem sequer foi desmanchada. E quando hoje, pela manhã, ralhei com ela, avançou para mim e mordeu-me.

O padre Chisholm voltou-se para Ana e analisou-a demoradamente.

Parecia-lhe incrível que a criança que recolhera numa noite de Inverno, que lhe parecera um presente dos Céus, fosse a mesma que o afrontava agora como uma mulher qualquer ordinária e rebelde. Não atingira ainda os vinte anos, mas estava muito desenvolvida, o peito cheio, o olhar atrevido e os lábios vermelhos como um fruto maduro. Fora

sempre diferente das outras crianças, irrequieta, impetuosa e insubmissa.

Ele dizia às vezes para consigo: "Ana não mostra ter qualquer inclinação para a virtude."

Mas os pensamentos que o preocupavam eram de tal forma graves que a sua voz era doce quando a interrogava:

- Tens alguma coisa a dizer, Ana?

- Não.

- Não, meu padre - corrigiu a irmã Clotilde.

Ana retribuiu-lhe a observação com um olhar rancoroso.

- É realmente triste, depois de tudo que fiz por ti, Ana.

É realmente triste que me respondas assim. Não te sentes feliz aqui entre nós?

- Não.

- Porquê?

- Não pedi a ninguém que me pusesse num convento.

O senhor nem mesmo me comprou. Vim para cá de graça.

E estou cansada de rezar.

- Mas tu não passas todo o dia a rezar. Tens os teus afazeres ...

- Detesto fazer cestos...

- Nesse caso diz o que gostarias de fazer.

- Que poderia fazer aqui? Coser? Terei de passar o resto da minha vida a coser?

O padre procurou sorrir.

- Está claro que não. Quando souberes fazer todos os serviços domésticos, aparecerá um bom rapaz que se casará contigo...

Ana teve um gesto de desdém que significava muito claramente:

"Os vossos bons rapazes não são do meu gosto..."

Chisholm, depois de um curto silêncio, declarou um pouco amargamente, porque tanta ingratidão o pungia:

- Ninguém te prenderá aqui contra a tua vontade, Ana.

Mas julgo que deverás ficar conosco até que a paz volte.

A cidade está em perigo. Teremos grandes distúrbios muito em breve em todo o mundo. Aqui estarás em segurança. Mas terás de submeter-te ao regulamento. Vai agora e obedece à irmã Clotilde. Se souber outra vez que estás a proceder mal, ficarei seriamente zangado.

Despediu-as e no momento em que irmã Clotilde se afastava disse-lhe:

- Peça à madre Verônica que venha ver-me, irmã...

Ficou a observá-las enquanto atravessavam o parque e dirigiu-se depois lentamente para o seu quarto. Sentia-se excessivamente preocupado e aquele acidente aborrecia-o.

Cinco minutos depois, quando madre Verônica entrou no quarto, contemplava à janela a cidade que se estendia lá em baixo. Esperou em silêncio que ela se aproximasse. Por fim dirigiu-se-lhe:

- Minha querida amiga, tenho más notícias a dar-lhe. A primeira é que teremos guerra antes do fim do ano.

Ela fitou-o com calma e esperou. Ele voltou-se e prosseguiu:

- Acabo de falar com o senhor Chia. A guerra é inevitável.

Desde há anos a província tem estado dominada por Wai-Chu. Como sabe, ele tem explorado os camponeses, obrigando-os ao pagamento de pesados tributos. Se não se submetessem as suas aldeias seriam destruídas e as famílias passadas a fio de espada. Mas, por odiosos que tivessem sido esses processos, a população de Pai Tan conseguiu sempre mantê-lo à distância.

Esteve uns momentos calado e depois continuou:

- Agora, porém, um outro cavaleiro está a caminho do nosso distrito: é o general Naian, que vem do Baixo Yangtsé.

Dizem que não é tão cruel como Wai-Chu e, entre parêntesis, o nosso amigo Shon juntou-se-lhe. Mas ele quer conquistar a província de Waí, o que significa que pretende ficar com o privilégio de explorar as populações daqui. Por isso marchará sobre Pai Tan. Não é possível pagar a dois e para se saber quem será o vitorioso eles terão de lutar.

- Creio que não será a primeira vez que tal acontece - disse a freira, sorrindo levemente. - Porque se mostra tão acabrunhado hoje?

- Talvez por causa destas ameaças de guerra. E também porque será uma luta de morte.

Ele dirigiu-lhe um olhar embaraçado, mas o sorriso da religiosa acentuou-se:

- As guerras não nos amedrontam - disse ela.

Depois de um silêncio Francis voltou a olhar a paisagem:

273 - Naturalmente estou preocupado com a nossa situação aqui, fora das muralhas da cidade, expostos a toda a sorte de eventualidades. Se Wai atacar Pai Tan, estaremos na linha de fogo. Mas penso

sobretudo nesta pobre gente, tão miserável, tão pobre e faminta. Sinto que os amo a todos profundamente.

Tudo o que desejam é um pouco de tranqüilidade para arrancar o sustento lavrando a terra e viver em paz com as suas famílias. Durante anos vítimas de um tirano, vão ser agora armados de espingardas porque um outro entra em cena.

Sim, os homens que tínhamos convertido agitam já bandeiras aos gritos habituais de liberdade. Os ânimos estão exaltados.

E, simplesmente porque os ditadores os obrigam, esses pobres homens atirar-se-ão para a luta, para a carnificina. E afinal para quê? Depois do morticínio, quando o fumo dos incêndios e o ruído dos tiros se tiverem dissipado, os impostos serão ainda mais pesados, a opressão voltará, talvez mais impiedosa que anteriormente.

Suspirou fundo e acrescentou:

- Como não deplorar a sorte desta pobre humanidade?

Madre Verônica teve um gesto de protesto.

- O padre condena as guerras um pouco precipitadamente.

No entanto tem havido guerras santas e gloriosas. A própria História nos fala disso. E a minha família tem participado em algumas.

Francis permaneceu calado por um longo espaço de tempo a pensar. Quando se voltou novamente para ela as rugas que lhe cercavam os olhos pareciam ainda mais fundas. Murmurou vagorosamente, como se lhe custasse a pronunciar as palavras.

- É estranho que fale assim neste momento. As nossas dificuldades não são mais que um eco de uma terrível desorientação.

Parecia não poder continuar. Fez um esforço.

- O senhor Chia acaba de receber, através de um correio especial, vindo de Seng-Siang, uma terrível notícia: a Alemanha invadiu a Bélgica e declarou guerra à França e à Inglaterra...

Interrompeu-se. Com o rosto desfigurado pela emoção, a madre murmurou uma palavra. Ficou ali imóvel; o seu silêncio tinha qualquer coisa de sinistro.

- As outras acabarão também por tomar conhecimento disto - murmurou Francis -, mas não devemos permitir que o fato possa perturbar as nossas relações aqui, na missão.

- Não, não permitiremos - murmurou madre Verônica maquinalmente, com os olhos perdidos na distância.

A primeira manifestação apareceu três dias mais tarde - uma pequenina bandeira belga feita à pressa de um quadrado de seda cosida com linha de cor

diferente posta ostensivamente à janela do quarto da irmã Marta. Nesse mesmo dia, muito cedo, Marta precipitou-se para a casa das irmãs, com uma alegria trasbordante e testemunhou ruidosamente a sua satisfação ao encontrar aquilo por que ansiava: os jornais.

Trêmula de emoção ela desfez o pacote, cheia de pressa e de apreensão. Recebia com irregularidade, aos pacotes, às vezes de mês a mês, um diário americano publicando em Xangai, Intelligence. Durante alguns minutos manteve-se com a atenção presa às páginas do diário. De repente soltou um brado de indignação:

- Que monstros! Oh? meu Deus, como é isto possível?

- Sem levantar a cabeça fez um sinal imperioso a Clotilde, que acabava de entrar no quarto, levada pela mesma ânsia de saber.

- Veja, irmã... A catedral de Louvain reduzida a escombros!

E Métrieux, a dez quilômetros da minha terra, totalmente arrasada! Oh! meu Deus, uma cidade tão linda e tão próspera!

Aproximadas pela desgraça comum, as duas irmãs curvaram-se sobre as folhas, sublinhando as notícias com comentários apavorados.

- O altar-mor reduzido a estilhaços! - e Marta torcia as mãos. - Métrieux! Estive lá com meu pai, quando eu era ainda uma criança de sete anos. Que mercado tão concorrido!

Compramos naquele dia nada menos que doze gansos... tão...

gordos... tão lindos... e agora...

Clotilde lia, com os olhos dilatados pelo horror, a descrição da batalha de Marne.

- Assassnam o nosso heróico povo! Que selvagens, que cobardes!

E, embora a madre superiora tivesse entrado na sala e se sentasse tranquilamente à mesa, Clotilde nem deu pela sua presença, mas Marta apercebera-a e começou a dar expansão ao seu sentimento patriótico. Espumando de indignação, com a voz rouca, mostrou um período:

- Ouça, irmã Clotilde, dizem aqui que as monjas do convento de Louvain foram violadas pelos alemães invasores. E fontes insuspeitas afirmam que numerosas crianças foram chacinadas.

Clotilde estava branca como marfim.

- Na guerra de 1870 aconteceu a mesma coisa. São uns brutos. Não me espanta que este jornal americano os classifique de hunos.

E pronunciou a palavra com expressão de ódio.

- Não posso tolerar que fale dos meus compatriotas em semelhantes termos - disse a irmã Verônica.

Clotilde ergueu-se de um salto, vendo-se forçada a procurar apoio no peitoril da janela, cheia de espanto.

Mas Marta estava preparada para a resposta.

- Seus compatriotas, madre superiora? Eu não me sentiria tão orgulhosa se estivesse no seu lugar. Não passam de bárbaros cruéis. Eles assassinam mulheres e crianças.

- Os soldados alemães são cavalheiros. Não acredite no que diz esse infame jornal. Só publica mentiras!

Marta pôs as mãos nos quadris e a sua voz de camponesa reboou cheia de ressentimento:

- Então não é verdade a notícia de que o seu exército de cavalheiros invadiu um pequeno país pacífico?

Madre Verônica empalideceu tanto quanto Clotilde.

- A Alemanha tem o direito de ter o seu lugar ao sol.

- Então os alemães matam e roubam, fazem saltar catedrais e o pequeno mercado que visitei

quando criança porque precisam de sol e de lua, esses imundos...

- Irmã!

Digna na sua agitação, a despeito de toda a sua revolta, madre Verônica ergueu-se.

- Se há justiça no mundo, a Alemanha e a Áustria nunca foram tratadas com equidade. E não se esqueça de que meu irmão luta neste momento para dar um novo destino ao seu país. De hoje em diante proíbo-lhes, na minha qualidade de superiora, que pronunciem calúnias semelhantes às que acabo de ouvir.

Uma pausa carregada de tensão se estabeleceu, uma pausa intolerável e pesada. Madre Verônica dispôs-se a abandonar o aposento.

Não havia ainda chegado à porta quando Marta gritou.

- Pois saiba que esse famoso novo destino ainda não será atingido desta vez. Os aliados hão de ganhar a guerra!

Madre Verônica olhou-a friamente e dirigiu-lhe um sorriso piedoso. Em seguida afastou-se altivamente.

A dissensão acentuava-se à medida que as notícias de guerra chegavam e, embora esta se

processasse muito longe, parecia que a própria missão estava ameaçada de conflagração.

Se bem que a francesa e a belga nunca tivessem mostrado grande simpatia uma pela outra, pareciam agora ligadas por uma profunda amizade. Marta tomava ares protetores para com a frágil Clotilde, preocupava-se com a sua saúde, dava-lhe remédio para a tosse que tanto a afligia e durante as refeições escolhia para ela os melhores bocados. De sociedade, sem se esconderem, tricotavam meias e luvas para os feridos. Referiam-se aos seus amados países junto de madre Verônica através de fundos suspiros subentendidos, mas procurando não a melindrar. Às vezes Marta costumava dizer com ar cúmplice:

- Vamos rezar por nossa intenção particular.

Maria Verônica suportava tudo orgulhosamente em silêncio.

Também rezava pela vitória dos seus. Muitas vezes o padre Chisholm tinha ocasião de contemplar os três rostos levantados seraficamente para o Céu numa fervente intercessão pelas vitórias das suas pátrias enquanto ele, acabrunhado e inquieto, seguia as marchas e contramarchas das forças de Wai sobre as montanhas. E rezava pela paz, pela segurança da sua gente... e para que houvesse comida suficiente para as suas crianças.

Entretanto a irmã Clotilde começara a ensinar a sua classe a cantar a Marselhesa. Fizera-o secretamente enquanto madre Verônica estava ocupada na sala de manufatura de cestos, do outro lado da missão. Os alunos, prontos a imitar, aprenderam depressa, e uma bela tarde, quando madre Verônica atravessava o parque, fatigada e apreensiva, o hino nacional francês reboou inesperadamente, a plena voz, acompanhado por piano:

Allons, enfants de la patrie...

Por alguns momentos madre Verônica vacilou. Em seguida endireitou-se e rigidamente continuou o seu caminho. Precisava de todas as suas forças para se dominar. Seguiu de cabeça erguida.

Uma tarde, pelo fim do mês, Clotilde estava outra vez na sala de aula. Depois de os alunos terem acabado de cantar a Marselhesa, tiveram a sua habitual lição de catecismo. A irmã Clotilde, seguindo a sua nova orientação, exclamou vivamente:

- Ajoelhemo-nos todos e vamos agora rezar pelos bravos soldados franceses.

As crianças, obedientes, ajoelharam-se e rezaram três Ave-Marias, acompanhando a mestra.

Clotilde ia fazer-lhes sinal para se levantarem quando teve a surpresa da presença de madre Verônica, de pé, atrás dela.

A sua atitude era da mais completa calma. Sem olhar para a irmã Clotilde dirigiu-se às crianças:

- E agora, meus meninos, é justo que rezem as mesmas orações pelos bravos soldados alemães.

O rosto de Clotilde cobriu-se de uma palidez esverdeada.

Estava quase a sufocar.

- Esta classe pertence-me, madre superiora.

Mas madre Verônica pareceu não a ouvir.

- Vamos, meus meninos, em intenção pelos bravos soldados alemães: "Ave-Maria, cheia de graça..."

Clotilde parecia prestes a enlouquecer. Com os lábios apertados, os dentes cerrados convulsivamente, sem domínio possível, voltou-se e esbofeteou a superiora.

Houve um momento de silêncio opresso, terrível. Em seguida Clotilde desatou em soluços e saiu a correr. O rosto de Madre Verônica permaneceu impassível. Com o mesmo sorriso doce, voltou-se para as crianças e explicou:

- A irmã Clotilde está doente. Vocês viram como ela me bateu. Eu tomarei conta da classe até o fim da

aula. Mas primeiro, meus meninos, rezemos as três Ave-Marias pelos heróicos soldados alemães...

Quando as crianças terminaram a oração, ela, sempre serena, sentou-se à mesa e abriu um livro como se nada tivesse acontecido.

Quando nessa tarde o padre Chisholm entrou inesperadamente no dispensário encontrou a irmã Clotilde a preparar uma forte dose de soporífero. Ela voltou-se assustada com o ruído dos seus passos e quase deixou cair o frasco. O seu rosto cobriu-se de vivo rubor. O incidente da sala de aula havia-a deixado em extrema agitação. Murmurou:

- Costumo tomar um pouco de calmante... por causa do meu estômago. Temos atualmente tantas preocupações...

Mas Francis compreendeu perfeitamente, não só pela dose, como pela sua aparência, que ela ia tomar o remédio para os nervos.

- Não abuse desse remédio, minha irmã... Contém muita morfina.

Depois de ela sair Francis fechou o frasco no armário das drogas venenosas. Em seguida permaneceu ali cheio de angústia pelo perigo que corriam, acabrunhado pela inutilidade daquela guerra absurda e estúpida tão distante. E, subitamente, sentiu-se tomado de uma vaga irritação

contra os rancores imbecis daquelas mulheres. Esperava que a harmonia se estabelecesse, mas fora uma esperança vã. Mordeu os lábios, tomado de uma resolução súbita.

Depois das aulas, no dia seguinte, mandou chamar as três irmãs. Fê-las ficar diante de sua escrivaninha, de pé, e encarou-as com um ar grave, pouco comum. Pela primeira vez dirigiu-se-lhes com severidade, quase amargura.

- O vosso procedimento atual penaliza-me profundamente.

Nada há que o possa justificar.

Estabeleceu-se um breve silêncio, mas Clotilde fremia de revolta.

Exclamou arrebatadamente:

- Mas sim, a nossa atitude está plenamente justificada!

E extraiu do bolso um recorte de jornal, cuidadosamente dobrado e já bastante amarrotado.

- Leia, por favor. É escrito por um príncipe da Igreja!

Francis desdobrou o pedaço de papel e leu em voz alta.

Tratava-se de um sermão que o cardeal Amette havia pronunciado no púlpito da catedral de Notre-Dame de Paris:

Meus irmãos, soldados que pegais em armas pela França e seus gloriosos aliados, Deus abençoa-nos. O Todo-Poderoso tem-nos ajudado em todo o nosso glorioso passado e Ele nos ajudará novamente nesta hora de infortúnio. Deus vela pelos nossos bravos soldados nos campos de batalha, encorajando-os, dando-lhes forças para rechaçar o inimigo.

Deus protege os seus! Ele nos dará a vitória!...

Deteve-se, incapaz de prosseguir.

Seguiu-se um silêncio glacial. Clotilde abanava a cabeça, triunfante, e Marta saboreava a sua vingança. Entretanto, madre Maria Verônica não se sentia derrotada. Calma, tirou do saco de pano preto que trazia à cintura um pedaço de papel, que também desdobrou lentamente.

- Ignoro a opinião dos cardeais franceses, mas aqui está o que escreveram em comum os arcebispos de Colônia, Munich e Essen, dirigido, a todo o povo alemão.

E com voz calma e altiva leu:

Amado povo da nossa pátria: Deus está conosco neste combate pela justiça em que fomos envolvidos contra a nossa vontade. Obedecendo às determinações divinas, determinamos que deveis lutar, até que se tenha esgotado a última gota do vosso sangue, pela honra e glória da vossa pátria.

Deus, na sua sabedoria e justiça, sabe perfeitamente que o direito está do nosso lado e nos dará...

- Isso basta.

Francis interrompeu-a e procurou dominar-se, mas a sua alma era invadida sucessivamente por vagas de cólera e desespero.

Ali mesmo diante de si ele encontrava toda a essência da hipocrisia e da malícia humana. A estupidez da existência pareceu-lhe invencível, sem esperança. Sentia-se esmagado, desorientado. Permaneceu algum tempo com a cabeça entre as mãos e em seguida exclamou vagarosamente:

- Deus sabe o aborrecimento que Lhe causam todas estas invocações vãs.

Por fim, dominado pela emoção, ergueu-se abruptamente e começou a caminhar pela sala.

- Não posso refutar as contradições de arcebispos e cardeais com outras contradições. Não ousaria fazê-lo. Quem sou eu? Um insignificante padre escocês perdido nos confins da China à mercê de um conflito entre bandidos. Mas será possível que não compreendam a loucura e a insensatez de tudo isso? Nós, a Igreja Católica Romana - sim, a grande Igreja da Cristandade - tomamos partido nesta guerra. Mais ainda - nós santificamo-la! Enviamos

milhões de fiéis para serem chacinados, para chacinarem outros, para lá perderem a vida, os membros, a alma, para matar e ser mortos, com um sorriso hipócrita e a nossa bênção apostólica! Morram por suas pátrias e os vossos pecados serão perdoados! Patriotismo!

Rei e Imperador! E ,dez mil pregadores gritam satisfeitos.

"Dai a César o que é de César..."

Interrompeu-se, os punhos fechados, os olhos chamejantes:

- Hoje não há César, nada mais que homens de Estado e financeiros que querem possuir minas de diamantes na África do Sul ou borracha do Congo escravizado. Cristo pregou o amor universal e a fraternidade humana. Ele não subiu à montanha para gritar: «Matem, matem, matem, mergulhem as baionetas no peito dos vossos próprios irmãos!» Não é a Sua voz que reboa nas catedrais, dirigindo-se à Cristandade, mas a voz de criminosos e de cobardes. Como podemos nós vir em nome de Deus para estas terras distantes, que classificamos de pagãs, pretender converter este povo à doutrina de Deus quando na realidade o negamos em cada um dos nossos atos? E admiramo-nos que eles nos

desprezem e não nos dêem atenção. A religião cristã é a religião dos mentirosos!

Religião daqueles que só vêem o dinheiro e fomentam ódios nacionais! Dos que apóiam guerras fratricidas!

Fez uma pausa. O seu rosto estava coberto de suor e os olhos obscurecidos pela angústia.

- Porque não cumpre a Igreja a sua obrigação? Seria o momento de justificar as suas pretensões de ser a esposa viva de Cristo! Em lugar de pregar o ódio e de o excitar, ela devia clamar em todos os países, pela voz do seu pontífice e de todos os seus padres: «Abaixo as armas, não devem matar-se uns aos outros. Não permitiremos que combatam». Sim, sem dúvida que haveria perseguições e numerosas execuções. Mas esses seriam mártires e não assassinos. Esses mortos seriam a honra, não a vergonha, dos nossos altares.

A voz do padre tornara-se mais fraca e agora parecia mais calmo.

- A igreja sofrerá as conseqüências da sua própria covardia.

A víbora que se alimenta no seu seio voltar-se-á contra ela. Admitir a justiça das armas é um convite à destruição.

Um dia virá em que as hordas armadas se rebelarão e se voltarão contra a Igreja, corromperão milhões dos seus filhos e expulsá-los-ão outra vez - pobres sombras tímidas e vacilantes - para a escuridão das catacumbas!

Um silêncio aterrado acolheu as suas palavras. Maria e Clotilde haviam baixado a cabeça, tocadas pelas suas palavras, apesar da disposição em que se encontravam. Mas Maria Verônica contemplava-o com o olhar frio dos seus primeiros tempos na missão, endurecido agora por um relâmpago de sarcasmo.

- Eis um discurso impressionante, padre... Um sermão digno dessas catedrais que tanto deprecia. Mas não serão palavras lançadas ao vento, pois que se encontra perdido aqui em Pai Tan sem ter oportunidade de as justificar pela vossa conduta?

O sangue subiu-lhe às faces, mas logo se acalmou. Foi sem cólera que respondeu:

- Proibi a todos os homens da congregação que participassem ativamente no estúpido conflito que está prestes a envolver-nos. Fi-los jurar que viriam com as suas famílias refugiar-se dentro dos muros da missão quando o momento da luta chegasse. Aceitarei as conseqüências, quaisquer que sejam.

As três religiosas fitaram-se perplexas. O rosto, habitualmente impassível, de madre Verônica deixou

transparecer certa agitação. No entanto quando as irmãs saíram da sala Francis reconheceu com tristeza que não se haviam reconciliado.

Um temor indefinível fê-lo tremer. Experimentou uma sensação estranha: pareceu-lhe que o tempo detivera a sua marcha, como uma horrível ameaça suspensa sobre eles.

Num domingo de manhã Francis foi despertado pelo que reudara durante tanto tempo: o surdo ribombar da artilharia.

Ergueu-se de um salto e correu à janela. Nas montanhas do oeste, a alguns quilômetros, seis peças de artilharia ligeira haviam começado a alvejar a cidade. Vestiu-se apressadamente e desceu. Na mesma ocasião José apareceu a correr.

- As hostilidades começaram, mestre! Durante a noite passada o general Naian marchou sobre Pai Tan e as forças de Wai atacaram-no. A nossa gente já está junto da porta da missão.

Francis lançou um olhar na direção indicada por José e ordenou-lhe:

- Manda-a entrar imediatamente.

O criado correu a abrir o portão, como lhe fora ordenado, e Francis dirigiu-se rapidamente para o orfanato. As crianças tomavam o seu primeiro almoço na mais completa ordem.

Uma ou duas pequeninas começaram a chorar ao ouvir o ruído da artilharia. Mas Francis circulou por entre as grandes mesas procurando tranqüilizá-las com um sorriso:

- São apenas foguetes, meus meninos. Nada mais. Dentro de alguns dias ouvirão outros ainda mais fortes.

As três irmãs presidiam separadamente às mesas no refeitório.

Madre Verônica estava de uma calma marmórea, mas Clotilde parecia mais perturbada. Dava a impressão de dominar-se a custo e as suas mãos crispavam-se angustiosamente nas longas mangas do hábito. A cada detonação empalidecia.

Designando as crianças com o queixo, Francis experimentou gracejar para a acalmar.

- Seria bom se nós pudéssemos mantê-los todos a comer durante todo o dia... Então não fariam tanto barulho...

Irmã Marta teve um riso histérico:

- É verdade. Seria muito bom...

No rosto de Clotilde apareceu uma careta que queria ser um sorriso mas que lhe desapareceu quando a artilharia troou novamente.

Pouco depois o padre abandonou o refeitório e dirigiu-se à casinha do portão, onde José e Fu se

mantinham de guarda vigiando a grade aberta. A multidão dos convertidos afadigava-se trazendo para dentro a família e a bagagem. Velhos e jovens, gente humilde e simples, criaturas assustadas, sem outro desejo que a segurança, o verdadeiro símbolo do sofrimento humano. O coração de Francis alegrava-se ao pensamento de que lhes poderia fornecer um abrigo seguro. Sólidos muros de tijolos protegê-los iam. Francis abençoou a vaidade que o fizera construí-los tão altos. Com uma imensa ternura contemplou a figura de uma pobre velha vestida de farrapos cujo rosto era uma máscara de resignação a uma longa vida de privações, e que, chegando curvada sob o peso da sua bagagem, se alojara tranquilamente a um canto já bastante pejado de gente e se pusera a cozinhar o seu frugal almoço - um punhado de feijão - numa velha lata de leite condensado. Fu permanecia inalterável, mas José, o valente, mostrava uma estranha variedade de cores pelo rosto. O casamento transformara-o. Já não era o rapaz irresponsável, mas um homem, marido e pai, com todas as responsabilidades inerentes à sua nova situação.

- Eles devem apressar-se - murmurava, inquieto.

- Temos de fechar e barricar as portas.

O padre colocou a mão sobre o ombro de José.

- Não feches a porta senão depois de todos eles terem entrado, José.

- Teremos muitos aborrecimentos - respondeu o servo, estremecendo. - Alguns dos homens que se abrigaram aqui estavam convocados por Wai. Ele ficará muito descontente quando souber que eles preferiram vir para cá em lugar de combater - observou José.

- Haja o que houver, eles não lutarão - respondeu o padre com firmeza. - Vamos, não desanimes. Vai içar a nossa bandeira no mastro enquanto eu fico aqui a vigiar o portão.

José afastou-se resmungando, mas dentro de alguns minutos a bandeira da missão, de seda azul-clara com a cruz de Santo André em azul mais forte, começou a tremular no mastro.

O coração do padre Chisholm bateu com um misto de alegria e orgulho e a sua respiração tornou-se mais leve. A bandeira era como uma mensagem de paz e boa vontade a todos os homens, uma bandeira neutra, a bandeira do amor universal.

Quando o último retardatário entrou, os portões da missão foram fechados e trancados provisoriamente. Naquele mesmo momento, Fu chamou a atenção do padre para o bosque de cedros, a cerca de trezentos metros da colina, onde havia

aparecido inesperadamente uma grande boca de fogo por entre aquela aglomeração de árvores. Indistintamente, por entre os ramos, pôde observar os rápidos movimentos dos soldados, vestidos com os dólmens verdes dos soldados de Wai, que abriam trincheiras e fortificavam a artilharia. Embora não fosse perito na matéria, aquele canhão pareceu-lhe mais imponente do que as vulgares peças de artilharia até então usadas.

Procurava ainda observar o que se passava quando notou como que um relâmpago seguido de uma detonação formidável e de uma indescritível confusão.

O resultado foi devastador. A pesada peça, que atirava na direção da cidade, fazia um ruído ensurdecedor, ao qual respondia o constante matraquear da fuzilaria das forças de Naian. Pequenas granadas vinham explodir próximo do bosque dos cedros, perto da missão. Uma delas rebentou na horta, levantando uma nuvem de terra. Gritos de terror partiram do pátio, que soltava aquela pobre gente ali abrigada. Francis dirigiu-se para lá, ordenando-lhes imediatamente que se abrigassem dentro da igreja. O barulho e a confusão aumentavam.

As crianças na aula estavam tomadas de pânico. Madre Verônica conseguiu dominar a situação, acalmando-as.

Plácida e serena, sem se amedrontar com o ruído das granadas, reuniu as crianças em redor de si, mandou que metessem os dedos nos ouvidos e cantassem com todas as forças dos pulmões. Quando ficaram mais calmas foram conduzidas às caves do convento, assim como a esposa de José e os seus dois filhos. Era doloroso contemplar aquelas caras amarelas, na penumbra, entre bilhas de azeite, sacos de batatas doces e velas de cera, debaixo das prateleiras onde a irmã Marta guardava as suas conservas. O ruído dos estampidos era menor agora, mas de vez em quando sentia-se um choque violento e o edifício estremecia até aos alicerces.

Enquanto a tia Polly permanecia lá em baixo a tomar conta das crianças, a irmã Marta e a irmã Clotilde subiram a fim de ir buscar-lhes o almoço. Clotilde, profundamente abalada, não conseguia dominar-se. No momento em que atravessava o pátio, um estilhaço de granada tocou-lhe levemente no rosto.

- Mataram-me! - gritou, pálida como um cadáver. E começou a rezar o ato de contrição atabalhoadamente.

- Não seja parva! - exclamou Marta, sacudindo-a pelos ombros. - Vamos, precisamos de levar comida a esses pobres garotos!

O padre havia sido chamado por José ao dispensário. Uma das mulheres fora ligeiramente atingida numa das mãos.

Quando o ferimento ficou devidamente pensado, o padre mandou José e a mulher para a igreja a fim de ficarem mais protegidos.

Em seguida dirigiu-se rapidamente para o seu posto de observação, à janela, a fim de poder avaliar os estragos que o bombardeamento causava na cidade. Embora neutro, sentia dentro de si um desejo inexplicável de que Wai fosse derrotado. Subitamente notou um destacamento de soldados de Naian que faziam uma surtida pela porta Manchu. Deslizavam como um carreiro de formigas cinzentas, cerca de uns duzentos, e começavam a subir a colina. Olhava-os como que fascinado. A princípio avançaram rapidamente em pequenas corridas e depois rastejando pelo solo. Podia vê-los nitidamente sobre o verde permanente da colina. Ora caminhavam curvados, com a sua espingarda na mão, e assim prosseguiram cerca de uns dez metros, ora subitamente se arremessavam ao chão.

O canhão de Wai continuava a bombardear a cidade. As silhuetas cinzentas aproximavam-se mais. Avançavam agora de rastos, continuando a subida sob um sol ardente. Só se detiveram quando estavam a cerca de cem passos do bosque dos cedros. Depois o chefe deu-lhes qualquer ordem. Com um grito, levantaram-se e lançaram-se ao assalto, cobrindo a distância apressadamente.

Rápidos, tinham já percorrido metade da distância que os separava do seu objetivo quando, repentinamente, soou o crepitar das metralhadoras. Havia três ali, disfarçadas no bosque de cedros. Sob o choque brutal as silhuetas cinzentas parecia terem estacado e em seguida estabeleceu-se a mais espantosa confusão. Alguns caíram de bruços, outros de costas.

Muitos dobravam-se sobre os joelhos e pareciam rezar.

Caíam, caíam em todos os sentidos, comicadamente, e depois imobilizavam-se. E ali ficavam estendidos sob a luz do sol.

Depois o ruído das metralhadoras cessou por completo e tudo mergulhou na tranqüilidade até que o ruído do grande canhão recomeçou, fazendo renascer a agitação, trazendo outra vez a intranqüilidade a tudo - exceto àquelas figuras

cinzentas que jaziam estiradas no tapete verde da colina.

Chisholm permaneceu ali, rígido, com a alma atormentada.

Era a guerra. Aquela pantomima de destruição que se desenrolara diante dos seus olhos repetia-se naquele momento numa imensa escala nos férteis campos da França. Fremente, pôs-se a orar com todo o fervor: «Oh, Senhor, deixai-me viver e morrer pela paz!

De súbito notou um movimento inesperado na colina. Um dos soldados de Naian não estava morto. Lenta e penosamente, com um esforço incrível, arrastava-se a caminho da missão. Podia notar-se perfeitamente que dispunha de poucas forças em virtude dos progressos cada vez mais lentos que fazia. Por fim parou, completamente esgotado, a sessenta metros mais ou menos da porta superior da missão.

«Morreu», pensou Francis com um aperto no coração.

«Morreu... Não é o momento de me expor por bravata...

seria loucura rematada tentar qualquer coisa... não, não devo fazer isso...» Mas apesar do seu próprio raciocínio, quase mecanicamente

encaminhou-se para a porta do lado de cima da missão.

Sentia-se ligeiramente envergonhado daquela façanha mas notou com alívio que ninguém o observava.

Caminhou batido pela luz do sol na direção do ferido.

Era evidente que a sua figura baixa, negra, se destacava violentamente no campo iluminado. Das janelas da missão ninguém o observava, mas ele sentia sobre si o peso de muitos olhos que do bosque seguiam os seus movimentos. Contudo não se apressou.

O soldado respirava aos arrancos.

Apertava um ferimento no ventre com ambas as mãos. Os seus olhos pousaram na figura do padre com expressão de angústia.

Francis pô-lo às costas e dirigiu-se para a missão. Estendeu-o no solo enquanto fechava o portão e procurou depois um abrigo. Depois de o encontrar deu-lhe um copo de água e foi ter com a madre Maria Verônica a fim de esta lhe improvisar um leito no dispensário.

Naquela mesma tarde foi lançado um novo ataque, com idênticos resultados. Durante a noite o padre Chisholm e José levantaram do campo e

trouxeram mais cinco feridos. O dispensário pouco a pouco foi tomando o aspecto de um hospital.

No dia seguinte o bombardeamento prosseguiu sem interrupção.

A cidade estava a ser seriamente danificada, e pelo que Francis podia observar parecia-lhe que havia sido aberta uma brecha na muralha ocidental. Subitamente, no ângulo da porta de oeste, a cerca de dois quilômetros de distância, descobriu uma forte coluna das forças de Wai que tentava escalar o troço desmantelado da muralha. Com um aperto no coração admitiu a possibilidade de eles tomarem a cidade. O resto do dia passou-se no mesmo estado de inquietação. À tarde permitiu que retirassem as crianças da cave a fim de tomarem um pouco de ar. Também os refugiados, que se tinham abrigado na igreja, tiveram autorização para sair. De momento estavam todos ilesos. Chisholm, enquanto permanecia junto deles, ouvindo-os, sentia-se feliz verificando o seu contentamento. Quando terminou o seu passeio encontrou José, que pela primeira vez manifestava um verdadeiro pânico.

- Mestre, estão à porta uns enviados do destacamento oculto no bosque dos cedros com o canhão. Na porta principal estavam três soldados de Wai olhando através das grades enquanto um oficial,

que o padre Chisholm supôs ser o chefe do destacamento, se mantinha perfilado. Sem hesitar um só momento, Francis abriu o portão e foi ao encontro deles. - Que deseja de mim?

O oficial era um homem baixo, já de certa idade, rosto concentrado, lábios grossos e sensuais. Respirava pela boca, que permanecia sempre aberta, e mostrava os dentes amarelos.

- O general Wai honra-vos com alguns pedidos. Em primeiro lugar que não vos preocupeis com os inimigos feridos.

O rosto de Francis cobriu-se de um rubor vivo e todo ele se agitou nervosamente.

- Os feridos já a ninguém podem interessar. Eles não podem combater.

O oficial pareceu nem sequer ouvir o protesto.

- Em segundo lugar o general Wai concede-lhe o privilégio de contribuir para a manutenção das suas tropas. Para começar deverá fazer a entrega de cinquenta quilos de arroz e todas as conservas em lata americanas que possua.

- As reservas de alimentos de que dispomos são bem diminutas.

Apesar da sua resolução de se conservar calmo Francis sentiu-se tomado pela ira. Exclamou então com firmeza:

- Os senhores não nos podem despojar dessa maneira!

Mas outra vez o oficial ignorou o protesto e continuou a falar sem olhar o seu interlocutor de frente, pronunciando as palavras sílaba por sílaba, com a cabeça de lado, as pernas afastadas, lançando as frases como insultos.

- Em terceiro lugar tereis de evacuar urgentemente todos aqueles que se acolheram à vossa proteção. O general Wai supõe que se está aqui a dar asilo a desertores. Se isso se provar eles serão fuzilados. Todos os homens válidos deverão alistar-se imediatamente nas forças do general Wai.

Desta vez Francis não protestou. Conservou-se ereto, pálido, rígido, com as mãos fechadas e os olhos a fuzilar de indignação.

Via tudo vermelho.

- E se me recusar a aceder a essas propostas tão moderadas?

O capitão esboçou um sorriso.

- Nesse caso, devo declarar-vos que seguireis uma táctica perigosa. Lastimaria fazê-lo; mas ver-me-ia obrigado a voltar o canhão contra a missão e reduzi-la-ia a entulho em poucos minutos.

Houve um silêncio. Os três soldados faziam sinais e caretas a algumas mulheres jovens refugiadas

na missão. A situação desenhou-se nitidamente diante dos olhos de Francis.

Era preciso ceder àquelas exigências desumanas sob pena de aniquilamento. E a aquiescência àqueles pedidos seria o prelúdio de outros vexames e exigências. Uma angústia íntima apoderou-se dele. Com a boca seca, fitava o chão com os olhos esbraseados, tomado por uma cólera que não podia dominar.

- O general Wai deve compreender que tenho necessidade de algumas horas para dar execução às suas exigências.

E da mesma forma preparar os foragidos, fazê-los compreender que devem partir. Qual é o prazo que pode conceder-me?

- Até amanhã - respondeu prontamente o oficial.

- Com a condição de que me entregareis antes da meia-noite, uma boa quantidade de provisões e, a título pessoal, um bom fornecimento de conservas e alguns objetos de valor.

Novo silêncio. Francis sentia que seu coração batia com uma força que o sufocava, mas, com grande esforço, lutando contra si mesmo, murmurou uma mentira:

- Está combinado. Compreendo que não tenho outra alternativa.

Hoje à noite mandar-lhe-ei o que deseja.

- Felicito-me pelo seu bom senso. Estarei à sua espera, e aconselho-o a não faltar.

Era irônico o tom em que o capitão pronunciou estas palavras.

Fez um cumprimento ao padre, gritou uma ordem de comando aos soldados e dirigiu-se em passo apressado na direção do bosque dos cedros.

Francis voltou para a missão, levado ao paroxismo do furor.

O ruído do pesado portão de ferro que se fechara atrás de si despertara no seu cérebro uma série de ecos febris. Que idiota fora quando havia pensado que poderia estar afastado de coisas semelhantes! Que fátuo, que imbecil havia sido!

Ele, o pacifista, a pomba da paz! Rangia os dentes, enquanto que a onda de raiva crescia e o dominava. Bruscamente afastou um pequeno grupo de curiosos, no meio do qual se achava José, que o rodeava timidamente procurando desvendar no seu rosto uma resposta às suas apreensões.

Como de costume, refugiou-se na igreja, a fim de encontrar forças para resolver o seu caso. Mas reconheceu-se incapaz de se curvar humildemente a dizer: "Senhor, eu me submeto."

Saiu da igreja e foi para o seu quarto, deixando-se cair sobre a cadeira de vime. Incapaz de os dominar, os seus pensamentos cruzavam-se num turbilhão em que não havia doçura nem tolerância. Gemia quando se lembrava dos seus sonhos de paz. Que aceção teria agora essa bela palavra? E que seria de todos eles?

Uma outra preocupação o perturbava profundamente: a inutilidade, a estupidez da presença de tia Polly na missão num momento como aquele. Em voz baixa amaldiçoava a senhora Fiske por seguir os impulsos da sua fantasia e intervir na sua vida particular. Com isso conseguira apenas aumentar enormemente as suas atribulações. Senhor! Porque teriam todas as responsabilidades do mundo de abater-se sobre os seus frágeis ombros? Ergueu-se de um salto. Não, ele não poderia, não deveria submeter-se às exigências do general Wai. Jamais se curvaria diante daquele canhão poderoso que, no momento, simbolizava para ele todas as guerras do mundo e o mais brutal dos meios inventados pelo homem para destruir a própria Humanidade. Atravessava o quarto, de trás para diante, o suor borbulhando-lhe nas têmporas, exasperado.

Alguém bateu à porta. Era Polly quem entrava.

- Lamento vir incomodar-te, Francis... Mas gostaria que me concedesses um minuto apenas...

Esboçou um sorriso, sentindo que o seu afeto por ela lhe dava o privilégio de penetrar na sua intimidade.

- Que deseja, tia Polly?

Com grande esforço procurou dar à sua fisionomia um ar de tranqüilidade. Talvez ela ali fosse para lhe dar alguma novidade, uma segunda comunicação da parte de Wai.

- Queria provar-te este gorro, Francis. Ficaria aborrecida se ficasse grande de mais. Isto será muito bom para ti pois há de agasalhar-te bastante durante o Inverno.

E mostrou-lhe um barrete de lã que tinha estado a fazer para ele.

Estupefato, Francis fixou nela os olhos esgazeados, sem saber se devia rir ou deixar que as lágrimas corressem: isto era mesmo de Polly. No momento em que ouvisse a trombeta do júízo final não duvidava de que ela corresse a buscar-lhe uma taça de chá. E não poderia fazer outra coisa senão submeter-se.

Ficou de pé e esperou que ela provasse na sua cabeça o gorro ainda não terminado.

- Não está mal - murmurou -, apenas um pouco largo - Com a cabeça um pouco inclinada para um lado e os lábios apertados, ela contou cuidadosamente as malhas com a sua agulha de osso.

- Sessenta e oito. Quatro malhas a menos... Obrigada, Francis. Espero que não te tenha incomodado muito.

As lágrimas vieram aos olhos do padre. Sentiu um desejo irresistível de deixar cair a cabeça no regaço de Polly, de chorar convulsivamente e gritar-lhe com desespero: «Tia Polly, debato-me com dificuldades tremendas! Que deverei fazer, em nome de Deus?» Dominou-se, contemplou-a uns momentos e depois murmurou:

- Tia Polly, não a preocupa o perigo por que estamos todos a passar?

Ela sorriu docemente.

- Os cuidados envelhecem. E depois, porque me preocuparia eu? Não estás tu aqui para nos proteger?

Esta fé inquebrantável nele foi como uma rajada de ar puro. Ficou a observá-la enquanto embrulhava o seu trabalho.

Depois de lhe espetar as agulhas despediu-se e retirou-se. Sob aquela aparência de tranqüila segurança adivinhava-se nela, escondida, uma profunda sabedoria. Agora ele não hesitava sobre

qual a conduta a seguir. Foi buscar o casaco e o chapéu e saiu furtivamente pelo portão de serviço.

Uma vez fora da missão foi envolvido por profunda obscuridade.

Apesar disso desceu a colina do Brilhante Verde Jade e tomou a direção da cidade, em passo rápido, sem se preocupar com qualquer obstáculo.

Junto da porta Manchu ordenaram-lhe bruscamente que fizesse alto, uma lanterna iluminou-lhe as feições e os soldados da guarda examinaram-no minuciosamente. Contava que o reconhecessem - afinal de contas ele era uma figura bastante familiar à população, mas ainda teve mais sorte do que esperava. Um dos três soldados que se encontravam ali pertencera ao destacamento de Shon e havia trabalhado com ele durante o período da epidemia. O homem pediu desculpas imediatamente e, depois de uma rápida troca de palavras com os seus companheiros, declarou-se pronto a levá-lo à presença do tenente.

As ruas estavam desertas, obstruídas nalguns pontos pelos escombros das casas desmoronadas, e por toda a parte reinava um silêncio sinistro. Do sector longínquo a leste vinham de vez em quando os sons de fuzilaria intensa. Apressando-se sobre os

passos rápidos do seu guia, Francis experimentou uma espécie de remorso ridículo.

Shon estava no seu alojamento do quartel, aproveitando um curto repouso, inteiramente vestido, estiraçado na mesma cama de campanha que pertencera ao doutor Tulloch. Tinha a barba crescida, polainas enlameadas e os olhos estavam marcados por uma fadiga intensa. Ergueu-se sobre um dos cotovelos quando Francis entrou.

- Oh! - exclamou. - Acabo de sonhar consigo, meu bom amigo, e com o seu excelente estabelecimento na colina...

Escorregou da cama, avivou a chama do candeeiro e sentou-se à mesa.

- Quer tomar uma xícara de chá? Não? Nem eu. Mas sinto-me de fato contente por vê-lo. Lamento apenas não poder apresentá-lo ao general Naian. Está a dirigir um ataque nos bairros de leste... ou quem sabe?, talvez esteja executando alguns espões. É um homem inteligentíssimo.

Francis sentou-se à mesa e ficou calado. Conhecia Shon suficientemente para saber que deveria primeiro deixá-lo falar.

Mas naquela noite Shon estava menos loquaz do que costumava.

Lançava sobre o padre um olhar circunspecto.

- Porque não me faz o seu pedido, meu amigo? Sei que está aqui para me pedir um auxílio que lhe não poderei dar.

Deveríamos ter ocupado a sua missão há dois dias atrás e só não o fizemos porque se o tentássemos seríamos reduzidos a frangalhos por essa miserável Sorana.

- Refere-se ao canhão?

- Sim, o canhão - respondeu Shon com uma polida ironia.

- Conheço-o há muito tempo. Primitivamente pertencia a uma canhoneira francesa. Depois foi o general Hsiah quem o comprou. Duas vezes o conquistei com grande sacrifício, mas das duas vezes ele o comprou novamente ao meu comandante... Foi quando Wai arranhou em Pequim uma concubina que lhe custou vinte mil dólares de prata. Era uma mulher armênia, muito bela, chamada Sorana. Quando se cansou dela, deu-a a Hsiah em troca do canhão... O senhor viu-nos tentar capturá-lo ontem. Mas não é possível... estão solidamente entrincheirados... Como atravessar essa zona a descoberto se dispomos apenas da nossa fraca artilharia para nos defendermos? Talvez percamos esta campanha por causa daquele maldito canhão. E o meu progresso nas boas graças do general Naian era certo.

Fez uma pausa. O padre murmurou surdamente:

- E se fosse possível tomar o canhão?

- Não... não me venha tentar. - E Shon abanou a cabeça com amargura. - Mas se por um feliz acaso conseguisse apropriar-me daquela maldita arma garanto-lhe que a poria definitivamente fora do combate.

- O senhor poderia aproximar-se bastante do canhão...

Shon ergueu a cabeça e escrutou deliberadamente a fisionomia de Francis. Havia nos seus olhos um brilho de excitação.

Ficou calado, à espera.

O padre Chisholm curvou-se para o tenente, com os lábios cerrados:

- Esta tarde recebi a visita do capitão que comanda o destacamento que está de posse do canhão. Veio exigir de mim uma entrega de víveres e dinheiro, e ameaçou-me que reduziria a minha missão a escombros se o não fizesse. E antes da meia-noite...

Ia continuar mas subitamente calou-se, compreendendo que nada mais precisava de dizer. Permaneceram ambos em silêncio por algum tempo. Shon refletia, de aspecto carregado.

Por fim sorriu. Embora os músculos da sua face se tivessem distendido no momento de esboçar o sorriso, nos seus olhos não se lia alegria.

- Meu amigo, continuo a considerá-lo como um enviado do Céu.

Uma nuvem de tristeza velou a face do padre:

- Esta noite não pensei no Céu.

Shon concordou vagamente, sem dar valor a essa observação.

- Agora ouça. Vou explicar-lhe o que teremos a fazer.

Uma hora depois Francis e Shon deixavam o quartel, e pela porta Manchu dirigiram-se à missão. Shon havia despido o seu uniforme. Vestia agora uma blusa azul e um par de calças, dessas que os coolies habitualmente vestiam, enroladas até ao joelho. Um chapéu ordinário cobria-lhe a cabeça. Às costas carregava um enorme saco com passagens feitas com cordel. A distância, seguindo-o silenciosamente, seguiam vinte dos seus homens. A meio caminho da colina do Brilhante Verde Francis tocou no braço do seu companheiro.

- Agora é a minha vez.

- Não é pesado - disse Shon, mudando o enorme saco de um ombro para o outro -, e de resto tenho a impressão de que sou mais forte do que o senhor...

Prosseguiram e alcançaram a salvo o abrigo da missão.

Não havia uma luz acesa. O conjunto de tudo o que Francis tanto amava não formava mais que uma massa sombria sem defesa. O silêncio era total. Subitamente, na casa do porteiro, ouviu ele o som melodioso do relógio de carrilhão que dera a José como presente de núpcias. Contou, então, automaticamente onze horas.

Shon repetiu as instruções aos seus homens. Um deles, agachado junto do muro, tossiu com um ruído que parecia repercutir-se no outro lado da montanha.

Shon censurou-o violentamente a meia voz. Os homens não deviam representar no caso um grande papel. No trama que se preparava eles, Francis e Shon, seriam os principais. O padre ouviu-o dizer, como que num sussurro, através da escuridão:

- Sabe exatamente o que tem a fazer?

- Sei.

- Quando eu der um tiro na lata de gasolina, ela imediatamente se inflamará e as chamas comunicar-se-ão à cordite, o terrível explosivo de que lhe falei. Mas antes disso, mesmo antes que eu saque do meu revólver, deve correr, afastar-se o mais que puder. O abalo será violentíssimo.

Depois de um instante acrescentou com decisão:

- Bem. Se estamos prontos, vamos. Para a frente! Mas, pelo amor de Deus, conserve o archote a distância respeitável do saco, ou iremos ambos pelos ares.

Chamando a si toda a coragem, Francis tirou do bolso da sotaina os fósforos, riscou um e acendeu o archote; erguendo-o acima da cabeça, saiu das sombras dos muros da missão a caminho do bosque dos cedros, que se estendia na direção da colina. Sohn seguiu-o como um criado levando o saco às costas, e, conquanto arquejante sob o seu peso, tinha o maior cuidado para não fazer barulho. A distância não era grande.

Ao fim do caminho parou e em voz alta dirigiu-se às invisíveis sentinelas:

- Aqui estou eu, como me ordenaram. Levem-me ao vosso comandante.

Durante um curto espaço de tempo o silêncio manteve-se.

Pouco depois, porém, Francis olhou à volta e viu que tinham aparecido dois homens de Wai.

- Esperam-vos, «feiticeiro». Não tenha medo e siga-nos.

Foram escoltados através de um labirinto de trincheiras, pouco profundas, protegidas contra assaltos por estacadas de bambu de pontas aguçadas,

no centro do bosque. O coração do padre quase cessara de bater. Por trás de uma muralha de barro e de ramos de cedro os soldados estavam reunidos à volta do pesado canhão de cano longo e agressivo.

- Trouxe tudo o que lhe recomendamos?

Francis reconheceu a voz do homem que o havia visitado naquela tarde.

- Trouxe um grande saco de conservas... que certamente lhe agradarão.

Shon exibiu o saco, aproximando-o quanto pôde do canhão.

- Não é assim tão grande como isso... - observou o capitão colocando-se sob a incidência da luz do archote. - Trouxe também algum dinheiro?

- Sim.

- Onde está? - interrogou o capitão, excitado, apalpando o saco.

- Não está aí - apressou-se Francis a dizer. - Trouxe o dinheiro na minha bolsa.

O capitão olhou-o com uma expressão de cupidez, deixando, com a atenção distraída por essa forma, de examinar o conteúdo do saco. Um grupo de soldados aproximou-se fixando com avidez os gestos do padre.

- Ouçam todos - disse Francis, num desesperado esforço para atrair-lhes a atenção. - Quero pedir-lhes, quero implorar-lhes...

Donde estava, Francis podia ver Shon movendo-se imperceptivelmente na sombra, com uma astúcia diabólica, aproximando-se cada vez mais do canhão.

- Queria pedir-lhes - repetiu Francis ao auditório, já impaciente - que nos deixem tranquilos na missão.

A cara do capitão evidenciava sinais de desprezo. Exibiu um sorriso de troça:

- Ninguém será molestado... até amanhã.

Alguém riu na sombra.

- Depois ocupar-nos-emos das mulheres que estão lá.

Alguns riram alto, galhofeiramente. O coração de Francis endureceu. Shon, fazendo gestos de cansado, havia depositado o saco junto da culatra do canhão. Parecendo ocupado a enxugar o suor que lhe inundava o rosto, aproximou-se do padre.

Entretanto o número de soldados aumentara, e crescera, do mesmo modo, a impaciência de todos eles. Francis tentou ganhar mais tempo para que Shon pudesse agir com segurança.

- Eu não duvido da sua palavra, capitão. Mas gostaria de ter também uma garantia pessoal do general Wai.

- O general Wai está na cidade. Mais tarde terá oportunidade de falar com ele.

O capitão expressou-se num tom impaciente e avançou para receber o dinheiro. De soslaio, Francis viu que Shon enfiava a mão por baixo da blusa. «Era agora», pensou. Nesse mesmo momento ouviu o estampido de um tiro de revólver e o choque da bala a atravessar a lata de gasolina existente dentro do saco. No entanto não podia compreender o que se passava. Contava com a explosão e ela não se ouviu, Shon, em rápida sucessão, disparou mais três tiros contra o saco.

Francis ouviu o gorgolejar da gasolina que saía da lata e pensou, com amarga desilusão, tão rapidamente quanto as detonações:

Shon tinha-se enganado. As balas não inflamavam a gasolina ou talvez não fosse gasolina o que havia na lata, mas unicamente petróleo ordinário. Shon disparou seguidamente contra os homens de Wai, que a surpresa estarrecera no primeiro instante, lutando para se apossar do canhão, gritando em voz alta aos seus homens para que viessem em seu auxílio.

Viu então que o capitão e uma dezena de soldados se preparavam para se atirar a Shon. Tudo sucedeu com a rapidez do pensamento. Francis sentiu-se tomado por uma onda devastadora de raiva e desespero. Com a precisão calculada, como se lançasse uma linha de pesca no ponto exato em que se encontrava um salmão, o padre levantou o braço e atirou o archote a distância, num esforço desesperado para remediar a situação. O resultado foi belo. O archote descreveu uma trajetória como um cometa através da escuridão e foi cair junto do saco, empapado de combustível. Instantaneamente uma grande chama se elevou e um formidável estrondo se fez ouvir. Dava a impressão de que a terra era abalada por um cataclismo, que à vista dele se abria a cratera de um vulcão lançando chamas violentas e devoradoras.

A deslocação do ar atirou-o por terra. Tinha a impressão de estar a cair, a cair, a cair no espaço e na escuridão, no aniquilamento e no olvido, procurando apoio e nenhum encontrando.

Quando lhe voltou a consciência viu-se na clareira, estendido, mas sem nenhum ferimento. Shon friccionava-lhe a cabeça para o reanimar. Como num sonho, por trás dele viu o céu avermelhado inteiramente por um clarão intenso. Com estalidos e

roncos, como uma enorme fogueira, todo o bosque de cedros estava a ser devorado pelas chamas.

- E o canhão? Inutilizado?

Shon respondeu, aliviado:

- Sim, felizmente. Inutilizado para sempre. Creio que também uns trinta soldados de Wai foram, na companhia dele, pelos ares.

Os seus dentes brilhavam na face amarela.

-- Meu amigo - acrescentou - apresento-lhe as minhas felicitações. Nunca vi uma mortandade que tanto me encantasse.

Se repetir uma vez mais tão rico espetáculo converter-me-ei à religião cristã.

Durante os dias que se seguiram reinou no espírito do padre Chisholm uma terrível confusão. A sua aventura mergulhara-o também numa extrema prostração física. Na verdade ele nada tinha do herói valente dos romances de aventuras; era um homem calmo, refletido, de respiração difícil e de fraca resistência, já nos quarenta anos. Sentia-se abalado e amolecido pelo choque. A sua cabeça por vezes estalava com dores persistentes e de tal intensidade que de quando em quando tinha de recolher-se ao seu quarto para colocar compressas de água tépida na fronte. Apesar da sua imensa fraqueza física a sua alma não perdia a sensibilidade.

Sentia por vezes uma mistura estranha de triunfo e remorso, um pesado sentimento de culpa ao qual ao mesmo tempo se juntava certa estupefação pelo fato de um ministro de Deus ter erguido a mão para assassinar os seus semelhantes.

Mal o consolava a idéia de ter assim procedido para salvar os que estavam aos seus cuidados. E o seu maior tormento consistia na lembrança pungente da sua própria perda de conhecimento ante os efeitos causados pela explosão. Seria assim a morte? Um esquecimento total?

Ninguém, salvo Polly, suspeitava de que ele tivesse deixado a missão mergulhada nas trevas noturnas. Ele notava o olhar tranqüilo da sua tia ir da sua figura silenciosa e fatigada aos troncos dos cedros calcinados que marcavam o local onde estivera instalado o canhão. Havia um mundo de subentendidos na frase breve e simples que ela então proferira:

«Alguém nos prestou um grande benefício fazendo ir pelos ares aquele trambolho.» A luta prosseguia com violência nos arredores da cidade e nos montes à direita. Quatro dias mais tarde chegaram à missão notícias de que a derrota de Waí praticamente era um fato irremediável.

No fim da semana o tempo tornou-se sombrio, cinzento, e o céu estava cheio de nuvens pesadas ameaçadoras. No sábado a fuzilaria esmoreceu. Do seu posto de vigia, na varanda da missão, o padre Chisholm observou filas de soldados vestidos com o uniforme verde das tropas de Wai que retiravam pela porta de oeste. Um grande número deles abandonava as suas armas com medo de serem apanhados com elas nas mãos e fuzilados sumariamente como rebeldes. Francis sabia que isso era um indício seguro dos reveses que Wai estava a sofrer e que não tivera a possibilidade de se impor às forças do general Naian.

Não longe da missão, por detrás do alto muro, ocultos por um renque de bambus que os escondia à vista de quem os observasse da cidade, um grupo desses soldados trânsfugas estava reunido. As suas vozes, hesitantes e aterrorizadas, ouviam-se distintamente de dentro da missão.

Cerca das três horas da tarde a irmã Clotilde chegou, muito agitada, ao pé do padre Chisholm, que passeava no pátio, ruminando os seus problemas, demasiadamente preocupado para pensar em repouso.

- Ana está a atirar provisões para o outro lado do muro - disse ela com voz lamentosa. - Estou certa

de que o soldado dela está lá... Eu vi os dois a conversar...

Os nervos de Francis estavam prestes a rebentar.

- Não é pecado dar de comer a quem tem fome.

- Mas trata-se de um desses bárbaros assassinos!

Podemos ser todos degolados nas nossas próprias camas!

- Não tenha tanta preocupação com o seu pescoço - respondeu Francis, aborrecido. - O martírio é o caminho mais curto para o Céu.

Dava largas ao seu enervamento.

Ao cair do crepúsculo, soldados das forças derrotadas de Wai começaram a atravessar em massa os limites da cidade.

Vinham pela porta Manchu tomando em seguida o caminho da colina do Brilhante Verde Jade passando pela missão na mais completa desordem. Nas suas faces sujas estavam estampados a ansiedade e o desespero da fuga. A noite que se seguiu foi de escuridão e desordem, frequentemente perturbada por gritos furibundos e detonações, galopes de cavalos e chamadas vacilantes de archotes. O padre observava melancolicamente do pórtico da missão quando ouviu atrás de si o ruído de passos ligeiros. Ao voltar-se não ficou surpreendido ao ver Ana, com o casaco abotoado até o pescoço e um pacote na mão.

- Para onde vais, Ana?

Ela deu um passo atrás e soltou um pequeno grito, mas imediatamente reassumiu o seu insolente ar habitual.

- Isso é comigo.

- Então não queres dizer?

- Não.

O padre readquiriu a calma. A sua atitude havia mudado.

Para quê retê-la contra a sua vontade?

- Vejo que queres deixar-nos, Ana. Isso é evidente e nada do que eu possa dizer ou pensar poderá modificar as tuas intenções... - disse Francis, reconhecendo que lhe falhavam os meios de coerção moral.

- O senhor caçou-me desta vez - disse Ana com amargura.

- Mas da próxima vez não me deixarei apanhar...

- É inútil falar da próxima vez, Ana - retorquiu o padre, tirando do bolso a chave do portão. - És livre. Podes ir, se quiseres.

Ele compreendeu que a rapariga ficara estupefata.

Nos olhos da jovem havia uma expressão de espanto. Aquilo era inteiramente inesperado para ela.

Mas, sem uma palavra de gratidão ou de despedida, agarrou na trouxa, que havia deixado cair, e esgueirou-se pela porta entreaberta. A sua silhueta perdeu-se bem depressa na multidão. Ele permaneceu no mesmo lugar, de cabeça descoberta, enquanto a debandada prosseguia. Subitamente os gritos tornaram-se mais estridentes e um grupo de cavaleiros de archotes ao alto aproximou-se. Vinham apressados, chicoteando à direita e à esquerda os que caminhavam a pé, fatigados e amedrontados. Quando chegaram em frente do portão um dos cavaleiros refreou a sua montada. À luz dos archotes o padre teve a visão de uma máscara incrivelmente demoníaca como uma caveira, a face lívida, os olhos sinistros e apertados, a fronte monstruosa e repugnante. O cavaleiro vomitou um insulto, um insulto cheio de ódio, levantou a mão, num gesto ameaçador, numa ameaça de morte. Na sua perfeita imobilidade, sem pestanejar, na sua ausência de temor, o padre parecia desconcertar o outro. Enquanto hesitava por um instante, a turba que o seguia começou a gritar: «Vamos, para a frente, Wai... Vamos para Tu-en-Lai... eles vêm atrás de nós. Wai baixou a mão, em que empunhava a arma ameaçadora, com um desalento de fatalista, e ao mesmo tempo que esporeava o animal inclinou-se sobre a sela e escarrou a síntese do

seu ódio na face do padre. Na treva noturna, o grupo submergiu-se. Na manhã seguinte o Sol brilhava e os sinos da missão tocavam festivamente. Fu, por sua própria iniciativa, subira à torre e puxava com imensa satisfação as longas cordas que pendiam dos sinos. Os refugiados, na sua maioria, estavam prontos para regressar aos seus lares, os rostos radiosos, esperando apenas que o padre lhes lançasse a bênção ou lhes . dissesse uma palavra de conforto. Todas as crianças estavam no recreio, rindo, pulando, vigiadas por Marta e Verônica, que se tinham reconciliado suficientemente para suportar uma proximidade de dois metros. Até mesmo Clotilde brincava, mais alegre do que as crianças, atirando a bola, correndo com os pequenos, associando-se à algazarra que eles faziam. Polly, sentada, muito direita, no seu recanto favorito na horta, entretinha-se no seu tricot como se a vida em torno dela não tivesse, por um minuto sequer, saído da sua costumada rotina.

Quando o padre Chisholm descia vagarosamente os degraus da sua casa José veio ao encontro dele, alegremente, trazendo nos braços o filho gordinho.

- Está tudo acabado, padre. Naian venceu. O novo general é, de fato, um grande homem. Não

haverá mais guerra em Pai Tan. Ele garantiu. Todos gozaremos de paz durante o resto dos nossos dias.

Fazia saltar a criança nos seus braços, triunfante, e acrescentou:

- Tu não te baterás, meu pequeno Josué. Tu não conhecerás lágrimas e sangue. Paz! Paz para sempre!

Inexplicavelmente uma onda de tristeza invadiu o coração do padre. Acariciou levemente o queixo da criança, suspirou, e por fim sorriu. Sim, talvez todas essas esperanças de paz fossem em breve aniquiladas, mas para seu consolo, no momento presente, ali estavam, em volta dele, correndo alegremente, as suas crianças, as suas ovelhinhas, aqueles que ele amava e que tinha salvo ao preço dos seus mais sagrados princípios.

10 Nos últimos dias de Janeiro puderam apreciar em Pai Tan os primeiros frutos da vitória.

Com grande alívio de Francis, a tia Polly não os testemunhou, pois partira para Inglaterra uma semana antes. A separação fora-lhe penosa, mas havia-se convencido de ser essa a melhor solução.

Naquela manhã, ao dirigir-se ao dispensário, observou o que restava da plantação de arroz. No dia anterior o arrozal atingia a extremidade do muro da missão, mas Wai, furioso pela derrota, havia queimado alqueires e alqueires numa vasta superfície.

Por outro lado, a colheita de batatas doces havia sido débil. Os arrozais, cultivados apenas por mulheres, pois que todos os homens e animais de tração haviam sido mobilizados, não tinham dado metade da produção dos anos anteriores.

Todos os gêneros alimentícios eram escassos e caros.

O preço das conservas, na cidade, elevara-se ao quádruplo e os preços subiam todos os dias. Dirigiu-se rapidamente para o edifício a abarrotar de necessitados. As três irmãs encontravam-se ali, cada uma delas com uma medida de madeira, em frente de uma tulha, empenhadas na tarefa de distribuir cem gramas de arroz a todas as tigelas que aquela pobre gente estendia.

Ficou a observar. Aquela multidão estava silenciosa e paciente mas os grãos secos que caíam das medidas faziam uma espécie de silvo. Murmurou para madre Verônica:

- Infelizmente não nos é possível continuar a dar tanto.

De amanhã em diante teremos de reduzir a metade a porção de cada um.

- Está bem - disse madre Verônica com um gesto de assentimento.

Os acontecimentos recentes haviam-na experimentado com dureza. Estava mais pálida e abatida. Não tinha levantado os olhos da tulha do arroz.

Francis foi até à porta exterior, duas ou três vezes, para contar os que ainda não tinham sido atendidos. Graças a Deus, a fila começava a diminuir. Tornou a atravessar o parque e desceu à cave para fazer um inventário das reservas de que ainda podiam dispor. Felizmente, dois meses antes, havia feito uma encomenda ao senhor Chia e essa encomenda fora satisfeita escrupulosamente. Mas a reserva de arroz e batatas doces, de que se fazia um grande consumo, diminuía assustadoramente.

Ficou por momentos mergulhado nas suas próprias reflexões.

Embora a preços exorbitantes, conseguia ainda adquirir-se comida em Pai Tan. Tomado de súbita resolução, resolveu que deveria telegrafar à metrópole a solicitar auxílio para a missão. Seria a primeira vez que se dirigia à Associação para pedir alguma coisa.

Na semana seguinte recebeu a resposta ao seu apelo.

Inteiramente impossível dispor de qualquer quantia. Lembre-se de que estamos em guerra ao

passo que o senhor está longe dela. Devia considerar-se feliz por isso. Estou mergulhado no trabalho da Cruz Vermelha. Cumprimentos.

Anselmo Mealey Francis amarrotou o pedaço de papel com irritação. Naquela mesma tarde, munido de todas as reservas financeiras da missão, foi à cidade. Mas era tarde de mais. Nada encontrou para comprar. O mercado estava fechado. As casas mais importantes apenas tinham gêneros de estação: alguns melões, rabanetes e uns pequeninos peixes de rio.

Completamente desorientado, foi à missão da Rua das Lanternas, onde teve uma longa palestra com o senhor Fiske. Em seguida, na volta, visitou também o senhor Chia, que o recebeu com toda a cordialidade. Beberam chá no pequeno escritório, que rescendia a especiarias, musgo e cedro.

- Sim - concordou o senhor Chia gravemente. - A situação não deixa de ser inquietante. Mas creio que não assumirá a gravidade que pensamos, pois o senhor Pao seguiu para Chek-how a fim de conseguir alguns recursos em dinheiro do novo governo.

- Admite possibilidades de sucesso?

- Creio que sim. Contudo - acrescentou com uns laivos de cinismo - dinheiro não é comida...

- Dizem que os celeiros estão cheios de arroz.

- O general Naian levou tudo. E esvaziou a cidade de toda a sorte de mantimentos.

- Mas - observou o padre, franzindo o sobrecenho -, não está certo que obrigue a população da cidade a passar fome. Prometeu montes de benefícios a todos aqueles que lutassem por ele.

- No entanto, acaba agora de declarar que se a população diminuir em consequência da fome só poderá haver benefício para os que ficarem. Acha que o mal da China é o excesso de população...

Houve um curto silêncio. O padre observou:

- Pelo menos é uma felicidade que o doutor Fiske possua ainda uma boa reserva. E foram-lhe prometidos ainda três juncos repletos de mantimentos que deverão vir de Pequim.

- Ah...

E outra vez o silêncio.

- O senhor parece não ter ficado convencido.

O senhor Chia esboçou um sorriso polido:

- Pequim está afastada de Pai Tan uns dois mil lis. E pelo caminho há milhares de pessoas famintas... Na minha humilde opinião, meu honrado e muito prezado amigo, devemos preparar-nos para seis meses de privações - no mínimo...

Essas coisas acontecem frequentemente na China... Mas que importância tem isso? Talvez seja o fim para nós, mas a China, porém, ficará.

Na manhã seguinte o padre Chisholm foi obrigado a suspender o fornecimento de arroz aos seus protegidos. Confrangia-se-lhe a alma ao ser obrigado a fazê-lo, mas era indispensável que cerrasse as portas. Ordenou a José que inscrevesse num registro o nome dos que fossem absolutamente indigentes com o propósito de pessoalmente os ir visitar.

Quando voltou para casa dispôs-se a estudar um plano de racionamento para a missão, que entrou em vigor no dia seguinte.

Submetidas a esse regime, as crianças, primeiro admiradas, depois resmungonas, tornaram-se apáticas. Ainda comiam bem e podiam repetir os pratos, mas o pouco açúcar que recebiam agora e a ausência dos doces parecia acabrunhá-las tremendamente. Começaram a emagrecer.

Entretanto a missão metodista estava sem notícias acerca do carregamento de gêneros de alimentação. Esperavam os juncos há três semanas e o doutor Fiske não podia dissimular a sua ansiedade. A sua sopa dos pobres não fazia distribuição aos indigentes já havia um mês. Na cidade todos os

habitantes tinham um ar de apatia e abatimento. Nenhuma vivacidade nos movimentos, nenhuma alegria no olhar.

Então começou o êxodo - tão velho como a própria China -, homens, mulheres e crianças abandonavam a cidade e partiam, acabrunhados, a caminho do sul.

Quando a emigração começou, o coração do padre Chisholm confrangeu-se. Já estava acabrunhado pelo espetáculo da sua pequena comunidade condenada à debilidade e à fome.

Tirou então do que via uma conclusão, que se dispôs imediatamente a pôr em prática. Como no tempo da epidemia, chamou José, confiou-lhe uma missão urgente e despachou-o.

Na manhã que se seguiu à partida de José mandou servir às crianças uma porção dupla de arroz. Restava ainda na cave uma última lata de figos secos e ele distribuiu a cada criança um fruto açúcarado.

Este suplemento à ração de arroz alegrou subitamente toda a gente. Mas Marta, que sabia que a cave estava quase vazia, alarmada com a inexplicável generosidade de Chisholm, murmurou, perplexa, para o padre:

- Que se passa, padre? Tenho a impressão de que há alguma coisa de novo.

- Saberá no sábado, Marta. Entretanto, por favor, diga à madre Verônica que continue a distribuir o suplemento de arroz durante toda esta semana.

Marta procurou executar a sua incumbência, mas, caso estranho, não conseguiu encontrar a madre reverendíssima.

Nem mesmo na oficina de tecelagem estava. Às três horas da tarde ainda não tinha aparecido. Pouco antes das cinco reapareceu, tranqüila como sempre, pálida e digna, sem justificar a sua ausência. Mas naquela noite, tanto a irmã Marta como a irmã Clotilde foram despertadas por um ruído insólito que provinha, sem dúvida possível, do quarto de madre Verônica.

No dia seguinte, consternadas, trocaram impressões num canto da lavanderia enquanto observavam madre Verônica pela janela. Ela atravessava o pátio, com a mesma dignidade de sempre, mas mais lentamente que de costume.

- Ela está quebrada, enfim - e as palavras de Marta custavam a passar-lhe na garganta.

- Virgem Santa! Na noite passada não a ouviu soluçar?

Clotilde torcia uma ponta da toalha entre os dedos:

- Talvez ela tenha tido conhecimento de alguma grande derrota alemã que nós ainda ignoramos...

- Sim, sim... e deve ser qualquer coisa terrível.

O rosto de Marta crispou-se subitamente:

- Francamente, se ela não fosse uma inimiga quase que teria pena...

- Eu nunca a vi chorar. Foi a primeira vez - exclamou Clotilde. - E ela é muito orgulhosa. Deve ser-lhe atrozmente penoso.

- O orgulho marcha à frente da derrota. Teria ela pena de nós se tivéssemos sido derrotados? Nunca! Portanto, confesso.

...é melhor continuarmos a passar a roupa.

No domingo, muito cedo, um pequeno grupo de cavaleiros apareceu no começo do caminho da montanha; dirigia-se para a missão. Prevenido por José da sua chegada, o padre Chisholm correu à porta a fim de dar as boas-vindas a Liu-Chi e aos seus três companheiros de viagem. Apertou as mãos do velho pastor com tal ânsia que parecia não mais querer largá-las.

- Quanta bondade! O Senhor recompensá-lo-á.

Liu-Chi sorriu ingenuamente, encantado por tão calorosa recepção.

- Gostaríamos de ter vindo mais cedo, mas perdemos muito tempo a juntar os cavalos...

Efetivamente acompanhavam-no trinta pequenos cavalos da montanha, de espesso pêlo, com cabeçada mas sem sela, com dois grandes cestos de cada lado. Mastigavam vorazmente o feno que lhes haviam dado. O coração do padre encheu-se de alegria. Ofereceu aos quatro viajantes os refrescos que a esposa de José havia já preparado e disse-lhes que descansassem antes da refeição.

Francis encontrou a madre superiora na rouparia, onde ela, silenciosamente, distribuía pilhas de roupa que deveria ser usada durante a semana, toalhas de mesa, lençóis e guardanapos, a Marta, Clotilde e uma das pequenas já crescidas. O padre não disfarçava a sua satisfação.

- Preparem-se para uma boa surpresa. Em virtude da ameaça da fome, iremos residir provisoriamente na aldeia dos Liu. Lá teremos abundância, asseguro-lhe - acrescentou a sorrir. - Irmã Marta, estou certo de que vai aprender uma grande quantidade de maneiras de preparar cabritos... e esta deslocação agradar-lhe-á. E quanto às crianças, gozarão de umas férias excelentes.

Depois dos primeiros momentos de surpresa Marta e Clotilde sorriam, radiantes com aquela alteração da rotina, já antegozando as excitantes peripécias da novidade.

- Com toda a certeza a senhora espera que estejamos prontas dentro de minutos - murmurou Marta com boa disposição, olhando interrogativamente, pela primeira vez depois de semanas, para madre Verônica, à espera de instruções. Era o primeiro passo para a reconciliação.

Madre Verônica, porém, mais pálida do que nunca, pareceu não ter ouvido a observação.

- Sim, é preciso que se despachem - murmurou Francis, quase alegremente. - As crianças mais pequenas irão nos grandes cestos. As outras mais velhas revezar-se-ão: enquanto umas vão a cavalo as outras irão a pé. Assim não se cansarão muito. As noites estão quentes e belas. Liu-Chi tomará conta de todos. Se partirem hoje, estarão na aldeia dentro de uma semana.

Clotilde desatou a rir.

- Pareceremos uma tribo de ciganos.

O padre fez um movimento de aprovação com a cabeça.

- José levará uma grande caixa com os meus pombos-correios.

Todas as noites largará um, a fim de que eu receba notícias de todos.

- Como assim? - exclamou ao mesmo tempo Marta e Clotilde. - Então o senhor não vem conosco?

- Talvez vá mais tarde.

E Francis sentiu-se satisfeito por verificar que a sua presença era desejada.

- Como devem compreender, alguém deverá permanecer na missão - acrescentou. - A mãe superiora e vocês serão as pioneiras...

Mãe Verônica disse vagarosamente:

- Eu não posso ir.

Houve um silêncio pesado.

A princípio Francis julgou tratar-se apenas da velha pirraça, do desejo de não estar ao pé das outras duas, mas um simples olhar bastou para verificar que se enganara. Murmurou num tom persuasivo:

- Será uma viagem muito agradável e a mudança de ares far-lhe-á bem...

Ela abanou a cabeça com doçura.

- Vou ser obrigada a fazer uma viagem mais longa... brevemente...

Fez uma pausa, que se prolongou por alguns minutos. Depois murmurou com uma voz em que transparecia um desesperado esforço para que soasse naturalmente:

- Tenho de ir à Alemanha... para dispor dos meus bens...

a favor da nossa ordem...

Os seus olhos perderam-se no infinito:

- Meu irmão foi morto no campo da batalha.

O silêncio anterior fora pesado mas agora reinava uma quietude de morte. Foi Clotilde quem rompeu em soluços.

Depois Marta, como um animal apanhado numa armadilha, baixou a cabeça involuntariamente, numa manifestação de pena. O padre Chisholm, profundamente emocionado, olhou uma e outra com profunda aflição e retirou-se em silêncio.

Quinze dias após a chegada do grupo a Liu, chegara a vez de madre Verônica partir. Ainda lhe custava acreditar. A última informação da aldeia, trazida por um pombo-correio, dizia que as crianças estavam instaladas em condições primitivas mas confortáveis e cheias de saúde no ar sadio das montanhas.

O padre Chisholm tinha boas razões para estar satisfeito consigo mesmo pela sua inspiração. No entanto, enquanto caminhava ao lado de madre Verônica para os degraus da escada de embarque, precedido por dois carregadores com longas varas aos ombros, das quais pendia a sua bagagem, sentiu-se desesperado e abandonado.

Ficaram parados na muralha, enquanto os homens colocavam a carga na sâmpana. Atrás deles ficava a cidade com o seu triste brouhaha. Em frente,

no meio do rio, estava o junco preparado para a viagem. A água suja que chapinhava no seu casco confundia-se com o horizonte cor de cinza.

Francis não encontrava palavras para exprimir os seus sentimentos.

Tinha representado um tão grande papel na sua vida aquela mulher, tão boa e tão nobre, que o havia auxiliado e encorajado, companheira de tantos infortúnios! Tinham pensado que os seus esforços estariam sempre associados.

Eis que o deixava, de imprevisto, quase furtivamente, e, o que era pior, sob o peso de um mal-entendido vago e doloroso.

Finalmente, ele suspirou e sorriu-lhe.

- Mesmo que o meu país continue em guerra com o seu...

lembre-se... de que eu nunca serei seu inimigo...

Esta maneira de se exprimir era tão característica de tudo o que ela admirava nele que abalou a sua resolução de se conservar forte. Verônica olhou a sua pequena estatura, a sua face magra e o seu cabelo ralo, e as lágrimas anuviaram-lhe os belos olhos.

- Meu querido... meu querido amigo... eu nunca o esquecerei.

Apertou-lhe a mão afetuosa e demoradamente, e depois, rápida, saltou para o barco que deveria conduzi-la ao junco.

Francis ficou na muralha, imóvel, apoiado no seu velho guarda-chuva escocês, com os olhos semicerrados para se defender da reverberação do Sol na água até que o barco se tornou apenas uma mancha flutuante desaparecendo para lá do bordo do céu.

Sem que ela o soubesse, ele tinha colocado na sua bagagem a preciosa figurinha da Virgem espanhola que o padre Tarrant lhe dera noutro tempo. Era o seu único objeto de valor e ela havia-a admirado muitas vezes.

Voltou-se e dirigiu-se lentamente para casa com o coração oprimido. Parou no jardim que ela criara e que tanto amava, grato pelo silêncio e pela paz ali reinantes. O perfume dos lírios impregnava o ar. O velho Fu, o jardineiro, seu único companheiro na missão deserta, podava delicadamente azáleas.

O padre sentia-se acabrunhado por todos os acontecimentos desenrolados recentemente. Um capítulo da sua vida terminava;

pela primeira vez sentia-se envelhecer. Sentou-se no banco, abrigado por uma árvore frondosa, e apoiou os cotovelos na mesa de pinho colocada ali

por ela. O velho Fu, que continuava na sua faina, fingiu não o ver quando, momentos depois, ele escondeu a cabeça nos braços.

Sempre à sombra das largas folhas da frondosa árvore, sentado à mesa do jardim, ele folheava o seu diário; as suas mãos, como por efeito de alguma ilusão de óptica, tinham as veias salientes e estavam um pouco trêmulas. O velho Fu já não o observava, a não ser, talvez, por uma frincha do Céu. Dois jovens jardineiros substituíam-no agora, curvados junto do canteiro de azáleas, enquanto o padre Chu, um sacerdote chinês, pequeno, doce e tímido, passeava com o seu breviário a uma respeitosa distância, lançando de quando em quando sobre ele um olhar afetuoso.

Ao sol de Agosto dentro dos muros da missão tudo tremia sob o calor seco e luminoso como a faiscar de um vinho dourado.

Do campo dos jogos os gritos das crianças satisfeitas indicavam que eram onze horas. Os seus filhos, ou antes, corrigiu com uma careta, os filhos dos seus filhos... Quão rapidamente o tempo havia passado por ele, acumulando, um após outro, os anos sobre os seus ombros de uma maneira tão sub-reptícia que ele não dera por isso.

Uma cara rosada, redonda e sorridente entrou como uma visão na sua mente abstrata por cima de um grande copo de leite. Franziu o sobrolho quando madre Maria Margarida se aproximou, aborrecido por lhe lembrar novamente a sua idade com uma das suas habituais atenções. Afinal ele só tinha sessenta e sete anos... Bem... faria sessenta e oito no mês seguinte... uma insignificância... e estava em melhor forma do que muitos jovens...

- Não lhe recomendei já muitas vezes que não me trouxesse isso?

Ela sorriu, apaziguadora, vigorosa, ativa e maternal.

- O senhor precisa dele hoje, padre, se insiste em fazer essa longa, inútil e fatigante viagem. - Calou-se uns momentos.

- Não sei porque o padre Chu e o doutor Fiske não podem ir sós.

- Não sabe?

- Não, com efeito.

- Cara irmã, isso é muito mau. O seu espírito deve estar um pouco transtornado.

Ela riu com indulgência e tentou persuadi-lo.

- Posso dizer a Josué que o senhor desistiu de partir!

- Diga-lhe que tenha os cavalos selados dentro de uma hora.

Ela retirou-se abanando a cabeça em sinal de reprovação, e ele sorriu novamente com a satisfação particular de pessoa que levou a sua avante. Depois, bebendo o seu leite, sem necessidade de fazer caretas, pois que ela já não estava presente, voltou despreocupado à leitura do seu diário. Tinha adquirido ultimamente aquele hábito para meditar sobre a sua vida passada folheando aquelas velhas páginas ao acaso.

Naquela manhã calhou abri-lo na data de «Outubro de 1917».

Apesar da melhoria das condições em Pai Tan, a boa colheita de arroz e o regresso dos meus pequeninos de Liu, efetuado nas mais excelentes condições, tenho-me sentido triste ultimamente: hoje, no entanto, um incidente simples tornou-me absurdamente feliz.

Estive ausente durante quatro dias para assistir à conferência anual que o prefeito apostólico julgou conveniente instituir em Sen-Siang. A nossa missão, tão afastada da sede do vicariato, devia ser poupada a tal maçada. Com efeito, nós, missionários, somos tão poucos e estamos tão afastados uns dos outros - o padre Surette, que substituiu o pobre Thibodeau, os

três padres chineses de Chek-Kow e o padre Van Dwyne, o holandês de Rakai, e eu - que verdadeiramente não se justifica uma tão longa viagem pelo rio. Mas, enfim, efetuou-se essa «troca de pontos de vista». Naturalmente, insurtei-me contra os «métodos de cristianização agressiva», exaltei-me e citei a frase do primo do senhor Pao: «Vós, os missionários, vêm com o vosso Evangelho e levam a nossa terra no bolso». Fiquei muito mal cotado no espírito do padre Surette, um missionário dotado de avantajados músculos, que ele emprega na destruição dos encantadores altarzinhos budistas que marginam as estradas num raio de vinte léguas à volta de SenSiang e que, além disso, se orgulha do assombroso record de cinquenta mil piedosas jaculatórias num dia. Durante a minha viagem de regresso fui dominado pelo remorso. Quantas vezes tenho escrito neste diário: «Outro fracasso. Meu Deus, ajudai-me a moderar a língua!» Certamente me classificaram em Seng-Siang de velho excêntrico. Para mortificar a minha carne decidi dispensar a cabina no barco. Ao meu lado, no convés, ia um homem com uma gaiola de grandes e gordos ratos, com os quais se regalava quotidianamente sob o meu olhar de repulsa. Além disso, chovia em torrentes e eu estava - punição bem merecida - extremamente enjoado.

Quando desembarquei do barco em Pai Tan, mais morto do que vivo, encontrei uma pobre velha que me esperava na molhada e deserta muralha. Quando se aproximou reconheci a minha amiga, a velha Hsu, aquela que cozia os seus feijões numa lata de leite condensado na missão. Era a mais pobre, a mais miserável das minhas paroquianas.

Com grande espanto meu, o seu rosto mostrou-se radiante quando me viu. Rapidamente, disse-me que sentira tanto a minha falta que havia três dias vinha ali esperar-me sob a chuva todas as tardes. Ofereceu-me seis pequenos bolos de farinha de arroz, daqueles que não são para comer... mas para oferecer ritualmente às imagens de Buda... aquelas que o padre Surette derruba. A idéia era extravagante... mas a alegria de saber que, pelo menos para uma pessoa, este pobre padre é indispensável e lhe é querido...

Maio de 1918. - Por uma bela manhã partiu o meu primeiro grupo de jovens colonos para Liu, vinte e quatro ao todo - deveria acrescentar doze de cada gênero -, entre muitas reverências e grande entusiasmo geral, sob uma avalanche de recomendações e conselhos da nossa boa superiora, madre Maria Margarida. Embora eu tivesse receado a sua vinda - porque comparava-a, com desvantagem para ela, com madre Verônica -, ela é

uma excelente pessoa, competente e alegre, e, embora freira virtuosíssima, possui uma espantosa compreensão das exigências das coisas matrimoniais.

A velha Meg Paxton, a peixeira de Cannelgate, dizia noutro tempo, para me encorajar, que eu não era tão tolo como parecia, e eu não me sinto pouco orgulhoso da minha inspiração de fundar na aldeia de Liu uma colônia composta dos melhores elementos da nossa missão de Santo André. A verdade é que não há aqui trabalho suficiente para os meus rapazes mais crescidos. Seria, segundo me parece, uma tolice sem apelo, depois de os ter levantado da lama, atirá-los novamente para a rua depois das despesas da criação e educação. E Liu, por seu lado, lucrará muito com a ação desta gente nova.

As terras abundam e o seu clima é ótimo. Quando o número o justifique colocarei lá um jovem padre. Anselmo terá de me mandar um e enquanto o não fizer insistirei até ser atendido.

Estou cansado esta noite por todas estas emoções e cerimônias - estas missas de casamento não são brincadeira e os discursos do cerimonial chinês deixam as minhas cordas vocais arrasadas. Talvez a minha depressão seja mais física do que espiritual. Tenho de fato necessidade de umas férias, sinto-me abatido. Os Fiskes partiram para os seus habituais seis

meses de descanso: foram para junto do filho, agora estabelecido na Virgínia. Sinto-lhes a falta. O seu substituto, o reverendo Ezra Salkins, faz-me apreciar em cheio a felicidade de ter uns vizinhos tão dedicados e amáveis como eles. Shang-Foo Ezra não é uma coisa nem outra. É um homem corpulento, com uma expressão sempre alegre, um aperto de mão capaz de quebrar as falanges dos dedos dos circunstantes. Logo que tomou contacto comigo declarou com voz de trovão ao mesmo tempo que me fazia estalar os ossos das mãos:

«Em qualquer coisa que lhe puder ser útil, irmão, estou às suas ordens.» Gostaria de convidar os Fiskes para meus hóspedes em Liu. Mas Ezra, num abrir e fechar de olhos, teria violado o túmulo do padre Ribeiro só para lhe perguntar:

«Meu irmão, a sua alma está no Céu?» Oh com os diabos!

Estou azedo e doente. Foi, sem dúvida, a torta de ameixas que madre Maria Margarida me forçou a comer no almoço de bodas.

Tornou-me verdadeiramente feliz uma longa carta de madre Verônica datada de 10 de Junho de 1922. Depois de muitas vicissitudes, dos duros episódios da guerra e das humilhações do armistício,

ela acaba de ser nomeada superiora do convento da Via Sistina, de Roma. É a casa-mãe da sua ordem.

De fundação antiga, está situada entre o Corso e o Quirinal e domina a bela igreja dos Santos Apóstolos. É uma situação de alta importância, mas não superior ao seu merecimento.

Ela parece feliz e tranqüila. A sua carta traz-me um tal odor da Cidade Eterna - dir-se-ia o estilo de Anselmo!

- sempre objeto dos meus ternos anseios, que ousei fazer um plano. Quando a minha licença, já duas vezes adiada, me for concedida, irei visitar Roma, gastando as minhas solas nos mosaicos da Igreja de S. Pedro e aproveitarei a ocasião para visitar madre Verônica. Quando escrevi a Anselmo, em Abril, felicitando-o pela sua nomeação para a dignidade de reitor da catedral de Tynecastle, ele assegurou-me na sua resposta que dentro de seis meses eu teria um padre assistente, e, antes do fim do ano, as «minhas tão necessárias férias».

Uma absurda emoção me invade até os ossos quando penso na possibilidade de um tal sonho. Preciso de fazer economias para comprar fato conveniente. Que pensaria a digna abadessa dos Santos Apóstolos se o pequeno pedreiro que ela honra

com a sua generosa amizade lhe aparecesse com remendos nas calças?

17 de Setembro de 1923. - Excitação geral! Chegou hoje o meu ajudante: finalmente tenho um colega, e ainda me parece duvidoso de que seja verdade.

Embora a princípio as frases enfáticas de Anselmo me fizessem esperar um robusto e jovem escocês, preferivelmente com sardas e cabelo louro-claro, comunicações posteriores tinham-me preparado para um padre chinês formado pelo seminário de Pequim. Com o meu excêntrico sentido do cômico eu nada comuniquei às irmãs. Desde há tempo que elas vinham afagando a idéia de acolher um jovem missionário europeu - Clotilde e Marta desejavam um francês barbudo mas a pobre madre Maria Margarida tinha rezado uma novena especial para que fosse um irlandês. Que expressão transtornada a da pobre mulher quando irrompeu no meu quarto, inteiramente desorientada exclamando:

«O novo missionário é chinês!

Mas o padre Chu é perfeito no seu gênero; não só tranqüilo e amável, mas adivinha-se nele extraordinária vida interior que é uma característica admirável dos chineses. Tive ocasião de conhecer alguns padres chineses nas minhas raras

peregrinações a Sen-Siang e sempre me impressionaram. Se não receasse parecer pedante diria que os melhores de entre eles parecem aliar a sabedoria de Confúcio à virtude de Cristo. - E agora conto partir para Roma no próximo mês... Serão as minhas primeiras férias em dezenove anos. Estou como os escolares de Holywell no fim do ano letivo, batendo na carteira e cantando:

«Vivam as férias!

Estão acabadas as penitências.» Não sei se madre Verônica ainda gosta de doce de gengibre.

Em todo o caso levar-lhe-ei um frasco. Arrisco-me a que me diga que gosta agora mais de macarrão. Afinal a vida é bela! Da minha janela vejo os pequenos cedros que oscilam alegremente ao sabor do vento. Vou escrever para Xangai para me reservarem uma passagem. Hurra!

Outubro de 1923. - Ontem chegou o cabo grama que cancela a minha viagem a Roma, e eu acabo de voltar de um passeio pela margem do rio, onde estive longo tempo, envolto numa ligeira bruma, a observar os alcatrazes. É triste aquele processo de apanhar peixe, ou talvez a tristeza estivesse em mim. As grandes aves têm um anel no pescoço que as impede de engolir os peixes. Ficam empoleiradas na ré dos barcos como que terrivelmente aborrecidas com a sua

vida. De súbito mergulham na água, ouve-se um marulhar e os animais reaparecem com um grande peixe atravessado no bico. O seu pescoço ondula de uma maneira impressionante. Aliviam-nas da sua presa e as pobres aves sacodem a cabeça, desconsoladas mas prontas a recomeçar. Com efeito, agacham-se novamente, meditativas, preparando-se para nova derrota.

Eu também me sentia sombrio e derrotado.

De pé, observando a água cor de ardósia, vendo as ondas levantadas pelo vento da noite agitando a vegetação emaranhada da margem, eu sonhava não com Roma, mas com as ribeiras de Tweedside, onde, descalço na água transparente, eu corria atrás das trutas com uma vara de vime.

Desde já algum tempo os meus pensamentos levam-me cada vez com mais freqüência para as cenas da minha infância, recordada tão ao vivo como se fosse ontem... é um sintoma certo da aproximação da velhice!... Chego a sonhar terna, fixamente - não é incrível? - com o meu amor de rapaz: a minha querida Nora.

Evidentemente, a minha decepção torna-me sentimental, o que significa que me resignarei depressa, mas a chegada do telegrama foi difícil de suportar.

Eis-me quase resignado a um exílio definitivo. Sem dúvida que a opinião de que o regresso à Europa transtorna os missionários é razoável. Afinal nós entregamo-nos inteiramente à nossa missão e não devemos recuar. Acabarei os meus dias aqui e descansarei finalmente naquele cantinho da terra escocesa onde Willie Tulloch repousa, ao lado dele.

De resto, é legítimo e justo que a viagem de Anselmo a Roma seja mais necessária do que à minha. Os fundos da Sociedade não podem suportar as despesas de duas viagens.

E ele saberá sem dúvida melhor do que eu explicar ao Padre Santo o avanço das «suas tropas», como ele diz falando de nós. Onde a minha língua se desorientaria a dele saberá cativar e obter dinheiro e ajuda para todas as missões estrangeiras.

Ele prometeu-me escrever contando-me todos os pormenores da sua atividade e eu deverei apreciar Roma por seu intermédio, falar com Maria Verônica em espírito. Eu não posso aceitar a sugestão de Anselmo para passar uma curta temporada em Manilla. Esta cidade alegre e turbulenta perturbar-me-ia e eu ver-me-ia obrigado a rir do homenzinho solitário, deambulando pelo porto sonhando encontrar-se nos lagos Pontinos...

Um mês depois - Padre Chu está devidamente instalado na aldeia de Liu e os nossos pombos-correios entrecruzam-se nos espaços celestes.

Que alegria ver o meu plano realizar-se com tão bons resultados

Gostaria de saber se Anselmo dirá ao Padre Santo, quando o vir, qualquer coisa sobre este pequeno oásis perdido no grande deserto e esquecido de todos exceto de Deus...

22 de Novembro de 1928. - Como traduzir em frases comuns uma experiência? Neste caso as palavras são insuficientes, nuas e áridas. Ontem à noite a irmã Clotilde morreu.

A morte é um tema em que eu não me tenho detido com muita freqüência neste resumido relatório da minha tão imperfeita vida.

Assim, quando há um ano a tia Polly faleceu durante o sono, em Tynecastle, sem rumor, porque ela tinha atingido a suprema bondade no fim dos seus dias, e a notícia me chegou na carta, manchada de lágrimas, de Judy, o meu único comentário foi: "Polly morreu em 17 de Outubro de 1927."

Resignamo-nos à morte daqueles de que conhecemos os méritos como uma coisa inevitável. Mas há outros... algumas vezes, nós, os velhos padres, somos abalados como por uma revelação.

Clotilde vinha há dias enfraquecendo gradualmente. Quando me chamaram, logo depois da meia-noite, senti um choque ao ver a mudança que se operara nela. Mande imediatamente Josué, o filho mais velho de José, chamar a toda a pressa o doutor Fiske. Mas, com uma expressão misteriosa, ela impediu-me de o fazer. Disse-me, com um sorriso especial, que não incomodasse Josué. Sem insistir, compreendi.

Recordando como, anos atrás, eu a repreendera asperamente pelo uso de calmantes, tive vontade de chorar pela minha estupidez. Eu nunca refletira suficientemente acerca de Clotilde:

a irritação que ela não podia reprimir, o seu receio mórbido de corar, a sua timidez desastrosa tornavam-na exteriormente pouco atraente, algumas vezes mesmo ridícula.

Devíamos compreender as lutas de uma tal natureza para se dominar, procurar discernir as invisíveis vitórias. Em vez disso só notávamos as derrotas visíveis.

Havia dezoito meses que ela sofria de um tumor no estômago, conseqüência de uma úlcera crônica. Quando soube pelo doutor Fiske que o seu mal não tinha cura, fez-lhe prometer que guardaria segredo e preparou-se para o seu derradeiro combate. Antes de

me mandar chamar fora prostrada pela primeira hemorragia grave, que a esgotara. Às seis da manhã teve a segunda e sucumbiu docemente. Nesse intervalo nós conversamos... mas não ousei registrar o que dissemos...

As frases, entrecortadas, parecia não terem sentido...

talvez se prestassem a zombarias... e o mundo não se modifica com ironias.

Estamos todos muito desolados, sobretudo Marta. Ela assemelha-se-me:

é forte como um boi e está para durar. Pobre Clotilde! Lembro-me dela como uma doce criatura tão ávida de sacrifícios que o seu zelo caía algumas vezes no nada. Ver aceitar a morte com calma, com um rosto sereno, sem temor.

...isso enobrece o coração humano.

30 de Novembro de 1929. - Hoje nasceu o quinto filho de José. Como a vida corre! Quem diria que este bom rapaz, tímido, susceptível, tagarela, se tornaria um dia um patriarca?

Talvez a sua antiga predileção por açúcar me devesse ter Advertido 1. O fato é que ele é hoje uma verdadeira personagem, importante, todo entregue à família, um pouco pomposo, muito despachado para

aqueles que lhe parece serem pouco dignos de eu os receber... Quase me intimida também.

Uma semana depois. Mais notícias locais... As botas de gala do senhor Chia foram penduradas na porta Manchu. Isto constitui aqui uma extraordinária honra... e eu regozijo-me pelo meu velho amigo, cuja alma ascética, contemplativa e generosa teve sempre culto pela razão e pela beleza, por tudo que é eterno.

Ontem chegou o correio. Embora sem notícias do seu sucesso em Roma, nunca duvidei de que Anselmo atingisse um dia um alto posto na igreja. E, finalmente, a sua atividade em prol das missões estrangeiras valeu-lhe uma recompensa adequada da parte do Vaticano. Ei-lo agora nomeado bispo de Tynecastle. Talvez o sucesso dos outros seja uma das coisas que custe mais a admitir. O deslumbramento fere-nos a vista. Mas agora, à aproximação da velhice, estou a ficar míope.

A glória de Anselmo não me fere nem me impressiona. - Alegro-me até, porque sei que ele próprio deve estar encantado.

O ciúme é uma coisa feia. Devemos lembrar-nos de que os vencidos ainda terão tudo se não tiverem perdido Deus.

Desejaria que esta minha magnanimidade fosse meritória, mas isto não é grandeza de alma da minha

parte, mas simplesmente a compreensão das diferenças que nos separam, Anselmo e eu... Aspirar ao báculo seria ridículo da minha parte. Embora partíssemos do mesmo ponto, Anselmo ultrapassou-me largamente. Fez frutificar os seus talentos ao máximo, e é agora, segundo informa o Tynecastle Chronicle, «um poliglota completo, um musicista de valor, um protetor das artes e das ciências na diocese, onde conta, entre personalidades influentes, inumeráveis amigos. Que feliz! Eu só tive seis amigos em toda a minha vida sem glória, e todos, exceto um, eram pessoas humildes. Tenho de escrever a Anselmo para o felicitar, fazendo-lhe sentir, no entanto, que não tenciono aproveitar-me da nossa amizade para conseguir melhoria de situação. Viva Anselmo! Sinto-me triste quando verifico quanto ele fez pela vida e quão pouco eu tenho feito pela minha. Tenho dado tantos tropeções... e tão fortes, no meu combate por Deus!

30 de Dezembro de 1929. - Há quase um mês que nada acrescento a este diário... desde que chegaram notícias de Judy. Ainda encontro dificuldade em descrever o que se passou lá na terra... e aqui, no meu coração.

Eu costumava lisonjear-me de ter atingido um estágio de serena resignação relativamente ao meu

exílio definitivo. Há duas semanas atrás eu estava bastante contente comigo. Tinha feito um inventário das aquisições recentes da missão; os quatro arrozaís na margem do rio, comprados no ano passado, a ampliação do curral situado para além do bosque das amoreiras, e a nova pastagem para cavalos; depois fui para a igreja para ajudar as crianças a preparar o presépio de Natal. Esta é uma das ocupações que eu aprecio particularmente, em parte devido àquela vã ternura que toda a minha vida me possuiu e que os cínicos classificaram de instinto paternal represado - o amor às crianças, desde o menino Jesus ao mais miserável órfão amarelo que já alguma vez entrou de gatas nesta missão de Santo André.

Tínhamos construído um soberbo presépio com um teto forrado de algodão e havíamos colocado o boi e a burro um pouco atrás. Eu preparara todo o gênero de surpresas, luzes de cores, uma linda estrela de vidro para pendurar dos ramos do pinheiro. Ao ver os rostos corados em volta de mim e ouvindo o seu chalar excitado (esta é uma das ocasiões em que são permitidas as distrações na igreja) tive uma maravilhosa sensação de alegria ao pensar nos inumeráveis presépios que se montavam em todas as igrejas cristãs do mundo, em honra desta doce festa

da Natividade, tão tocante mesmo para os incrédulos, pois que ela glorifica a maternidade.

Nesse momento um dos rapazes mais velhos, mandado por madre Maria Margarida, entrou apressadamente com um cabograma.

Há dúvida de que as más notícias vêm ao nosso encontro sem necessidade de as lançar a toda a velocidade através do mundo? Quando li o cabograma a expressão do meu rosto deve ter mudado porque uma das pequeninas começou a chorar. Toda a alegria de que estava possuído extinguiu-se bruscamente.

Talvez seja absurdo tomar o caso tanto ao trágico. Judy não tinha ainda vinte anos quando a deixei com a minha partida para Vai Tan. Mas tenho-a conservado sempre no pensamento.

A raridade das suas cartas fazia-me considerá-las como as pequenas pérolas de um rosário.

A trágica hereditariedade de Judy impelia-a impiedosamente.

Ela nunca sabia exatamente o que desejava ou onde queria ir. Mas Polly impedia-a de ceder aos seus próprios caprichos.

Durante toda a guerra prosperou, como muitas outras raparigas, trabalhando com elevados salários numa fábrica de munições. Pôde comprar um casaco

de peles e um piano - recordo-me ainda da carta em que me comunicava a alegre notícia. Conservou-se nessa situação levada pelo entusiasmo que animava toda a gente. Foi essa a melhor época da sua vida. Quando a guerra terminou tinha mais de trinta anos, as situações eram escassas, e ela foi pouco a pouco resignando-se à idéia de viver tranquilamente com Polly na mesma pequena casa de Tynecastle e adquirindo com a idade - assim o esperava - um pouco mais de equilíbrio.

Judy sempre demonstrou uma estranha desconfiança acerca do outro sexo e a idéia do casamento nunca a atraiu, tinha quarenta anos quando Polly morreu e ninguém poderia esperar que se casasse. Contudo Judy, oito meses depois da morte de Polly estava casada... mas o marido pouco depois abandonava-a.

Evidentemente que as mulheres são levadas a coisas bizarras antes da idade crítica, mas isso não explica a lamentável tragicomédia. Polly havia-lhe deixado cerca de duas mil libras, capital a que corresponderia uma modesta renda anual.

Por uma carta de Judy recebida mais tarde fui informado como ela foi persuadida a realizar o seu capital e a pô-lo em nome de seu marido, cavalheiro

de aspecto tranqüilo e respeitável que ela conhecera, ao que parece, numa pensão de Scarborough.

Poderiam ser escritos muitos volumes dramáticos... duma profunda psicologia... na grande tradição vitoriana... sobre este tema eterno insistindo na nota burlesca fornecida pela inacreditável credulidade da natureza humana. Mas o epílogo estava resumidamente escrito em dez palavras no telegrama que eu tinha nas mãos, em frente do presépio de Natal. Daquela efêmera e anacrônica união, Judy tivera uma criança.

E morrera ao dá-la à luz.

Refletindo agora, chego à conclusão de que a existência frívola e inconseqüente de Judy estivera sempre sujeita a ameaças virtuais. Ela era o resultado tangível não do pecado - como detesto esta palavra - mas de uma cega fraqueza.

Ela era uma explicação viva da nossa presença sobre a Terra, a prova trágica da nossa fragilidade comum. E agora, em condições diferentes, mas também essencialmente lamentáveis, essa mortal tragédia perpetua-se.

Eu não posso, a sangue-frio, lembrar-me da sorte da infeliz criança, sem ninguém para cuidar dela senão a parteira que tratou de Judy, a que me comunicou a notícia. É fácil integrar essa mulher no

quadro dos acontecimentos: uma dessas velhas prestimosas que tomam a seu cargo as futuras mães em circunstâncias um pouco dúbias e embaraçantes. Vou responder-lhe imediatamente... mandar-lhe algum dinheiro, o pouco que tenho. Os que fazem voto de pobreza são estranhamente egoístas porque se esquecem das terríveis obrigações que a vida poderá impor-lhes... Pobre Nora... pobre Judy...

pobre criancinha sem nome...

19 de Junho de 1930. - Foi na tarde deste magnífico dia de sol de princípio de Verão que recebi uma carta que me trouxe um grande alívio ao coração. A criança foi batizada com o nome de André... o nome desta humilde missão! A notícia encheu-me de senil vaidade, como se eu fosse o avô do pobre. Mas, queira ou não, talvez esse parentesco acabe por desenvolver-se em mim. O pai desapareceu e nenhuns esforços faremos para o descobrir. Mas mediante uma certa mensalidade a mulher, a senhora Stevens, que parece ser uma boa criatura, cuidará de André. E eu não posso deixar de sorrir...

a minha existência de padre tem tido aspectos bizarros, mas este de criar uma criança de poucos meses à distância de treze mil quilômetros será o cúmulo!

A propósito: esta expressão «minha existência de padre» toca-me no ponto mais sensível porque no outro dia, durante uma das nossas amáveis discussões, creio que sobre o Purgatório, Fiske declarou, acaloradamente, pois eu estava a pontos de triunfar:

"Os seus argumentos parecem ser umas vezes de metodista e outras de anglicano."

Isso fez-me refletir. Creio que a minha educação e aquela curta mas inapreciável influência do querido e velho Daniel Glennie imprimiram em mim certa tendência para idéias largas. Eu amo profundamente a minha religião, na qual nasci e que propago, o melhor que posso e sei, há mais de trinta anos, e que me conduziu, infalivelmente, à fonte de toda a alegria e da infinita misericórdia. Contudo, isolado como me encontro aqui, com o andar dos anos a minha lei foi-se simplificando, como que decantando. Releguei cuidadosamente todas as chicanas e artimanhas da doutrina. Francamente, não posso admitir que uma criatura de Deus seja grelhada no Inferno por toda a eternidade por comer uma costeleta de carneiro à sexta-feira. Se possuirmos o essencial - o amor a Deus e ao próximo - não será o suficiente para nos salvarmos? E não será tempo que todas as igrejas do mundo deixem de odiar-se mutuamente... e se unam?

O mundo é um corpo só cuja saúde dos milhões de células que o constituem... e o coração do homem é uma dessas células.

15 de Dezembro de 1932. - Hoje o santo padroeiro desta missão em miniatura completou três anos de idade. Espero que tenha tido um alegre aniversário e não tivesse adoecido por ter comido os caramelos que encarreguei a Casa Burley, de Tweedside, de lhe mandar.

1 de Setembro de 1935. - Oh! Senhor, não permitais que eu me torne num velho pateta... este diário está a tornar-se um repositório dos acontecimentos da vida de uma criança que eu nunca vi e jamais verei. Eu não posso voltar a Inglaterra e ela não pode vir aqui. Até a minha obstinação fraqueja diante desse absurdo... porque eu cheguei a interrogar o doutor Fiske, que me respondeu que este clima aqui seria mortal para uma criança inglesa de tão tenra idade.

No entanto devo confessar que estou perturbado. Lendo nas entrelinhas das cartas tenho a impressão de que as coisas não têm corrido ultimamente bem para a senhora Stevens.

Mudou-se para Kirkbridge, que, se bem me recordo, é uma cidade algodoeira, muito feia, não longe de Manchester. O seu tom também mudou e

estou a começar a perguntar-me se ela não estará mais interessada no dinheiro que recebe do que em André. Contudo, o pároco da sua terra descreveu-me como uma pessoa de excelente caráter. E até aqui ela tem sido admirável.

Naturalmente, tudo isso é culpa minha. Eu poderia ter assegurado o futuro de André entregando-o a uma das nossas excelentes instituições católicas. Mas, não sei porquê... ele é o único «parente consangüíneo» que me resta. Uma recordação viva da minha querida Nora... não posso resignar-me a uma solução tão impessoal... Suponho que é ainda esta minha inveterada mania que me fez recalcitrar contra tudo o que é oficial. Enfim... se assim é... eu... e André... devemos sofrer as conseqüências... estamos nas mãos de Deus e...

Neste ponto, quando o padre Chisholm se preparava para virar a página, a sua atenção foi atraída por relinchos de pôneis no pátio da missão. Hesitou e escutou um momento temendo ver-se forçado a abandonar o seu devaneio. Mas a agitação continuava, agora misturada com vozes animadas.

Fez um movimento com os lábios que representava a aceitação do inevitável. Depois, voltando a página, pegou na pena e acrescentou um parágrafo.

30 de Abril de 1936. - Daqui a momentos partirei para a colônia de Liu, com o padre Chu e os Fiskes. Ontem o padre Chu veio pedir-me conselho a propósito de um jovem pastor que fora posto de quarentena com receio de que estivesse atacado de varíola. Decidi ir vê-lo pessoalmente... Com os nossos pôneis e pela nova estrada serão apenas dois dias de viagem. Depois ampliei as minhas disposições. Repetidamente tenho prometido ao doutor Fiske e à sua senhora mostrar-lhes a nossa aldeia-modelo, e propus-lhes que fizéssemos a viagem todos quatro. Será a última oportunidade que terei de cumprir esta velha promessa ao doutor e a sua esposa porque eles vão voltar para a América no fim deste mês. Ficaram radiantes com a idéia. Arreliarei o doutor durante a viagem pelo seu descaramento de me chamar... metodista.

12 O Sol inclinava-se já sobre o cume nu das colinas que circundam o estreito vale. Cavalgando à frente do grupo que regressava, com o pensamento todo ocupado em Liu, onde tinham deixado o padre Chu com remédios para o pastor doente, o padre Chisholm já se tinha resignado a acampar outra noite antes de chegar à missão quando, numa curva da estrada, se lhe depararam três homens de imundos

uniformes de algodão, de cabeça baixa e espingarda ao ombro.

Era um encontro freqüente: a província enxameava de irregulares, soldados licenciados, com armas roubadas, que se tinham organizado em bandos de quadrilheiros. Passou por eles com «A paz seja convosco» e refreou o pônei para esperar pelos outros. Mas, quando se voltou, ficou surpreendido ao observar terror nas fisionomias dos dois carregadores da missão metodista e uma súbita apreensão nos olhos do seu próprio criado.

- Parecem homens de Wai. - E Josué fez um gesto para a estrada da frente. - E aí vêm mais.

O padre voltou-se rapidamente. Cerca de vinte homens de uniforme verde-cinzentos aproximavam-se levantando uma nuvem de poeira. Na colina já invadida pela sombra, formando uma linha tortuosa, havia pelo menos mais vinte. O padre Chisholm trocou um olhar com Fiske.

- Prossigamos.

Bem depressa encontraram outro grupo. O padre Chisholm, sorrindo e saudando-os como habitualmente, continuou fazendo avançar o cavalo pelo meio da estrada. Os soldados, estupidamente boquiabertos, davam-lhe passagem mecanicamente.

O único montado, um jovem com um quepe de pala quebrada e um certo ar de autoridade, porque uma divisa de cabo estava cosida na manga do casaco, deteve, indeciso, o seu felpudo cavalo.

- Quem sois? E para onde ides?

- Somos missionários de regresso a Pai Tan.

O padre Chisholm respondeu calmamente, por cima do ombro, continuando o seu caminho à frente do seu grupo. Já tinham passado quase completamente a imunda, perplexa e boquiaberta tropa que os contemplava com espanto: a senhora Fiske e o doutor atrás dele, seguidos de Josué e dos dois carregadores.

O cabo hesitava ainda, mas parecia satisfeito. O encontro não apresentava qualquer característica perigosa se subitamente o mais velho dos dois carregadores não perdesse a cabeça.

Ao passar por entre os homens, foi de encontro à coronha de uma espingarda, largou a carga com um grito de terror e correu para as moitas de giestas que cobriam os flancos da colina.

O padre Chisholm reteve uma exclamação amarga. No crepúsculo que se adensava os soldados ficaram uns instantes imóveis. Depois soou um tiro, seguido de outro e outro. Os ecos repercutiram-se por entre as montanhas. Quando a figura azul do

carregador, dobrada ao meio, desapareceu entre as moitas, um longo grito de raiva irrompeu do meio dos soldados. Depois, já não indecisos, rodearam os missionários, tagarelando com furioso ressentimento.

- Terá de nos acompanhar.

Como o padre Chisholm previra, a reação do cabo foi imediata.

- Nós somos apenas missionários - protestou o doutor Fiske acaloradamente. - Nós nada temos. Somos pessoas sérias.

-- Gente séria não foge. Tereis de vir conosco à presença do nosso chefe, Wai.

- Asseguro-lhes...

- Wilbur! - interrompeu a senhora Fiske tranquilamente.

- Assim ainda tornas as coisas mais confusas. Não discutas.

Rodeados de perto pelos soldados, foram obrigados a retroceder pelo caminho que acabavam de percorrer. A cerca de cinco lis de distância o jovem inflectiu para oeste atravessando o leito seco de um pequeno rio, que serpenteava por entre as colinas. Chegados a uma garganta, o grupo parou.

Aí via-se cerca de uma centena de soldados mal equipados, espalhados à vontade, fumando, mascando betel, catando piolhos e tirando lama seca

de entre os dedos dos pés. Sobre uma laje, de pernas cruzadas, comendo a sua refeição da tarde diante de uma pequena fogueira de esterco, com as costas apoiadas na parede da ravina, estava Wai-Chu.

Wai tinha agora cerca de cinqüenta e cinco anos, era robusto e obeso, e a sua expressão era então mais impassível e sinistra. O seu cabelo, besuntado de óleo, comprido e separado por uma risca ao meio, caía-lhe sobre a fronte tão enrugada pelo constante franzir dos sobrolhos que os seus olhos oblíquos estavam reduzidos a duas pequenas frinchas. Três anos antes uma bala tinha-lhe levado alguns dentes da frente e o lábio superior. A cicatriz era horrível. Apesar disso, Francis reconheceu perfeitamente o cavaleiro que lhe escarrara na face à porta da missão naquela noite da retirada. Até aí tinha suportado a sua detenção com pouca emoção, mas agora, sob o choque daquele olhar oblíquo, inumano, que o reconheceu também, sob aquela máscara indiferente, o padre sentiu um violento aperto no coração.

Enquanto o cabo lhe relatava com volubilidade os pormenores da captura, Wai, enigmaticamente, continuava a comer atirando para a boca, com os pauzinhos, de uma tigela colocada debaixo do queixo, uma corrente ininterrupta de arroz quase líquido e pequenos pedaços de carne de porco.

Subitamente dois soldados subiram a ravina, arrastando entre si o carregador fugitivo. Com um encontrão final atiraram-no para o círculo iluminado pela fogueira. O infeliz caiu de joelhos junto de Wai, com os braços fortemente amarrados atrás, arquejando e batendo os dentes louco de terror.

Wai continuava a mastigar. Depois, como que distraidamente, puxou do revólver e fez fogo. Apanhado na sua posição de suplicante, o carregador caiu para a frente, estremecendo ainda no chão. Uma massa branco-rosada começou a escorrer do seu crânio esfacelado. Ainda as vibrações ensurdecedoras do estampido duravam e já Wai seguia a comer.

A senhora Fiske soltou um grito abafado. Mas, exceto por um momentâneo levantar de cabeça, os soldados nem pareceram notar o incidente. Os dois homens que tinham trazido o carregador arrastaram o cadáver para mais longe e despojaram-no sistematicamente das botas, do fato e de algumas moedas. Aturdido e tomado de náuseas, o padre murmurou para o doutor Fiske, que estava de pé, muito pálido, ao seu lado.

- Conserve a calma... não diga nada... ou será pior para todos nós.

Esperaram. Este assassinato inútil tinha criado uma atmosfera de horror. A um sinal de Wai, o

segundo carregador foi arrastado para a frente e forçado a pôr-se de joelhos. O padre, tomado de vertigens, esperou, terrorificado. Mas Wai disse apenas, dirigindo-se a todos eles impessoalmente.

- Este homem, vosso criado, vai partir imediatamente para Pai Tan e informará os vossos amigos de que estais temporariamente sob a minha proteção. A minha hospitalidade merece uma boa recompensa. Depois de amanhã, ao meio-dia dois dos meus homens esperarão por ele a meio li da porta Manchu. Ele irá sozinho. - Wai fez uma pausa ameaçadora.

- Espero que ele traga voluntária recompensa.

- Pouco resultado terá em ter-nos como hóspedes - afirmou o doutor Fiske com a voz a vibrar de indignação. - Eu já declarei que não possuímos fortuna pessoal.

- Cinco mil dólares por pessoa bastará. Não mais.

Fiske respirou, um pouco mais aliviado. A soma, embora importante, não era proibitiva para uma missão tão rica como a sua.

- Então deixe que minha mulher acompanhe o mensageiro.

Ela assegurará a entrega do dinheiro.

Wai não deu sinais de ter ouvido. Por um momento o padre julgou que o seu super-excitado companheiro fosse fazer uma cena. Mas Fiske dirigiu-se, acabrunhado, para junto de sua mulher. O mensageiro foi despachado, empurrado pela ravina e despedido com um último pontapé pelo cabo. Wai levantou-se então e, enquanto os seus homens faziam preparativos para a partida, dirigiu-se para o seu cavalo tão perfeitamente impassível que os pés nus do homem morto, voltados para cima, que se viam através de uma moita, feriam a vista como uma alucinação.

Trouxeram em seguida os pôneis dos missionários; os quatro prisioneiros foram obrigados a montar e depois amarrados uns aos outros com longas cordas de cânhamo. A cavalgada pôs-se a caminho através da noite.

Trocar duas palavras ao ritmo daquele irregular galope era impossível. O padre Chisholm abandonou-se à sua meditação sobre o homem que os detinha agora para resgate.

Ultimamente o decadente poder de Wai tinha-o levado a numerosos excessos. Da recente situação de senhor de guerra, dominador do distrito de Chek-Kow, com o seu exército de três mil homens, pago pelas várias cidades e vilas, impondo taxas e

impostos, vivendo com um luxo feudal no seu castelo fortificado de Tu-en-Lai, havia decaído mais e mais. Na culminância do seu poder tinha pago cinqüenta mil taels por uma concubina de Pequim. Agora estava reduzido a viver de pilhagens pouco rendosas. Batido decisivamente em duas batalhas pelos seus rivais mercenários, tinha-se aliado primeiramente aos da facção Min-Tuan e depois, num acesso de raiva, à facção oposta, os Yu-Chi-Tui. A verdade era que nenhum deles desejava a sua colaboração tão precária. Degenerado e vicioso, ele atendia unicamente ao seu próprio interesse.

Os seus homens desertavam frequentemente. À medida que a envergadura de suas operações diminuía, a sua crueldade aumentava. Atualmente os seus efetivos reduziam-se ao número humilhante de uns duzentos homens, que lhe não permitiam mais que a pilhagem e o incêndio. Espalhava o terror por toda a parte. Qual Lúcifer depois da queda, alimentando o seu ódio na glória passada, tornou-se um inimigo do gênero humano.

A noite parecia interminável. Escalaram uma cadeia de elevações, atravessaram a vau dois riachos, patinharam durante uma hora através de terrenos pantanosos. À parte estes detalhes e a situação da estrela polar, donde deduzia que caminhavam para

oeste, o padre Chisholm não se dava conta do caminho percorrido. Com a sua idade, acostumado ao vagaroso passo da sua calma montada, os solavancos deste rápido galope sacudiam os seus ossos até à dor. Mas - pensou cheio de comiseração - os Fiskes também suportavam aquele tormento por amor de Deus. E Josué, pobre rapaz, apesar da sua leveza, era tão jovem que devia estar terrivelmente assustado. E o padre disse para consigo que quando voltassem para a missão lhe daria o pônei ruão que havia seis meses o rapaz secretamente cobiçava. Fechou então os olhos e rezou pela segurança do seu pequeno grupo.

De madrugada encontravam-se num deserto de pedras e -areia, inteiramente desabitado, sem outra vegetação que raros tufos de uma erva rija e amarela. Mas, menos de uma hora depois, o fracasso de uma torrente chegou aos seus ouvidos, e mais adiante, atrás de uma escarpa, viram o castelo arruinado de Tu-en-Lai, um amontoado de velhas casas de tijolo e barro na encosta de penhascos, rodeado por um muro ameiado, desmantelado e enegrecido, com vestígios de numerosos assédios. Numa riba distinguiam-se ainda as velhas colunas de faiança de um templo budista privado de teto.

Dentro das muralhas todos desmontaram, e Wai, sem uma palavra, entrou na sua moradia, a única

casa habitável do lugar. O ar da manhã era frio e úmido. Enquanto os missionários esperavam, tremendo, no pátio de terra batida, ainda amarrados uns aos outros, um certo número de mulheres e homens velhos começou a aproximar-se, saindo das pequenas cavernas abertas na falésia, e juntaram-se aos soldados para considerar os cativos tagarelando.

- Precisamos de alimento e repouso, que agradeceríamos - disse o padre Chisholm, dirigindo-se ao grupo em geral.

As palavras do padre foram repetidas e passaram de boca em boca pelos presentes com ar de surpresa divertida.

O padre prosseguiu pacientemente.

- Vede como está cansada a senhora missionária.

A senhora Fisk, com efeito, meia morta de fadiga, quase desfalecia.

- Talvez alguma pessoa caridosa se disponha a oferecer-lhe um pouco de chá quente.

- Chá... chá quente - repetiram os circunstantes como um eco aproximando-se mais.

Tinham-se chegado tanto que podiam agora tocar os missionários.

Subitamente, com uma cobiça de macaco ávido, um velho que estava na frente fechou a mão na corrente do relógio do doutor. Este sinal desencadeou

uma espoliação geral - dinheiro, breviário, Bíblia, alianças de casamento, a velha lapiseira de prata de Francis. Em três minutos o pequeno grupo foi despojado de tudo, exceto das botas e do fato.

Quando o assalto terminou, a atenção de uma mulher foi atraída pelo brilho de uma fivela de jade brilhante na fita do chapéu da senhora Fiske e precipitou-se. A senhora Fiske debateu-se e soltou um estridente grito de desespero, mas em vão: fivela, chapéu e cabeleira postiça tudo ficou nas mãos da adversária, e o crânio calvo ficou a brilhar, grotesco e nu, no frio cortante.

Esta situação inesperada provocou um silêncio momentâneo.

Depois um geral tagarelar de escárnio se ouviu, num paroxismo de estridente zombaria. A senhora Fiske cobriu a face com as mãos e rompeu em ardentes lágrimas. O doutor, que tentou trêmulamente cobrir a cabeça de sua mulher com um lenço, apenas conseguiu que o pedaço de seda de cor lhe fosse arrebatado das mãos. «Pobre mulher», pensou o padre Chisholm, desviando caridosamente o seu olhar.

A chegada do cabo pôs termo à hilaridade tão rapidamente como começara. A multidão dispersou-se quando os missionários foram conduzidos para

uma das cavernas, que possuía a distinção de uma porta. Esta porta, reforçada por fortes travessas, foi fechada e trancada. Os quatro ficaram sós.

- Enfim - disse o padre Chisholm depois de uma pausa -, ao menos estamos sós.

Um longo silêncio se seguiu. O pequeno doutor, sentado no chão, com um braço em volta de sua mulher, explicou com voz triste:

- Perdeu os seus cabelos depois de um ataque de escarlatina.

Apanhou-a mesmo no primeiro ano de nossa estada na China. Ela sofria tanto com o pensamento que o fato poderia tornar-se conhecido! Fizemos tantos esforços para que o caso ficasse ignorado!

- E ninguém o saberá - declarou o padre apressadamente.

- Josué e eu somos discretos como um túmulo. Quando voltarmos a Pai Tan será fácil reparar o contratempo.

- Ouves, Agnes querida? Peço-te, não chores, meu amor.

Os soluços abafados espaçaram-se e acabaram por cessar.

A senhora Fiske ergueu por fim lentamente os olhos cheios de lágrimas e vermelhos sob o seu crânio, que fazia lembrar um ovo de avestruz.

- O senhor é muito bondoso - disse em voz entrecortada - E veja, ainda me deixaram isto. Se lhe puder servir de alguma coisa... - O padre Chisholm tirou um grande lenço castanho de um bolso interior.

Ela aceitou-o humildemente com reconhecimento. Depois atou-o à cabeça com um nó de lado.

- Ora aí está, minha querida. - E Fiske deu uma palmadinha nas costas de sua mulher. - Ora, estás verdadeiramente cativante outra vez!

- É verdade, querido? - e a senhora Fiske sorriu vagamente, contente. Animou-se um pouco. - E agora vamos ver o que podemos fazer para tornar este miserável yao-fang habitável.

Nada podiam fazer: a caverna, com menos de três metros de profundidade, nada continha além de algumas vasilhas de barro quebradas e os seus cantos sombrios e úmidos. A luz e o ar só lá penetravam pelas fendas da porta trancada. Era sinistra como um túmulo. Mas como estavam exaustos, deitaram-se no chão e adormeceram.

Na tarde do dia seguinte foram acordados pelo ranger da porta ao ser aberta.

Um raio de sol penetrou no yao-fang e entrou uma mulher já madura com um jarro de água quente e dois pães negros.

Ficou a observá-los enquanto o padre Chisholm entregava um dos pães ao doutor Fiske e depois, silenciosamente, dividia o outro entre si e Josué. Alguma coisa na atitude da mulher, na sua face morena e sombria, fez o padre olhá-la atentamente.

- Mas... - disse com um estremecimento, reconhecendo-a.

- É Ana!

Ela não respondeu. Depois de enfrentar o seu olhar com descaro, voltou-se e saiu.

- O senhor conhece essa mulher? - perguntou Fiske rapidamente.

- Não tenho bem a certeza. Sim, tenho a certeza. Era uma rapariga que foi criada na missão... um dia fugiu.

- Não fez grande honra aos seus métodos.

Pela primeira vez Fiske falou com acrimônia.

- Veremos.

Nessa noite a todos custou a adormecer. O desconforto da sua reclusão fazia-se sentir gradativamente. Revezavam-se no privilégio de, um de cada vez, respirar o ar úmido que passava pelas frinchas da porta. O pequeno doutor gemia continuamente:

- Que pão horrível, Santo Deus, dói-me o estômago.

No dia seguinte, pelo meio-dia, Ana tornou com mais água quente e um prato de painço. Padre Chisholm tomou a precaução de não a tratar pelo nome.

- Quanto tempo ficaremos aqui?

A princípio parecia que ela não queria responder, depois declarou indiferentemente:

- Os dois homens partiram para Pai Tan. Quando voltarem, vós sereis libertados.

O doutor Fiske interpôs-se impacientemente:

- Não pode arranjar-me comida melhor e cobertas? Nós pagaremos.

Ela abanou a cabeça e fugiu, amedrontada, mas depois de sair disse, através das tábuas da porta:

- Pagai-me se quereis. Mas não ficareis muito tempo à espera. Isso não é nada.

- Nada - protestou Fiske gemendo outra vez depois de ela partir. - Se ele tivesse o duodeno no estado em que eu tenho o meu!

- Não desanimes, Wilbur - exortou a senhora Fiske da obscuridade. - Lembra-te de que já passamos por transes tão maus como este.

- Sim, mas então éramos jovens. Agora somos velhos, usados e bons para a reforma. E este Wai... ele tem-nos a nós, missionários, uma raiva especial e...

parece que contribuímos para a mudança do velho tempo em que o crime era um bom negócio.

A senhora Fiske insistiu:

- Precisamos a todo o preço de conservar a nossa boa disposição.

Tentemos distrair-nos. Mas não a conversar... vocês acabarão numa polémica sobre religião. Um jogo. O jogo mais estúpido que possamos imaginar! Vamos jogar a «animal, vegetal e mineral». Josué, estás acordado? Bem... escutem que eu vou explicar-lhes como é.

Com um entusiasmo heróico lançaram-se ao jogo de adivinhas.

Josué revelou uma habilidade surpreendente. Então a senhora Fiske riu subitamente e um pesado silêncio abateu-se sobre eles. Uma prolongada apatia se sucedeu à animação anterior, cortada de breves suspiros, de movimentos nervosos e inquietos.

- Meu Deus, já deviam estar de volta a esta hora.

Esta frase vinha incessantemente aos lábios de Fiske no decorrer do dia seguinte. O rosto e as suas mãos escaldavam.

A falta de dormir e o ar abafado da caverna tinham-no tornado febril. Só à noite é que uma gritaria e o latido de cães assinalaram a chegada

tardia de alguém. O silêncio que se seguiu foi opressivo.

Por fim um ruído de passos aproximou-se e a porta foi aberta bruscamente. A uma ordem, eles saíram. A frescura do ar da noite e a sensação de liberdade encheram-nos de um sentimento quase delirante de libertação.

- Graças a Deus! - exclamou Fiske. - Estamos salvos.

Soldados escoltaram-nos até à presença de Wai-Chu. Na sua habitação ele estava sentado num tapete ao lado de uma lâmpada e de um longo cachimbo. Recebeu-os numa ampla e pouco asseada sala impregnada do cheiro doce-amargo do ópio. Ao seu lado encontrava-se um soldado cujo braço estava envolvido num imundo trapo ensangüentado. Cinco outros homens da sua tropa, um dos quais o cabo, estavam alinhados ao longo da parede, com varas de junco nas mãos.

Um ameaçador silêncio seguiu-se à entrada dos prisioneiros.

Wai contemplou-os com concentrada e refletida crueldade dissimulada atrás de uma máscara impassível.

- O presente voluntário não foi pago. - A sua voz era destituída de qualquer expressão. - Quando os

meus homens se aproximaram da cidade para o receber um deles foi morto e o outro ferido.

Padre Chisholm teve um estremecimento. O que ele temia tinha acontecido. Disse:

- Provavelmente a mensagem não chegou ao destinatário.

O carregador teve medo e fugiu para sua casa de Shan See, sem ir a Pai Tan.

- Tu falas de mais. Dêem-lhe dez chibatadas nas pernas.

O padre já esperava. O castigo era cruel porque a extremidade da longa chibata, brandida por um dos soldados, lacerou-lhe as canelas e as coxas.

- O mensageiro era o nosso criado - disse a senhora Fiske com mal reprimida indignação. Duas manchas de cor vermelha apareceram nas suas faces pálidas. - Não é culpa do Shang-Foo que ele tenha fugido.

- Também falas de mais. Dêem-lhe vinte bofetadas:

Esbofetearam-na duramente com as palmas das mãos, nas duas faces, enquanto o doutor se debatia em vão ao seu lado.

- Diz-me, já que sabes tanto, se o teu criado fugiu, porque é que os meus emissários foram esperados e atacados?

Padre Chisholm podia responder-lhe que naquela época a guarnição de Pai Tan estava permanentemente alerta e pronta a atirar sobre qualquer partidário de Wai que se apresentasse.

Estava convencido de que as coisas assim se haviam passado, mas achou mais prudente calar-se.

- Agora já não estás tão falador. Dez chibatadas nas costas por se calar tão obstinadamente.

Foi novamente chibatado.

- Deixem-nos voltar às nossas missões - suplicou Fiske com as mãos estendidas, gesticulando como uma mulher nervosa.

- Asseguro-te, sob a minha palavra de honra, que serás pago sem a menor hesitação.

- Eu não sou tão parvo que acredite nisso!

- Então manda outro dos teus soldados à Rua das Lanternas com uma mensagem que eu escreverei. Manda-o agora, imediatamente.

- Para que ele seja fuzilado também? Quinze chibatadas por me supor idiota.

As chibatadas arrancaram lágrimas aos olhos do doutor.

- És digno de piedade - soluçou. - Perdoo-te, mas tenho dó de ti, tenho dó de ti.

Durante uma pausa que se estabeleceu era quase possível observar o sombrio brilho de satisfação nas

pupilas contraídas de Wai. Voltou-se para Josué. O rapaz era sadio e forte.

Wai precisava desesperadamente de recrutas.

- Diz-me. Se eu te perdoar, estás disposto a considerar-te como meu soldado?

- Sou muito sensível a tão honroso convite. - A voz de Josué era firme. - Mas é impossível.

- Renuncia à tua diabólica crença estrangeira e serás poupado.

O padre Chisholm suportou um momento de cruel angústia preparando-se para a dolorosa humilhação de ouvir o rapaz renegar a sua fé.

- Morrerei feliz pelo verdadeiro Deus do Céu.

- Apliquem trinta chibatadas a esse miserável recalcitrante.

Josué não soltou um grito. Recebeu as chibatadas de olhos baixos. Não se lhe ouviu um gemido. Mas a cada chibatada o padre Chisholm estremecia.

- E agora queres aconselhar o teu criado a reconsiderar?

- Nunca - respondeu o padre com firmeza, com a alma iluminada pela coragem do rapaz.

- Vinte chibatadas nas pernas deste rebelde impenitente.

Ao décimo segundo golpe, vibrado sobre a canela, ouviu-se um estalido seco. Uma dor cruciante percorreu-lhe o membro quebrado. «Oh, Senhor», pensou Francis, "eis o que acontece a quem tem ossos velhos."

Wai considerou-os como se quisesse acabar.

- Eu não posso continuar a proteger-vos. Se o dinheiro não chegar amanhã, tenho um pressentimento de que lhes acontecerá qualquer desgraça.

E despediu-os, sempre indiferente. Chisholm a custo se pôde arrastar através do pátio. De volta ao yao-fang, a senhora Fisk ajudou-o a sentar-se e, ajoelhando-se ao seu lado, tirou-lhe a bota e as meias. O doutor, um pouco mais sereno, ajeitou-lhe a fratura.

- Sem talas... só com estes trapos. - A sua voz tremia.

- É uma fratura num sítio muito mau. Se o senhor não se conservar absolutamente quieto transformar-se-á em fratura exposta. E vê como as minhas mãos tremem? Ajudai-nos, Senhor! Nós devíamos voltar para nossa casa no próximo mês! Nós não somos mais...

- Por favor, Wilbur!

Ela acalmou-o pondo-lhe a mão no braço. Fiske completou o curativo em silêncio.

Depois ela acrescentou:

- Precisamos de não perder a coragem. Se desanimarmos agora, que nos acontecerá amanhã?

Mais valia, com efeito, que se estivesse preparado para tudo.

De manhã vieram-nos buscar. Fizeram-nos atravessar o pátio, onde a multidão dos habitantes de Tu-en-Lai se reunira sussurrando na expectativa de um prometido espetáculo.

Amarraram as mãos dos prisioneiros atrás das costas e passaram-lhes uma vara de bambu por entre os braços. Dois soldados tomaram então as extremidades de cada uma das varas e, erguendo os prisioneiros, carregaram-nos em procissão em volta da praça, seis vezes, em círculos cada vez mais limitados, parando finalmente junto da fachada, perfurada de balas, da casa junto da qual Wai estava sentado.

Torturado pela dor da perna quebrada, o padre Chisholm experimentou, com aquela estúpida ignomínia, uma terrível amargura próxima do desespero ao ver que criaturas de Deus consideravam um alegre espetáculo o sangue e as lágrimas dos outros. Teve que afastar de si a horrível dúvida de

que Deus nunca podia ter criado seres humanos assim... de que Deus não existia...

Reparou que alguns soldados pegavam em espingardas e pensou por um momento que o fim dos seus tormentos estivesse próximo. Mas depois de uma pausa, a um sinal de Wai, foram levados aos empurrões, por um estreito e íngreme caminho, até ao rio. Aí, diante da multidão em magote, foram arrastados através dos baixios e cada um deles amarrado com uma corda a uma estaca espetada a cerca de metro e meio de água corrente.

A mudança depois da ameaça de uma execução imediata foi tão inesperada, o contraste com a imunda sordidez da caverna tão profundo, que foi impossível deixar de sentir uma sensação de alívio. O choque da água reanimou-os. Era fria, pois vinha dos regatos da montanha, e clara como cristal.

A perna do padre deixou de o fazer sofrer. A senhora Fiske sorriu debilmente. A sua coragem era comovente. Os seus lábios pronunciaram algumas palavras:

- Pelo menos tomamos banho.

Mas depois de meia hora aquele estado de espírito tinha mudado. O padre Chisholm não ousava olhar os seus companheiros.

O rio, primeiro tão fresco e vivificante, foi-se tornando cada vez mais frio. Depois da sensação de um torpor agradável os seus corpos e membros inferiores pareceram estar encerrados num estojo de gelo. Cada pancada do coração, que impelia o sangue pelas artérias geladas, era uma pulsação de agonia. A cabeça, congestionada, flutuava, como separada do corpo, numa bruma avermelhada. Embora com os pensamentos confusos, o padre esforçava-se por encontrar uma razão daquela tortura; lembrou-se vagamente de que a designavam como «a prova da água», um sadismo intermitente, consagrado pela tradição, e cuja paternidade se atribuía ao tirano Chang. Este suplício correspondia bem às intenções de Wai, porque ele exprimia um resto de esperança de que o resgate ainda poderia ser pago. A este pensamento Francis reprimiu um gemido. Se assim era, os seus sofrimentos ainda estavam longe do fim.

- É extraordinário. - Batendo os dentes, o doutor falava com esforço. - Esta dor... representa um quadro clínico perfeito da angina de peito... passagem intermitente do sangue através do sistema vascular constrangido. Oh, Jesus bendito!

- E começou a lamentar-se - Oh, Senhor Deus dos Exércitos, porque nos desamparaste? Minha pobre mulher...

Graças a Deus que ela desfaleceu. Onde estou?...
Agnes...

- Por sua vez mergulhou na inconsciência.

Penosamente, o padre dirigiu o seu olhar para Josué. A cabeça do rapaz, que apenas via vagamente através do seu olhar congestionado, parecia decapitada, a cabeça de um jovem São João Baptista numa salva rutilante. Pobre Josué...

e pobre José! Quanto iria sofrer pela perda do seu primogênito!

Francis disse suavemente:

- Meu filho, a tua coragem e a tua fé... foram para mim um grande conforto.

- Não é nada, senhor.

Uma pausa. O padre, profundamente comovido, fez um grande esforço, para resistir ao torpor que o invadia.

- Eu queria dizer-te, Josué... Quando voltarmos para a missão dar-te-ei o cavalo ruão que tanto desejavas.

- O padre acredita que voltaremos alguma vez para a missão?

- Se não voltarmos, o Senhor dar-te-á um pônei muito melhor para montares lá no Céu.

Decorridos uns momentos, Josué respondeu com voz fraca:

- Creio, padre, que preferiria o da missão.

Uma vaga invadiu os ouvidos de Francis e afogou a sua conversa na escuridão. Quando o padre voltou a si estavam encerrados outra vez na caverna, formando todos um monte ensopado. Não se mexeu durante uns momentos tratando de pôr em ordem as suas idéias; entretanto ouviu Fiske dirigindo-se a sua mulher naquela voz lastimosa com que se expressava desde que se encontravam ali.

- Ao menos estamos fora de... daquele abominável rio.

- Sim Wilbur querido, estamos fora dele. Mas, ou eu me engano muito acerca desse bandido, ou amanhã estaremos lá novamente. - O seu tom era perfeitamente prático como se estivesse a discutir a ementa para o jantar. - Não nos iludamos, querido. Se ele nos conserva vivos é só porque tenciona matar-nos do modo mais horrível possível.

- E tu não tens... medo, Agnes?

- Não, e tu também o não deves ter. Deves mostrar a estes pobres pagãos... e ao padre... como sabem morrer os cristãos da Nova Inglaterra.

- Agnes querida... és uma corajosa mulher.

O padre pôde perceber que ela apertava afetuosamente o braço do marido. Ele estava extremamente comovido, profundamente apiedado

pela sorte dos seus companheiros, aquelas três pessoas tão diferentes e no entanto tão caras para ele por diversos títulos. Não haveria meio algum de escapar?

Refletiu profundamente, com os dentes cerrados, a fronte oprimida de encontro ao solo.

Uma hora mais tarde, quando a mulher entrou com uma escudela de arroz, ele colocou-se entre ela e a porta.

- Ana! Não negues que és Ana! Eu sei que és Ana! Não sentes gratidão alguma por tudo o que fizemos por ti na missão?

Não... (porque ela tentava afastá-lo). Não te deixarei sair enquanto não me ouvires. Tu ainda és uma filha de Deus.

Não podes assistir a este assassínio lento. Ordeno-te, em nome de Deus, que nos ajudes.

- Eu nada posso fazer. - Na escuridão da caverna, era impossível ver-lhe a cara. Mas a sua voz, embora rude, era submissa.

- Podes fazer muito. Deixa a porta aberta. Ninguém pensará em culpar-te.

- Para quê? Todos os pôneis estão sob vigilância.

- Nós não precisamos de cavalos, Ana.

Um brilho de curiosidade iluminou por um momento a sua cara.

- Se sairdes de Tu-en-Lai a pé, sereis apanhados no dia seguinte.

- Iremos numa sâmpana... e seguiremos rio abaixo.

- Impossível! - exclamou a mulher abanando a cabeça com violência. - Os rápidos são muito perigosos.

- É preferível afogarmo-nos nos rápidos do que aqui.

- Não me interessa o sítio onde vos afogueis - declarou a mulher.

E prosseguiu, subitamente irritada:

- Nem tenho interesse algum em ajudar-vos seja de que maneira for.

Inesperadamente, o doutor Fiske, na obscuridade, estendeu um braço e agarrou-a.

- Escuta, Ana, toma a minha mão e faz um apelo aos teus bons sentimentos. Devemos ajudar-nos. Deixa a porta destrancada esta noite.

Depois de uma pausa, Ana, hesitante, respondeu largando lentamente a mão do doutor:

- Não. Esta noite é impossível.

- É preciso.

- Fá-lo-ei amanhã... amanhã... amanhã.

Com uma estranha mudança de atitude, baixou a cabeça e saiu impetuosamente da caverna. A porta fechou-se atrás dela com ruído.

Um silêncio pesado se estabeleceu na caverna. Ninguém acreditava que a mulher cumprisse a sua palavra. Mesmo que tivesse a intenção de o fazer a sua promessa era pouco encorajante perante as perspectivas do dia seguinte.

- Estou doente - murmurou Fiske puerilmente, apoiando a cabeça no ombro de sua mulher. Na escuridão, podiam ouvi-lo a percutir o próprio peito. - O meu fato ainda está ensopado. Estás a ouvir... condensação lombar. Oh, Deus, eu julgava que as torturas da Inquisição não podiam ser ultrapassadas.

A noite pareceu interminável. A manhã chegou enfim, fria e cinzenta. Desde a aurora que se ouvia ruído no pátio. A senhora Fiske endireitou-se com uma expressão sublime de coragem na face pálida e cavada, ainda guarnecida pelo seu turbante enrugado.

- Padre Chisholm, o senhor é decano dos ministros de Deus aqui. Quer rezar antes que o nosso martírio recomece?

O padre ajoelhou-se ao lado dela. Todos juntaram as mãos.

O padre Chisholm rezou de toda a sua alma, com mais fervor do que jamais fizera em toda a sua vida. Depois os soldados vieram buscá-los.

Enfraquecidos como estavam, o rio pareceu-lhes mais frio do que na véspera. Fiske gritou histericamente quando o arrastaram para a água. Para o padre Chisholm tudo se tornou vago.

«Imersão», pensava confusamente, «a purificação pela água, uma gota basta para salvar uma criatura. Quantas haveria ali? Milhões... e milhões... Quatrocentos milhões de chineses à espera de salvação, cada um com uma gota de água...» - Padre! Meu querido e bom padre Chisholm! - chamou a senhora Fiske com uma energia febril e os olhos vidrados.

- Eles estão ali, na margem do rio, observando-nos.

Mostremos-lhes do que somos capazes. Demos o exemplo. Cantemos.

Qual é o hino que temos em comum? Ah, o hino de Natal, naturalmente. Um estribilho encantador. Vamos, Josué.

.. Wilbur... Todos.

E começou, numa voz aguda e trêmula, o Adeste Fidelis:

Oh, vinde todos os fiéis, Alegres e triunfantes...

O padre acompanhou-os:

Oh, vinde, oh, vinde, a Belém.

À tarde reconduziram-nos à caverna. O doutor estendeu-se de lado. A sua respiração era opressa. Com ar triunfante anunciou:

- Pneumonia. Apercebi-me disso ontem. Respiração surda à percussão. Estertor crepitante. Perdoa-me, Agnes, mas...

sinto-me contente por isso.

Ninguém pronunciou palavra. Ela começou a acariciar-lhe a fronte com os dedos pálidos e entorpecidos. Ainda o acariciava quando Ana chegou à caverna. Desta vez a mulher não trazia comida. Conservou-se à entrada, olhando-os fixamente com uma espécie de impertinente má vontade estampada no rosto. Por fim falou:

- Eu dei a vossa ceia aos guardas. Eles acharam que foi uma boa partida. Fugam depressa antes que eles se apercebam de que vocês não estão cá.

No silêncio que se estabeleceu o padre Chisholm sentiu o coração dar um salto dentro do seu pobre e torturado corpo.

Deixar esta caverna de sua própria vontade parecia-lhe um sonho.

Dirigiu-se à mulher:

- Deus te abençoará, Ana. Tu não O esqueceste e Ele não te esquecerá.

Ela nada respondeu, apenas o fitou com aqueles seus olhos impenetráveis e sombrios, onde ele nunca pudera ler, nem mesmo naquela primeira noite, na neve. Contudo sentiu uma profunda satisfação por vê-la dar um testemunho da sua evangelização aos olhos do doutor Fiske. Um momento depois ela afastou-se silenciosamente na noite.

Fora da caverna estava muito escuro. Ouviam-se risos e vozes abafadas no yao-fang vizinho. Do lado oposto do terreiro, a casa de Wai estava iluminada. Nas estrebarias e no alojamento dos soldados débeis luzes vacilavam. O ladrar súbito de um cão foi um choque para os seus nervos torturados. A sua fraca esperança representava ainda um novo sofrimento cuja intensidade os sufocava.

Cautelosamente, o padre tentou equilibrar-se sobre as pernas, mas não o conseguiu e caiu pesadamente com a fronte inundada de suor. A sua perna inchada, três vezes mais grossa do que o natural, recusava-se absolutamente a todo o serviço.

Então murmurou a Josué que carregasse com o doutor, meio inconsciente, às costas, e o levasse cuidadosamente até às sâmpanas. Viu-os partir, acompanhados da senhora Fiske;

Josué, curvado sob o seu fardo, conservava-se habilmente na sombra espessa dos rochedos. O rolar de uma pedra fê-lo sobressaltar, e o ruído pareceu-lhe capaz de acordar os mortos.

Depois respirou aliviado; ninguém ouvira senão ele. Cinco minutos depois Josué voltou. Apoiando-se ao ombro do rapaz, ele desceu arrastando-se penosamente pelo estreito caminho.

Fiske já estava estendido no fundo da sâmpana, com a mulher acorada ao seu lado. O padre instalou-se à ré. Levantou com as duas mãos na perna inutilizada, e dispô-la, como um pedaço de madeira, de forma a não prejudicar os seus movimentos, depois apoiou-se no cotovelo à amurada. Enquanto Josué saltava para a proa e começava a desfazer o nó da amarra, ele empunhou o remo único, pronto para largar.

De súbito ouviu-se um grito no cimo do penhasco, seguido de outros, e soaram passos de gente a correr. Um ruidoso tumulto estalou com os cães a ladrar em cheio. Enfim dois archotes brilharam na escuridão em cima, aproximando-se rapidamente, com acompanhamento de clamores agudos e excitados e surdo tropel pelo caminho do rio.

Os lábios do padre moveram-se mas, apesar da angustiosa imobilidade do seu corpo, permaneceu em

silêncio. Josué, que tentava nervosamente desfazer o complicado nó, conhecia a iminência do perigo; uma ordem só faria aumentar o nervosismo e a confusão. Por fim, com um último puxão, fez saltar a corda dando um suspiro de extraordinário alívio, e quase caiu para trás de encontro aos bancos. Imediatamente, o padre Chisholm sentiu a sâmpana em liberdade e, com toda a força que lhe restava, impeliu-a com o remo para o meio da corrente. A barca deu uma volta sobre si mesma e depois começou a deslizar na direção da corrente. Na margem em frente deles os archotes iluminavam agora um grupo de vultos lançados em sua perseguição correndo por um dos lados do rio. Ouviu-se um estampido, seguido logo de uma fuzilaria irregular. As balas faziam ricochete na água com um silvo agudo. Agora deslizavam com muito mais rapidez; já estavam quase fora do alcance das balas. O padre Chisholm olhava através da barreira da escuridão à frente, com alívio quase febril, quando, subitamente, entre o tiroteio espaçado, um peso enorme se abateu sobre ele. A sua cabeça vacilou sob o choque do que lhe pareceu uma pedra lançada com uma funda. Não sentiu dor, apenas o terrível choque. Levou a mão ao rosto úmido. A bala tinha-lhe atravessado a mandíbula superior, saindo

pela face direita. Ficou calado. Os tiros cessaram. Ninguém mais foi ferido.

A corrente impelia-os agora para a frente com uma velocidade de vertigem. Ele sabia que mais adiante o rio se juntaria ao Kwang... era a única saída possível. Curvou-se para Fiske, e, vendo-o consciente, fez um esforço para animá-lo.

- Como se sente?

- Regularmente para alguém que está a morrer. - E reprimiu uma tosse breve. - Sinto muito não ter procedido como um valente, Agnes.

- Por favor, não fales, querido.

O padre endireitou-se tristemente. A respiração de Fiske enfraquecia. Ele mesmo também se sentia no limite das suas forças. Teve de fazer um esforço desesperado para não chorar.

Por fim o ruído das águas aumentou e anunciou a aproximação dos rápidos. O ruído pareceu apagar a pouca visão que lhe restava. Nada distinguia. Com a ajuda do único remo procurou manter a sâmpana paralela à corrente, e como o andamento da embarcação se precipitasse encomendou as suas almas a Deus.

Tudo se lhe tornou então indiferente; nem perguntou a si mesmo como a embarcação resistiu àquele horroroso trovão.

O rugido entorpeceu-o, mergulhou-o numa espécie de torpor total. Agarrava-se ao remo inútil enquanto o barco corcoveava e mergulhava às cegas. Em certos momentos parecia que estavam a ser precipitados no vácuo como se o fundo do barco tivesse caído. Quando um violento estalido sinistro se seguiu a um choque violento ele pensou vagamente que iam afundar-se, mas mergulharam novamente no meio da água borbulhante que os alagava, enquanto eles giravam, descendo cada vez para mais longe. Todas as vezes que supunha já estarem livres, um novo rugido se ouvia e um novo rápido os apanhava e os envolvia. Numa estreita garganta foram lançados de encontro à margem rochosa com força aturdidora, arrancando pequenos galhos de árvores pendentes, que mergulharam na corrente, mas retomaram o seu vertiginoso andamento, giraram e partiram novamente. O padre sentiu o seu cérebro apanhado no redemoinho, batido, sacudido, descendo, descendo.

Nas águas tranqüilas, muito mais para baixo, a calma que o rodeava fê-lo voltar debilmente à consciência das coisas.

Diante dele estendia-se a primeira luz da aurora iluminando uma vasta extensão de água majestosa e uma paisagem campestre.

Não podia imaginar a distância percorrida mas calculou vagamente que devia ter sido considerável. Tudo o que sabia era que tinham atingido o Kwang e que navegavam nele tranquilamente na direção de Pai Tan.

Tentou mover-se mas não conseguiu porque a extrema fraqueza tolhia-lhe qualquer movimento. A perna partida parecia de chumbo e a dor da ferida do rosto era como uma insuportável dor de dentes. Mas, com um esforço sobre-humano, ele voltou-se e arrastou-se lentamente para a outra extremidade do barco ajudado pelas mãos. A luz, em aumento, tornou tudo mais visível. Josué estava enroscado à proa, inerte, mas respirava. Dormia. No fundo da sâmpana, Fiske e sua mulher estavam ambos estendidos; ela protegia-lhe a cabeça com o braço e com o corpo, abrigando-o da água que entrava.

Conservava-se acordada, serena e razoável. Olhando-a, o padre experimentou uma enorme admiração. De todos eles fora ela quem demonstrara força de ânimo. Os seus olhos responderam negativamente à pergunta silenciosa do padre.

Mas podia ver-se que seu marido estava nas últimas.

Fiske respirava em curtos espasmos, intervalados de espaços em que quase não respirava.

Murmurava sem interrupção, mas os seus olhos estavam abertos com o olhar fixo. De súbito apareceu neles uma vaga e incerta luz de reconhecimento. Os seus lábios esboçaram um movimento a custo, que sugeriu a sombra de um sorriso, e o seu murmúrio tornou-se coerente.

- Não se orgulhe... caro amigo... da bondade da Ana.

- Suspendeu-se para poder respirar. - Não foram tanto os seus bons princípios como... - Outro espasmo. - Eu subornei-a. - No seu sopro passou o eco de um riso. - Com a nota de cinquenta dólares que costume trazer sempre no sapato. - Uma triunfante pausa. - Mas Deus o abençoe, meu caro amigo, da mesma maneira.

Parecia mais feliz por ter ganho o último combate. Fechou os olhos. Quando o sol subiu, inundando-os subitamente de luz, viram que ele tinha expirado.

Da popa da embarcação o padre Chisholm observou a senhora Fiske, que ajeitava as mãos do morto. Olhou aturdido para as suas próprias mãos. Os pulsos estavam cobertos de estranhas manchas vermelhas. Ao tocá-las, verificou que elas rolavam como limalha por baixo da pele. Pensou: "Alguns insetos me mordeu enquanto eu dormia."

Mais tarde, através da bruma matinal que se levantava, ele avistou à distância, os barcos dos pescadores. Cerrou as pálpebras, que lhe doíam. A sâmpna vogava... flutuava na direção deles na névoa dourada.

Numa tarde linda, seis meses depois, os dois novos missionários, os padres Stephen Munsey e Jerome Craig, combinavam os detalhes da cerimônia enquanto tomavam café e fumavam.

- É preciso que tudo corra bem. Graças a Deus o tempo parece bom.

- E creio que não muda. - O padre Jerome inclinou a cabeça. - É uma felicidade termos a banda.

Eram ambos moços, cheios de saúde e vitalidade, repletos de fé em si mesmos e em Deus. O padre Munsey, americano, formado em Medicina pela Faculdade de Baltimore, era o mais alto dos dois, com um metro e oitenta bem medidos, mas os ombros e os músculos do padre Craig tinham-lhe conquistado um lugar de destaque no grupo de boxeurs de Holywell.

Embora Craig fosse inglês, tinha um pouco da vivacidade americana porque freqüentara durante dois anos o curso preparatório de missionários no Colégio de S. Miguel, em S.

Francisco. Fora aí, com efeito, que travara conhecimento com o padre Munsey. Tinham-se ligado desde logo, intuitivamente, por laços de amizade de tal maneira que dentro em pouco se tratavam afetuosamente por Steve e Jerry... exceto quando o sentido da sua dignidade os forçava a um tom mais cerimonioso.

- Dizia então, meu velho Jerry, que vai jogar basquetebol esta tarde?... E a que horas diz a sua missa amanhã?

A sua ida para Pai Tan tinha-os definitivamente ligado.

- Eu pedi a madre Maria Margarida que viesse aqui uns instantes - respondeu o padre Steve enchendo outra xícara de café.

De aspecto reforçado e viril, era dois anos mais velho que Craig, que admitia o seu ascendente.

- Só para discutir os últimos detalhes. Ela é tão alegre e obsequiosa! Vai ser-nos de grande auxílio.

- Sim, é uma excelente pessoa. Sinceramente, Jerry, creio que iremos fazer aqui um belo trabalho quando tudo estiver sob a nossa jurisdição.

-Chut! Não fale tão alto! - advertiu o padre Steve. - O velhote não é tão surdo como se julga.

- O homem é um número! - As feições rudes do padre Jerry enterneceram-se num sorriso de

subentendidos. - É verdade que foi você quem o curou. Mas, na sua idade, escapar de uma perna partida, uma mandíbula estropiada e varíola por cima de tudo... hum... é preciso ter fêvera!

- Sim, mas ele ainda está terrivelmente fraco. - Munsey tomou um ar preocupado. - E está absolutamente gasto.

Espero que a longa viagem de regresso lhe faça bem.

- Ele é um velho diabo bem esquisito... perdão, padre, eu queria dizer bizarro. Lembra-se da cama de quatro colunas que a senhora Fiske lhe mandou antes de partir para a sua terra, e o trabalho que tivemos para fazer com que ele se deitasse nela? Lembra-se de como repetia: «Como poderei descansar se estiver deitado com comodidade?» Jerry pôs-se a rir.

- E aquela outra vez que ele atirou o caldo de carne à cabeça de madre Maria Margarida?... - Steve reprimiu um sorriso. - Não, não, padre, não nos devemos deixar levar pela má-língua. Afinal de contas, ele é uma excelente pessoa se o soubermos compreender. É natural que tivesse ficado um pouco fora de si depois de viver trinta anos sozinho aqui.

A qualquer sucederia o mesmo. Graças a Deus que somos dois. Vamos.

Madre Maria Margarida entrou, sorridente, corada, com uma expressão cordial nos olhos alegres. Sentia-se muito contente com os dois novos padres, que ela considerava involuntariamente dois rapazes encantadores. Preparava-se para ser uma mãe para eles. Bem precisava a missão de ter aquela infusão de juventude. E regozijava-se de antemão por velar pela sua roupa e cuidar dos seus fatos.

- Boa tarde, reverenda madre. Quer dar-nos o prazer de aceitar uma xícara de café? Bem. Duas pedras de açúcar?

Precisamos de velar pelo seu gosto pelo doce na Quaresma.

Muito bem! Queríamos trocar impressões acerca das cerimônias de despedida do padre Chisholm, amanhã...

Os três discutiram o assunto amigável e seriamente durante meia hora. Depois madre Maria Margarida apurou o ouvido. Enquanto escutava atentamente, com a língua emitiu um som que podia considerar-se uma interjeição inquieta.

- Ouvem-no? Eu não. Deus queira que ele não tenha saído sem nos dizer nada. - Levantou-se. - Desculpem-me, padres. Preciso de ver o que ele está a fazer. Se ele sair agora e molhar os pés terá uma recaída.

Apoiado ao seu velho guarda-chuva o padre Chisholm acabava de fazer uma última peregrinação através da sua missão de Santo André. Este ligeiro esforço causou-lhe uma fadiga absurda; verificou intimamente, suspirando, como a sua longa doença o tinha deixado enfraquecido. Era um homem velho. A descoberta surpreendeu-o porque no seu coração sentia-se quase o mesmo, tão pouco mudado... E no dia seguinte deixaria Pai Tan. Incrível! Ele, que tinha pensado dormir o seu último sono no jardim da missão, ao lado de Willie Tulloch. Certas frases da carta do bispo vieram-lhe à memória:

«...não está em condições, inquieto pela sua saúde, profunda consideração, pôr fim à sua atividade de missionário».

Bem, que seja feita a vontade de Deus!

Estava agora de pé no pequeno cemitério, onde uma onda de ternas recordações o assaltava: as sepulturas de Willie, a da irmã Clotilde, a do jardineiro Fu, uma dúzia de outras ainda, cada uma delas um alfa e um ômega na via da sua comum peregrinação.

Sacudiu a cabeça como um velho cavalo num prado importunado pelos insetos: realmente precisava de reprimir a sua tendência para o devaneio. Olhou por cima do muro a nova pastagem.

Josué educava o cavalo ruão, rodeado pela admiração dos seus quatro irmãos mais jovens. José não estava longe. Gordo e contente com a vida, com quarenta e cinco anos, voltava do passeio da tarde com o resto da sua prole e empurrava um carrinho de vime onde transportava o mais pequeno. «Que magnífico exemplo», pensou o padre com um débil e doce sorriso, «o do jugo humilhante do nobre macho».

A sua grande volta estava terminada. Subrepticamente, pois imaginava o que o esperava no dia seguinte, percorrera a escola, o cemitério, o refeitório, as oficinas de rendas e de cestos, o pequeno anexo que ele abrira no ano anterior para ensinar as crianças cegas a tecer cestas. Enfim... para que continuar a enumeração? Antigamente supusera que o seu trabalho teria qualquer significação, mas no seu humor melancólico de hoje aquilo nada significava para ele. Voltou-se com custo. De uma casa arranjada de novo vinha o som de instrumentos de cobre. Fez uma careta ao pensar que sorria - ou talvez um franzir de sobrolhos? Aqueles padres novos com as suas idéias explosivas e os seus temperamentos irrequietos!

Ainda na noite passada, quando ele tentava - em vão, bem entendido - ensinar-lhes a topografia da paróquia, o doutor tinha murmurado: «Aeroplano». Onde se iria parar?

Duas horas de avião até a aldeia de Liu. E a sua primeira viagem exigira-lhe duas semanas de viagem a pé!

Tinha de recolher a casa porque a tarde estava a arrefecer.

Mas, consciente da sua desobediência e da repreensão merecida, ele apoiou-se com mais força no seu guarda-chuva e desceu lentamente a colina do Brillhante Verde Jade na direção do sítio deserto da antiga e abandonada missão. O terreno fora invadido por bambus e a parte inferior transformada num pantanoso atoleiro, mas a estrebaria ainda estava de pé.

Curvou-se e passou para o interior por baixo do teto inclinado, sendo imediatamente assaltado por outra revoada de recordações, vendo um jovem padre sombrio, cheio de fervor, acorocado diante de um braseiro, tendo por único companheiro um rapaz chinês. A sua primeira missa celebrada ali, sobre o seu baú de lata pintada, sem campainha nem ajudante!

Como esta recordação lhe era pungente! Desajeitadamente, a figura rígida e canhestra, ajoelhou-se e suplicou a Deus que o julgasse não pelos seus atos mas pelas suas intenções.

De volta à missão, entrou por uma porta lateral e subiu a escada silenciosamente. Sorte inesperada.

Ninguém o viu entrar. Não tinha empenho em presenciar a desordem habitual, a agitação do entrar e sair, as garrafas de água quente e os solícitos oferecimentos de leite. Mas quando abriu a porta do seu quarto ficou surpreendido de aí encontrar o senhor Chia. O seu rosto desfigurado, que o frio da tarde tinha tornado cor de cinza, iluminou-se subitamente. Sem se prender com cerimônias, tomou a mão do seu velho amigo e apertou-a fortemente.

- Eu esperava a sua visita.

- Como poderia eu deixar de vir? - O senhor Chia falou num tom triste e perturbado. - Meu caro padre, não preciso dizer-lhe quão profundamente lamento a sua partida. A nossa velha amizade tem um significado de preciosidade para mim.

O padre respondeu tranquilamente:

- A mim também a sua amizade me fará muita falta. A sua bondade e os seus benefícios confundiram-me.

- Isso nada é - o senhor Chia recusou a gratidão com um gesto - se comparado com o inestimável serviço que me prestou. E não tenho eu gozado sempre a paz e a beleza do jardim de sua missão? Sem o senhor o jardim parecer-me-á deserto e triste. A sua voz animou-se um pouco. - Mas talvez... talvez depois de restabelecido, o senhor volte a Pai Tan?

- Nunca mais.

O padre fez uma pausa; depois, com uma sombra de sorriso:

-Só poderemos esperar encontrar-nos, depois desta vida, no Céu.

Um curioso silêncio se estabeleceu. Foi o senhor Chia quem o rompeu com constrangimento.

- Uma vez que nos devemos separar em breve, talvez houvesse conveniência em conversarmos um momento sobre a outra vida.

- Esse é um assunto em que o meu pensamento está permanentemente ocupado.

O senhor Chia hesitou, presa de um embaraço pouco vulgar nele.

- Eu nunca refleti profundamente sobre o que nos espera depois da morte. Mas se qualquer coisa de nós persiste nada me seria mais agradável do que reatar os laços da nossa amizade.

Apesar da sua longa experiência, o padre Chisholm não apreendeu a significação das palavras do chinês. Sorriu, mas não respondeu. E o senhor Chia viu-se obrigado, com grande embaraço, a exprimir-se mais claramente.

- Meu amigo, tenho pensado frequentemente que há muitas religiões e cada uma delas tem a sua porta de entrada para o Céu. - Um débil rubor

apareceu por baixo de sua pele morena. - Agora dir-se-ia que eu tenho uma extraordinária necessidade de entrar pela porta por onde o senhor entrará um dia.

Profundo silêncio. Pregado pela surpresa o padre Chisholm conservava-se imóvel, rígido.

- Não posso acreditar que fale seriamente.

- Uma vez, há muitos anos, quando o senhor curou o meu filho, eu não falava seriamente. É que então não conhecia as suas regras de conduta, a sua existência toda de abnegação, de serenidade, de coragem. A excelência de uma religião julga-se pelas virtudes dos seus adeptos. Meu amigo...

o senhor conquistou-me pelo seu exemplo.

O padre Chisholm levou a mão à testa naquele seu gesto familiar como para esconder a sua emoção. A sua consciência tinha-o censurado algumas vezes pela sua recusa inicial de aceitar a conversão do senhor Chia, mesmo sem uma verdadeira e sincera fé religiosa. Falou lentamente.

- Durante todo o dia o gosto das cinzas dos meus fracassos tornaram-me a boca amarga. As suas palavras reanimam o fogo de meu coração. Este momento faz-me sentir que o meu trabalho não foi inútil. Apesar disso, peço-lhe:

não faça isto por amizade... mas somente se tem fé.

O senhor Chia respondeu com voz firme:

- Eu estou inteiramente decidido. Converto-me por amizade e por fé. Vim aqui disposto a considerá-lo como irmão.

O seu Deus deve ser também o meu. Depois, embora o senhor tenha de partir amanhã, sentir-me-ei contente por saber que as nossas almas se encontrarão um dia no Paraíso.

A princípio o padre foi incapaz de pronunciar uma palavra.

Lutava para não trair a sua profunda emoção. Estendeu a mão ao senhor Chia. Em voz baixa e trêmula disse:

- Vamos à igreja...

Na manhã seguinte o dia prometia ser quente e luminoso.

Acordado por cânticos, o padre Chisholm saltou da cama que lhe oferecera a senhora Fiske e precipitou-se para a janela.

Debaixo da varanda do seu quarto vinte meninas da escola primária, a mais velha das quais talvez com nove anos, vestidas de branco com faixas azuis, faziam-lhe uma alvorada:

«Salve, manhã risonha...» O padre fez-lhes uma careta.

Ao fim do décimo verso gritou para baixo:

- Já chega. Vão almoçar.

Elas pararam e sorriram-lhe com os papéis de música nas mãos - O senhor gosta, padre?

- Não... Sim. Mas é a hora do café.

Elas recommçaram o seu canto desde o princípio e acrescentaram-lhe alguns versos suplementares enquanto ele se barbeava. Às palavras «tua face fresca» ele cortou-se. Examinou no seu minúsculo espelho a sua cara picada das bexigas, com a cicatriz da bala, e agora ensangüentada, e pensou: «Meu Deus, em que espantinho me tornei. Devo vigiar-me hoje».

A sineta para o almoço soou. Os padres Munsey e Craig esperavam-no, cuidadosos, cheios de deferência, sorridentes - um deles precipitou-se para lhe oferecer uma cadeira e o outro apresentou-lhe o prato de arroz com peixe. Estavam tão interessados em lhe agradar que não se conservavam um momento sentados.

O padre Chisholm fez uma careta:

- Ouçam, jovens idiotas: vocês querem deixar de tratar-me como se eu fosse a vossa bisavó no dia do seu centésimo aniversário?

«Façamos a vontade ao velhote», pensou o padre Jerry, e mostrou um sorriso angélico.

- Não, padre; nós estamos apenas a tratá-lo como um de nós. É claro que o senhor não pode eximir-se às honras que devem prestar-se a um pioneiro que rasgou os primeiros caminhos. E no fundo talvez lhe sejam caras. É a sua justa recompensa e o senhor compreende muito bem isto.

- Pois não estou muito convencido.

O padre Steve também falou cordialmente:

- Não se preocupe, padre. Eu leio no seu pensamento, mas creia que saberemos fazer progredir a sua obra. Ora...

Jerry... quero dizer, o padre Craig e eu projetamos duplicar as dimensões e a eficiência da missão de Santo André. Teremos vinte catequistas, bem pagos, e instalaremos uma cozinha popular na Rua das Lanternas, mesmo em frente dos seus amigos metodistas. Será um soco num olho deles, esteja tranqüilo.

- E riu alegremente, tranqüilizador. - Será catolicismo verdadeiro, honesto e leal. Espere que chegue o avião!

Aguarde a remessa dos nossos gráficos de conversões... Espere...

Mas o padre Chisholm recaíra no seu devaneio. Os dois jovens padres trocaram um olhar de comiseração. O padre Steve disse afavelmente:

- Espero que não se esqueça de tomar o seu remédio durante a viagem de regresso, padre! Uma colher das de sopa três vezes ao dia. Encontrará uma grande garrafa na sua mala.

- Não, não a encontrarei. Atirei-a fora antes de descer.

Subitamente o padre Chisholm desatou a rir. Riu de forma que todo o seu corpo se torcia.

- Meus caros rapazes, não façam caso. Eu sou um velho mariola. Vocês farão aqui maravilhas, mas não sejam demasiadamente presumidos... sede bons e tolerantes e especialmente não tentem ensinar a todo o velho chinês que encontrem o que ele sabe há mais tempo que vocês.

- Ora... sim... sim, bem entendido, padre.

- Eu não tenho aeroplanos para vos oferecer, mas gostaria de lhes deixar uma útil recordação. Foi presente de um velho padre e tem-me acompanhado um pouco por toda a parte.

Levantou-se da mesa e foi buscar ao canto da casa o guarda-chuva escocês com que Rusty Mac o presenteara.

- Este guarda-chuva tinha uma situação relevante entre os guarda-chuvas de cerimônia de Pai Tan. Talvez vos dê sorte.

O padre Jerry pegou no guarda-chuva cautelosamente como se fosse uma relíquia.

- Obrigado, padre, muito obrigado. Que lindas cores. São chinesas?

- Pior ainda, até tenho receio.

O velho padre abanou a cabeça e nada mais quis explicar.

O padre Munsey pousou o seu guardanapo e fez disfarçadamente um sinal ao seu colega. Havia um brilho de organizador no seu olhar. Levantou-se.

- Queira desculpar-nos, padre, se o senhor nos dá licença, ao padre Craig e a mim... o tempo é pouco e nós esperamos o padre Chu a todo o momento...

Saíram apressadamente.

Francis devia partir às onze horas. Voltou para o seu quarto.

Quando acabou de arrumar a sua modesta bagagem ainda faltava uma hora. Teria tempo para passear um pouco. Desceu, atraído irresistivelmente pela igreja. Mas logo que saiu de casa, parou, sinceramente comovido. Toda a sua congregação, cerca de quinhentas pessoas, estava ali reunida, à sua espera, silenciosa e em boa ordem. O contingente vindo da aldeia de Liu, sob a direção do padre Chu, a um lado, e ao outro as raparigas mais velhas e as que aprendiam ofícios, enquanto as suas bem-amadas

crianças, sob a direção de madre Maria Margarida. Marta e de quatro religiosas chinesas, estavam alinhadas em frente. Os olhares de todas convergiam para ele com tanta afeição que ele sentiu subitamente o seu coração apertar-se-lhe.

Um silêncio mais profundo se estabeleceu. Pelo seu nervosismo, era patente que a José fora confiada a honra de fazer o discurso. Duas cadeiras apareceram como por uma sorte de prestidigitação. Depois de se ter o velho padre sentado numa delas, José subiu com dificuldade à outra, quase que perdeu o equilíbrio e desenrolou o rolo de pergaminho anteriormente envolto em papel vermelho.

"Reverendíssimo e Digníssimo Discípulo do Senhor do Céu: é com a mais profunda angústia que nós, vossos filhos, encaramos a vossa partida para o lado de lá do vasto oceano..."

O discurso era no gênero de tantos outros panegíricos que suportara no passado, apenas este mais lacrimajante. Apesar de muitos ensaios gerais na presença da família, José encontrava-se fortemente impressionado pela assembléia reunida no pátio. Começou a transpirar e a sua barriga tremia como uma manta de toucinho. «Pobre e querido José», pensou o padre olhando para as botas e lembrando-se

de um rapazinho que corria incansavelmente com o seu cavalo à brida trinta anos atrás.

Quando o discurso terminou toda a congregação cantou lindamente o Glória laus. Ainda com os olhos fixos na ponta das suas botas, enquanto as vozes claras se elevavam no espaço o padre sentiu a ternura apoderar-se do seu coração.

«Meu Deus», suplicava, "ajudai-me a não me cobrir de ridículo."

Para lhe oferecerem a prenda de despedida haviam escolhido a mais nova das pequeninas cegas da oficina de cestos.

Ela avançou, com a sua saiazinha preta e blusa branca, um pouco hesitante, mas relativamente segura, guiada pelo instinto e pelas instruções murmuradas por madre Maria Margarida.

Quando se ajoelhou diante do padre, estendendo-lhe o cálice dourado, carregado de ornamentos de mau gosto encomendado em Nanquim, os olhos de Francis não viam mais do que os da pequena.

- Deus te abençoe, minha pequenina - murmurou.

E nada mais pôde dizer.

A cadeirinha de gala do senhor Chia avançou. Distinguiu-a através de um nevoeiro. Mãos como que

destacadas dos corpos ajudaram-no a subir para ela. Formou-se o cortejo, pondo-se a caminho entre o rebentar de petardos e dos metais da banda recentemente organizada na escola.

Descendo pela colina balançado lentamente aos ombros dos carregadores tentou não pensar senão no espetáculo cômico oferecido pela banda: vinte escolares de uniforme azul-celeste, precedidos por uma petiza chinesa de uns oito anos, que, à guisa de tambor-mor, com um shake branco e altas botas da mesma cor brandia e fazia girar um bastão e marchava em passo de parada. Mas o seu sentido de ridículo tinha-se embotado.

Na cidade, no limiar de todas as portas, um rosto amigo sorria-lhe. Novos petardos rebentavam a cada encruzilhada.

No cais desfolhavam flores à sua passagem.

A lancha do senhor Chia esperava-o no fundo dos degraus, com o motor a trabalhar. Baixaram a cadeirinha e ele saiu.

O momento chegara finalmente. Rodeavam-no, desejando-lhe boa viagem, os dois jovens padres, o padre Chu, a madre superiora, Marta, o senhor Chia, José, Josué... mulheres da congregação, todos à volta dele; mulheres ajoelhadas queriam beijar-lhe a mão. Ele desejaria agradecer a manifestação, mas não lhe

foi possível dizer sequer uma palavra. O seu coração transbordava de ternura.

Com os olhos velados pelas lágrimas entrou na lancha.

Quando se voltou para a multidão, profundo silêncio se estabeleceu.

A um sinal determinado, o coro de crianças deu início ao seu hino favorito: Veni Creator. Tinham-no reservado para o último momento.

Vem, Espírito Santo, Criador, vem, De teu resplandecente trono celestial.

As nobres palavras daquele hino, escritas pelo grande Carlos Magno, no século IX, haviam-lhe sido sempre queridas;

considerava-as como o mais belo dos cantos litúrgicos. No cais todos cantavam agora:

Apodera-Te das nossas almas E faz delas coisa Tua.

«Oh, meu Deus, pensou, cedendo finalmente, «isto é bondade, é gentileza da parte deles... mas, oh, como é penoso!» Um movimento convulsivo contraiu-lhe a face.

A lancha afastou-se e quando ele ergueu a mão para os abençoar dois fios de lágrimas escorriam-lhe pelas faces encarquilhadas.

QUINTA PARTE

O Regresso 1

Sua Excelência Reverendíssima o bispo Mealey estava muito atrasado. Por duas vezes um jovem e simpático padre adido ao bispado chegara até à porta da sala de espera para explicar que monsenhor e o seu secretário estavam retidos numa comissão sem possibilidade de se escapar. O padre Chisholm dirigiu-lhe um olhar severo por cima do seu jornal.

- A pontualidade deve ser uma característica dos prelados!

- exclamou.

- Monsenhor tem uma vida tão ocupada! - exclamou com um sorriso indeciso, não muito certo da conduta do velho bonzo recém-chegado da China e vagamente inquieto por causa das pratas. A entrevista fora marcada para as onze e o relógio marcava meio-dia e meia hora.

Fora introduzido na mesma sala em que tinha sido atendido por Rusty Mac. Há quanto tempo? Santo Deus... trinta e seis anos! Abanou a cabeça com melancolia. Tinha-se divertido a intimidar o jovem abade, mas ele não se sentia então de humor

combativo. Estava muito abalado essa manhã e desesperadamente inquieto. Queria obter um favor do bispo.

Detestava pedir qualquer coisa, mas devia pedir aquela, e o seu coração batera apressadamente quando o convite para a entrevista chegou ao modesto hotel onde estava hospedado desde que desembarcara em Liverpool.

Impulsivamente endireitou o colete enrugado e ajeitou o colarinho amolecido. Ele não era realmente velho, sentia-se ainda cheio de energia. Agora, como já passava bastante do meio-dia, Anselmo convidá-lo ia indubitavelmente para que ficasse para o almoço. Ele devia ser cauteloso e tomar tento na língua, escutar as histórias de Anselmo, rir das suas graças, preocupar-se por não o irritar muito nem pouco. Pedia a Deus que o nervo de sua face avariada não começasse a contrair-se.

Isso fazia-o parecer um verdadeiro idiota.

Faltavam dez minutos para a uma hora quando se ouviu uma grande agitação no corredor e, com passos rápidos, o bispo Mealey entrou na sala. Parecia vir com pressa. Os seus movimentos eram vivos, os seus olhos dirigiam-se cordialmente para Francis, mas de quando em quando demonstravam uma certa preocupação quando fixavam o relógio.

- Meu caro Francis. Estou encantado de o ver. Perdoe-me esta pequena demora. Não, não se levante, rogo-lhe. Conversaremos aqui. É... é mais íntimo do que no meu gabinete.

Vivamente, puxou uma cadeira e sentou-se com uma graça toda espontânea ao lado de Chisholm, perto da mesa. Pousou afetuosamente a sua mão cheia e bem tratada no braço de Francis e pensou: «Céus, como está velho e fraco!

- E como vai a nossa querida Pai Tan? Florescente, segundo me diz Mons. Sleeth. Como eu me recordo de quando estive naquela triste cidade depois da terrível peste! Parecia amaldiçoada por Deus. Ah, mas aqueles eram tempos de pioneiros.

Tenho saudades desses tempos algumas vezes! Agora - sorriu - eu sou apenas um bispo. Encontra-me muito mudado desde que nos separamos, no Oriente?

Francis examinou o seu antigo amigo com uma singular admiração. Sem dúvida nenhuma os anos tinham melhorado Anselmo Mealey. A maturidade chegara tarde para ele. A sua ascensão eclesiástica comunicara-lhe dignidade, obrigando-o a moderar a sua exuberância antiga. Tornara-se suave. Tinha uma bela presença e conservava a cabeça num porte altivo.

A suave e cheia face eclesiástica era iluminada pelo mesmo olhar de veludo. Estava bem conservado, ainda com bons dentes e uma pele lisa e vigorosa.

Francis disse simplesmente:

- Eu nunca o vi com tão bom aspecto.

O bispo abanou a cabeça, satisfeito.

- O têmpora! O mores! Qualquer de nós já passou a juventude, mas sinto-me forte. Francamente, eu acho que uma perfeita saúde é essencial para a plena atividade. Se soubesse o que tenho de suportar! Obrigam-me a um regime, tenho um massagista, um robusto sueco, que me amassa literalmente como o padeiro amassa o pão. Receio - acrescentou com uma sincera e súbita solicitude - que o Francis tenha desprezado um pouco a sua saúde.

- Sinto-me como um velho trapo ao seu lado, Anselmo, reconheço-o. Mas tenho um coração jovem... ou, pelo menos, suponho. E ainda me sinto em condições de trabalhar. Eu...

espero que não esteja descontente com o meu trabalho em Pai Tan.

- Meu caro padre, os seus esforços foram heróicos. É fato que estamos um pouco desapontados quanto aos números.

Ainda ontem Mons. Sleeth mos esteve a mostrar... - A sua voz era de benevolência... - Em

trinta e seis anos o Francis fez menos conversões do que o padre Lawler em cinco. Por Deus, não veja censura nas minhas palavras... isso seria maldade da minha parte. Algum dia, quando tivermos tempo, falaremos do assunto detalhadamente. Entretanto...

- O seu olhar consultava o relógio. - Posso ser-lhe útil nalguma coisa?

Houve uma pausa: depois, com voz baixa, Francis respondeu:

- Sim... Quero uma paróquia, se me fizer esse favor.

O bispo quase perdeu a sua benigna e afetuosa atitude.

Ergueu as sobrancelhas lentamente, enquanto o padre Chisholm prosseguia com uma voz suplicante mas contida.

- Dê-me Tweedside, Anselmo. A paróquia de Renton está vaga... uma paróquia maior e melhor. Transfira o padre de Tweedside para Renton. E deixe-me... Deixe-me voltar para a minha terra.

Na bela cara do bispo o sorriso fixo parecia artificial.

- Meu caro Francis, você parece querer assumir a administração da minha diocese.

- Eu tenho uma razão especial para lhe pedir isto. Ficar-lhe-ia tão grato...

Consternado, Chisholm apercebeu-se de que a sua voz traía emoção. Interrompeu-se e depois acrescentou numa voz áspera:

- O bispo Mac Nabb prometera-me uma paróquia se algum dia regressasse.

E começou a procurar no seu bolso interior.

- Tenho até aqui a sua carta.

O bispo ergueu a mão como que protestando.

- Como posso eu manter postumamente as promessas de meu predecessor?

Um silêncio. Depois, com amável cortesia, o prelado continuou:

- Bem entendido, que tomarei o seu pedido em consideração.

Mas não posso prometer. Sempre tive um fraco por Tweedside. Eu tinha até pensado mandar construir para mim um retiro como um pequeno Castel Gandolfo, para quando pudesse desembaraçar-me do peso das minhas responsabilidades.

- Calou-se pondo-se à escuta pois ouvira o ruído de um carro que chegara, seguido de vozes no vestíbulo. As suas amabilidades aceleraram-se. - Enfim... está tudo nas mãos de Deus. Veremos, veremos.

- Eu desejava tanto explicar-lhe... - protestou Francis humildemente. - Gostaria... tanto de recolher alguém na minha casa.

- Contar-me-á isso noutra qualquer ocasião.

Outro carro chegara e mais vozes se ouviam. O bispo compôs a sua sotaina cor de violeta e num tom de voz adocicada de pesar, desculpou-se:

- É uma verdadeira calamidade, Francis, ter de o abandonar agora justamente quando se apresenta a oportunidade para uma longa e interessante conversa consigo que há tanto tempo desejava. Mas tenho entidades oficiais a almoçar comigo.

O lorde-maior e os conselheiros municipais. Vamos discutir política, ai de mim... Junta escolar, Companhia das Águas, orçamentos... Terei de ser agente de câmbios qualquer dia destes... Mas eu gosto disto, Francis, gosto disto!

- Eu não lhe tomaria mais de um minuto...

Francis interrompeu-se bruscamente, baixando os olhos.

O bispo havia-se erguido com dignidade. Com o braço afetuosamente pousado sobre o do padre Chisholm, conduziu-o até à porta.

- Não posso expressar o grande prazer que tive em dar-lhe as boas-vindas. Manter-nos-emos em

contacto consigo, nada tema. E agora, devo deixá-lo. Até à vista, Francis... e que Deus o abençoe.

Cá fora, ininterruptamente, grandes automóveis negros paravam um após outro em frente do alto pórtico do palácio episcopal. O padre apercebeu uma face violácea sob um chapéu de castor, depois outras faces vagas, duras e congestionadas de altos dignitários da Igreja e da administração. Soprava um vento úmido que o trespassava até aos ossos porque estava acostumado ao sol e a leve batina protegia-o mal. Quando se afastava do edifício, a roda de um carro levantou lama de uma poça, alguma da qual lhe salpicou a cara. Limpou-a com as costas da mão e esboçou um débil e amargo sorriso, acompanhado de um comentário: «Eis Anselmo vingado do banho de lama.» Ele tremia interiormente de frio. Contudo, através da sua decepção, do seu esgotamento, uma chama ardia, inextinguível, na sua alma. Procurou refúgio numa igreja. Do outro lado da rua avultava a vasta construção da nova catedral sobrecarregada com a sua grande cúpula, massa enorme de cantaria e mármore, que havia custado um milhão de libras. Coxeando, encaminhou-se apressadamente para lá.

Chegou à ampla escadaria da entrada e subiu-a. Subitamente, deteve-se. Diante dele, sentado na

pedra molhada do último degrau, estava um aleijado vestido com uns farrapos, agachado contra o vento, com um cartão no peito: "Socorrei um antigo combatente."

Francis contemplou a figura estropiada. Tirou o único xelim que tinha no bolso e colocou-o no copo de lata. Os dois velhos soldados olharam-se em silêncio e depois ambos desviaram a vista.

Entrou na futura catedral, imensa e magnífica. Entre as colunas de mármore e os ricos ornamentos de carvalho e bronze desse vasto templo de arquitetura complicada a capela da sua missão poderia esconder-se ao abrigo dos olhares no canto de transeto. Avançou com decisão para o altar-mor. Ajoelhou-se ali, e ardentemente, do fundo da sua alma, que nada podia abater, orou:

«Senhor, que pela primeira vez seja feita não a Vossa mas a minha vontade.» 361

Cinco semanas mais tarde o padre Chisholm empreendeu a sua viagem - muitas vezes adiada - a Kirkbrídge. No momento em que saía da estação do caminho de ferro debandavam para almoçar os operários das fábricas de fiação daquele grande centro industrial. Centenas de mulheres de xales por cima da cabeça caminhavam apressadamente sob a

forte chuva, parando apenas à passagem de algum «elétrico» que ruidosamente reclamava caminho livre.

Ao fim da rua principal perguntou onde ficava a rua que constava do endereço que possuía; depois virou à direita, passou por uma enorme estátua erigida a um magnata de fiação local e entrou num bairro ainda mais pobre, uma esqualida praça aprisionada por altas moradias. Atravessou uma praça sórdida e mergulhou numa estreita e mal cheirosa ruela, tão escura que, mesmo nos dias mais claros, nem um raio de sol aí podia penetrar. Apesar da sua emoção e da sua alegria, o padre sentiu um grande peso no coração. Esperava pobreza, mas não uma tão sórdida miséria... Pensou: «Que tenho feito? Como tenho sido estúpido e negligente! "Dir-se-ia estar-se no fundo de um poço."»

Examinou os números das portas das casas, encontrou a que procurava e começou a subir uma escada sem ar nem luz, cujas janelas estavam cobertas por uma espessa camada de poeira e os bicos de gás tapados. Um cano rebentado havia alagado um dos patamares.

No terceiro andar tropeçou e quase caiu. Uma criança, um rapazinho, estava sentada num degrau. O padre examinou, através da nevoenta obscuridade, a pequena e raquítica figura com a pesada cabeça

apoiada numa das mãos e o agudo cotovelo sobre um joelho. A sua pele, cor de sebo, era quase transparente.

Dir-se-ia um homem velho e cansado. Contudo devia ter apenas uns sete anos de idade.

Subitamente o pequeno levantou a cabeça de maneira que um raio de luz que caía de um vidro partido bateu-lhe na face. Pela primeira vez Francis fixou bem o rosto da criança.

Soltou uma exclamação estrangulada e uma terrível emoção apoderou-se dele. Aquele pequeno rosto pálido voltado para cima era inconfundível na sua semelhança com o de Nora.

Enormes na pele repuxada, os olhos, principalmente, eram reveladores.

- Como te chamas?

Depois de um momento de silêncio o pequeno respondeu:

- André.

Atrás da porta que abria para o patamar havia um único quarto, onde, sentada à turca sobre um imundo colchão esburacado estendido nas tábuas nuas, uma mulher costurava rapidamente manejando a agulha, que voava num movimento automático e ameaçador.

Ao seu lado, sobre um cartão de ovos tombado, estava uma garrafa. Não havia mobília, apenas uma

cafeteira, um saco de lona e um pote rachado. Sobre uma caixa empilhavam-se calções de sarja grosseira ainda por acabar.

Francis ficou tão impressionado que mal pôde falar.

- A senhora Stevens? - perguntou.

Ela fez com a cabeça um movimento afirmativo.

- Eu vim falar-lhe... a respeito da criança.

A mulher deixou cair o trabalho nervosamente no regaço;

uma pobre criatura nem velha nem viciosa, mas gasta pela adversidade e pela bebida.

- Sim, eu recebi a sua carta.

Começou num tom de lamúria a explicar a sua situação, desculpando-se apresentando provas desnecessárias de como o infortúnio se abatera sobre ela reduzindo-a àquela degradação.

Francis deteve-a com doçura. Tudo estava escrito no seu rosto. Disse-lhe:

- Levá-lo-ei hoje comigo.

Diante da calma de Francis ela baixou os olhos para as mãos inchadas, com os dedos enegrecidos por inumeráveis picadas de agulhas. Embora se esforçasse por não o mostrar a atitude do padre agitou-a mais que qualquer censura. Pôs-se a chorar.

- Não pense que não gosto de André. Ele ajuda-me muito.

Eu trato dele o melhor que posso. Mas tenho travado uma luta dura com a vida. - E olhou-o num súbito desafio, silenciosamente.

Dez minutos depois ele deixava a casa. Ao seu lado caminhava André com um volume envolto em papel encostado ao magro peito. Sentimentos profundos e complexos agitavam o padre. Adivinhava o mudo alarme da criança perante esta partida súbita, mas sentia que a melhor maneira de tranqüilizá-la seria o silêncio. Pensou com lenta e profunda alegria:

«Deus concedeu-me a vida e trouxe-me da China... "por causa dele."»

Caminharam até à estação do caminho de ferro sem trocar uma palavra. No comboio André olhava pela janela, quase sem se mover, com as pernas a balouçar. Estava tão sujo que o seu pescoço tinha uma crosta. Por uma ou duas vezes olhou de lado Francis, depois desviou a vista imediatamente.

Os seus pensamentos eram impenetráveis mas a sua expressão refletia o temor e a desconfiança.

- Não tenhas medo.

- Eu não tenho medo. - No entanto o lábio inferior do rapaz tremia.

Quando o comboio deixou atrás de si Kirkbridge, adquiriu velocidade através do campo e seguiu ao longo do rio, uma expressão de espanto se lia na face do pequeno. Ele nunca imaginara que as cores pudessem ser tão vivas, tão diferentes do infecto e triste aspecto dos casebres. Os campos e as quintas deram lugar a uma paisagem agreste de florestas e campos verdes de fetos, onde aparecia de quando em quando o brilho fugidio de águas correntes em pequenos vales.

- É para ali que vamos?

- Sim, estamos quase lá.

Chegaram a Tweedside pelas três horas da tarde. A velha cidade, construída na margem do rio, mudara tão pouco que tinha a impressão de a ter deixado na véspera. Um brilhante sol a banhava. Quando os aspectos familiares apareceram à sua vista, a garganta de Francis contraiu-se com dolorosa alegria.

Deixaram a pequena estação e dirigiram-se para o presbitério de Santa Colomba.

SEXTA PARTE

O Fim do Princípio

Da janela do seu quarto, Mons. Sleeth, com a testa franzida, olhava para o jardim aonde Miss Meffat, de cesta na mão, com André e o padre Chisholm, observava Dugal, que colhia os legumes para o almoço. O tácito ar de camaradagem que reinava no pequeno grupo acentuava o seu impertinente sentimento de exclusão. Isto confirmou-o no seu propósito.

Sobre a mesa, atrás dele, datilografado na sua máquina portátil, estava o relatório que acabara de concluir. Era um documento conciso e claro, cujas conclusões eram nitidamente desfavoráveis ao cura. Partiria para Tynecastle dentro de uma hora e o relatório estaria nas mãos do bispo nessa tarde.

Apesar da satisfação do dever cumprido de que se sentia penetrado era inegável que a semana que passara em Santa Colomba tinha sido espinhosa para ele. Encontrara muita coisa que o irritara, que o confundira mesmo. Com exceção do grupo de que a piedosa e obesa senhora Glendenning era o centro, o povo da paróquia manifestava consideração, poder-

se-ia dizer mesmo afeto, pelo seu excêntrico pároco. No dia anterior fora obrigado a tratar com severidade uma delegação que o procurava para afirmar a sua lealdade a Chisholm.

Como se ele não soubesse que todo o filho da terra tem sempre forçosamente os seus partidários. A sua exasperação chegara ao auge naquela mesma tarde quando o pastor presbiteriano local apareceu e, depois de algumas frases embaraçadas, exprimiu a esperança de que o padre Chisholm «não os deixasse porque o espírito da cidade tornara-se ultimamente admirável...» Admirável... realmente.

Enquanto ele estava imerso nestes pensamentos o grupo que observava desfez-se e André dirigiu-se à barraca para ir buscar o seu papagaio. O velhote tinha paixão por fazer papagaios, imensos brinquedos de papel com caudas ondulantes que o vento agitava. Na terça-feira, encontrando os dois entretidos com papagaios, aventurara-se a observar:

- Realmente, senhor cura, parece-lhe que essa seja uma ocupação própria da sua dignidade?

O velhote sorria - o que mais irritava era que ele nunca se rebelava - e replicou, sempre com um sorriso plácido, duma calma exasperante:

- Os chineses acham. E são um povo cheio de dignidade.

- É um dos seus costumes pagãos, suponho.
- Talvez. Mas um costume bem inocente.

Distante, com o nariz avermelhado pelo vento agreste, tinha-os observado com certo desdém. O velho padre sabia misturar uma nota instrutiva ao divertimento. De vez em quando, enquanto ele segurava o cordel, o rapaz sentava-se na barraca e escrevia em tiras de papel coisas que o padre ditava. Cobertas de garatujas as tiras eram metidas no fio e enviadas ao céu, entre exclamações dos dois.

Movido pela curiosidade, Mons. Sleeth tirou a última missiva das mãos excitadas do rapaz. Estava escrita com nitidez e correção. Dizia: «Prometo combater corajosamente tudo o que seja estúpido, hipócrita e cruel. - André - P. S. - A tolerância é a primeira das virtudes. "A humildade vem a seguir."»

Olhou o papel friamente durante longo tempo antes de o devolver. Esperou mesmo, com uma expressão gelada na face, até que a seguinte estivesse pronta.

«Os nossos ossos apodrecerão e voltarão à terra dos campos, mas o espírito elevar-se-á para perseverar num plano superior, onde há luz e glória. Deus é o pai comum de toda a Humanidade».

Amansado, Sleeth dirigiu-se ao padre Chisholm.

- Excelente. Este texto não é de S. Paulo?

- Não. - O velho abanou a cabeça como se lamentasse.

- É de Confúcio.

Sleeth não podia acreditar no que ouvia. Retirou-se sem uma palavra.

Nessa noite teve a infeliz idéia de provocar uma discussão à qual o velho se esquivou com desconcertante facilidade.

Por fim, irritado, explodiu:

- A sua noção de Deus é muito estranha.

- Quem de entre nós pode ter qualquer noção de Deus?

- replicou o padre Chisholm sempre a sorrir. - A palavra Deus é uma expressão humana... que traduz adoração pelo nosso Criador. Aqueles que O adoram verdadeiramente...

vê-lo-ão, não tenho dúvidas.

Muito aborrecido, Sleeth deu-se conta de que corava.

- O senhor parece ter pouca consideração pelo papel da Santa Igreja.

- Pelo contrário... Durante toda a minha vida me tenho sentido alegre por me refugiar no seu seio. A Igreja é a nossa santa mãe, que nos indica o caminho a nós, que somos peregrinos avançando através da noite. Mas talvez existam outras mães. E talvez

mesmo alguns peregrinos infelizes solitários voltem sozinhos para casa, tropeçando.

A conversa que se seguiu desconcertou enormemente Sleeth e foi a origem, nessa noite, de um pesadelo bizarro. Sonhou que, enquanto a casa dormia, o seu anjo da guarda e o do padre Chisholm os haviam abandonado para repousar e refrescar na casa de jantar. O anjo do padre Chisholm tinha o aspecto de um frágil querubim enquanto que o seu era um anjo mais velho, de olhar desconfiado e plumagem irritantemente arrepiada. Enquanto bebiam, com as asas apoiadas nos braços dos fauteuils, falaram dos homens que tinham ao seu cuidado. De Chisholm, embora acusado de sentimental, nada foi dito em desabono. Mas quanto a ele... foi demolidor.

Transpirava no seu sono ouvindo o veredicto final do seu anjo:

-É um dos piores exemplares de que me tenho ocupado...

cheio de preconceitos, pedante, ambicioso o mais possível e, para cúmulo, maçador.

Sleeth acordou sobressaltado na escuridão de seu quarto.

Que penoso e desagradável sonho! Estremeceu. Doía-lhe a cabeça. Era suficientemente sensato para

não dar importância a pesadelos, que não são mais do que odiosas deturpações dos pensamentos das pessoas ao acordar, e diferentes dos bons e autênticos sonhos de que fala a Escritura, como o da mulher do faraó, por exemplo. Tentou violentamente afastar o sonho como se fosse um pensamento impuro. Mas naquele momento, enquanto da janela observava o grupo, as palavras do anjo voltaram-lhe à memória com insistência: "Cheio de preconceitos, pedante, ambicioso o mais possível e, para cúmulo, maçador."

Havia, decerto, julgado mal André, pois o pequeno saiu da barraca do jardim não com o papagaio, mas com uma grande cesta de vime, na qual, com o auxílio de Dugal, ele começou a colocar peras e ameixas recém-colhidas. Depois da cesta cheia o rapaz dirigiu-se para casa, carregando-a no braço.

Sleeth experimentou um vivo desejo de fugir. Adivinhou que o presente lhe era destinado e ficou vagamente mal disposto.

Uma pancada na porta restituiu-lhe a presença de espírito.

- Entre.

André entrou no quarto e pôs a fruta sobre a cômoda. Intimidado, porque se sentiu suspeitado, deu o recado que repetira durante todo o caminho para não se esquecer.

- O senhor padre Chisholm espera que o senhor se digne aceitar esta fruta - as ameixas são muito doces e as peras são justamente as últimas que temos.

Mons. Sleeth olhou atentamente para o rapaz, perguntando-se se haveria algum sentido oculto naquela última e simples frase.

- Onde está o padre Chisholm?

- Lá em baixo. À sua espera.

- E o meu carro?

- Dugal acaba de o trazer para a frente da casa.

Houve uma pausa. Hesitante, André começou a recuar.

- Espera! - Sleeth endireitou-se. - Não achas que seria mais conveniente... mais cortês mesmo... se levasses a fruta e a pusesses no meu carro?

O rapaz corou nervosamente e voltou-se para obedecer.

Quando levantou a cesta da cômoda, uma das ameixas caiu e rolou para baixo da cama. Muito vermelho, curvou-se e desajeitadamente apanhou a ameixa rebentando a sua fina pele e um fio de sumo escorreu-lhe pelos dedos. Sleeth observava-o com um sorriso frio.

- Essa já não presta... não te parece?

Não obteve resposta.

- Eu perguntei: não te parece?

- Não, senhor.

O estranho sorriso de compaixão de Sleeth acentuou-se.

- Tu és uma criança extraordinariamente teimosa. Tenho-te observado durante toda a semana. Teimoso e mal educado.

Porque não olhas para mim?

Com um tremendo esforço, o rapaz levantou a cabeça.

Tremia como um potro nervoso quando encontrou o olhar de Sleeth.

- Denota uma consciência culpada não olhar de frente para uma pessoa. Além disso é sinal de má educação. Corrigirão isso tudo em Ralstone.

Outro silêncio. A face do rapaz estava lívida. Mons. Sleeth continuava a sorrir. Umedeceu os lábios.

-Porque não respondes? É porque não queres ir para lá?

O rapaz balbuciou:

- Não, não quero ir.

- Ah! Mas queres tornar-te um homenzinho, não é verdade?

- Sim senhor.

- Então terás de ir. E brevemente. Agora vai pôr a fruta no carro, se fores capaz de o fazer sem a deixar cair toda.

Quando o rapaz saiu, Mons. Sleeth permaneceu imóvel; os seus lábios estavam de tal forma cerrados que a sua boca era uma linha reta na sua cara. Os braços pendiam-lhe direitos ao longo do corpo. As mãos estavam fechadas.

Com aquela mesma expressão de rigidez na face dirigiu-se para a mesa. Nunca se supusera capaz de tal sadismo. Mas fora justamente aquela crueldade que purgara a sua alma. Sem hesitar, impassivelmente, pegou no longo relatório e rasgou-o em mil bocados. Os seus dedos encarniçavam-se nas folhas com metódica violência. Depois afastou os fragmentos de papel, que se espalharam no soalho. Em seguida suspirou e deixou-se cair de joelhos.

«Senhor». A sua voz era simples e suplicante. «Permiti que eu aprenda alguma coisa com este velho. E, meu Deus..., fazei com que não seja maçador».

Fim.